

ÍNDICES

RELACÃO DOS FASCÍCULOS PUBLICADOS ATÉ HOJE

Primeiro volume (De Agosto a Dezembro de 1941)

- N.º 1 — (10-8-1941) Vários assuntos;
N.º 2 — (24-8-1941) Fagundes Varela;
N.º 3 — (31-8-1941) Eduardo Prado;
N.º 4 — (8-9-1941) Inglês de Sousa;
N.º 5 — (14-9-1941) Raimundo Correia;
N.º 6 — (21-9-1941) Laurindo Rabelo e França Júnior;
N.º 7 — (28-9-1941) Machado de Assis;
N.º 8 — (5-10-1941) Francisco de Castro;
N.º 9 — (12-10-1941) Casimiro de Abreu;
N.º 10 — (19-10-1941) Artur Azevedo e Moreira Sampaio;
N.º 11 — (26-10-1941) Araripe Júnior, Joaquim Serra e Amadeu Amaral;

- N.º 12 — (2-11-1941) Jackson de Figueiredo;
N.º 13 — (9-11-1941) Gonçalves Dias;
N.º 14 — (16-11-1941) Marília de Dirceu e Francisca Júlia;
N.º 15 — (23-11-1941) Raul de Leoni;
N.º 16 — (30-11-1941) Augusto dos Anjos;
N.º 17 — (7-12-1941) Humberto de Campos e Xavier Marques;
N.º 18 — (14-12-1941) Salvador de Mendonça;
N.º 19 — (21-12-1941) Raul Pompéia e Maranhão Sobrinho;
N.º 20 — (28-12-1941) Olavo Bilac;
N.º 21 — (4-1-1942) Índice geral e remissivo do primeiro volume.

Segundo volume (De janeiro a junho de 1942)

- N.º 1 — (11-1-1942) José de Alencar;
N.º 2 — (18-1-1942) Mário de Alencar;
N.º 3 — (25-1-1942) Franklin Távora;
N.º 4 — (1-2-1942) Joaquim Nabuco (1.º fascículo);
N.º 5 — (8-2-1942) Joaquim Nabuco (2.º fascículo);
N.º 6 — (15-2-1942) Vários autores. Trata-se de uma pequena antologia sobre o Carnaval;
N.º 7 — (1-3-1942) Stefan Zweig;
N.º 8 — (8-3-1942) Alberto de Oliveira;
N.º 9 — (15-3-1942) Castro Menezes;
N.º 10 — (22-3-1942) Graça Aranha;
N.º 11 — (5-4-1942) Aluísio Azevedo;
N.º 12 — (12-4-1942) Visconde de Taunay;
N.º 13 — (19-4-1942) Joaquim Manuel de Macedo;
N.º 14 — (26-4-1942) Antero de Quental (1.º fascículo);
N.º 15 — (3-5-1942) Antero de Quental (2.º fascículo);
N.º 16 — (10-5-1942) Luis Delfino;
N.º 17 — (17-5-1942) José Veríssimo;
N.º 18 — (24-5-1942) Ronald de Carvalho;
N.º 19 — (31-5-1942) Afonso Arinos;
N.º 20 — (7-6-1942) Índice geral e remissivo do segundo volume.

Terceiro volume (De julho a dezembro de 1942)

- N.º 1 — (5-7-1942) Rui Barbosa;
N.º 2 — (12-7-1942) José Ribeiro;
N.º 3 — (19-7-1942) Barbosa Rodrigues;
N.º 4 — (26-7-1942) Vicente de Carvalho;
N.º 5 — (2-8-1942) Euclides da Cunha (1.º fascículo);
N.º 6 — (9-8-1942) Euclides da Cunha (2.º fascículo);
N.º 7 — (16-8-1942) Vários autores. Trata-se de uma pequena antologia do heroísmo brasileiro;
N.º 8 — (23-8-1942) Castro Alves;
N.º 9 — (30-8-1942) Álvares de Azevedo;
N.º 10 — (6-9-1942) Celso de Magalhães;
N.º 11 — (13-9-1942) Cruz e Sousa;
N.º 12 — (20-9-1942) B. Lopes;
N.º 13 — (27-9-1942) Alphonsus de Guimarães (1.º fascículo);
N.º 14 — (4-10-1942) Alphonsus de Guimarães (2.º fascículo);
N.º 15 — (11-10-1942) Gonzaga Duque;
N.º 16 — (18-10-1942) Mário Pedreira;
N.º 17 — (25-10-1942) Lima Campos;
N.º 18 — (1-11-1942) Tristão da Cunha e Lacerda Coutinho;
N.º 19 — (8-11-1942) Índice;
N.º 20 — (15-11-1942) Carlos de Laet;
N.º 21 — (22-11-1942) José do Patrocínio;
N.º 22 — (29-11-1942) Alcindo Guanabara;
N.º 23 — (6-12-1942) Quintino Bocaiuva;
N.º 24 — (13-12-1942) Lúcio de Mendonça;
N.º 25 — (20-12-1942) Medeiros e Albuquerque;
N.º 26 — (27-12-1942) Constância Alves;
N.º 27 — (3-1-1943) Paulo Barreto (João do Rio);
N.º 28 — (10-1-1943) Bernard Guimarães;
N.º 29 — (17-1-1943) Manuel Antônio de Almeida;
N.º 30 — (24-1-1943) Júlio Ribeiro;
N.º 31 — (31-1-1943) Coelho Neto;
N.º 32 — (7-2-1943) Lima Barreto (1.º fascículo);
N.º 33 — (14-2-1943) Adolpho Caminha;
N.º 34 — (21-2-1943) Paulo Setubal;
N.º 35 — (28-2-1943) Antônio de Alcântara Machado;
N.º 36 — (5-3-1943) Lima Barreto (2.º fascículo);
N.º 37 — (12-3-1943) Teixeira e Sousa;
N.º 38 — (19-3-1943) Angelo Agostini e Júlio Verim (Luís de Andrade);
N.º 39 — (26-3-1943) Índice.

Quarto volume (De janeiro a junho de 1943)

- N.º 1 — (3-1-1943) Carlos de Laet;
N.º 2 — (10-1-1943) José do Patrocínio;
N.º 3 — (17-1-1943) Alcindo Guanabara;
N.º 4 — (24-1-1943) Quintino Bocaiuva;
N.º 5 — (31-1-1943) Lúcio de Mendonça;
N.º 6 — (7-2-1943) Medeiros e Albuquerque;
N.º 7 — (14-2-1943) Constância Alves;
N.º 8 — (21-2-1943) Paulo Barreto (João do Rio);
N.º 9 — (28-2-1943) Bernard Guimarães;
N.º 10 — (5-3-1943) Manuel Antônio de Almeida;
N.º 11 — (12-3-1943) Júlio Ribeiro;
N.º 12 — (19-3-1943) Coelho Neto;
N.º 13 — (26-3-1943) Lima Barreto (1.º fascículo);
N.º 14 — (2-4-1943) Adolpho Caminha;
N.º 15 — (9-4-1943) Paulo Setubal;
N.º 16 — (16-4-1943) Antônio de Alcântara Machado;
N.º 17 — (23-4-1943) Lima Barreto (2.º fascículo);
N.º 18 — (30-4-1943) Teixeira e Sousa;
N.º 19 — (7-5-1943) Angelo Agostini e Júlio Verim (Luís de Andrade);
N.º 20 — (14-5-1943) Índice.

Quinto volume (De julho a dezembro de 1943)

- N.º 1 — (4-7-1943) Artur Jacquati;
N.º 2 — (11-7-1943) Junqueira Freire;
N.º 3 — (18-7-1943) Luís Guimarães Júnior;
N.º 4 — (25-7-1943) Gonçalves de Magalhães;

- N.º 5 — (1-8-1943) Dutra e Melo;
N.º 6 — (8-8-1943) Araújo Porto Alegre;
N.º 7 — (15-8-1943) Francisco Otaviano;
N.º 8 — (22-8-1943) Pedro Luis;
N.º 9 — (29-8-1943) José Bonifácio, o moço;
N.º 10 — (5-9-1943) Gonçalves Crespo;
N.º 11 — (12-9-1943) Hermes Fontes;
N.º 12 — (19-9-1943) Emílio de Menezes;
N.º 13 — (26-9-1943) Adelino Fontoura;
N.º 14 — (3-10-1943) Faria Neves Sobrinho;
N.º 15 — (10-10-1943) Afonso Celso;
N.º 16 — (17-10-1943) Teófilo Dias;
N.º 17 — (24-10-1943) Rodrigues de Abreu e Laurindo Leão;
N.º 18 — (31-10-1943) Pedro Américo;
N.º 19 — (7-11-1943) W. Shakespeare;
N.º 20 — (14-11-1943) Índice geral e remissivo do quinto volume.

Sexto volume (De janeiro a junho de 1944)

- N.º 1 — (1-1-1944) Miscelânea de vários trabalhos acadêmicos, contendo o discurso do Sr. Getúlio Vargas, ao assumir a sua cadeira, como sucessor de Alcântara Machado; o discurso de saudação ao Sr. Getúlio Vargas, feito pelo Sr. Ataúlfo de Pádua; o discurso do Sr. Menotti de Pichia, ao assumir a sua cadeira, como sucessor de Xavier Marques; o discurso de saudação, ao Sr. Menotti de Pichia, feito pelo Sr. Cassiano Ricardo; o discurso do Sr. Macedo Soares, ao deixar a presidência da Academia Brasileira; os discursos do Sr. Múcio Leão, fazendo o retrospecto literário do ano de 1943 e assumindo a presidência da Instituição;
N.º 2 — (8-1-1944) Francisco Adolfo de Varnhagem;
N.º 3 — (15-1-1944) João Francisco Lisboa;
N.º 4 — (22-1-1944) Barão do Rio Branco;
N.º 5 — (29-1-1944) Capistrano de Abreu;
N.º 6 — (5-2-1944) Eduardo Prado (2.º fascículo);
N.º 7 — (12-2-1944) Alcântara Machado;
N.º 8 — (19-2-1944) Rocha Fombo;
N.º 9 — (26-2-1944) Oliveira Lima e Gabriela de Andrada Dias;
N.º 10 — (3-3-1944) Alfredo de Carvalho e Carlos Leão;
N.º 11 — (10-3-1944) Barbosa Lima;
N.º 12 — (17-3-1944) Pandiá Calógeras;
N.º 13 — (24-3-1944) João Ribeiro (2.º fascículo);
N.º 14 — (31-3-1944) Tobias Barreto;
N.º 15 — (7-4-1944) Silvino Romero;
N.º 16 — (14-4-1944) Martins Júnior;
N.º 17 — (21-4-1944) Sousa Bandeira e Cândido Mariano de Oliveira;
N.º 18 — (28-4-1944) Artur Orlando;
N.º 19 — (5-5-1944) Anatole France e Mavriael Prado;
N.º 20 — (12-5-1944) Índice geral e remissivo do sexto volume.

Sétimo volume (De julho a dezembro de 1944)

- N.º 1 — (7-7-1944) Araripe Júnior (2.º fascículo);
N.º 2 — (14-7-1944) Alberto Faria;
N.º 3 — (21-7-1944) Lafayette Rodrigues Pereira;
N.º 4 — (28-7-1944) Pedro Lessa;
N.º 5 — (4-8-1944) Laurindo Leão;
N.º 6 — (11-8-1944) Farias Brito;
N.º 7 — (18-8-1944) Tomas Antônio Gonzaga;
N.º 8 — (25-8-1944) Antologia dos poetas bissexto (1.º fascículo) — Eugênio de Castro;
N.º 9 — (1-9-1944) Antologia dos poetas bissexto (2.º fascículo);
N.º 10 — (8-9-1944) Apolinário Porto Alegre;
N.º 11 — (15-9-1944) Augusto de Lima;
N.º 12 — (22-9-1944) José Carlos Rodrigues;
N.º 13 — (29-9-1944) Pereira da Silva (A. J.);
N.º 14 — (6-10-1944) Goulart de Andrade;
N.º 15 — (13-10-1944) Guimarães Passos;
N.º 16 — (20-10-1944) Lindolfo Esteves e Drannor (Ludwig Ferdinand Schmid);
N.º 17 — (27-10-1944) João Júlio dos Santos — João Nepomuceno Kubstschek — Albino Esteves — João Cândido da Costa Sena;
N.º 18 — (3-11-1944) Raimundo Correia (2.º fascículo);
N.º 19 — (10-11-1944) Carmen Claira — Ursula Garcia — Vera Marta — Cândida Maria;
N.º 20 — (17-11-1944) Verlaine;
N.º 21 — (24-11-1944) Índice geral e remissivo do sétimo volume.

Oitavo volume. Deste volume só saíram os fascículos (De 14 de janeiro a 11 de março de 1945)

- N.º 1 — (14-1-1945) Antônio de Moraes Silva;
N.º 2 — (21-1-1945) Carneiro Ribeiro;
N.º 3 — (28-1-1945) Rui Barbosa;
N.º 4 — (4-2-1945) Pacheco Júnior;
N.º 5 — (11-2-1945) Heráclito Graça;
N.º 6 — (18-2-1945) Deslindo Tavares;

Nono volume (De junho a dezembro de 1948)

- N.º 1 — (6-6-1948) Pero Vaz de Caminha;
N.º 2 — (13-6-1948) Pero Lopes de Souza;
N.º 3 — (20-6-1948) Manuel da Nóbrega;
N.º 4 — (27-6-1948) José de Anchieta;
N.º 5 — (4-7-1948) Gabriel Soares de Sousa;
N.º 6 — (11-7-1948) Bento Teixeira;
N.º 7 — (18-7-1948) Pedro de Magalhães Gandavo;

- N.º 8 — (25-7-1948) Fernão Cardim;
N.º 9 — (1-8-1948) Quirino Xavier;
N.º 10 — (8-8-1948) Jerônimo Rodrigues;
N.º 11 — (15-8-1948) Leonardo do Vale;
N.º 12 — (22-8-1948) Luís Figueira;
N.º 13 — (29-8-1948) Antônio de Araújo;
N.º 14 — (5-9-1948) Inclui as notícias referentes a dez jesuítas do primeiro século do Brasil que são os seguintes:

- Vicente Rodrigues;
— Afonso Braz;
— Antônio Pires;
— Diogo Jácome;
— Francisco Pires;
— João de Aspicqueta Navarro;
— Leonardo Nunes;
— Luis da Grã;
— Antônio Rodrigues;
— Pero Correa;
— Pero Rodrigues;
Chateaubriand. Índice remissivo, por autores, do novo volume;

Décimo volume (De 1 de janeiro a dezembro de 1949)

- N.º 1 — (1-1-1949) Padre Antônio Vieira;
N.º 2 — (8-1-1949) Gregório de Matos;
N.º 3 — (15-1-1949) Euzébio de Matos;
N.º 4 — (22-1-1949) Manuel Botelho de Oliveira;
N.º 5 — (29-1-1949) Frei Vicente do Salvador;
N.º 6 — (5-2-1949) Diálogo das Grandezas do Brasil;
N.º 7 — (12-2-1949) Diogo Gomes Carneiro;
N.º 8 — (19-2-1949) Antônio de Sá;
N.º 9 (junho de 1949) Nuno Marques Pereira;
N.º 10 (julho de 1949) Rocha Pitta;
N.º 11 (agosto de 1949) João de Brito Lima;
N.º 12 (setembro de 49) Antônio de Oliveira;
N.º 13 Outubro de 49) Luis Canejo de Moronha;
N.º 14 Novembro de 49) Gonçalves Soares de França;
N.º 15 Dezembro de 49) Joaquim Nabuco;
N.º 16 Janeiro de 50) Antônio José;
N.º 17 Fevereiro de 50) Fontes sobre Joaquim Nabuco;
N.º 18 Março de 50) Matias Aires;
N.º 19 Abril de 50) Alberto de Oliveira (entrevista com Múcio Leão);
N.º 20 Maio de 50) Teresa Margarida da Silva e Orta;
N.º 21 Junho de 50) Goethe;
N.º 22 Julho de 50) Índices Geral e remissivo do 10.º volume.

Décimo primeiro volume (de janeiro a dezembro de 1950)

- N.º 1 (janeiro de 1950) André João Antonil;
N.º 2 (fev. de 1950) — Iniciativa em prol da Cultura, Histórico da Lei n.º 1.024.
N.º 3 (março de 1950) Alexandre de Gusmão (1.º);
N.º 4 (abril de 1950) — Azambuja Euzano.
N.º 5 (maio de 1950) — Maria Antonieta Tatagiba.
N.º 6 (junho de 1950) Frei Manoel Calado;
N.º 7 (julho de 1950) — Marquez do Basto;
N.º 8 (agosto de 1950) — Rafael de Jesus;
N.º 9 (set. de 1950) — Francisco de Brito Freire;
N.º 10 (out. de 1950) — Bernardo Vieira Ravasco.
N.º 11 (nov. de 1950) Bartolomeu de Gusmão;
N.º 12 (dez. de 1950) Alexandre de Gusmão (2.º);
N.º 13 (janeiro de 1951) — Frei Gápar da Madre de Deus;
N.º 14 (fev. de 1951) — Pedro Taques;
N.º 15 (março de 1951) — João Salgueiro.
N.º 16 (abril de 1951) — Vários autores do século XVIII;
N.º 17 (maio de 1951) — Frei Paulo da Trindade;
N.º 18 (junho de 1951) — Manuel de Moraes;
N.º 19 (julho de 1951) — Manuel de Macedo;
N.º 20 (agosto de 1951) — Pedro de Moraes Madureira;
N.º 21 (set. de 1951) — Fr. Paulo de Santa Catarina;
N.º 22 (out. de 1951) — Domingos Barbosa;
N.º 23 (nov. de 1951) — Francisco de Souza;
N.º 24 (dez. de 1951) — Cristóvão de Madre de Deus.
N.º 25 (janeiro de 1952) — Fr. Ruperto de Jesus;
N.º 26 (fev. de 1952) — Salvador de Mesquita;
N.º 27 (março de 1952) — Inácio Ramos;
N.º 28 (abril de 1952) — Gaspar Ribeiro Pereira;
N.º 29 (maio de 1952) — José Borges de Barros;
N.º 30 (junho de 1952) — Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque;
N.º 31 (julho de 1952) — Antônio da Piedade;
N.º 32 (agosto de 1952) — Manuel da Madre de Deus Bulhões;
N.º 33 (set. de 1952) — João Alvares da França;
N.º 34 (out. de 1952) — Fr. Francisco Xavier de Santa Tereza;
N.º 35 (nov. de 1952) — Iria Joana de Souza.
N.º 36 (dez. de 1952) Frei Antônio de Santa Maria Jabotão;
N.º 37 (janeiro de 1953) Feliciano Joaquim de Souza Fonseca;
N.º 38 (fev. de 1953) — Frei Itaparica;
N.º 39 (março de 1953) — Augusto Frederico Collin.
N.º 40 (abril de 1953) Vários Autores dos séculos XVII e XVIII.
N.º 41 (maio de 1953) Martinho de Mesquita;
N.º 42 (junho de 1953) Frei José da Natividade;
N.º 43 (julho de 1953) Frei Manoel do Deserto;
N.º 44 (agosto de 1953) Domingos Ramos;
N.º 45 (set. de 1953) Gonçalo Ravasco;
N.º 46 (out. de 1953) Manuel Madre de Deus Bulhões;
N.º 47 (nov. de 1953) José de Miralles;
N.º 48 (dez. de 1953) Mateus da Encarnação Pina;
N.º 49 (janeiro de 1954) José dos Santos Cosme e Damião;
N.º 50 (fev. de 1954) Luiz Botelho do Rosario;
N.º 51 (março de 1954) José de Oliveira Serpa;
N.º 52 (abril de 1954) José Pereira de Santa Ana;
N.º 53 (maio de 1954) Silvestre de Oliveira Serpa;

José Pires de Carvalho Albuquerque;
Francisco Calmon;
Antônio Nunes de Siqueira;
Simão Pereira de Sá (1.º);
Simão Pereira de Sá (2.º);
Valentim Mendes;
— Conselheiro Soares Brandão;
— Vários autores dos séculos XVII e XVIII:
— Prudêncio do Amaral;
— Manne de Macêdo;
— Costa Gadelha;
— Bartolomeu Antônio Cordovil;
— Antônio Mendes Bordalo;
— João Manso Pereira;
— Pontes Leme;
— Joaquim de Amorim Castro;
— Arruda Cmara;
— Diogo de Toledo Lara e Ordóñez.

N.º 11 (Nov. de 1950).
Vários autores do século XVIII:
Manoel Castanho de Almeida e Albuquerque — Domingos Simões da Cunha — José Arouche Toledo Rendon — Francisco Xavier Feijó — João da Silva Feijó — Francisco de Melo Franco — Baltazar da Silva Lisboa — Manoel Aires do Casal — José Vieira do Couto — José do Patrocínio Filho — Stela Leonardos de Lima Cabassa.

N.º 12 (dez. de 1950).
Ferreira de Araújo;
— Galeria Jornalística. Estudos sobre história do jornalismo, feitos pelos alunos do primeiro ano do curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil.

II

RELAÇÃO DOS AUTORES INCLUIDOS NA "ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA"

- I — Manuel Bandeira — 3-1-1943;
- II — Monteiro Lobato — 10-1-1943;
- III — Cecília Meireles — 17-1-1943;
- IV — Olegário Mariano — 24-1-1943;
- V — Alcides Maya — 7-2-1943;
- VI — Carlos Drummond de Andrade — 14-2-1943;
- VII — Roquete Pinto — 24-2-1943;
- VIII — Jorge de Lima — 7-3-1943;
- IX — Viriato Correia — 14-3-1943;
- X — Ademar Tavares — 21-3-1943;
- XI — Oliveira Vianna — 4-4-1943;
- XII — Ribeiro Couto — 11-4-1943;
- XIII — João Neves — 18-4-1943;
- XIV — Vinícius de Moraes — 9-5-1943;
- XV — Afonso Arinos de Melo Franco — 16-5-1943;
- XVI — Alceu Amoroso Lima (Tristão de Alayde) — 23 de maio de 1943;
- XVII — Murilo Mendes — 13-6-1943;
- XVIII — Cassiano Ricardo — 4-7-1943;
- XIX — Dante Milano — 11-7-1943;
- XX — Mário de Andrade — 18-7-1943;
- XXI — Raul Bopp — 1-3-1943;
- XXII — Onestaldo de Pennafort — 8-8-1943;
- XXIII — Murilo Araújo — 15-9-1943;
- XXIV — Henriqueta Lisboa — 22-8-1943;
- XXV — Abgar Renault — 5-9-1943;
- XXVI — Alphonso de Guimarães Filho — 12-9-1943;
- XXVII — João Cabral de Melo Neto — 3-10-1943;
- XXVIII — Maria Eugênia Celso — 10-10-1943;
- XXIX — Vargas Neto — 24-10-1943;
- XXX — Emílio Moura — 23-1-1944;
- XXXI — Lúcio Cardoso — 6-5-1944;
- XXXII — Assensio Ferreira — 20-2-1944;
- XXXIII — Afrânio Peixoto — 5-3-1944;
- XXXIV — Marques Rebelo — 12-3-1944;

- XXXV — Da Costa e Silva — 19-3-1944;
- XXXVI — João Alphonso — 1-4-1944;
- XXXVII — Aníbal Freire — 8-4-1944;
- XXXVIII — Barbosa Lima Sobrinho — 16-4-1944;
- XXXIX — Lúcia Ripoll — 23-4-1944;
- XL — Luis Edmundo — 24-5-1944;
- XLI — Clóvis Bevilacqua — 4-6-1944;
- XLII — Gilberto Freyre — 9-7-1944;
- XLIII — Antologia dos Poetas bissexto (1.º fascículo) — 3-9-1944;
- Constância Alves;
- Tristão da Cunha;
- Lucio Bueno;
- Carlos Alberto de Araújo (Tácio de Almeida);
- Lucio Blank;
- Aníbal Machado;
- Pedro Dantas;
- Diogo de Toledo Lara e Ordóñez.

- XLIV — Antologia dos Poetas bissexto (2.º fascículo) — 10-9-1944;
- Pedro Nave;
- Gilberto Freyre;
- Luís Aranha;
- Afonso Arinos de Melo Franco;
- Rubem Braga;
- Rodrigo Melo Franco de Andrade;
- Joaquim Cardoso;
- Augusto Frederico Schmidt — 8-10-1944;
- Amândio Pontes — 15-10-1944;
- Mário Quintana — 22-10-1944;
- Menotti del Picchia — 3-11-1944;
- Sousa da Silveira — 17-12-1944;
- José Maria Belo — 4-3-1945;
- Valfredo Martins — 6-6-1945;
- Graciliano Ramos — 20-6-1945;
- Nilo Bruni — 4-7-1945;
- Augusto Meyer — 18-7-1945;
- Gilberto Amado — 1-8-1945;
- Miguel Osório de Almeida — 15-8-1945;
- Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça — 26-9-1945;
- José Lins do Rego — 10-10-1945;
- Agripino Grieco — 24-10-1945;
- Homero Frates — 21-11-1945;
- Celso Vieira — 5-1-1946;
- Léo Vaz — 1-2-1946;
- Carlos Magalhães de Azeredo — Março de 1946;
- Guilherme de Almeida — Abril de 1946;
- João Montelo — maio de 1946;
- Oliveira e Silva — Julho de 1946;
- Ribeiro Couto (prosa) — março de 1950;
- Glúcia Machado — junho de 1950;
- Paula Aquiles — dezembro de 1950;
- Alvaro Moreyra — dezembro de 1950.

III

RELAÇÃO DOS INCLUIDOS NA "PÁGINA DOS AUTORES NOVOS"

- XIX — Roberto Vieira Júnior — 1-8-1948;
- XX — Lausimar Laus Gomes — 28-8-1948;
- XXI — Luis Afonso Sarmiento — 12-9-1948;
- XXII — Van Jafa — 7-11-1948;
- XXIII — Débora Leão — 15-1-1949;
- XXIV — Heloisa Carneiro Leão — 15-2-1949;
- XXV — José Maria Delgado Tubino — 15-3-1949;
- XXVI — Maria Vitória — 1-4-1949;
- XXVII — Leticia de Figueiredo — 1-5-1949;
- XXVIII — Maria Teresa Galvão Bueno (setembro de 1949).
- XXIX — Rodrigo Luis de Andrade (Outubro de 1950).
- XXX — Maria José Muniz (Dezembro de 1950).
- Raquel Crotman Braune — 5-9-1943;
- Léo Ivo — 12-9-1943;
- Osvaldo Marques — 17-10-1943;
- Eros Volusia — 24-10-1943;
- Nidia Moura — 7-11-1943;
- Antônio Rangel Bandeira — 14-11-1943;
- Breno Accioly — 5-12-1943;
- Haydee Nicolussi — 14-1-1944;
- Ligia Fagundes — 6-2-1944;
- Maria de Lourdes Pires da Rocha — 15-4-1944;

V

Índice Geral e Remissivo de Autores incluídos no presente volume

ABREU, Capistrano de		ALMEIDA, Isabel de		ANDRADE, Rodrigo Luis de	
TRABALHOS DO AUTOR:		TRABALHOS DO AUTOR:		TRABALHOS DO AUTOR:	
Duas Cartas a Afonso Taunay	5	"Um jornalista de independência	125	— O Canto da Noite Escura	112
ABREU, Casemiro de		ALMEIDA, João Carlos de		— Serenata Postuma	112
ESTUDOS E REFERENCIAS:		TRABALHOS DO AUTOR:		— Tristezza	112
CARLOS MAUL, Carta ao Dr. Moacyr de Paula Lobo sobre o livro "Casemiro de Abreu" de Nilo Bruzzi	26	"Eutanasia por dignidade"	134	ANTONIL	
Moacyr Paula Lobo, resposta à carta do Dr. Carlos Maul	26	ALONSO, Aníbal Martins		TRABALHOS DO AUTOR:	
REDAÇÃO — Por causa de "Casemiro de Abreu", de Nilo Bruzzi	26	ESTUDOS E REFERENCIAS:		Algumas páginas de Antonil	102
ABREU, Rosália Ramos de		REDAÇÃO — "Estrangeiros no Brasil"	6	Afonso Taunay, "Antonil e Vieira	6
TRABALHOS DO AUTOR:		ALVES, Castro		Capistrano de Abreu, Duas Cartas a Afonso Taunay	6
Joaquim Nabuco"	121	TRABALHOS DO AUTOR:		REDAÇÃO — Notícia sobre Antonil	101
AUBUQUERQUE, José Pires de Carvalho		"Adormecida" (poesia)	66	Silvio Romero "O livro de Antonil"	6
ESTUDOS E REFERENCIAS:		"O Gondoleiro do Amor"	66	AQUILES, Paula	
REDAÇÃO — Notícia sobre J. P. C. A.	94	AMARAL, Prudência de		TRABALHOS DO AUTOR:	
ALBUQUERQUE, Manoel Caetano de Almeida e		TRABALHOS DO AUTOR:		Poesias:	
ESTUDOS E REFERENCIAS:		— Geografia Brasileira, Carto Primeiro	107	I Alegoria	
REDAÇÃO — Vários autores do sec. XVIII	113	ESTUDOS E REFERENCIAS:		II Amor	
AUBUQUERQUE, Medeiros e		— Nota biográfica	106	III Aparição	
TRABALHOS DO AUTOR:		ANDADRE, Carlos Drummond de		IV Canto da saudade estranha	
"Um censor censurável"	74	TRABALHOS DO AUTOR:		V Desluzão	
		"O sonho de um sonho"	142	VI Determinismo	128
				VII Hora extrema	
				VIII Invocação	
				IX Meu grito	
				X Paisagem marinha	

IV RELAÇÃO DOS AUTORES INCLUIDOS NA HISTÓRIA DO JORNALISMO DO BRASIL

- Hipólito da Costa, Vol. 9, pag. 57.
- Evaristo da Veiga, Idem, pag. 70.
- Frei Caneca, Idem, pag. 36.
- João Francisco Lisboa, Idem, pag. 68.
- Francisco de Sales Torres Homem, Idem, pag. 105.
- Justino José da Rocha, Idem, pag. 121.
- Francisco Otaviano, Idem, pag. 135.
- Ferreira de Araújo, Idem, pag. 145.
- José do Patrocínio, Idem, pag. 159.
- Galeria Jornalística, Idem, pag. 163 a 168.
- Encerra os seguintes trabalhos firmados por alunos do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia:
— Timon e a Técnica das Revoluções, de Renato Sérgio Fausto Jobim.
- Justino José da Rocha, de Adhamyr Ribeiro da Vale de Araújo Lima.
- Machado de Assis, de Maria Cecília Ribas Corneiro.
- Alcega Guanabara, de Hugolino Guanabara Figueira de Mendonça.
- Cipriano José Barato, de Maria de Lourdes Rodrigues Balduino Guimarães.
- Um jornalista fora da banca (F. de S. Torres Homem) de Cristiano Monteiro Freire.
- A obra de Ferreira de Araújo, de Sérgio Veloso.
- Joaquim Serra, de Vera Margarida Faria.
- Em torno de Evaristo da Veiga, de Jefferson Barata.
- João Ribeiro, de Zulmira Amador Colpaert.
- Henrique Chaves — Vol. 10, pag. 29.
- Januário da Cunha Barbosa — Vol. 10, pag. 107.
- Joaquim Gonçalves Léo — Vol. 10, pag. 107.
- História do Jornalismo no Brasil Trabalhos de alunos do curso de Jornalismo. Autores e Livros — Vol. 10, n.º 10, pag. 116. Encerra:
— Frei Sampaio, de Sarah Behar.
- Um jornalista da Independência (Léo), de Oscar Martins Lobato.
- A imprensa na época da Independência do Brasil — Frei Caneca, de Maria das Dores Silva Berlinek.
- Joaquim Nabuco (Conferência de Múcio Leão no Instituto Histórico). Vol. 10, pag. 123.
- Fr. Sampaio — Vol. 10, n.º 12 (pag. 138).
- Galeria Jornalística. Provas da estágio dos alunos do primeiro ano do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia do Brasil em 1950, encerrando os seguintes trabalhos: Volume 11, pag. 125.
— Um jornalista da Independência, Hipólito da Costa, por Isabel de Almeida.
- Joaquim Gonçalves Léo, por José Milto.
- Frei Sampaio, por Helena Ribeiro da Silva.
- Januário da Cunha Barbosa, por Antony Bandeira.
- Frei Caneca no cenário político do Brasil, por Hilo Nunes Machado Aroxa.
- João Francisco Lisboa, de Rui Balduino Guimarães.
- Luis Gama, por Maurício Silva Castro.
- Ferreira de Araújo, por Marcelina Marinari.
- Justino José da Rocha, por Branca Maria Garcia Ferraz Praça.
- Cinco Fazes de José do Patrocínio, por Marta Castiblanco.
- Quintino Bocanegra, por Wilma Lúchesi.
- Joaquim Nabuco, de Rosália Beatriz Lemos de Abreu.
- Rui Barbosa, de Jorge Chaloupe Sobrinho.
- Carlos de Laet, de Regina Rosa de Laet.
- Machado de Assis, por Helena Ribeiro da Silva.
- João Ribeiro, por Jacyr Vilhena Soares.
- Alcega Guanabara, por Osório Antônio Pereira.

XI Poema		BORRALHO, António Mendes		CASAL, Manuel Aires de	
XII Poema dos Carrilhões		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
XIII Quando tudo passar		— Nota biográfica	138	REDAÇÃO	114
XIV Quando estranho		BRAGA, Naul	138	CASTRO, Joaquim de Amaral	
XV Sinfonia do inevitável		TRABALHOS DO AUTOR:		REDAÇÃO	106
XVI Semoras do passado		Poesias:		CASTRO, Maurício Silva	
AGUILES, Paula		I Ao luar		TRABALHOS DO AUTOR:	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		II A pálida Maria	138	"Luiz Gama"	120
REDAÇÃO — "Notícia sobre Paula Aguires"		III Devesando uma alma		CHALOUPE Sobrinho, Jorge	
ARANHA, Graça		IV No leito de morte		TRABALHOS DO AUTOR:	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		V Prece		"Rui Barbosa"	122
João Ribeiro, Cartas a G. A.	27	VI Quando me		COELHO, Duarte de Albuquerque	
— Carta ao embalsador José de Barros Pimentel	119	VII Dona eito		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
ARANHA, Júnior		VIII Mística		REDAÇÃO — Três historiadores da guerra do Brasil com a Holanda	26
TRABALHOS DO AUTOR:		IX Vida reflexa		COLIN, Augusto Frederico	
Artigo sobre Ferreira de Araújo	120	MANDA, Soares (D. Maria Ana)		TRABALHOS DO AUTOR:	
"Os sábados"	123	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		Poesias:	
"Anquilhos no Sotão"	124	— Oliveira Lima — Uma Senhora		I A amizade	
"O Diálogo e o Senado"	124	— Cartas de Joaquim Nabuco a D. Maria Ana Soares Brandão		II A melancolia	
"Um jornal nasce"	123	— Brandão		III A mulher	
Maria Silva "Ferreira de Araújo"	129	MANDA, Soares (Conselheiro Francisco de Carvalho)		IV A saudade	
Machado Leão "Ferreira de Araújo"	113	— Joaquim Nabuco — Evocação de Soares Brandão		V A virgem que eu amo	
Machado Leão "Ferreira de Araújo"	103	— Carta a Soares Brandão		VI Ahi	
— Sérgio Velloso — A obra de Ferreira de Araújo...	113	— Oliveira Lima — Evocação de Soares Brandão		VII Os túmulos	
Necrologio	113	— Oliveira Lima — Uma Senhora (Madame Soares Brandão)		VIII Triste do vate	
"Alguns artigos sobre F. de A."	120	— Redação — Nota biográfica do Conselheiro Soares Brandão		IX Um riso	
ARAUJO, Murilo		BRUZZI, Nilo	56	CORDOVIL, Bartolomeu António	
TRABALHOS DO AUTOR:		TRABALHOS DO AUTOR:		REDAÇÃO — Nota biográfica	105
Carta a Múcio Leão		"Julio Saluste, o último Petrarca"		CORREIA, Leôncio	
"Oratório de graças" (poesia)		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		TRABALHOS DO AUTOR:	
ARIXA, Helle Nunes Machado		Carlos Maul, Carta a Dr. Moneyr de Paula Lóme	127	— Canto do Ciano	82
TRABALHOS DO AUTOR:		Elmano Cardim "Dois Livros de Nilo Bruzzi"		"CORREIO das Artes"	
"Poi Caneca no cenário político do Brasil"	127	Moneyr de Paula Lóme, Resposta a carta do Dr. Carlos Maul		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
ASSIS, Machado de		Múcio Leão, "O último Petrarca"	121	REDAÇÃO — Recado ao C. das A.	20
TRABALHOS DO AUTOR:		REDAÇÃO — Por causa do "Cadimiro de Abreu", de Nilo Bruzzi	133	COSME e Damião, José dos Santos	
"Artigo sobre Ferreira de Araújo"	121	BULHOES, Manuel de Madre de Deus,		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
"Venus! Divina Venus! (conto)	87	Cabassa, Stela Leonor da Silva Lima (V. Leonor da Stela)		REDAÇÃO	94
Melena Ribeiro da Silva, "Machado de Assis"	133	CALABAR		COSME, Neteo	
ATAYDE, Amarelle de		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		TRABALHOS DO AUTOR:	
TRABALHOS DO AUTOR:		Frei Manuel Calado, "A morte de Calabar"	121	Galeria Sotero Cosme, n.º 2 Retrato de Mulher	
"Valsa com minha filha"	134	CALADO, Manuel		Galeria Sotero Cosme, n.º 1 — Cavalo	
AZEVEDO, Artur		TRABALHOS DO AUTOR:		COSTA, Hipólito da	
TRABALHOS DO AUTOR:		"A morte de Calabar"	54	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
"Artigo sobre Ferreira de Araújo"	121	"Fernandes Vieira"		Isabel de Almeida "Um jornalista de independência"	125
BAIHA, Aleixo		"Justiça Holandesa"		COUTO, José Vieira de	
TRABALHOS DO AUTOR:		"Maurício de Nassau"		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
"Um Poeta Contemporâneo"	54	"Morte de D. Luiz de Rojas"		REDAÇÃO — "Vários autores do sec. XVIII"	114
BANDERA, Antony		"Nassau contrabandista de negros"		COUTO, Ribeiro	
TRABALHOS DO AUTOR:		"Nassau e as damas pernambucanas"		TRABALHOS DO AUTOR:	
"Jornalismo da Cunha Barbosa"	126	"O valoroso Luciferno e triunfo da liberdade"		"Diário de amor de um moço delicado"	30
BANDERA, Manuel		"Pernambuco antes dos holandeses"		"Fuga"	31
TRABALHOS DO AUTOR:		ESTUDOS E REFERÊNCIAS		"Isaura" (trecho de novela)	30
"As três marias" (poema)	142	REDAÇÃO — Notícia sobre Frei Manuel Calado	120	"Nostalgia Importuna"	31
BAREFOA, Januário da Cunha		CALADO, Francisco		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		REDAÇÃO — "Nota bibliográfica sobre R.C."	20
Antony Bandeira, "J. da Cunha Barbosa"	120	REDAÇÃO		COX, Dilermando	
BAREFOA, Eli		CAMARA, Arruda, Manuel de		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
TRABALHOS DO AUTOR:		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		Agripino Oriceo, "Carta a D. C."	58
"Necrologio de Ferreira de Araújo"	117	REDAÇÃO		REDAÇÃO — "Um romance de maria"	66
Medeiros e Albuquerque, "Um censor censurável"	74	CAMARATE, Alfredo		CUNHA, Domingos Simões da	
Jorge Chaloupe Sobrinho, "Rui Barbosa"	133	TRABALHOS DO AUTOR:		REDAÇÃO — "Vários autos do sec. XVIII"	113
José Veríssimo "Uma lição de português"	73	"Artigo sobre Ferreira de Araújo"	98	EBOLI, Teresinha	
BAREFOA, Simões		CAMÕES		REDAÇÃO — "Jubramento na horta de Teresinha Eboli"	31
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		FALCÃO, Rubem	
REDAÇÃO — Simões Barbosa	98	Dante Milano, Homenagem a Camões (poesia)	96	TRABALHOS DO AUTOR:	
BAREFOA, Dantas		CANECA, Frei		"Acadêmicas Literárias"	58
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		FEDER, Ernesto	
Barbosa Lima Sobrinho — A popularidade de Dantas Barreto	96	Helle Nunes Machado Arocha, "Frei Caneca no cenário político do Brasil"	102	TRABALHOS DO AUTOR:	
BRETT, Aubrey		CARDIM, Elmano		"Autores e Livros homenageia Goethe"	82
ESTUDOS E REFERÊNCIAS		TRABALHOS DO AUTOR:		"João Ribeiro tradus Heine"	51
Múcio Leão — Albenes Bell	102	"Dois livros de Nilo Bruzzi"	23	FEIJÓ, Francisco Xavier	
BREAC, Olavo		CASABLANCA, Marta		TRABALHOS DO AUTOR:	
TRABALHOS DO AUTOR:		TRABALHOS DO AUTOR:		REDAÇÃO — "Vários autores do sec. XVIII"	113
Artigo sobre Ferreira de Araújo	121	"Cinco fases de José do Patrocínio"	130	FEIJÓ, João da Silva	
"O Voador"	23			REDAÇÃO — "Vários autores do sec. XVIII"	113
BROCAIVA, Galathea					
TRABALHOS DO AUTOR:					
"Necrologio de Ferreira de Araújo"	119				
Wilson Luchesi, "Quintino Bocaiuva"	130				

<p>FONSECA, Olympia Menal TRABALHOS DO AUTOR: "Janelas" (poesia) 82</p> <p>FRANCO, Francisco Melo REDAÇÃO — "Vários autores do sec. XVIII" 113</p> <p>FREIRE, Francisco de Brão ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — Três historiadores da guerra do Brasil com a Holanda 26</p> <p>GADELHA, Costa (José Juncos da) ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — Nota biográfica 105</p> <p>GALVAO, Ramiz TRABALHOS DO AUTOR: Artigo sobre Ferreira de Araújo 122</p> <p>GAMA, Luiz ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Maurício Silva Castro "Luiz Gama" 126</p> <p>GOETHE TRABALHOS DO AUTOR: Canção dos Soldados (Trad.) 81</p> <p>GRIFCO, Agripino TRABALHOS DO AUTOR: Carta a Dilermando Cox 55</p> <p>GUANABARA, Alcindo TRABALHOS DO AUTOR: Necrologio de Ferreira de Araújo 119 Osório Antônio Pereira "Alcindo Guanabara" 134</p> <p>GUGNARD TRABALHOS DO AUTOR: Ilustração para o "Gondoleiro do Amor", de Castro Alves 56</p> <p>GUIMARAENS, Arcanjo de ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Múcio Leão, Arcanjo de Guimaraens 29 REDAÇÃO — "Arcanjo de Guimaraens" 29</p> <p>GUIMARAES, Rei Baldaque TRABALHOS DO AUTOR: "João Francisco Lisboa" 128</p> <p>GUSMAO, Alexandre de Al ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — Notícia sobre A. de G. (I) 13</p> <p>GUSMAO, Alexandre de (II) ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — "Notícia sobre A. de G." 41</p> <p>TRABALHOS DO AUTOR: Algumas poesias de A. de G. 44 "Censura sobre a Henriqueta" 43 "Dissertação supostamente dirigida a um amigo e a seu pedido sobre a relação das Ordens Religiosas" 42</p> <p>GUSMAO, Bartolomeu de TRABALHOS DO AUTOR: "Manifesto aumário para os que ignoram poder-se navegar pelo elemento do ar" 38 "Petição sobre a Passarola" 40 "Problema filosófico: Qual é mais ilustre, se a Prudência, se a Temperança" 39 "Sermão do Corpo de Deus" 34</p> <p>ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Afonso de Taunay, — "A morte de B. de G." 37 Olavo Bilac — O Voador, (soneto) 33 REDAÇÃO — "Notícia sobre B. de G." 33 REDAÇÃO — Bibliografia de B. de G. 33 REDAÇÃO — Fontes sobre B. de G. 33</p> <p>HEINE ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Ernest Feder, "João Ribeiro traduz Heine" 51</p> <p>ITAPARICA, Frei Manoel de Santa Maria TRABALHOS DO AUTOR: [Poesias] 85</p> <p>ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — "Frei Manoel de Santa Maria Itaparica" 85</p> <p>JABOATÃO, Frei TRABALHOS DO AUTOR: "Algumas páginas do novo Orbe gráfico" 70 "Impressão do Recife" 73 "O Rio São Francisco" 72 Oliveira Lima "Impressão sobre F. J." 73 REDAÇÃO — "Notícia sobre F. J." 69</p>	<p>ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Silvio Romero "Frei Jabotão" 89</p> <p>JESUS, Rafael de ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — Três historiadores da guerra no Brasil com a Holanda 26</p> <p>JOÃO Luso ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — "João Luso" 32</p> <p>JOHIN, Renato TRABALHOS DO AUTOR: "Poesia, onde estás" 135</p> <p>LACERDA, Aurelio de TRABALHOS DO AUTOR: "O Corvo" Tradução de Poe 122</p> <p>LAET, Carlos de ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Regina Rosa de Laet "Carlos de Laet" 126</p> <p>LAET, Regina Rosa de TRABALHOS DO AUTOR: "Carlos de Laet" 81</p> <p>LAS Casas, Alvaro ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — "Alvaro Las Casas" 55</p> <p>LEAO, Múcio TRABALHOS DO AUTOR: Arcangelus de Guimarães 101 — Celso Pinheiro e Da Costa e Silva 79 "Dafnis e Clod" 113 "Perreira de Araújo" 119 "Merimes" 119 "O Último Petrarca" 119 "Patrocínio Filho" 119 "Um a'mbolo de Pernambuco" 67</p> <p>ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Alcino Bahia "Um poeta contemporâneo" 54 Murilo Araújo "Um livro de versos" 119 — Murilo Araújo — Carta a Múcio Leão 119 REDAÇÃO — "Iniciativa em prol da Cultura" 7</p> <p>LÉDO, Joaquim Gonçalves ESTUDOS E REFERÊNCIAS: José Milito "Joaquim Gonçalves Lédo" 126</p> <p>LEME, Pedro Taques de Almeida Paia ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — "Dois historiadores paulistas" 44</p> <p>LEME, Pontes (Antônio Pires da Silva) REDAÇÃO — Nota Biográfica 100</p> <p>LIMA, Oliveira TRABALHOS DO AUTOR: "Impressão sobre Frei Jabotão" 38 — Soares Brandão a moção de Oliveira Lima 39 — Uma Senhora (Madame Soares Brandão) 34</p> <p>LIMA SOBRINHO, Barbosa TRABALHOS DO AUTOR: — A popularidade de Dantas Barrett 39</p> <p>LINHARES, Augusto ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Sérgio Vellozo, Carta a Augusto Linhares 37</p> <p>LISBOA, Baltazar da Silva ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — "Vários autores do sec. XVIII" 114</p> <p>LISBOA, João Francisco ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Rui Baldaque Guimarães "João F. Lisboa" 128</p> <p>LORO, Moacyr de Paula TRABALHOS DO AUTOR: Resposta a carta do Sr. Carlos Maul, sobre o livro "Casemiro de Abreu" de Nilo Bruzi 26</p> <p>ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Carlos Maul, Carta ao Dr. Moacyr de Paula Loro sobre o livro "Casemiro de Abreu" de Nilo Bruzi 85</p> <p>LUCHESE, Wilma TRABALHOS DO AUTOR: "Quintino Bocaiuva" 130</p> <p>MACHADO, Manuel de ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — Nota Biográfica 105</p>	<p>MACHADO, Gilka TRABALHOS DO AUTOR: Poesias de Gilka Machado 82</p> <p>ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — "Notícia sobre Gilka Machado" 82</p> <p>MADRE DE DEUS, Frei Gaspar ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — "Dois historiadores paulistas" 84</p> <p>MARTINS Júnior TRABALHOS DO AUTOR: (Duas traduções) Amor Descoberto 84</p> <p>MAUL, Carlos Carta ao Dr. Moacyr de Paula Loro, sobre o livro "Casemiro de Abreu", de Nilo Bruzi 26</p> <p>MELO FRANCO, Francisco de REDAÇÃO — Nota biográfica 113</p> <p>MELLO, Sérvulo de TRABALHOS DO AUTOR: "Poesias de S. de M." 84</p> <p>MACEDO Valentin ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — Nota Biográfica 84</p> <p>MENDONÇA, Lúcio de TRABALHOS DO AUTOR: "Artigo sobre Ferreira de Araújo" 122</p> <p>ESTUDOS E REFERÊNCIAS: João Ribeiro, Carta a L. de M. 79</p> <p>MERIMÉE, Prosper ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Múcio Leão, "Merimes" 84</p> <p>MESQUITA, Martinho de ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — Nota biográfica 84</p> <p>MILANO, Dante TRABALHOS DO AUTOR: "Homenagem a Camões" (poesia) 84 Tradução de um trecho do Inferno de Dante (Carta XXV) 102</p> <p>MILITO, José TRABALHOS DO AUTOR: "Joaquim Gonçalves Lédo" 126</p> <p>MIRALLES, José de ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — Nota Biográfica 100</p> <p>MORAIS, Vinícius TRABALHOS DO AUTOR: "BALADA DO MORTO VIVO" 10 "Hollywood à sombra" (poesia) 8</p> <p>MOREIRA, Alvaro TRABALHOS DO AUTOR: "Algumas meditações" 10</p> <p>MOREIRA, Alvaro TRABALHOS DO AUTOR: "Epitáfio" 16 "João Ribeiro" 16 "Meus Postos" 16 "Os burros" 16 "Preghes do Rio de Janeiro" 16</p> <p>ESTUDOS E REFERÊNCIAS: REDAÇÃO — "Notícia sobre A. M." 10</p> <p>NOTA, Mauro TRABALHOS DO AUTOR: "Boletim sentimental da guerra no Recife" 8</p> <p>NABUCCO, Joaquim TRABALHOS DO AUTOR: — Soares Brandão na evocação de Joaquim Nabuco 8 — Curtas ao Conselheiro Soares Brandão e a D. Maria Ana Soares Brandão 8</p> <p>ESTUDOS E REFERÊNCIAS: Rosalia Lemos de Abreu "Joaquim Nabuco" 11</p> <p>NASSAU, Maurício de TRABALHOS DO AUTOR: Frei Manoel Calado "Maurício de Nassau" 8 Frei Manoel Calado "Nassau contrabandista de negros" 8 Frei Manoel Calado "Nassau e as damas pernambucanas" 8</p>
---	---	---

ATIVIDADE, P. José da		RAVASCO, Bernardo Vieira		Notícia sobre Alexandre de Gusmão	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		TRABALHOS DO AUTOR:		Notícias sobre alguns escritores selacoutistas	
REDACÇÃO — Nota biográfica	93	Soneto seguido de Glosa	28	REDON, Toledo	28
NUNES, Feliciano José de Souza		REDACÇÃO — Fontes sobre B. V. R.	28	TRABALHOS DO AUTOR	
TRABALHOS DO AUTOR:		REDACÇÃO — Notícias sobre B. V. R.	28	REDACÇÃO — Vários autores do séc. XVIII	113
Alguns págs. de F. J. S. N.	82	RAVASCO, Fausto		RIBEIRO, João	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		TRABALHOS DO AUTOR:		TRABALHOS DO AUTOR	
Albino de Oliveira "Feliciano Nunes"	84	REDACÇÃO:		Cartas a José Veríssimo	27
João Ribeiro "Os Discursos Político-Morais"	83	Notícia sobre Alvaro Moreira	140	"Correspondência"	27
OLIMPE, Domingos		Notícia sobre Antonio	1	"Os Discursos Político-Morais"	81
TRABALHOS DO AUTOR:		Notícia sobre Assumpção Suzano	13	Correspondência de João Ribeiro — Cartas a José Veríssimo, Lucio de Mendonça e Graça Aranha	27
"Necrologio de Ferreira de Araújo"	116	Notícia sobre Bartolomeu de Gusmão	23	ESTUDOS E REFERÊNCIAS	
OLIVEIRA, Alberto		Notícia sobre Bernardo Vieira Ravasco	28	Alvaro Moreira "João Ribeiro"	141
TRABALHOS DO AUTOR:		Notícia sobre Feliciano José de Souza Nunes	81	Ernest Feder "João Ribeiro traduz Heine"	51
"Feliciano Nunes"	84	"Notícia sobre Frei Jaboão"	21	Jacira Vilhena Soares "João Ribeiro"	133
ORDENIAS, Dingo de Toledo Lara e		Notícia sobre Frei Manuel Calado	21	RICARDO, Casiano	
TRABALHOS DO AUTOR:		"Notícia sobre Frei Manuel de Santa Maria Itaparica"	85	Soneto de última hora	9
REDACÇÃO — Nota biográfica	106	Notícia sobre José do Patrocínio Filho	115	I A desterrada	
PATRICIA, António		"Notícia sobre Gilka Machado"	62	II Chuva	
TRABALHOS DO AUTOR:		Notícia sobre Paula Aquiles	136	III Cristal	
"Pyralis da Veiga"	127	Notícia sobre Ribeiro Couto	30	IV Desajo	
PATROCÍNIO, José do		Notícia sobre Stella Leonor da Silva Lima Cabassa	120	V Lara a mulher verde	
TRABALHOS DO AUTOR:		"Os Estados da República e a Academia"	63	VI Incognita	
"Necrologio de Ferreira de Araújo"	115	"Os prêmios Nobel de 1960"	23	VII Geografia do sono	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS		"Poesia de Augusto Frederico Colin"	89	VIII O acontecimento patri	
Maria Casablanca, "Cinco fases de J. do P."	128	"For causa do 'Casimiro de Abreu', de Nilo Brazili	26	IX O galo das cinco horas	
PATROCÍNIO FILHO, José		"Samuel Putman"	28	X O soneto das três dotes	
TRABALHOS DO AUTOR:		"Simões Barbosa"	68	XI Morena Luna	
"A Labareda do Pecado"	116	"Teoria dos correspondentes"	40	XII Páscua autogênica	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS		"Três historiadores da guerra do Brasil com a Holanda"	26	"Poemas da face perdida"	80
Mário Leão "Patrocínio Filho"	115	"Uma antologia de poetas pernambucanos" (nota)	6	— Já sofri tanto, por conta	102
REDACÇÃO — Notícia sobre J. P. F.	115	Uma história da Literatura Brasileira (nota)	13	— A graça de ser pobre	102
PAULILLO, Carlos		"Um Livro de Humberto Peregirino"	32	— O Escafandro	102
TRABALHOS DO AUTOR:		"Um romance da miséria"	68	— Bot Blanc Sobee Campo de Prata	104
"Olhos verdes" (conto)	27	"Vários autores do século XVIII"	113	"Pedido a um oficial de gabinete"	142
PENNAFORT, Onestão de		— Martinho de Mesquita	94	REDACÇÃO — Poemas da Face Perdida (nota)	102
TRABALHOS DO AUTOR:		— Simão Pereira de Sá (1.º)	93	RIO, Pires do	
Tradução da "Canção dos soldados, de Goethe"	81	— José da Natividade	83	REDACÇÃO — "Falecimento de Pires do Rio"	
PEREGRINO, Umberto		— Manoel do Destro (F.)	93	ROCHA, Justiniano José da	
TRABALHOS DO AUTOR:		— Domingos Ramos	93	Branca Ferraz Praça "J. J. da Rocha"	
Palavras de Fé	32	— Geraldo Ravasco avalanti de Albuquerque	93	ROCHA, Manuel da	
REDACÇÃO — "Um livro de Humberto Geregirino"	32	— Manoel de Madre de Deus Bulhões	93	TRABALHOS DO AUTOR	
PEREIRA, João Mano		— José de Miranda	94	Necrologia de Ferreira de Araújo	
Nota Biográfica	106	— Mateus da Encarnação Pina	94	ROJAS, D. Luis de	
PEREIRA, Osório António		— Valentim Mendes	94	Frei Manuel Calado, A morte de D. L. de R.	
TRABALHOS DO AUTOR:		— José dos Santos Cosme e Damião	94	ROMERO, Silvio	
"Alfredo Guimarães"	134	— Luiz Botelho do Rosário	94	TRABALHOS DO AUTOR	
PESSOA, Fernando		— José de Oliveira Serpa	94	Frei Jaboão	
TRABALHOS DO AUTOR:		— José Pereira de Santa Ana	94	"O livro de Antonio"	
"Uslame" (tradução)	29	— Silvestre de Oliveira Serpa	94	ROOSEVELT, Franklin Delano	
PIMENTEL, Barros		— José Pires de Carvalho Albuquerque	94	— Sonia Regina — Na Memória de F. D. Roosevelt	
— Duzas certas do arquivo do embaixador Barros Pimentel	119	— Francisco Calmon	94	RONARIO, Luiz Botelho da	
— Domicio da Gama — Carta a I. de Barros Pimentel	119	— António Nunes de Siqueira	94	Nota Biográfica	
— Graça Aranha — Carta a Barros Pimentel	119	— Simão Pereira de Sá (2.º)	94	SA, Simão Pereira de (1.º)	
PINA, Mateus da Encarnação		— Prêmios Acadêmicos	94	REDACÇÃO — N. B.	
REDACÇÃO — Nota biográfica		— Nota sobre a Conselheiro Soares Brandão	94	SA, Simão Pereira de (2.º)	
PINHEIRO, Celso		— Poesias da Face Perdida, de Carneiro Ricardo	94	REDACÇÃO — N. B.	
— Mário Leão — Pedro Pinheiro e Da Costa e Silva	101	— A Vida dos Livros	94	SAINT-Beuve	
PUR, Edgar Allan		— Prêmios Acadêmicos	94	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
TRABALHOS DO AUTOR:		Alvaro Les Cases (Nota)	94	REDACÇÃO — "A mesquinhez de um grande critico"	
"O Curto" (trad. de Aurélio de Lacerda)	67	"A mesquinhez de um grande critico"	92	SALUSSE, Júlio	
"Uslame" (trad. Fernando Pessoa)	29	"Arcangelas de Guimarães	92	TRABALHOS DO AUTOR	
PRACA Branca Ferraz		Bibliografia de Bartolomeu de Gusmão	92	Presian de Júlio Salusse	
TRABALHOS DO AUTOR:		"Despedida de Autores e Livros"	113	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
"Justiniano José da Rocha"	120	"Diego Grasso Tinoço"	80	Mário Leão "O último Petrarca"	
PITNAM, Ramuel		"Dois historiadores Paulistas"	44	Nilo Brazili, "Júlio Salusse, o último Petrarca"	
REDACÇÃO — Samuel Putnam	38	"Estrangeiros no Brasil"	5	SAMPALLO, Frei	
RAMOS, Domingos		"Falecimento de Pires do Rio"	91	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
REDACÇÃO — Nota biográfica		Fontes sobre Bartolomeu de Gusmão	37	SANTA ANA, José Pereira de	
RAVASCO, Bernardo Vieira		Notícia sobre Bernardo Vieira Ravasco	28	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
TRABALHOS DO AUTOR:		"Iniciativa em prol da Cultura"	7	REDACÇÃO — N. B.	
Poesias de B. V. R.	28	"João Luso"	32	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
		"João Pinto da Silva"	135	REDACÇÃO — N. B.	
		"Julgamento na horta, de Terezinha Ebuli"	31		
		"No pórtico do undécimo volume"	161		
		Nota Biográfica sobre Ribeiro Couto	30		
		"Nota a este n.º de Autores e Livros"	29		
		"Nota ao presente n.º de Autores e Livros"	124		
		Nota sobre o presente número de "Autores e Livros"	13		
		Notícia sobre Alexandre de Gusmão I	13		

SERPA, Silvestre de Oliveira		SONIA Begtas		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
TRABALHOS DO AUTOR		TRABALHOS DO AUTOR		REDAÇÃO — Notícia sobre M. A. T.	
— Canção (O Monarca dos)		— In Memória de Franklin Delano Roosevelt	119	TAUNAY, Afonso de	
REDAÇÃO — N. B.	94	— Sonata ao Luar	119	TRABALHOS DO AUTOR:	
SETE, Mário		CANÇÕES:		"A morte de Bartolomeu de Gusmão"	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		I Canção da morte no mar		"Antonil e Vieira"	
Mário Leão, "Um símbolo de Pernambuco"	67	II Ingenua canção de origem	142	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
SHAKESPEARE		STELLA, Leonardo Lica Calhama		Capistrano de Abreu — Duas cartas de C de A a Afonso Taunay	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		TRABALHOS DO AUTOR:		TINOCO, Diogo Graaen	
Sociedade Brasileira de Shakespeare (Estatuto).... A.	6	Poesia		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
SILVA, Da Costa e		I Canção de amor		REDAÇÃO — "Diogo Graaen Tinoco"	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		II Lenda do Japão Japão	120	VEIGA, Evaristo da	
Mário Leão, Celso Pinheiro e Da Costa e Silva	101	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
SILVA, Helena Ribeiro da		REDAÇÃO — Notícia sobre S. L. L. C.	120	Antônio Patriota "Evaristo da Veira"	
TRABALHOS DO AUTOR		SUZANO, Asmubaja		VELLOZO, Sérgio	
"Frei Sampaio"	126	TRABALHOS DO AUTOR:		TRABALHOS DO AUTOR	
"Machado de Assis"	131	O Capitão Silvestre e Frei Veloso (Trecho de romance)		— A obra de Ferreira de Araújo	
SILVA, João Pinto da		ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		"Carta a Augusto Linhares"	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		REDAÇÃO — Notícia sobre A. S.		"Nadir"	
REDAÇÃO — "João Pinto da Silva"	125	TATAGIHA, Maria Antonieta		"O dia do 'Pico' e a República"	
SILVA, Marella		TRABALHOS DO AUTOR:		"Poema"	
TRABALHOS DO AUTOR		Poesias:		VERISSIMO, José	
"Perceira de Araújo"	120	— A Bandeira	30	TRABALHOS DO AUTOR	
SILVA, Oliveira e		— A Cruz da Aldeia	18	Artigo sobre Ferreira de Araújo	
REDAÇÃO — "Uma antologia de poetas Pernambu- canos" (Nota)	6	— Angelus	18	"Uma lição de português"	
TRABALHOS DO AUTOR		— A Rede de Ouro	18	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
"Um homem se confessa"	31	— Balada Am!	18	João Ribeiro "aCrias a J. V."	
SIQUEIRA, Antônio Barros de		— Ceticismo	18	VIEIRA, Antônio	
ESTUDOS E REFERÊNCIAS:		— Flamboyant	18	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
REDAÇÃO — N. B.	94	— Fracção	18	Afonso Taunay "Antonil e Vieira"	
SOARES, JACINA VILHENA		— Gemuflexão	18	VIEIRA, Fernando	
TRABALHOS DO AUTOR		— Idílio	18	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
"João Ribeiro"	123	— Leda	18	Frei Manuel Calado "Fernando Vieira"	
SOCIEDADE Brasileira de Shakespeare		— Lus dos Tristes	18	VIGNY, Alfred de	
Estatutos	6	— Morrer Moço	18	ESTUDOS E REFERÊNCIAS:	
		— O Carro da Bola	18	REDAÇÃO "A maequinhos de um grande crítico"	
		— O Rio	18		
		— Outono	18		
		— Quando eu sonhava o amor	18		
		— Serenato	18		
		— Tarde de Chuva	18		
		— Vitória Coloma	18		
		Autógrafo	19		

AUTORES LIVROS

Ano X
Dezembro de 1950

Diretor e redator: MUCIO LEÃO
Gerente: LEONARDO MARQUES
Secretário: SÉRGIO R. VELLOZO
P R E Ç O : — Cr\$ 3,00

Vol. XI
N.º 12

FERREIRA DE ARAÚJO

MÚCIO LEÃO

Um médico sem vocação

José Ferreira de Souza Araújo nasceu a 25 de março de 1848, na antiga rua do Cano, hoje rua Sete de Setembro. Era filho de um casal de portugueses — o industrial José Pereira de Souza Araújo e D. Helena Mariana Ferreira de Araújo. Fez os estudos primários e secundários, e, de acordo com a vontade paterna, matriculou-se na Faculdade de Medicina, doutorando-se em 1867. Era o tempo da guerra do Paraguai, e Ferreira de Araújo servia a sua profissão, nos hospitais de guerra. Prestou também grandes serviços médicos à colônia italiana, por ocasião de um dos frequentes surtos de febre amarela que invadiam a cidade. Isso motivou a concessão que lhe foi feita pelo governo da Itália de uma distinção honorífica daquelle país.

Evidentemente, porém, não era a vocação médica a que sentia em si Ferreira de Araújo. Esta seria, antes, a vocação jornalística, a vocação literária. Nesses tempos de sua primeira mocidade, é ele um ardente apaixonado do teatro, e aliás continuará fiel a essa paixão até o fim da vida. Escreve peças para as companhias que representam no Rio de Janeiro, e os teatros são os lugares certos em que o podem encontrar aqueles que precisam de se avistar com ele. Foi provavelmente na freqüentação desses teatros que ele veio a travar relações com aqueles rapazes que mais tarde se constituiram seus grandes amigos — Elísio Mendes, Manuel Carneiro, Alfredo Camarante, Henrique Chaves, o grupo com o qual ele vai realizar a mais sugestiva e interessante das aventuras jornalísticas que ainda sorriram a um escritor brasileiro.

As origens de um grande jornal

Juntos, Elísio Mendes e Manuel Carneiro, que exerciam a profissão de guarda-livros e que eram seduzidos pelo ideal jornalístico, tinham fundado uma pequena gazeta intitulada *O Mosquito*, cujas páginas eram glorificadas pela pena de Bordalo Pinheiro e de Angelo Agostini. É o próprio Ferreira de Araújo quem conta: "Nos dias em que a permanência no porto do Rio de Janeiro de navios destinados à Europa coincidia com o trabalho da elaboração do *Mosquito*, os dois guarda-livros ficavam sem o tempo necessário para a organização de sua folha. Costumavam, em tais ocasiões, recorrer a amigos capazes de atividade jornalística, que os auxiliassem. E um desses amigos era ele, Ferreira de Araújo. A experiência do *Mosquito* deu resultado, e daí partiu aquele grupo de rapazes para a fundação de um órgão mais feito e mais responsável — o *Diário de Notícias*. Não obstante constituir ainda uma aventura de pouca responsabilidade, já o *Diário de Notícias* animou aquele grupo de rapazes, mostrando-lhes que a orientação que haviam tomado era apta a assegurar a vitória a um jornal. Assim, tendo afinal falhado o *Diário de Notícias*, aquele grupo de idealistas deliberou fundar a folha que se intitulou *Gazeta de Notícias*, e cujo primeiro número saiu a 2 de agosto de 1875.

Emile de Girardin

A *Gazeta de Notícias* estava destinada a operar, no meio jornalístico brasileiro, a mais importante das revoluções. E, pelo muito que ela representou, podemos dizer que Ferreira de Araújo assume no quadro do jornalismo brasileiro um papel equivalente àquele que teve na evolução do jornalismo francês Emile de Girardin.

Emile de Girardin era filho adúltero do Conde Alexandre de Girardin, oficial de Cavalaria, e, de Madame Jules Dupuy, senhora de rara formosura — basta dizer-se que fôra o modelo da *Jeune Fille à la Colombe*, de Greuse. Era ela casada com um funcionário colonial, indivíduo que tinha o bom gosto de, sendo marido de dama tão formosa, passar a sua vida afastado dela — ela em Paris e ele nos desertos da África. Nascida de tais amores adúlteros, a criação foi batizada com o falso nome de Delamonte. Ao crescer, porém, informado das condições do seu nascimento, o rapaz Delamonte deliberou adotar o nome de Girardin; e foi esse fato visto com bons olhos pelo seu pai.

Dotado de grande espírito prático e grande vocação jornalística, Emile de Girardin não tardou a iniciar as suas atividades nesse terreno. Iniciou-as com a publicação de um jornal *sui-generis* — *Le Voleur* — título expressivo para uma folha cuja feitura consistia no recolher os principais trabalhos aparecidos na imprensa parisiense e coser com eles uma espécie de antologia. Tendo obtido bons resultados com essa experiência, Emile de Girardin passou a outras iniciativas — revistas de modas, almanques, etc. Tais iniciativas tiveram a finalidade de demonstrar-lhe que um jornal não vive apenas

da venda avulsa, não vive apenas do contacto direto com o leitor; serviram para demonstrar-lhe que existem outros recursos para a vida prática de um jornal, como sejam os anúncios, a matéria paga de qualquer natureza, etc. Foi com o propósito de por em realização as convicções a que chegara, que ele fundou, em 1836, a sua *La Presse*.

Desde logo esse jornal se constituiu uma revolução, na imprensa francesa. Numerosas foram as novidades nele introduzidas e que vieram a constituir coisas do dia a dia da imprensa francesa e da imprensa do resto do mundo. Registre-se, porém, como o principal característico da folha de Girardin, o fato de ter ela congregado em suas colunas tudo o que a inteligência francesa possuía, no terreno literário, de mais alto, de mais belo, de mais puro. Era aquela a boca em que o romantismo se achava no seu máximo esplendor. Girardin chama para *La Presse* toda aquela geração ardente, resplandecente, inquietada. Em suas colunas encontram-se nomes que são hoje títulos de orgulho da França, títulos de orgulho da Humanidade: Balzac e Victor Hugo, Sainte-Beuve e Alexandre Dumas, George Sand e Jules Sandeau, Théophile Gautier e tantos outros. Foi Girardin assim, quem teve o condão de fazer comunicar o grande gênio literário com o povo, surpreendendo aquelas imensas distâncias que até ao aparecimento de *La Presse* separavam da multidão anônima a grande literatura.

Um emulo de Girardin

A Ferreira de Araújo coube o papel de fazer, na imprensa e na literatura brasileira, uma revolução semelhante àquela que na

(Continua na página seguinte)

DESPEDIDA DE "AUTORES E LIVROS"

De *Autores e Livros*, com o seu número de hoje, as suas despedidas aos amigos. O fascículo que hoje sai representa o fecho desta revista.

Não é sem cautelas que assim nos despedimos dos leitores. Mas a tanto nos obrigam as extremas dificuldades com que vimos lutando em todos os terrenos.

Autores e Livros saiu, de 1941 a 1945, como suplemento literário de *A Manhã*. Tendo interrompido a sua circulação naquele último ano, só veio a reaparecer em 1948. Desde então até agora, vencendo os maiores obstáculos que se nos antolham, e fazendo sacrifícios de toda a ordem, tivemos em lavar a nossa responsabilidade que tínhamos assumido: a de dar todos os meses um número desta folha. Já agora, porém, desistimos de tudo...

Autores e Livros desaparece ao dar por completo o seu décimo primeiro volume.

Seus onze volumes estão assim dispostos: Primeiro volume (1941) 21 fascículos; segundo volume (primeiro semestre de 1942) 20 fascículos; terceiro volume (segundo semestre de 1942) 19 fascículos; quarto volume (primeiro semestre de 1943) 20 fascículos; quinto volume (segundo semestre de 1943) 20 fascículos; sexto volume (primeiro semestre de 1944) 20 fascículos; sétimo volume (segundo semestre de 1944) 21 fascículos; oitavo volume (primeiro trimestre de 1945) 8 fascículos; nono volume (ano de 1948) 15 fascículos; décimo volume (ano de 1949) 15 fascículos; décimo primeiro volume (ano de 1950) 15 fascículos.

Isso forma um total de 189 fascículos, com mais de trezentas mil páginas. Na coleção se acham incluídos para mais de mil autores, a maior parte deles com a sua biografia, a sua bibliografia, retratos seus, fac-símiles de edições de suas obras, a melhor crítica que se escreveu...

O conjunto de *Autores e Livros* o leitor poderá verificá-lo, desde já (com um simples olhar à página do Índice Geral que vai mais adiante) constitui uma riquíssima, do cunhadíssima história da literatura brasileira.

Ficamos aqui, por nada que queiramos dizer que parece honrosa ou elogiável ao nosso trabalho. O leitor que não julgue, e que, agora que damos por encerrada a nossa publicação, diga se ela vale, realmente o sacrifício que por ela durante tantos anos fizemos...



Ferreira de Araújo, num desenho de Bordalo Pinheiro

SUMARIO

— Ferreira de Araújo, por Múcio Leão.

— Despedida de *Autores e Livros*. Páginas 115, 116, 117, 118 e 119:

— Ferreira de Araújo e a imprensa carioca. Necrologia do grande jornalista, reproduzida das seguintes folhas da capital da República: I — *Cidade do Rio* (José do Patrocínio); II — *O Comércio* (Domingos Olímpio); III — *Gazeta de Notícias*; IV — *A Imprensa* (Rui Barbosa); V — *Jornal do Comércio*; VI — *A Notícia* (Manoel da Rocha); VII — *O País* (Quintino Bocayuva); VIII — *A Tribuna* (Alcindo Guanabara).

Páginas 120, 121 e 122:

— Alguns artigos sobre Ferreira de Araújo.

Páginas 123 e 124: Alguns trabalhos de Ferreira de Araújo:

— Um jornal nasce...
— Aos sábados (duas crônicas)
— Macacinhos no sofá
— O Divórcio e o Senado.

— Nota ao presente número de *Autores e Livros*.

Páginas 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132 e 133:

— História do Jornalismo no Brasil Trabalho dos alunos do primeiro ano do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia:

— Galeria jornalística.
— Um jornalista da Independência. Hipólito da Costa, por Isaiel de Almeida.

— Joaquim Gonçalves Ledo, por José Mililo.

— Frei Sampaio, por Helena Ribeiro da Silva.

— Januário da Cunha Barbosa, por Antony Bandeira.

— Frei Caneca no cenário político do Brasil, por Hélio Nunes Machado Aroxa.

— Evaristo da Veiga, por Antônio Patriota.

— João Francisco Lisboa de Rui Baldaque Guimarães.

— Luís Gama, por Maurício Silva Castro.

— Ferreira de Araújo, por Marcelino Marins Silva.

— Justino José da Rocha, por Branca Maria Garcia Ferraz Praça.

— Cinco Fazes de José do Patrocínio, por Marta Casablanca.

— Quintino Bocayuva, por Wilma Luchesi.

— Joaquim Nabuco, de Rosália Beatriz Leivas de Abreu.

— Rui Barbosa, de Jorge Chauloupe Sobrinho.

— Carlos de Laet, de Regina Rocha de Laet.

— Machado de Assis, por Helena Ribeiro da Silva.

— João Ribeiro, por Jacira Vianna Soares.

— Alcindo Guanabara, por Antônio Pereira

Página 134:

— *Valas com minha filha*, de Austregesilo de Ataíde.

— *Eutanásia por dignidade*, de João Carlos de Almeida.

Página 135:

— *Jodo Pinto da Silva*

— *Dois livros de Nilo Bruzzi*, de Elmano Cardim.

— *Poesia, onde estás*, de Renato Jobim.

Páginas 136 e 137.

— *Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea*. — *Primeira série* — *Antologia da Poesia*. XXXIX — *Paula Aquiles*:

— *Paula Aquiles* (Nota biográfica).

— *Poema* — *Aparição* — *Amar* — *Pátria* — *Poema dos Carrilhões* — *Quando tudo passar* — *Velho Engenho* — *Meu grito* — *Roteiro Estranho* — *Canto do Homem de Jé* — *Invocação* — *Determinismo* — *Sombras do Passado* — *Allegoria* — *Canto da Saudade estranha* — *Sinfonia do Inevitável* — *Desluzo* — *Paisagem Marinha* — *Hora Estranha* — *Marinheiro*.

Páginas 138 e 139:

— *Balada do Morto Vivo*, de Vinícius de Moraes.

— *Poesias de Raul Brega*: *Prece* — *Puand mênse* — *A Pele da Maria* — *Do luar* — *Levando uma alma* — *No leito de Mares* — *Dono Chico*.

— *Páginas dos Autores Novos*: XXX — *Maria José Muniz* (nota biográfica).

— *Poemas* Números 1, 4 e 2, de Maria José Muniz.

Páginas 140 e 141:

— *Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea*, Segunda série — *Antologia da Prosa*. XXIX — *Alvaro Moreira*:

— *Nota biográfica sobre Alvaro Moreira*.

— *Bibliografia de Alvaro Moreira*.

— *Algumas fontes sobre Alvaro Moreira*.

— *Os burros* — *Mãos postas* — *Algumas meditações* — *Epitáfio* — *Jose do Patrocínio Filho* — *Parábola do Rio de Janeiro*.

Página 142:

— *Pedido a um oficial de gabinete*, de Cassiano Ricardo.

— *O sonho de um Sonho de Carlos Drummond de Andrade*.

— *Nadir*, de Sérgio Veloso.

— *Boletim sentimental da guerra no Recife*, de Mauro Mota.

— *As três Marias*, de Manuel Bandeira.

— *Dois canções de Santa Regina*: *Cancão da Morte no Mar* — *Ingenua Cancão de Origem*.

Páginas 143, 144, 145, 146, 147 e 148.

— *Índice geral dos autores contidos no décimo primeiro volume de *Autores e Livros**.

PAGINAÇÃO INCORRETA

FERREIRA DE ARAÚJO

Franca havia feito Emile de Girardin. São parâmetros, nesse sentido, a ação de *La Presse* e a da *Gazeta de Notícias*.

Aparecia a *Gazeta de Notícias* em uma hora em que a função jornalística no Brasil era, antes de tudo, uma função dos partidos políticos. Havia, é certo, o *Jornal do Comércio*, já grave, já solene, já prometendo colocar-se acima de facções e de tendências partidárias. Mas o *Jornal do Comércio*, era um jornal sem contato com o grande público e seu papel era antes o de um vasto arquivo de informações oficiais de toda ordem. Faltava, no quadro jornalístico brasileiro, uma folha que tivesse como ponto de programa o encontrar as aspirações do leitor comum, uma folha que procurasse alisar o seu tom, uma folha que procurasse ser, afinal, o que é o jornal de hoje — um órgão de informações exatas, concebido numa forma acessível, simples, leve. Foi esse o programa que realizou Ferreira de Araújo. Assim, no primeiro editorial de sua folha, exprimia ele como sendo uma aspiração de modernidade, o pensamento que norteava a redação da *Gazeta de Notícias*: "A mim, confesso-o, só uma coisa seria capaz de entristecer-me deveras: chegar à convicção de que dia virá em que hei de deixar de ser moço. Deixar de olhar o mundo pelo seu lado bom; por de parte a santa boa fé para entristecer-me atrás da cautela; não estender francamente a mão ao oprimido para dar atenção ao agressor; deixar de rir porque neste mundo, disse-o já não sei que espírito doentio, após o riso vem sempre o pranto, seria viver morto.

De onde viemos? Da modernidade! Que somos? A modernidade! O que queremos? Viver, mas viver modernos, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estátuas dos falsos ídolos, tendo em mão o incenso para o talento e a virtude, na outra um chicote para os vendilhões do tempo.

A nossa pretensão é simples: dizer o que pensamos e sentimos, ser o que somos".

Um jornal renovador

Em um estudo comparativo que fez acerca dos primeiros números dados pela folha de Ferreira de Araújo com os números das mais modernas datadas pelo *Jornal do Comércio*, pelo *Correio Mercantil* e por outras folhas, que eram então as principais jornais da Capital Brasileira, Sérgio Veloso deixou evidenciada a novidade que, pela sua leveza, pela preocupação de ir ao encontro do interesse do leitor, representava a *Gazeta de Notícias*. Mas o principal segredo da folha de Ferreira de Araújo não esteve, apenas, nessa preocupação de ir ao encontro do interesse do leitor comum. Isto seria o segredo de um êxito que, mais cedo ou mais tarde, algum jornalista de talento encontraria.

O grande papel da *Gazeta de Notícias* estava representado na preocupação que o diretor da nova folha sempre teve de reunir em suas colunas tudo aquilo que a inteligência brasileira produzisse de mais frutífero e de mais significativo. E nesse terreno, sobretudo, que, parece, devemos traçar o paralelismo da ação operada no Rio de Janeiro por Ferreira de Araújo com a ação operada na França por Emile de Girardin. A *Gazeta de Notícias*, realmente, congregou em seu seio valores os mais diversos e os mais eminentes. Nela passaram, na fase de Ferreira de Araújo, Machado de Assis, cuja obra, em parte, apareceu originalmente nas colunas da folha; Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, Ferreira de Menezes, José do Patrocínio e Joaquim Serra, Arapez Júnior e Raul Pompeia, Coelho Neto, Aluizio Azevedo, Arthur Azevedo e Guimarães Passos, Luis Guimarães, Emílio de Menezes e Pedro Rubião, Capistrano de Abreu e Ramis Galvão, Pardoal Mallet, Domicílio da Gama, Melo Moraes Filho, Tomas Alves Filho (Hep-

tro) e Cruz e Souza e Lucio de Mendonça e Franca Júnior. Não se circunscrevia aos brasileiros o interesse de Ferreira de Araújo. Para o êxito de sua folha, ele não negligenciava em contratar grandes escritores estrangeiros, cujos nomes pudessem despertar o maior interesse dos leitores. Conseguiu, assim, a colaboração de Eça de Queiroz, cuja obra, em parte, é, como a de Machado de Assis, aparecida inicialmente na *Gazeta de Notícias*, contando-se no meio de tais volumes não apenas as coleções de crônicas, porém um romance dos mais importantes, como *A Relíquia*; Ramalho Ortigão, cuja obra-prima, *A Holanda*, foi, também, inicialmente publicada naquela folha; e Max Nordau, e Mariano Pina, e Guilherme de Azevedo, e Pinheiro Chagas, e tantos, tantos outros.

Ferreira de Araújo como escritor.

No meio dessa constelação, que reúne em sua folha, Ferreira de Araújo ressaltava como um valor autêntico. Escritor ele era, dos mais hábeis daquele tempo, e escritor de uma fecundidade incomparável. Era o jornalista que frequentava com igual brilho todas as colunas de sua folha. Era o José Telha dos Macaquinhos no *Sotão*, curiosa sessão onde brilhava o humorismo, era o Lulu Senlor das *Boas de Estado*, uma das mais importantes colunas da *Gazeta de Notícias*, na qual também colaborava Machado de Assis com o seu pseudônimo de Manasés, e na qual apareciam, igualmente, José do Patrocínio, Manoel Rocha e tantos outros. Era o autor da sessão *Jornal do Ausente*, o autor da sessão *Coisas de Política*.

E simultaneamente com essas atividades da *Gazeta de Notícias*, colaborava na *Notícia*, colaborava no *Filho* (especial de suplemento que a *Gazeta* por alguns anos publicou); e, no fim da vida, ainda tinha tempo para colaborar na *Revista Brasileira*, de José Veríssimo, onde estampou importantes estudos de crítica social, e em jornais de São Paulo.

A conduta de um jornalista.

Se tinha tanto zelo pelo aspecto puramente intelectual da *Gazeta de Notícias*, Ferreira de Araújo tinha o mesmo desvelo pelos aspectos puramente morais da folha que dirigia. Alguns episódios de sua vida o evidenciam. Citarei, em primeiro lugar, o episódio de 1884, o processo em que o envolveu o Conselheiro Moreira de Barros. — Havia a *Gazeta* estampado um artigo contra o Conselheiro, e este deliberou mover uma ação contra Ferreira de Araújo. Ao jornalista seria fácil demonstrar a sua nenhuma responsabilidade em tais artigos; porém, levado pela preocupação de nunca se deixar ver como testa-de-ferro, o diretor da folha assumiu inteira responsabilidade das acusações ali publicadas. Foi conduzido, assim, a barra do tribunal. Nesse feito, foi Ferreira de Araújo defendido por Quintino Bocaiuva e Sizenando Nabuco. Quintino tomou a si a parte doutrinária da questão, sustentando, antes de tudo, a tese da liberdade de imprensa. E foi nessa oração, que, caracterizando a figura do seu confrade, expendeu aquele conceito que ficou famoso e que tantas vezes tem sido repetido — que Ferreira de Araújo representava ao Brasil os três espíritos que constituíram a glória da atuação jornalística na França — o de Girardin, o de Jules Janin e o de Armand Carrel. Sizenando Nabuco reservou para si a defesa do réu, encarecendo própria-mente o imputado fato criminal.

A esse propósito, disse um jornal da época: "Na fisionomia dos jurados, como se lia a impaciência de prestarem com a absolvição unânime do feliz acusado a sua homenagem de respeito à liberdade da imprensa. Terminado o debate, recolheram-se à sala secreta, e à sua volta, quando o presidente do júri, o venerando Senador Jaguaribe, proferiu a absolvição unânime, o auditório rompeu em estrondosa salva de palmas: 'Salve imprensa livre!'

O segundo episódio ocorreu dois anos depois. Entrara a *Gazeta de Notícias* em polémica com o *País*, e os mais asperos doestos vinham sendo trocados entre as duas folhas. Em certo momento, a uma agressão mais violenta o *País*, o diretor da *Gazeta de Notícias* desafiou o diretor daquele jornal — o Conde São Salvador de Matosinhos — a um duelo. Reuniram-se os advogados e as suas testemunhas numa das ilhas da Guanabara. E ali, depois de esboçarem os adversários um conceito da luta, chegaram os quatro padrinhos à conclusão de que fora dada suficiente satisfação de honra do ofensor ao ofendido. Lavra-se uma ata do duelo, que não chegou a ser completamente travado, e encerra-se assim o episódio. — Mas ficara provado que Ferreira de Araújo, na defesa do bom nome moral de sua folha, não vacillava em ir até ao campo da honra.

A um terceiro fato desejo reportar-me, a fim de mostrar o zelo com que Ferreira de Araújo cuidava da posição moral em que a *Gazeta de Notícias* devia colocar-se sempre. Refiro-me a certo depoimento dado por ocasião da morte do diretor da *Gazeta de Notícias* pelo jornalista Carlos Ferraz. Fora esse jornalista correspondente em Petrópolis da *Gazeta de Notícias*, no momento em que presidia o Estado do Rio de Janeiro Alberto Torres, amigo dos mais chegados de Ferreira de Araújo. Um dia estampara a *Gazeta* um telegrama vindo de Petrópolis, referente a um fato que interessava ao governo do Estado do Rio, telegrama em que transparecia certo espírito de facciosismo. No dia seguinte, recebia Carlos Ferraz a seguinte carta de Ferreira de Araújo:

"Petrópolis, 25 de abril 99. — Meu caro colega. — O seu telegrama de hoje está redigido como se a *Gazeta* fosse um jornal político, partidário. Dizer que 'consta que a mesa da presidência foi virada com o fim de esmagar alguns membros da minoria' chega a ser pilhéria. Eu estou intimamente ao lado do dr. Alberto Torres, em face de princípios; mas não está em meus princípios esta parcialidade na narração de fatos e nos comentários de que, narradas as coisas desse modo, nenhum lha dá crédito. Está claro que não é possível que, havendo tanta exaltação de parte a parte, os governistas sempre sejam corretos em tudo e por tudo, e os oposicionistas em tudo e por tudo desarrazoáveis e violentos. O resultado é que o público passa a acreditar tanto no que diz a *Gazeta* como no que diz a *Cidade do Rio*.

Peco-lhe que modifique o seu processo, mesmo em bem da causa em que ambos estamos empenhados. Sempre teu — Araújo".

Crepusculo e fim de um jornalista

O excesso de trabalho a que se dedicava Ferreira de Araújo não tardou em produzir os resultados fatais que ele, sendo médico, deveria ter previsto. Em breve, pronunciavam-se os sintomas da arterio-esclerose que lhe começava a minar o organismo. Um dos seus melhores amigos, Manoel Rocha, logrou fixar o dia em que Ferreira de Araújo teve, como resultado de um exame médico adequado, a primeira ideia do estado grave a que ia chegar a sua saúde. Era a 25 de setembro de 1896, e naquele dia Manoel Rocha fora despedir-se do amigo, por ter de seguir em viagem para a Europa. Ferreira de Araújo contou-lhe então que pela manhã tinha recebido o resultado do exame médico a que se submetera, e adiantou que o seu caso era um caso líquido de arterio-esclerose. Acrescentou então: "Você não diga nada a ninguém; não há nada mais triste do que a gente ser olhado como se fosse um moribundo." Comenta Manoel Rocha: "Não se mostrava impressionado senão por motivos nos quais o seu próprio interesse era a menor das causas: Filho de pais diabéticos, a ideia de morrer cedo, cedo entrara no seu espírito. Mostrava-se, sim,

disposto a lutar com valentia contra a moléstia; mas os progressos da enfermidade na sua primeira fase foram bem mais rápidos do que se podia supor".

Com efeito, já em 1897 Ferreira de Araújo teve uma segunda crise, considerada perigosíssima. Mudou de tratamento, entregando-se à competência de Joaquim Murilho e depois à de Teodoro Gomes. A enfermidade pareceu alacianar. No ano seguinte, acreditando talvez que o seu estado de melhora estivesse consolidado, voltou à mesma febril atividade de outros tempos. Passou o verão em Petrópolis; e, ao regressar ao Rio, pôde dar-se, pelas últimas vezes, ao seu divertimento predileto — o de frequentar os teatros da cidade. Sobreveio as crises finais. Em Petrópolis atacou-o a erisipela em um dos pés, e veio para não mais ceder. Em junho de 1900, já no Rio de Janeiro, seu estado agravou-se extremamente, até que, pelos meados de julho, apareceram-lhe fenômenos urêmicos. A morte sobreveio a 21 de agosto.

O ENTERRO DE FERREIRA DE ARAÚJO

A morte de Ferreira de Araújo teve esplendores de consagração.

No dia seguinte aquele em que se verificara a catástrofe, toda a imprensa do Rio de Janeiro se pronunciou, da maneira mais exaltada, acerca do fundador da *Gazeta de Notícias*.

Era isso em uma época ilustrada em que o jornalismo carioca possuía uma constelação incomparável de jornalistas, constelação na qual brilhavam, como estrelas de primeira grandeza, Rui Barbosa, Quintino Bocaiuva, José do Patrocínio, Alcindo Guanabara... Todos eles, cada um em sua coluna, deu sobre o confrade desaparecido o depoimento sincero. Bocaiuva, que talvez não seja o autor do editorial em que o *País* celebrou o jornalista morto, deu o seu depoimento em um discurso do Senado. Ao grupo dos grandes homens puramente dedicados à imprensa, juntou-se o daqueles que, vivendo também na imprensa, eram antes homens de letras, romancistas, poetas, ensaístas. Foi assim que a *Gazeta* dos dias seguintes à morte de Ferreira de Araújo colheu um documentário preciosíssimo a propósito do seu fundador, documentário em que fulgem, ao lado dos nomes citados, os de Machado de Assis, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Coelho Neto, José Veríssimo, Filinto de Almeida, Alfredo Camarante, tantos outros.

Existe, assim, a ser recolhido e editado, um valioso e riquíssimo *In Memoriam* de Ferreira de Araújo.

A consagração que na imprensa coroou a fronte empalidecida do jornalista morto, foi correspondente àquela que cercou o seu enterro. Ferreira de Araújo faleceu na rua das Laranjeiras, não longe do Largo do Machado.

Na hora de sair o corpo, não deixaram os amigos que ele fosse colocado sobre a carreta, fizeram questão de conduzi-lo a brago. Assim o fizeram até atingirem o Largo do Machado.

Se ali foi o caixão colocado dentro do carro fúnebre, e organizou o cortejo. Estavam ali reunidos os homens que o Brasil possuía de maior expressão, na política na sociedade, nas letras, no jornalismo. O presidente da República mandara representá-lo. O vice-presidente comparecera pessoalmente. Ao lado dos dois, que encarnavam a majestade da República política, marchava Machado de Assis, que simbolizava a majestade da República Literária.

O cortejo formou-se, e caminhou em direção à cidade. Subiu a rua 1.ª de Março e rumou pela do Ouvidor. Ferreira de Araújo ia assim dar a última despedida ao seu querido jornal... Ali, recebendo sempre as homenagens dos outros jornais, defronte de cujas redações passava, rumou para o cemitério de S. Francisco Xavier.

Começava a escurecer quando ali chegou o cortejo.

E quando os covetes foram depositar o caixão na terra, verificaram que as dimensões dele excediam as da abertura da cova! Era Ferreira de Araújo, homem agigantado, lívera que se conduziu em caixão especial, feito sob medida para ele, que excedia as medidas dos homens comuns.

O caixão teve então que ser depositado na capela do cemitério. E só no dia seguinte, pela manhã, foi feita a inumação do grande jornalista.

Principais datas de Ferreira de Araújo

- 1848 (35-3) — Nasce no Rio de Janeiro, José Ferreira de Souza Araújo, filho de José Ferreira de Souza Araújo e D. Helena Maria de Souza Araújo.
- 1862 — Ferreira de Araújo matricula-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
- 1867 — Ferreira de Araújo doutura-se em Medicina no Rio de Janeiro.
- 1869-75 — Colabora no *Mosquito*. Nesse período funda o *Diário de Notícias*.
- 1875 — Funda a *Gazeta de Notícias* (2-8).
- 1884 — É processado pelo Conselheiro Moreira de Barros.
- 1886 — Bate-se em duelo (*Gazeta*, 19-8) com o Conde S. Salvador de Matosinhos (João José dos Reis Júnior).
- 1900 (21-8) — Falece no Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA DE FERREIRA DE ARAÚJO

- *Da alimentação. Do valor relativo dos sinais diagnósticos da preñez. História médico-legal do aborto. Do diagnóstico e tratamento das febres perniciosas mais frequentes no Rio de Janeiro* — Tese apresentada à Faculdade de Medicina, etc. — 61 págs. — Rio, 1867.
- *Depois da morte ou a vida futura, segundo a ciência, por Louis Figuier* — Versão — 388 págs. — Havre, 1877.
- *O Primo Basílio* — Comédia em um ato, a propósito do romance de Eça de Vascoz. Foi escrita especialmente para o benefício do ator Silva Pereira. Representada, pela primeira vez, na Fenix Dramática, em 27 de maio de 1878.
- *Jonathan* — Comédia em 3 atos Goudinet, Osvaldo Geffard — Tradução — 189 págs. Rio, 1880.
- *Foi representada no Rio, pela primeira vez, no Teatro Lucinda, em 11 de julho de 1880.*
- *A filha única* — Drama de Teobaldo Ciconi. Tradução de Ferreira de Araújo e Vivaldo Coaraci. Representado no Teatro S. Luiz, em 21 de agosto de 1881.
- *Coisas políticas* — Artigos publicados na *Gazeta de Notícias*, de Março e dezembro de 1883 — 258 págs. — Rio, 1884.
- *Fagundes* — Comédia de costumes em 3 atos — Levada à cena em outubro de 1884.
- *Boas de Estado* — Rio — 1887. É uma série de artigos humorísticos da *Gazeta de Notícias*, na qual Ferreira de Araújo tinha a responsabilidade de um pseudônimo — Lulu Senlor — ao lado de Machado de Assis (Lelio), Henrique Chaves (Riancho, Manuel da Rocha (Ly)).
- *Macaquinhos no Sotão* — Rio, 1888. É outra seção do mesmo gênero está diária — também da *Gazeta de Notícias*. Ferreira de Araújo não usa o pseudônimo de José Telha.
- *Os Médicos* — Peça em 3 atos, acomodada à cena brasileira. Representada, pela primeira vez no Teatro Lucinda, em 5 de julho de 1889.
- *A Baronesa* — comédia em 4 atos, traduzida do francês. Foi representada no Teatro S. Luiz.
- *Um chapéu de Palha da Itália* — Drama em cinco atos de Teobaldo Ciconi. Tradução de Ferreira de Araújo e Vivaldo Coaraci. Representado no Teatro S. Luiz.
- *A Política* — É uma coleção numerosa de artigos publicados na *Revista Brasileira*, a partir de janeiro de 1896.
- *Comércio de São Paulo*. Ali manteve Ferreira de Araújo, com o (Continua na pág. 122)

Ferreira de Araújo e a imprensa carioca

I — Cidade do Rio (José do Patrocínio)

Desde ontem, à noite, o Dr. Ferreira de Araújo passou a ser uma saudade e um ensinamento. A imprensa da capital pranteia unanimemente a perda do grande iniciador da vida nova do nosso jornalismo, e o cerca de uma fotógrafa de benquerência, que surpreende e deslumbrava.

Dos Estados já chegaram os ecos da consternação dos nossos colegas, que nos acompanham na desolação e no luto.

Nem parece que estamos assistindo aos funerais de um grande batalhador, cuja pena feriu os maiores combates, em prol das nossas liberdades e por isto mesmo viu-se obrigado a ferir fundo, a abrir caminho para os seus ideais sem reparar nos golpes, que vibrava contra os adversários.

A memória de Ferreira de Araújo paira sobre um coro de hosiarias ao seu talento e ao seu coração, com uns toques bonançosos de sol matinal, que nunca tivesse subido até o zenith para desfazer, a pino, sobre os erros políticos, e as monstruosidades sociais raios fulminantes.

De fato, o fundo moral de Ferreira de Araújo era a bondade. Foi por ela, que durante a mocidade, na Faculdade de Medicina, conquistou amigos, cuja maioria se conservou fiel a essas primeiras relações e na imprensa adquiriu essa féquiva suavíssima, em que preponderava a ironia, que poucas vezes chegava à mordacidade.

A bondade, porém, não excluía o civismo e quando era preciso mostrava-lhe irreductível e adamantino nenhuma pena excedia a de Ferreira de Araújo, que era ao mesmo tempo florido e massa, canícula e tempestade.

Pode-se comparar a sua obra a do estatuetário que a princípio testaba a rudes golpes de escopo o bloco de que há de sair a criação imortal, mas em seguida anima o violento e com o mesmo carinho com que apimora as linhas, rucan a as vestes, ou ainda a nudez.

A *Gazeta de Notícias*, que é a obra capital de Ferreira de Araújo, não foi sempre essa corrente limpa, que hoje flue entre os mais graves acontecimentos e em que o povo vê refletida a sua sensatez e o seu espírito de ordem.

Nos primeiros tempos da direção de Ferreira de Araújo, a *Gazeta*, hoje estatuetário plácido das conquistas nacionais, era um rio caudaloso, que se encachoeirava de encontro aos preconceitos, que pretendiam obstruir-lhe o curso, levando longe o fragor das suas águas e enchendo de espanto os retrogradados pela vertigem da sua correnteza.

Era da alma de Ferreira de Araújo que partia o estímulo para os combates, que se alistaram sob o seu comando e que de 1877 a 1889 se revessaram nas primeiras linhas das batalhas vencidas pela *Gazeta*.

Dizer-se que foi nessas colunas gloriosas, que se iniciou a campanha de dez anos, que se terminou com a abolição da escravidão, é aquinhoar Ferreira de Araújo com a melhor porção dos louros imarcescíveis dessa vitória.

Agora é moda pintar como uma batalha de flores essa luta em que o espírito cristão dos abolicionistas tinha de haver-se com o interesse sem entrinhas do escravismo. Parece agora que a propaganda teve caminhos avulados e não encontrou urzes em que ferisse os pés.

A verdade será um dia escrita e ver-se-á que foi preciso muito sacrifício para desbravar o solo, em que se plantou a sementeira sagrada, que se converteu na mais dourada das messes da glória nacional.

Não podia dirigir na *Gazeta* a heremítica campanha um jornalista de gládio arminhado, mas um lacerador capaz de suportar o peso de uma armadura e não contar nem número, nem qualidade dos contrários.

Caracteres indomáveis como o de Ferreira de Menezes e Joaquim Serra não se submetteriam um dia sequer à direção de um chefe que os impedia de sair a fundo sobre



Ferreira de Araújo, em uma charge de J. Jacaré (1898)

as misérias políticas e sociais do tempo.

Quem se lembra da redação da *Gazeta de Notícias* nessa fase de combate, deve ficar surpreendido vendo abandonadas as eletrizantes peles próprias que receberam os golpes mortíferos da falange de Araújo.

Não foi por ser mestre em corizações que em 1880, na revolução do vinete, a *Gazeta* tornou-se alvo principal da cólera do governo: não foi também por ser fácil em tolerar os erros dos homens, que a vida de Ferreira de Araújo correu perigo muitas vezes, e que as portas da sua indutível oficina foram arpitratamente fechadas, durante o longo fraticídio de 1893 a 1894.

Revindicamos para a história da liberdade nacional a figura heróica de Ferreira de Araújo. Por ser prudente e comovido como Nestor não lhe pesavam nas mãos as rédeas dos carros de guerra, nem o fazia medir golpes o horror da mortalha.

Não! O nosso mestre, aquele que nos ensinou a ver na imprensa um sacerdócio, aquele que nos estimulava com a sua ilimitada confiança, aquele que nos abroquelava com o seu prestígio, quando encenávamos a carreira de martírio, que é o nosso único quinhão na partilha das beneméritos iníquas, não abriu aula de tolerância para com os indivíduos, que prejudicavam a pátria. Ao contrário, nos ensinou como ao seu exemplo a varar-lhes, enterrando-lhes nos corações duros a espada da justiça, até os copos.

Um domingo, à tarde, encontramos-o a estudar a sua lição de citara, e lhe gabamos a paciência, provada pelo estudo do instrumento ingrato.

Um dia, quando eu tocar coisa que se ouça, quero que me aplauda como eu aplaudo os que estão arrancando do coração duro dos senhores acordes de piedade.

Nesta frase está toda a filosofia do jornalista de Ferreira de Araújo. Era necessário, era preciso tirar da dureza humana acordes de bondade, mas para isto era mister não ter medo da fadiga mas ao contrário magoá-la.

Não tinha transigência na sua profissão. Sentou-se no banco dos réus, para não humilhar o seu jornal a ter um teste de ferro.

Não recuou também diante do duelo.

Bateu-se com a altivez, o brío, o coragem de quem sabe que só a honra pode empunhar uma pena para dizer o que sente, o que pensa.

Tal era o jornalista, o nosso querido mestre.

Não era um instrumento monocrório e por isso mesmo cantava em baladas como em crônicas de um bom humor panglossiano, rendilhava folhetins, burlava períodos para o teatro.

Tendo-se feito para a sua profissão, não hesitou, para honrá-la pelo saber, em sentar-se, como um colegial, no banco de um curso de alemão e inglês, apesar de ser já o redator-chefe da *Gazeta*, respeitado pelas potestades do gênero e da finanças. Ferreira de Araújo tinha a bonomia dos fortes; daí o preferir esse estilo, que tanto prendia nos seus folhetins, e nos seus artigos ligeiros, que eram feitos de retalhos do ridículo social, a que ele juntava gulcos de bom senso.

Além dos grandes nomes, que secundavam o esforço de Ferreira de Araújo, amanhacaram ali para as letras e para a ciência grande número de moços, que perpetuaram os seus nomes.

Não tinha ciúmes dos que podiam fulgurar: dava-lhes ao contrário lugar e liberdade ao seu lado, fazendo seus, da *Gazeta*, os triunfos que eles obtinham.

O grande ensinamento que Ferreira de Araújo nos legou é a seleção que fez para organizar a *Gazeta*, quando assumiu diretamente a sua redação.

Longe de temer a concorrência de nomes já feitos e de poderosos talentos que começavam Ferreira de Araújo chamou e acolheu quantos quizeram colaborar com ele na grande obra da reforma do nosso jornalismo.

Foi o pai espiritual do jornalismo deste último quarto de século. Foi a *Gazeta* que nos ensinou a todos a vida própria independente do cativero dos partidos e dos sindicatos; o jornal do jornalista e não do dinheiro e das opiniões dos outros, o eco dos governos e dos poderosos.

Esta revista revolução, a sua imortalidade.

Sereno, jovial, era a encarnação do desinteresse, e das dedicações extraordinárias. Governava, com a afinidade, a vida e o movimento dos átomos, sem que ninguém percebesse que a sua vontade, e só a sua vontade, estava dominando o espírito da sua redação.

Foi um forte na expressão mais positiva da palavra. Os seus honrados progenitores lhe haviam entesado a independência e ele soube usar desse legado de modo a se constituir um dos mais poderosos fatores do que temos de bom na sociedade contemporânea.

II — O COMÉRCIO (Domingos Olímpio)

Desgraçadamente sobreviu o drásta que, há já tantos dias, era recebido por todos quantos se interessam pela glória intelectual do Brasil. Faleceu ontem, às 6 da tarde, José Ferreira de Souza Araújo, redator-chefe da *Gazeta de Notícias*.

A perda é irreparável. O mal é sem remédio...

Em vão, pelo vasto arrual da imprensa, hoje enlutado pela morte de Ferreira de Araújo, os olhos se alongam, buscando ansiosamente o substituto do mestre, o jornalista a quem se devia entregar o bastão de comando, hoje saído por terra.

Não nos faltam, é certo, jornalistas de alto mérito e de alta probidade profissional; felizmente, o nível intelectual do Brasil, apesar de todas as causas que concorrem para a nossa decadência, ainda se mantém numa altura brilhante. Mas, onde achar quem, como Ferreira de Araújo, possa, num dado momento, encher com o seu talento todo um jornal, desdobrando-se por todas as seções, alcançando todos os problemas... pensando e doutrinando o artigo de fundo, sorrindo na crônica ligeira, arruando e mordendo na polêmica política, fixando fatos com uma precisão de máquina fotográfica no noticiário, polvilhando de fina malícia a anedota e o conto, desfazendo-se em flechas envenenadas na sátira, afeitando-se de flores no registro da vida elegante, descobrindo com a rapidez e a fulguração de um relâmpago o *mot de lafin*, — e sempre com a mesma vibração de mocidade e de força sempre com o mesmo inalterável bom senso, e a mesma impecável correção de maneiras e cortesia de linguagem?

Este, possuidor da mais vasta erudição, apertado da mais vasta bagagem literária e científica, poderá mais fundo escotar um assunto social ou político... Aquela, de temperamento mais ardente, poderá com mais paixão empunhar toda a sua alma na rude batalha de uma propaganda, e levar de vencida todos os obstáculos a golpes terríveis de audácia e de gênio... Aquela outro, mais frio, mais afeto ao calmo papel de doutrinador, poderá com mais segurança achar o ponto fraco de uma controvérsia, e com mais precisão de ataque manejar o argumento arguoso... Mas nenhum outro terá, como Ferreira, aquela maleabilidade de espírito, aquela facilidade de se assenhouar de choque de toda a complicada e mobil fisionomia moral de um povo.

Repita-se, ainda uma vez, o que já tantas vezes foi dito: Ferreira de Araújo foi no Brasil o criador do jornal — do jornal verdadeiramente jornal, entendia-se bem — do jornal que é como um vasto espelho, em cuja face se vêm refletir toda a alma e todo o caráter de uma nação.

Antes do aparecimento da *Gazeta de Notícias*, a imprensa do Rio de Janeiro (e, portanto, a de todo o Brasil, porque ainda hoje toda a vida brasileira se concentra nas vias da velha cidade de Mem de Sá) era massuda e pedante, pejada de artigos partidários, — simples registro de interesses de política, onde o partido que estava por terra vinha expectorar a sua bills contra o partido que estava no poder.

Aqui e ali, no seio dessa estagnação e dessa monotonia, — uma ou outra notícia escassa e mal feita, um ou outro folhetim literário, estilhando um romantismo rançoso, uma ou outra poesia de veras moles.

A *Gazeta* entrou irreverentemente por essa casa de velhos, com o desembarco de uma rapariga petulante. Entrou, e transformou tudo.

Os jornais eram intratáveis e severos; ela fez-se leve e alegre. Os jornais eram caros: ela fez-se barata, de modo a poder entregar os seus encantos aos pobres, como aos ricos. Os jornais eram políticos: ela colocou-se acima de todos os partidos, e começou a lhes apontar os ridículos sem parcialidade. Os jornais eram prudentes, e temiam os desmandos de lin-

guagem dos impecos: ela abriu as suas colunas e todos os rapazes de talento... E quem fez isso tudo foi o grande, o excepcional jornalista que acaba de desaparecer, levado por uma longa e cruelíssima enfermidade.

Um golpe rápido de vista, lançado sobre a fecunda existência de Ferreira de Araújo, basta para fazer o seu alto valor.

O fundador da *Gazeta de Notícias* nasceu em 25 de março de 1848. Tinha, portanto, 52 anos de idade: estaria em plena exuberância de vida, em plena maturidade de espírito, si a mais terrível das moléstias lhe não tivesse vindo minar a existência.

Contava apenas 14 anos, quando, em 1862, se matriculou na Escola de Medicina, de onde saiu formado em 1867. Mas a profissão de médico era contrária à sua índole, e não sorria ao seu temperamento. Apenas saído da Escola, começou a escrever, e a esbanjar talento e verve pelas pequenas folhas da época. O *Mosquito*, o *Guaraní*, e outras.

Quando, a 2 de agosto de 1876, apareceu a *Gazeta de Notícias*, o espírito do escritor estava formado e aparelhado para a luta.

O que foi, em 25 anos de vida, a *Gazeta de Notícias*, sob a direção de Ferreira de Araújo, — não é preciso dizê-lo. Estuário vasto e luminoso, a que os mais brilhantes e fortes talentos do Brasil tem vindo trazer o seu contingente de trabalho, a *Gazeta* honra a civilização sul-americana, pelas suas critérios imparcialidade, e tem prestado os mais relevantes serviços à Pátria brasileira, pugnando pela conquista de todos os seus ideais.

O que é preciso lembrar, agora e sempre, é o sopro infatigável de vida com que o ilustre jornalista, hoje morto, soube sempre animar aquele vasto corpo. Sem filiar jamais o seu espírito a qualquer dos partidos políticos do Brasil, a opinião de Ferreira de Araújo pesava decisivamente na balança de todas as discussões. Nunca houve, talvez, aqui, uma seção de jornal, que tivesse a repercussão das *Cousas Políticas*, — artigos lúcidos e sóbrios, em que Ferreira de Araújo, às segundas feiras, registrava todas as oscilações da opinião pública, encaminhando-a e esclarecendo-a. Muita mediocridade pretenciosa, muita ambição desregrada, muitos interesses perversos e inconscientes viram partir daquela coluna o golpe formidável que os aniquilava. Ao lado de José do Patrocínio e de Ferreira de Menezes, Ferreira de Araújo ocupou vanguarda do exército abolicionista dos mais arriçados postos na luta. E, quando a República se firmou, essa vitória foi em grande parte devida à ação demolidora da *Gazeta de Notícias*.

Mas, nas outras colunas da folha, com que prodigalidade espalhava o seu talento o valente jornalista *Nas Bales de estado*, nos *Macacinhos no soldo*, nos *Apunhados*, nos folhetins *As quintas*, nos artigos de crítica dramática, nas pequenas novelas maliciosas, a sua perne palpitava e cindilava, inegável e onimoda.

Houve um tempo, em que a atividade de Ferreira de Araújo se tornou verdadeiramente maravilhosa. Foi há poucos anos. Parecia impossível que um cérebro humano pudesse resistir a tamanha tarefa e a tão prodigioso desdobramento de aptitudes. O jornalista mantinha todas as suas seções na *Gazeta*, e colaborava na *Notícia*, escrevendo os folhetins *As sibilas*, os artigos de crítica sobre Novelli e aqueles admiráveis artigos, assinados F., que o brilhante folha da tarde publicava diariamente na primeira página, — pequenos trechos de impressões, moldados na forma dos artigos de Francis Magnard, no *Figaro*. E não era tudo: Ferreira de Araújo escrevia ainda a *Resenha Política*, da *Revista Brasileira*, os *Modos de Ver*, no *O Filhote*, e duas vezes por semana mandava artigos ao *Comércio de S. Paulo*...

Foi na agitação dessa faina sobre humana, que o colheu a doença perniciosa. A agonia do corpo foi longa e tremenda. Mas o espírito sobreviveu à matéria, até a última

Ferreira de Araújo e a imprensa carioca

hora, sagaz e claro, equilibrado e forte.

Somente agora, que vemos fechar-se a sepultura sobre os restos mortais desse brasileiro ilustre, é que podemos medir toda a extensão da poderosa influência que ele exerceu sobre os nossos costumes e sobre a nossa formação de povo.

A perda é incalculável. O mal é sem remédio...

Os nossos pezaumes não devem ser dirigidos apenas à *Gazeta de Notícias*, orfã da sua preciosa direção.

O *Comércio* endereça os seus pezaumes a toda a Pátria Brasileira, tão rudemente ferida por esta irreparável desgraça.

Aos jornais matutinos coube a triste missão de notificar a morte de Dr. Ferreira de Araújo, redator-chefe da *Gazeta de Notícias*.

Por eles se sabe que o ilustre jornalista exhalou o último suspiro às 6 horas da tarde de ontem, após três horas de tormentosa agonia, cercado sempre de sua insubstituível esposa, seus extremos filhos e de amigos dedicadíssimos.

Às 9 horas da manhã de hoje, chegou à casa da família do Dr. Ferreira de Araújo um nosso representante, que, em nome desta redação, apresentou à família as nossas sinceras condolências.

A esta hora achava-se ainda o corpo colocado sobre um estrado na sala de visitas, coberto por uma colcha branca.

Em torno do corpo viam-se quatro tocheiros, ficando-lhe aos pés uma pequena mesa, com um crucifixo e três castiçais em que ardiam velas de cera.

Dois ricas grinaldas, uma oferecida pela família Rocha, e outra pela *A Notícia*, já estavam colocadas ao lado do corpo, havendo também algumas bandejas com flores naturais.

Velavam, por esta ocasião, o corpo uma filha do Dr. Ferreira de Araújo, e algumas senhoras.

Durante a noite, ficaram quarto ao cadáver a viúva e filhos, viúva Rocha Lima e filhos, Luiz de Castro e senhora, viúva Godoy, Henrique Chaves, José do Patrocínio, Dr. Oscar Godoy, Dr. Dermeval da Fonseca, Afonso Montauray, Coelho Neto, Olavo Bilac, Guimarães Passos, Plácido Júnior.

O Sr. presidente da República mandou hoje à casa do Dr. Ferreira de Araújo uma bellissima coroa, para ser depositada sobre o caixão fúnebre, e deu ordens para que os chefes das suas casas civis e militares acompanhem o enterro em carro do palácio.

(O *Comércio*, 23-8-1909).

III — GAZETA DE NOTÍCIAS

Acabou-se. Foi esta frase sinistral que, ontem, às 6 horas da tarde, nos anunciou a morte do nosso chefe, o Dr. Ferreira de Araújo. Era para nós, para os seus amigos para os seus intimos, o desenlace fatal angustiosamente esperado há muito tempo, pois que a moléstia que o acometeu era de natureza daquelas que marcam previamente a sua marcha, deixando esboçar traços de uma lampada de esperança, para logo os desvanecer com a sua ascendência assustadora e terrível.

Morreu Ferreira de Araújo, e nosso dever de jornalista, de companheiro e principalmente de amigo, na aceção mais verdadeira, mais sincera, mais santa que essa palavra possa ter, é registrar nestas páginas, que ele tanto iluminou com os fulgores do seu fecundo talento e com o brilho do seu espírito cintilante, a desgraça que acaba de ferir a imprensa brasileira.

E nas páginas da *Gazeta* que está revelada toda a fisionomia, toda a individualidade desse homem, agora inerte e gelado pela morte.

Durante 25 anos em que ele dirigiu esta folha, intervindo em todas as questões políticas e sociais, passando por todas as crises que a alma nacional atravessou, numa quadra de transformações e de incertezas, nunca nenhum jornalista nenhum escritor tendo à sua disposição este instrumento — o jornal — o excedeu, nem na luta pelos princípios que defendia, nem na

soberana independência com que nela se mantinha.

Ferreira de Araújo apareceu na imprensa justamente na época em que, por assim dizer, eram latentes os germes das transformações por que temos passado.

A política, entregue aos antigos partidos sem programas e sem ideais, ou antes com ideais e programas que só lhes serviam de pretexto para se revezarem no governo da nação, não tinha para ele o menor atractivo. A sua indolente repugnância o que diziam ser condições essenciais dos partidos — a abdicação da própria opinião e a subserviência cega, em nome das conveniências, aos chefes daquelas agremiações.

Partidário era ele, mas do partido das idéias e não dos homens, que, subindo em nome delas, muitas vezes as atiravam.

Na sua indole, na sua maneira de compreender a política, largamente, patrioticamente, que se encontra a explicação, mais do que isso, a justificação do seu modo de ver, como jornalista.

Em política, nunca foi em absoluto por um partido, nem sistematicamente contra outro. Apoiou e combateu todos, segundo, no seu modo de ver, eles agiam ou não no sentido de atender aos grandes interesses da sua pátria.

Bateu-se, e valentemente, pela abolição dos escravos, não levado pelo sentimentalismo, mas principalmente por considerar esse ato um fator importante e indispensável da reorganização econômica e social do país.

Feita a abolição, não cruzou os braços, não se deu por satisfeito com essa vitória, devida em parte aos seus esforços, e lançou-se, com a pertinácia e constância com que tomava a peito todas as lutas e todas as questões que o interessavam, na luta pela reorganização do trabalho, já sugerindo sinceramente os alívios que se lhe antolham convenientes, já apoiando os que outros apresentavam já combatendo os que se lhe afiguravam inúteis ou inexecutáveis.

Velu em seguida a República e ele não teve necessidade de constranger-se para ir ao encontro dela.

Eminentemente democrata, viu realizada no governo a forma da sua predileção. Mas, ainda assim ao passo que ele procurava prestigiar com a sua palavra, com o seu aplauso, muitos atos de um governo que encetava uma nova ordem de cousas, não tardou muito que a sua pena rompesse em hostilidade a algumas medidas do então ministro da Fazenda.

Foi essa uma das mais valentes puerias do pujante lutador agora inerte.

Tinha ele por adversário uma das maiores mentalidades nacionais.

O objeto da controvérsia não era da especialidade dos seus estudos, de nenhum modo estava preparado para a luta com um adversário apadrinhado sempre, ou quasi sempre, pelas opiniões de grande numero de autoridades, publicistas e escritores especialistas. Apesar disso, porém, deve estar na memória de todos essa grande questão das emissões, da fundação de bancos para as fazendas e de outras reformas financeiras, e a lembrança de então devem juntar-se os fatos de hoje, prova de quanto era verdadeiro e justo o ponto de vista do nosso querido chefe.

Sereno e ponderado, nunca as paixões políticas o dominaram ou sequer influíram no seu modo de apreciar os homens e os fatos.

Essa serenidade e essa ponderação, manteve-se ele em todas as agitações por que tem passado a República.

Quando, em 1893, rebentou a chamada revolta de setembro, a *Gazeta* da véspera publicava um artigo em que se advertia o Congresso do perigo que havia em votar uma medida que atingisse pessoal e hostilmente o chefe da nação. Daí em diante procurou apreciar o movimento com a maior imparcialidade, o que nem sempre foi compreendido.

Em política, como em tudo mais, o seu ideal era a justiça e, para chegar a ela, o caminho direto.

Destigado de agremiações, querendo ser e sendo o instrumento do seu pensar e do seu sentir, é realmente preciso que o ilustre, o grande morto remissasse um conjunto de qualidade excepcionalíssimas, e entre elas uma grande força de vontade, para que a sua voz fosse ouvida e as suas opiniões tantas vezes triunfante.

Mas, como jornalista não eram somente os negócios políticos a sua única preocupação.

O seu talento fecundo espargia-se por todo o jornal sob a sua direção.

Em seguida ao artigo serio, mesmo ao artigo de polémica, que lhe sabia ao correr da pena, como se fosse de improvisação, escrevia os *Macaquinhos no sótão*, *Baías de estalo*, *Apanhados*, *Joelhos* e todas essas seções que ele immortalou com o pseudônimo de *Luiz Senior*, enquanto lhe permitiu o seu estado de saúde.

Para ele, o jornalismo não era um meio, nem de fazer carreira política ou literária, nem de puro industrialismo: era o posto que ele havia escolhido como o melhor e o mais adequado à sua indole e às suas tendências, para servir os legítimos e os grandes interesses de sua pátria, com a coragem de um forte e com a altivez que emana da força da própria consciência.

Era este, a grandes traços, o jornalista que tanto honrou e nobilitou a imprensa brasileira, neste momento mutilada num dos seus focos mais luminosos.

Nasceu jornalista e jornalista morreu.

Não foi, não quiz e nada mais queria ser.

Desapareceu, tendo talvez num momento lúcido de sua prolongada agonia a visão neta do amor da sua família e da sua profissão.

Mas se a imprensa vê sumir-se um dos seus mais nobres e mais ilustres representantes, nós pranteamos a perda, não de um chefe, mas de um companheiro, de um amigo e de um irmão, de um homem cujo coração valeu tanto como o cérebro, em quem as manifestações do talento se confundiam com os rasgos de abnegação, de desinteresse, de inalterável benevolência, de imperturbável bonhomia.

Perdemos, em obediência à fatal lei da natureza, esse companheiro adorador, essa alma de eleição, onde não havia lugar para nenhum desses sentimentos que fazem os homens indiferentes ou maus.

Fardamos e para sempre esse querido e doce amigo, que nos deixava indelével, a imperfeível saudade de uma longa e íntima convivência, de um carinho e constante afeto sem igual, nunca perturbado, nunca empanado pela mais tenue e subtil nuvem de uma contrariedade.

Descansa em paz, pobre e grande amigo, descança em paz da tua curta mas gloriosa viagem. A terra val encobrir para todo o sempre o teu corpo de gigante. O que ela não pode, porém, é apagar da memória dos que cá ficam nem o teu honrado e ilustre nome, nem o teu exemplo, que será o farol que nos guiará no caminho que nos ensinaste e que havemos de seguir iluminado pela luz de teu grande espírito.

O Dr. José Ferreira de Souza Araújo nasceu a 23 de março de 1848, filho legítimo de José Ferreira de Souza Araújo e de D. Helena de Souza Araújo.

Estudou preparatórios no Colégio Vitorino, e em 1862, tendo 14 anos de idade, matriculou-se na Faculdade de Medicina, fazendo um curso brilhantíssimo a par de Barata Ribeiro, Pizarro Gabizo, Matos Rodrigues Gervásio Pereira, Monteiro de Azevedo, Luiz José Pereira da Silva, Lacerda, seus companheiros de formatura em 1867.

Formado, dedicou-se à clínica exercendo-a com grande tino e proficiência, e como médico tais serviços prestou à colônia italiana que o rei de Itália o galardoou com o grão de cavaleiro e depois com o grão de comendador da ordem de São Maurício e S. Lázaro.

Abandonando a clínica em 1877, dedicou a sua atividade exclusivamente à *Gazeta de Notícias*, da qual era um dos fundadores.

Antes, porém, já havia colaborado em diversos jornais, entre os quais o *Diário de Notícias*, cuja duração foi efêmera, o *Mosquito* e o *Guarany*.

Além disso também prestou o concurso do seu talento, dando-lhe o *Primo Basílio* e primorosas traduções do *Assombrado* e do *Jonathas*.

Em 1873 casou-se com a Exma. Sra. D. Elvira Ferreira de Souza, de quem houve três filhas, Adalgiza, Apolônia e Carmen de Araújo, e um filho, Carlos.

Havia quatro anos que o Dr. Ferreira de Araújo estava doente.

A moléstia era daquelas que não perdoam: era uma arterio-sclerose.

Todos os clínicos foram consultados, e todos haviam aconselhado o que em semelhantes casos a ciência prescreve: mas todos os esforços foram baldados, depois de uma violenta crise em 1897, teve algumas melhoras, que se acentuaram no inverno de 1899, tanto que tornou a frequentar a sociedade e os teatros, que formavam o seu divertimento favorito.

As últimas réctas a que assistiu foram as de Clara Della Guardia, sobre a qual escreveu brilhantes artigos de critica de arte... os últimos.

Em fins de setembro do ano passado, recuou e desde então até hoje nunca mais conseguiu levantar-se da cama.

Teve no curso da moléstia alternativas das mais inexplicáveis; os amigos que o rodeavam, os companheiros de redação que o visitavam diariamente, que o consultavam nas questões de mais importância, o encontravam, sempre pronto de inteligência e de espírito, sempre cheio de interesse pelo seu jornal, ao qual dedicava, apesar da moléstia grave que o afligia, todas as energias do seu talento, todos os tesouros da sua experiência e do seu tato.

Mas a moléstia podia às vezes ludar a família que o adorava: os médicos e ele mesmo não se iludiam. Nos últimos tempos, em Petrópolis, mais de uma vez inspirou cuidados, apresentou fenómenos graves de uma próxima catástrofe, e quando voltou ao Rio de Janeiro o mal foi-se agravando aos poucos, de maneira que a mesma família abandonou as últimas esperanças que alimentava a respeito do seu chefe adorador.

O Dr. Murinho, que dele tratava e o Dr. Teodoro Gomes, seu médico assistente, já haviam declarado que o desenlace fatal estava próximo.

Hontem, num momento de desespero, a família pediu a intervenção imediata do Dr. Murinho, o qual

Teodoro Gomes declarou que tudo seria inútil, o Dr. Murinho encontraria um cadáver, porque o Dr. Araújo não poderia chegar com vida até as 6 horas da tarde.

E assim foi. Às 3 horas o enfermo, que desde o dia anterior pur havia prometido ir visitar o ilustre enfermo às 4 horas, mas o Dr. dera os sentidos, chamou pela mulher, pelas filhas, pelo filho, fitou-os com anedade estranha apertou a mão ao Castro Viana, que estava sempre ao seu lado, e entrou na agonia.

Três horas tormentosas que a pena não pode descrever! A mulher e os filhos, com o suplicio na alma, contendo com esforço indizível as lágrimas e os soluços, orodeavam, acompanhando todos os movimentos, das palpebras que encobriam os olhos já vitreos e imóveis e o afanoso arfar do peito.

O Sr. Teixeira Bastos e a sua Exma. senhora acudiam à família; o Dr. Gabizo, o amigo fiel de 40 anos, segurava-lhe o pulso e a mão com a vela mortuária e os nossos colegas Viana e Palagredo e a Exma. Sra. Rocha Lima e duas outras senhoras assistiam à cena fatal procurando consolar a família desolada.

Exram 6 horas da tarde em ponto quando o Dr. Ferreira de Araújo exalou o último suspiro.

Momentos depois chegava o Dr. Cesário Alvim.

O cadáver, extraordinariamente inchado, foi a muito custo vestido e colocado sobre um catafalco improvisado na sala de visitas, que ficou transformada em câmara ardente.

O seu enterro realisa-se hoje, às 4 1/2 horas da tarde, saindo o feretro da casa da rua das Laranjeiras n.º 59 para o cemitério de São Francisco de Paula.

Foram visitar a família do Dr. Ferreira de Araújo, logo depois da catástrofe, os Srs. Drs. Cesário Alvim, Omar Godoy, Ramiz Galvão, Sra. conde Antonelli, ministro da Itália, Dr. Alberto Torres, governador do Estado do Rio, José do Patrocínio, Manuel Rocha e senhora, João Godoy, Carlos de Ipanema Moreira, Dr. Belisário Augusto Soares de Souza, João André e Mário Cardoso, do Pais, Luiz Guimarães (filho), Guimarães Passos, A. Pinheiro, da *Cidade do Rio*, Otávio Silva, da *Imprensa*, Eurico Godoy, Pedro Rubelo, além dos companheiros dedicados e outros.

Convido por uma comissão de elegias da imprensa fluminense, o ilustre senador Ruy Barbosa aceitou com muito prazer o encargo



Ferreira de Araújo, na época aurea da *Gazeta de Notícias* (Fotografia do Brasil Portugal)

Ferreira de Araújo e a Imprensa carioca

de pronunciar o discurso à beira do túmulo.

O Sr. Senador Quintino Bocaiuva tomara parte no enterro do Dr. Ferreira de Araújo, fazendo-se acompanhar de representantes de todos os jornais do País.

Todas as jornais desta capital, logo que souberam da morte do ilustre chefe hastearam a bandeira em funeral.

Uma circular a tristíssima notícia enorme perda que sofríamos, veio a nossa redação, em nome do Dr. Pais, os nossos colegas João de Deus e Gomes da Silva. Estes colegas nos comunicaram que a excelente folha matutina, que representavam, tinha cerrado as suas portas.

Logo em seguida trouxeram-nos as expressões de suas condolências os Drs. Domingos Nobrey, Henrique Blatter, secretário da redação da *Notícia*, em nome dessa redação, que correu as suas portas; José do Patrocínio e Dr. Dornavál da Fonseca, redator chefe e secretário da *Cidade do Rio*, cujas portas também se fecharam; Casimiro Soares e Dr. Arthur Dias, pela *Imprensa*, que acompanhou os outros jornais no mesmo testemunho de pesar; Antônio Leitão, Vasco de Almeida e Juvenal Pacheco, do *Jornal do Comércio*, cujo escritório também teve as suas portas cerradas; Rodolfo Abreu, deputado federal e nosso colega do *O País*, padre Nêscio Jacome Naveiro, viário de Minas; Teófilo Barbosa, Dr. Felix Bonavina, Abreu Soares, nosso colega da *Imprensa*; Dr. Pedro Luis, Dr. Feliciano Castilho, capitão João de Deus, do *O País*, Dr. Theres Carmona, por si e pela *Revista de Jurisprudência*; João Barbosa, retransmitindo o Sr. Senador Quintino Bocaiuva; James Fanaty, Emílio Bressana, Francisco Barcos, Getúlio Secretário, Dr. Torres Cotrim, diretor geral da diretoria do Instituto de Municipalidade; Alvaro de Almeida, da *Notícia*; Dr. Zeterino Cândido, João de Souza Lame.

O pessoal da redação da *Gazeta de Notícias*, em sinal de pesar pelo falecimento do seu querido chefe, resolveu tomar luto por oito dias. O conselho da Sociedade Italiana, do Beneficência e Mutuo Coesão, ao ter notícia do infatigável falecimento do nosso redator-chefe, reuniu-se em sessão de urgência para deliberar a tomar luto por oito dias, acompanhar e desovar uma corda sobre o feretro e representar pesames à família do falecido que era sócio honorário e beneficiário da mesma sociedade.

Na redação da *Gazeta de Notícias*, em sinal de pesar pelo falecimento do seu querido chefe, resolveu tomar luto por oito dias. O conselho da Sociedade Italiana, do Beneficência e Mutuo Coesão, ao ter notícia do infatigável falecimento do nosso redator-chefe, reuniu-se em sessão de urgência para deliberar a tomar luto por oito dias, acompanhar e desovar uma corda sobre o feretro e representar pesames à família do falecido que era sócio honorário e beneficiário da mesma sociedade.

Na redação da *Gazeta de Notícias*, em sinal de pesar pelo falecimento do seu querido chefe, resolveu tomar luto por oito dias. O conselho da Sociedade Italiana, do Beneficência e Mutuo Coesão, ao ter notícia do infatigável falecimento do nosso redator-chefe, reuniu-se em sessão de urgência para deliberar a tomar luto por oito dias, acompanhar e desovar uma corda sobre o feretro e representar pesames à família do falecido que era sócio honorário e beneficiário da mesma sociedade.

O conselho administrativo da Sociedade Propagadora das Belas Artes celebrava, hontem, sessão solene, quando recebeu a triste notícia do falecimento do sócio benemérito Dr. Ferreira de Araújo. A demonstração de seu profundo pesar, resolveu suspender a sessão, cerrar as portas do seu edifício durante 8 dias, hastear em sinal a bandeira social e nomear comissões de sócios para representar a Sociedade no seguimento fúnebre e bem assim na sessão do sétimo dia e mais atos de exequias do benemérito filiado.

A desolada redação da *Gazeta de Notícias* pesamos pelo rude golpe que vem de sofrer com o desaparecimento de Ferreira de Araújo. — Dr. F. Gaido. — 21-8-1900.

Ilustre confrade Sr. H. Chaves. — A primeira vez, creio, que na imprensa brasileira se abre uma brecha impossível de preencher-se. Que fatalidade!

Permita-me que o acompanhe sinceramente, lealmente na dor inenunciável que ora lhe anota o alma de amigo. — *Mota Val-Flores*.

Meu caro Henrique. — Dou-te os meus sinceros pesames pela perda de um amigo tão precioso e que também o era meu. Foi neste, que todos nós iniciamos a *Gazeta* e sinto-me perplexo ao honrar-me que seu primeiro compromisso caiu tão cedo na luta. Pas a



Charge da Revue du Brésil. Ilustra-a o seguinte diálogo:
Ferreira de Araújo — Olha, Quintino, como o teu povo republicano ainda compreende a liberdade de imprensa!
Quintino Bocaiuva — Não, meu amigo: aquilo não são republicanos, são os últimos selvagens africanos que ainda por aí ficaram depois da Abolição.

sua alma e pesames à sua família. — Antônio G. Gomes Ferreira.

S. Paulo, 21

O pensamento de Ferreira de Araújo é uma grande perda para a família e enorme para o Brasil. Pesamos à *Gazeta*, à pátria e à família. — Mangini.

S. Paulo, 21

Pesamos. — Redação do Estado de São Paulo.

Não há palavras para descrever o meu estado de espírito ante enorme desgraça. Acompanho-vos na vossa imensa dor. — Manoel Leiros.

S. Paulo, 21

Muito sentida a morte do Dr. Ferreira de Araújo. Logo que os jornais offizaram boletim do estado gravíssimo do grande jornalista, muitas pessoas iam às redações informar-se com vivo interesse do estado do grande morto.

A confirmação da morte do Dr. Ferreira de Araújo lançou verdadeira consternação aos admiradores e amigos, que são aqui em grande número.

(*Gazeta de Notícias*).

O nosso colega Henrique Chaves recebeu o seguinte telegrama:

S. Paulo, 21

Peço-lhe aceite e transmita à Exma família de Ferreira de Araújo e a todos da *Gazeta* os meus sinceros pesames pelo tristíssimo fato de hoje. — José Barbosa.

(*Gazeta de Notícias*, 22-8-1900).

IV — A Imprensa (Rui Barbosa).

A imprensa está de luto pela amarga perda, que acaba de sofrer. Em um dia resplandecente de azul e sol, a notícia cai sobre nós como uma mão regada. A nossa dificuldade obedece à pena, sob uma dessas impressões em que o espírito quereria avançar e o olho das coisas que se sentem e não se sabem dizer. Em relação a esse, a missão, tantas vezes repetida neste nosso ofício de levar os que morreram, não tem nem a aridez da convenção nem o pesadume da tarefa. Por via de regra, ao menos a respeito dos homens públicos, esta homenagem prestada sobre a cova, é a última ironia, com que deles se despece o mundo. Saciou-os, talvez, de malignidade, calculou-os nos seus melhores sentimentos, feriu-os na alma, descontentou-os na hora, e vem afinal prestar as suas cortezias ao túmulo mudo. Está a responder-lhe aquele silêncio: "Deixa socorrer o que passaram. Tuas reações não valem nem para os que foram, nem para os que ficam, nem para os que tem de vir. Os vivos te desprezam; os mortos te dispensam; os vindouros apenas se reverberam na tua duplicidade". Mas este, o companheiro agora distanciado, é dos raros, que tiveram e

ras. Ninguém tem o direito de abrir os lábios aos mortos, de lhes descer os olhos, selados por DEUS no mistério da eternidade. Mas, as aquelas palavras se erguem, se se mexessem aqueles lábios, imaginamos que seria para sorrir a esse último tributo de afetos comovidos, e agradecer ao Criador nesse momento de benção sem menção o pago generoso dos sacrifícios da jornada. Tudo o mais vale menos: o sulco dos triunfos, bem depressa apagados na imensidade onde sumimos, a singradura da barca da vida na memória esquecida dos homens, nome, poder, honras, celebridade, páginas do nosso nada que voam e desaparecem no ar como as folhas efêmeras da nossa passagem pelos prelos. O destino do jornalista é a imagem mais viva da criatura humana. Bemaventurados nele os que transieram pela terra aplacando as paixões de seus semelhantes, adorneceram amado na morte e vem florir-lhes imaculada sobre o atafú de pureza da saudade.

(22-8-1900).

A vida jornalística tem as suas apoteoses tardias, mas grandiosas. Os que a professam tem, na consagração postuma dos seus serviços ao público, um triste, mas, em verdade, extraordinário galardão.

E quando essa consagração atinge a grandiosa e amplitude de solenidade, como à que assistiu, hontem, toda a cidade do Rio de Janeiro, então pode-se dizer dessa vida jornalística que ela não é inteiramente uma função desgraçada entre nós outros; e há de se acrescentar que aquele que lhe dedicou suas forças foi útil à sua pátria e aos seus contemporâneos, mesmo quando já desapareceu do meio deles.

Aquele que passou ontem no seu atafú por entre a multidão em alas, silenciosa e comovida, levando o seu caro fúnebre o seu colucente dos amigos, dos parentes e dos confrades no labor do jornalismo, lutou muito, amargou muito dessas diversidades, que são a partilha do jornalista em toda a parte, mas teve ontem a consagração mais rigorosamente pública que homem poderia ambicionar.

Fazia-lhe sequito ao corpo ferido pela morte os representantes de todos os jornais desta cidade e muitos de fora, representantes do governo, que ele tanta vez combateu por amor dos governados; representantes do alto comércio e do capital, aos quais ele nunca adorou, por defender o operário e o desvalido; representantes, enfim, de todas as classes vitoriosas, como das classes obscuras, estas a quem serviu co-

mo advogado e protetor, aquelas a que ele servia com a crítica, com o exame, com o conselho, com a censura ou com a expugnação franca e clara.

Impressiona principalmente, e dava a característica daquela magistosa cerimônia a memória do morto, a presença dos grêmios de letras e ciências, com os seus estandartes e o seu pessoal representativo.

Era de fato nessas celulas matrizes da intelectualidade nacional, que o grande jornalista desaparecido baseava a sua obra: era nelas que ele enfeitava as funções da sua força edificativa e criadora: era delas, por fim, que lhe provinha toda aquela cópia de energia, de prelação, de segurança nas campanhas que sustentou pelo povo.

Fizeram bem, levando o corpo de Ferreira de Araújo, ainda uma vez, a derradeira, pela rua do Ouvidor que, durante um quarto de século, foi o teatro mais contiguo dos seus trabalhos, foi o acampamento onde se divisa a sua tenda de lutas.

Essa passagem de hontem não era, como se poderia dizer, uma despedida, um adeus melancólico da eterna separação; mas sim uma revista de mostra à sua milícia, que lhe sobrevive, uma como exortação solenal aos que ficam, um derradeiro brado de — coragem! não esmorecer nunca! com que ele nos impõe, a todos os que laboramos na pugna, o continuar-lhe a obra, o não retroceder um ponto, jamais, nas conquistas obtidas pela pena contra as influências depressoras que nos envolvem, que nos estreitam, que nos oprimem.

E que faríamos nós outros, senão ouvir-lhe a última notificação?

Como poderíamos ser dignos da missão jornalística nestes tempos, sem procurar limitá-lo, na sua intrepidez contra o poder, na sua sinceridade contra os embustes de toda a ordem, na sua bondade diante a perversa crescente de todas as coisas, na sua infrangível confiança no triunfo final das boas coisas, no seu patriotismo desinteressado oposto às torrentes desencadeadas da ambição, do egoísmo, da soberba, e da maldade que parecem dominar tudo?

Fizeram bem em trazer as portas dos jornais o grande jornalista extinto; se a recordação da sua obra benéfica não se perpetuar tão largamente, entre os que lhe sobreviveram, quanto fôra de desejar que, ao menos, o espetáculo grandiosamente raro daquela procissão, daquele preito coletivo, daquela sa-gração soleníssima sirva para atestar aos bem intencionados, a segurança duma identificação cívica que existe sempre, posto que só se manifesta nessas demonstrações postumas, entre o jornal e o seu



Outra charge de Nostalg N., publicada na Revue du Brésil. Traz a seguinte legenda: "La Gazette de Notícias a la recherche d'un sauveur des finances".

Ferreira de Araújo e a imprensa carioca

tempo, entre o jornalista e o seu público.

Essa identificação temo-la nós sentido sempre; ela é que nos dá a consciência do nosso papel perante o mesmo público; ela é que nos impele a registrar hoje, em comunhão com o povo, nestas colunas d'A Imprensa, a homenagem grandiosa do homem a Ferreira de Araújo — o jornalista.

V — Jornal do Comércio

"Perlu-nos ontem a triste nova de haver falecido o nosso estimado colega Dr. José Ferreira de Souza Araújo, redator-chefe e um dos fundadores da *Gazeta de Notícias*.

Desde muito moço consagrando-se às letras na medicina em que era formado, apenas se poderia considerar amador se nos primeiros anos da sua carreira não o houvesse exercido com bons créditos e não pequena clientela.

Nascido nesta cidade do Rio de Janeiro, filho de pais portugueses, matriculou-se na escola de Medicina aos 14 anos, e antes dos 20 doutorava-se, começando logo a clinicar com a maior dedicação, servindo como interno no hospital da Misericórdia e depois como clínico no da Saúde e no militar do Andaraí, nos últimos tempos da guerra do Paraguai.

Seduzido pelo aplauso das plateias e não menos atraído pelo natural pendor do espírito largamente jovial de que era dotado, para as fugidias glórias do palco, traduzindo umas e imitando outras comédias de autores modernos e dos mais festejados, Ferreira de Araújo não foi, nesse período, dos escritores brasileiros que menos concorreram para o período aureo do nosso teatro.

O gosto pelos trabalhos dramáticos o levou ao caminho da crítica, e muge chegou a mostrar-se tão brilhantemente que quer nas artes da plástica e do desenho, quer na literatura, a sua opinião fôr-se respeitável e respeitada. Se nem sempre nela predominava a profundidade da competência, raramente deixava de impor-se pelo bom gosto, que era, pode-se dizer, o seu mais belo apanágio de escritor.

Uma vez à beira da corrente, contemplando-a de perto, foi-lhe impossível resistir à serena; estranhou-se com ligeiros escritos "em prosa e verso", como se diria outrora dos antigos polígrafos, no hebreu e no grego, e no período satírico ilustrado *O Mosquito*, não tardou que desaparecesse o médico e surgisse o escritor, o jornalista que tanto devia honrar a imprensa fluminense.

Serviu-lhe de crisol uma folheta diária, improvisada por um rapaz instantaneamente desconhecido, que vindo a esta cidade tendo fortuna, ocorreu-lhe assinalar a publicação de um jornal para o povo, de leitura rápida, como o *Petit Journal*, de Paris, ou o *Diário de Notícias*, de Lisboa, do qual adotou-lhe o nome e a forma.

O *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro foi bem uma criação boêmia, sem tipografia própria e sem capitais: saído das oficinas onde acabava de emudecer o *Dessestado de Julho*, apareceu um dia pelas ruas da cidade, nas mãos dos vendedores, que o aprovam a 40 reis e justamente pela modestidade do preço e novidade da forma esgotava-se em profusão.

No seu pessoal de redação agremiaram-se os novos escritores da época.

Dos escritores da época, cujos nomes são em mui resumido número hoje ainda fulguram na imprensa, fazia parte Ferreira de Araújo, que foi convidado para escrever, em artigo de fundo, conselhos higiênicos.

O médico, porém, que já andava muito arreído da clínica, terminando uma qualquer coisa sobre o asseio do corpo com este profundo conceito — "para os grandes banhos grandes benções" — de uma vez para sempre converteu a clientela que hábil clínico se transformava de todo em espirituoso folhetinista.

Estava operada a metamorfose; da crisálida saíra triante a borboleta à conquista da luz e das glórias.

O *Diário de Notícias* não tardou a achar a sua missão, que era de servir de precursor à imprensa popular.

Pouco tempo decorrido, reunidos *Elisio Mendes*, *Manuel Carneiro* e *Ferreira de Araújo*, como sócios principais, e *Henrique Chaves* entre os primeiros redatores, fundaram a *Gazeta de Notícias*, dando à publicação o número inaugural em 2 de agosto de 1875, assumindo Ferreira de Araújo a direção política e literária em novembro seguinte.

Contava 27 anos; achava-se no vigor da mocidade e a partir de então tornou-se o brilhante escritor que todos conhecemos e aplaudimos, esmalhando as páginas da *Gazeta de Notícias* de produções de matizes tão múltiplos e tão valiosos como o iris desfilado pelos raios de luz das facetas do diamante.

Na política, nas letras, nas artes, em tudo enfim, quando constituía a vida de uma grande cidade como a nossa, intervinha o jornalista emitindo uma opinião, que se nem sempre era justa, nunca deixava de ser digna e sobretudo cortês.

Sabia apropriar os assuntos a sua linguagem duil e corrente: nas *Coinças Políticas* mostrava-se conhecedor dos assuntos de que se ocupava, e não menos do meio em que vivia; *contou de fino espírito*, encantava tanto pelo estilo como pelo espírito, um tanto livre às vezes, é certo, mas sem descair para a indecência.

Ferreira de Araújo era, pode-se afirmar sem receio de contradição, um jornalista moderno na mais ampla acepção da frase; o jornalista que notifica, que critica, que se ocupa de todos os assuntos sem fazer praxe de erudição, tantas vezes aliás carada nos livros de consulta, mas sem descer a banalidades que enfiam o leitor.

A esses dotes literários juntava os de um espírito meigo, risonho, sempre inclinado ao bem e à amizade. Ferreira de Araújo tinha, no velho dizer português, um coração de ouro; por isso era tão amado dos seus, quanto querido dos que o conheciam de perto.

O seu desaparecimento dentre os vivos deixa um vácuo que por muito tempo será sentido; quer na sociedade, quer na imprensa seu nome será sempre lembrado com saudade e apontado como um belo exemplo.

Três famílias cobrem-se hoje de cerrado luto: — a do lar honesto, de que foi extremamente marido e pai; a da *Gazeta de Notícias*, de que foi chefe amado, e a do jornalismo fluminense, de que foi ornamento e glória.

Fazendo parte desta última, são nos resta curvarmo-nos respeitosos, depondo nas nossas profundas condolências ante aquelas que neste momento se estreitam no mais doloroso amplexo.

O ilustre jornalista padecia desde 1886 de um arteriosclerose, moléstia perniciosa que durante quatro anos lhe foi aniquilando o organismo.

Em setembro daquele ano partiu para a Europa e de lá voltou em estado ainda mais grave.

Em 1897 a enfermidade agravou-se assustadoramente. Passou porém, essa fase angustiosa e no ano imediato o jornalista de escólo pôde reassumir durante algum tempo o seu posto de tribuna.

Em setembro de 1899 começaram a aparecer os últimos fenômenos agudos da moléstia. Há quinze dias que o ilustre brasileiro estava, por assim dizer, agonizando; a ciência apenas se empenhava no generoso esforço de prolongar por mais alguns dias a sua vida preciosa.

VI — A NOTICIA

(Manuel Rocha)

Ferreira de Araújo, o mestre glorioso que hoje rende a alma ao Criador, era, sem a menor dúvida, a mais completa organização jornalística ao serviço da imprensa nacional; e é curioso notar como se operou a evolução do seu primoroso talento. Não se formou escritor no tranquilo estudo de gabinete, pela superposição lenta do conhecimento adquirido; formou-se na luta diária, consoante as necessidades de cada momento, examinando as questões quando elas apareciam, instruindo-as e instruindo-se, para servir ao público, com a rapidez desta destruidora atividade do jornalismo quotidiano, as suas impressões e o seu modo de ver.

As disciplinas a que os primeiros anos da sua mocidade se dedicaram foram as disciplinas médicas. Completando preparatórios ainda menino, matriculou-se tendo um ano menos do que a idade regulamentar. Formado, exerceu algum tempo essa nobre profissão; mas a cabeceira do enfermo não satisfazia apenas como médico os estudos físicos, impressionando-o mais do que eles o espetáculo das dores mortais que se desenrolavam ao seu perscrutar olhar do moço, e que tanto serviram para avigorar-lhe no caráter a sua extrema, a sua inextinguível bondade. Essa inatuação acadêmica foi sem dúvida, como preparo positivo, uma base sólida para a carreira que depois abraçou; mas os prodígios que fez na imprensa foram devidos especialmente, absolutamente, à espontânea utilidade do seu espírito, uma inextinguível faculdade assimiladora, e a um bom senso prático de que era a mais completa personificação.

Não se traça preliminarmente — ou antes, não se traça nos tempos em que foi fundada a *Gazeta de Notícias* — o plano de um jornal como esse é: O que Ferreira de Araújo sabia, no fundá-la, é que o seu jornal ia ser uma coisa diferente do que os outros eram, e aliás ali é que está exatamente o segredo do seu colossal sucesso. Fosse dizer-lhe que ia operar a mais benéfica das evoluções da nossa imprensa; fosse dizer-lhe que a pequena *Gazeta* ia exercer uma alta função social, e veriam abrir-se nos seus grossos lábios aquele boudoir sorriso motejado que era tão seu, tão propriamente seu... E entretanto a *Gazeta* foi isso, foi o marco inicial de uma evolução de imprensa e exerceu uma alta função social nos nossos hábitos, na nossa vida, tornando uma necessidade pública o que era o luxo de alguns, insinuando-se em todas as camadas, expondo todas as questões ocorrentes, provocando a análise, formando a opinião, apaixonando os espíritos, corrigindo os exageros, apaziguando os excessos, e desbravando o caminho que nós todos seguimos hoje victoriosamente, contentes de uma vitória de que não somos senão tardos colaboradores, operários que tivemos a fortuna de chegar no bom tempo da ceifa para ceifar as moedas de culturas já feitas.

Nesse trabalho, a figura de Ferreira de Araújo aparece com um relevo immoderado, num admirável e inigualável desdobramento intelectual. Ele multiplicava-se nessa faina em que reciprocamente o jornalista formava o jornal e o jornal formava o jornalista; fazia tudo, a crítica de teatro, o folhetim, o conto, a notícia, o pequeno éco, o artigo político, intervinha em todas as seções, ligando simultaneamente, e com a mesma felicidade, a análise profunda, o comentário rápido, a modestia inclemente, a nota de algibeira e as expansões comedidas. E sobre todas estas faculdades pulrava predominantemente a mais notável qualidade do seu espírito, o poder de síntese que o fazia dizer em algumas linhas, com algumas palavras, tudo quanto cada fato exigia, com uma singeleza, com uma simplicidade, com uma segurança, com uma simplicidade tão que a força da sua argumentação invadía e empolgava quem o lia, vencendo tranquilamente as maiores resistências, impondo-se persuasiva e triunfadora.

Nesta fôlha, n.º *A Notícia*, que deve a Ferreira de Araújo uma enorme parte da sua situação de hoje, e de cujo diretor, para orgulho immoderado nosso, disse ele que era o "pai espiritual" no seu primeiro folhetim, aqui, nesta fôlha, talvez mais do que na própria *Gazeta*, vê-se o exemplo frisante daquele espírito de síntese nos artigos diários que por tanto tempo abaluartaria as suas colunas. Eram uma espécie dos *maignards* do *Figaro*, uma lira de trinta linhas, e nessas trinta linhas as questões expostas e discutidas tão completamente quanto deviam ser. Na *Gazeta*, como seções idênticas, lembramos-nos dos *Macaquinhos* do *Sofá*, onde algumas linhas sório disseram mais do que tudo quanto se disse nessa ocasião — triste ocasião para a pátria a cujo serviço seguramente estaria hoje o grande brasileiro; os *Apenhados*, e no *Filho*, os *Modos de ver*. O *Jornal do Azeite*, escrito durante a última viagem de Ferreira de Araújo à Europa, era uma série de artigos vasados no mesmo molde, mas em regra sobre assuntos estrangeiros. As *Cronas Políticas*, que começaram no mesmo tom humorístico das *Salas de Estado*, tão preferido por Ferreira de Araújo, e a profusão de um celebre aviso do ministério da agricultura sobre burros magros e burros gordos, tornaram-se modelos de justiça de critério e até de previsão no acontecimento, sendo ali discutidas todas as questões de administração pública, entre as de finanças, a que desde 1898 Ferreira de Araújo adipsara o seu espírito, e de que nos deu a última nota no extraordinário artigo *A Crise*, publicado a 10 de novembro do ano passado, quando já a moléstia que o prostrou estava em agudo período.

Essa moléstia cruel fez a invasão no seu pujante organismo em 1898. Por uma circunstância toda particular, podemos precisar a data do primeiro exame médico: 25 de setembro. Nesse dia, em viagem para a Europa, e no fazer suas despedidas a Ferreira de Araújo, o diretor desta fôlha recebeu dele a confidência horrível de que fora examinado pela manhã e que era um caso líquido de arteriosclerose. "Você nada diga", recomendava-lhe; e acrescentava com o seu tranqüilo ar despreocupado que "não há nada mais triste do que a gente ser olhado como se fosse um moribundo". Não se mostrava impressionado senão por motivos nos quais o seu próprio interesse era a menor das causas; Filho de pai diabético, a ideia de morrer cedo, cedo entrara no seu espírito. Mostrava-se, sim, disposto a lutar com valentia contra a moléstia, mas os progressos da enfermidade na sua primeira fase foram bem mais rápidos do que se podia supor.

Em 1897 teve uma crise considerada perigosíssima. Foi nesse momento que recorreu, mudando de tratamento, à competência do Sr. Dr. Martinho, que até fins do ano passado acompanhara mais de perto a moléstia, e ainda agora, em visitas mais ou menos frequentes, prestava ao ilustre assistente Dr. Theobaldo Gomes. A enfermidade parecia estacionar; as crises eram interrompidas por longos períodos. Talvez que um grande repouso auxiliasse esse estacionamento, mas a ele não se entregou Ferreira de Araújo. No ano de 1896, ao contrário, deu-se a uma febril atividade: além dos árduos trabalhos da direção efetiva da *Gazeta*, escrevia para o *Filho*, diariamente, diátricamente escrevia um artigo, por telegrama, para o *Comércio de S. Paulo*, escrevia todas as semanas para o *Estado* e todas as quintas-feiras um folhetim para a *Gazeta*. A estação de Petrópolis, esse ano, passou-a em excelentes condições; em tão bons condições desceu o ano passado para o Rio, que pôde frequentar com certa assiduidade o Lirico e a Companhia da Guarda — dando-se assim a um dos seus maiores prazeres, o prazer do teatro. Veio, porém o mês de setembro, o terrível setembro que tivemos em 1899, dias de grande calor intercalados de dias de grandes chuvas, atmosfera ora peadíssima, ora extremamente húmida, ora simultaneamente húmida e pesada. Prostrou-o no leito uma outra crise, pode-se dizer a crise final, porque desta nunca mais se libertou, embora tivesse tido intervalos de alívio. Em Petrópolis manifestou-se-lhe a erisipela em um pé, para

não mais ceder; aqui, há cerca de dois meses, a edemacia foi conquistando terreno; os fenômenos urêmicos acentuaram-se há cerca de 15 dias. So a dedicação extraordinária do seu médico assistente, os cuidados imensos da família que o adorava puderam retardar o fim inevitável, o desaparecimento desse grande espírito que tão intensamente iluminou o jornalismo brasileiro, ao cujo brilho difundiu-se por tantos espíritos, cujo calor vivificou tantas vocações.

Do homem particular nada digamos nestas tristes linhas; nem as escreve, e que tanto deve ao mestre querido, conheceu pela própria experiência o que valia aquele caráter, a inefável doçura dos seus sentimentos afetivos, a inquebrantabilidade da sua conduta. Mas expansões desta natureza não são objetos de publicidade: ficam no coração de cada um para serem transmitidas, no pequeno mundo do lar doméstico, como lírio e como exemplo, entre lágrimas choradas fundamente, com os extratos de uma saudade que não é só nossa, que não é só desta casa, mas de muitas outras onde a memória de Fernandes de Araújo constituirá sempre uma evocação consoladora e um ensinamento perene.

Ferreira de Araújo nasceu nesta capital a 25 de março de 1858. Era filho de José Ferreira de Souza Araújo e D. Helena de Souza Araújo, ambos portugueses. Matriculou-se em 1862 na Escola de Medicina, com 14 anos de idade. Recebeu o grau de doutor em 1867. Foi, como alano, interno do hospital da Misericórdia, e foi médico do hospital militar durante a guerra do Paraguai. Exerceu clínica civil durante cerca de dez anos; tais serviços prestou à colônia italiana, que foi condecorado pelo governo do Rei da Itália. Antes da fundação da *Gazeta*, colaborou no *Mesquito* no *Guarany*. Colaborou também para o teatro; entre outros trabalhos escreveu a comédia *O Primo Basílio*. Deixa viúva, a Exma. Sra. D. Elvira Ferreira de Souza Araújo, um filho, Carlos, matriculado na Escola Politécnica e três filhas, Adalgisa, Apolônia e Carmem. Faleceu tendo recebido os Sacramentos da Igreja, na casa da rua das Laranjeiras n.º 59, que habitava desde que desceu de Petrópolis. A sua Exma. família, os nossos ilustres colegas da *Guarda*, a *Notícia* presta os mais sinceros pesames.

VII — O País

Ontem, a noite, uma notícia dolorosa encheu de luto o espírito da cidade. Toda a gente que se que por circunstância de horário de vida se achava ainda nas ruas centrais, na agitação dos últimos momentos da tarde, procurou e repouso do lar ou vindo já no labor noturno, dos divertimentos ou das oficinas, recebeu num impeto imprevisto o golpe desta notícia: morreu Ferreira de Araújo.

Sabia-se, entretanto, que o redator-chefe da *Gazeta de Notícias*, há mais de três anos dedicado aoente, era nestes três meses decorridos um homem fisicamente morto, a quem alentavam a poeira da medicina amiga e as centenas sempre vivíssimas de seu elevadíssimo e formoso espírito de combatente. Mas, como quando alguém nos é caro, somente no derradeiro dos extremos pode a gente compreendermos que ele nos desaparece, e ficamos inconsoláveis, duvidando ainda da tremenda verdade, ou, ao saber-se a triste nova que morreu de boca em boca como um fato, informando que morreu Ferreira de Araújo, a vida intelectual da cidade sofreu uma crise munda de magoa, e a *silhouette* do ilustre brasileiro, simpática e amada, apareceu a todos os olhos, na evocação dessa hora funebre. Acreditava-se, mas não se admitia.

Realmente, para nós, que nutrimos neste ofício de jornal, que Ferreira de Araújo tanto ilustrou e tanto enobrecer, conquistando para ele num dado momento de sua evolução no Brasil, a força de que dispõe hoje, fazendo-se o simpático e necessário ao público, por

não mais ceder; aqui, há cerca de dois meses, a edemacia foi conquistando terreno; os fenômenos urêmicos acentuaram-se há cerca de 15 dias. So a dedicação extraordinária do seu médico assistente, os cuidados imensos da família que o adorava puderam retardar o fim inevitável, o desaparecimento desse grande espírito que tão intensamente iluminou o jornalismo brasileiro, ao cujo brilho difundiu-se por tantos espíritos, cujo calor vivificou tantas vocações.

Do homem particular nada digamos nestas tristes linhas; nem as escreve, e que tanto deve ao mestre querido, conheceu pela própria experiência o que valia aquele caráter, a inefável doçura dos seus sentimentos afetivos, a inquebrantabilidade da sua conduta. Mas expansões desta natureza não são objetos de publicidade: ficam no coração de cada um para serem transmitidas, no pequeno mundo do lar doméstico, como lírio e como exemplo, entre lágrimas choradas fundamente, com os extratos de uma saudade que não é só nossa, que não é só desta casa, mas de muitas outras onde a memória de Fernandes de Araújo constituirá sempre uma evocação consoladora e um ensinamento perene.

Ferreira de Araújo nasceu nesta capital a 25 de março de 1858. Era filho de José Ferreira de Souza Araújo e D. Helena de Souza Araújo, ambos portugueses. Matriculou-se em 1862 na Escola de Medicina, com 14 anos de idade. Recebeu o grau de doutor em 1867. Foi, como alano, interno do hospital da Misericórdia, e foi médico do hospital militar durante a guerra do Paraguai. Exerceu clínica civil durante cerca de dez anos; tais serviços prestou à colônia italiana, que foi condecorado pelo governo do Rei da Itália. Antes da fundação da *Gazeta*, colaborou no *Mesquito* no *Guarany*. Colaborou também para o teatro; entre outros trabalhos escreveu a comédia *O Primo Basílio*. Deixa viúva, a Exma. Sra. D. Elvira Ferreira de Souza Araújo, um filho, Carlos, matriculado na Escola Politécnica e três filhas, Adalgisa, Apolônia e Carmem. Faleceu tendo recebido os Sacramentos da Igreja, na casa da rua das Laranjeiras n.º 59, que habitava desde que desceu de Petrópolis. A sua Exma. família, os nossos ilustres colegas da *Guarda*, a *Notícia* presta os mais sinceros pesames.

VII — O País

Ontem, a noite, uma notícia dolorosa encheu de luto o espírito da cidade. Toda a gente que se que por circunstância de horário de vida se achava ainda nas ruas centrais, na agitação dos últimos momentos da tarde, procurou e repouso do lar ou vindo já no labor noturno, dos divertimentos ou das oficinas, recebeu num impeto imprevisto o golpe desta notícia: morreu Ferreira de Araújo.

Sabia-se, entretanto, que o redator-chefe da *Gazeta de Notícias*, há mais de três anos dedicado aoente, era nestes três meses decorridos um homem fisicamente morto, a quem alentavam a poeira da medicina amiga e as centenas sempre vivíssimas de seu elevadíssimo e formoso espírito de combatente. Mas, como quando alguém nos é caro, somente no derradeiro dos extremos pode a gente compreendermos que ele nos desaparece, e ficamos inconsoláveis, duvidando ainda da tremenda verdade, ou, ao saber-se a triste nova que morreu de boca em boca como um fato, informando que morreu Ferreira de Araújo, a vida intelectual da cidade sofreu uma crise munda de magoa, e a *silhouette* do ilustre brasileiro, simpática e amada, apareceu a todos os olhos, na evocação dessa hora funebre. Acreditava-se, mas não se admitia.

Realmente, para nós, que nutrimos neste ofício de jornal, que Ferreira de Araújo tanto ilustrou e tanto enobrecer, conquistando para ele num dado momento de sua evolução no Brasil, a força de que dispõe hoje, fazendo-se o simpático e necessário ao público, por

Ferreira de Araújo e a imprensa carioca

um movimento espontâneo e feliz em que se firma o primeiro marco miliário do grande progresso e expansão espiritual entre nós mais do que para os outros, para aqueles que o combatiam, o roubo e a violência à imprensa, com a exclusão desse lutador e mestre, é incalculável.

Todos o queríamos, os companheiros dos primeiros passos reconhecidos e os últimos chegados para a nobre lida, os veteranos aporreados e aposentados, cobertos de louros e cicatrizes, e os novos, os recrutas, incertos da via do perigo a afrontar, guiados pela estrela polar dos mestres. Toda, sem distinção de paixões, de estilos, de sentimentos políticos ou religiosos, de gêneros de literatura jornalística, alegre ou grave, ligeira ou concetosa, todos sentimos, ao chegar o norte, para onde nos aterra a luz esplêndida do ideal, o amplexo da estrela polar, na agonia inenarrável de um sonho.

Também os que não lidavam mais nos jornais, fazendo o possível para seguir-lhe as pegadas honoríficas, sofreram. Apagou-se-lhes a esperança de rever, desilusão, em qualquer intervalo passageiro das ocupações, aqueles lútuosos artigos, cheios de sensateza e de forma, sobre os problemas da vida política brasileira, que iluminavam a *Gazeta de Notícias* em períodos semanais com o título sintético e despretensioso de *Coluna política*. Para eles, como para os outros, ficou apenas a recordação alegre e brilhante de José Felha nos buliçosos, meligos, instantâneos e artísticos *Mecaninhos do Solito*, a mordacidade e bulha espirituosa das *Boas de Estalo*, onde entre um grupo admirado de pseudônimos queridos avultava gigantesco, como uma fanfarrinha no meio de instrumentos de corda, o popular e amado Lulú Senlor.

Para todos, enfim, acabou o artista, vibrante de bom humor e corajoso de triunfos, que o corer do tempo só fazia multiplicar; o articulista de fundo, rápido, oportuno, ferido a nota capital do assunto, convincente e incomparável em sua maneira, *tudo sua*, de eleger em duas palavras o que os mais hábeis diriam em muito mais; o humorista imaginoso, de escavações fideis no ridículo das coisas e dos homens, cantilante na mais leve, na mais sutil das piélerias, de duas linhas, como nos contos elegantes e de impressão, facetados como os diamantes, lridados de todas as esplêndidas cores das alvoradas e dos dias de sol.

Foi uma perda considerável. Quem não o conhecia de perto ou não ligava as iniciais e os pseudônimos que ele adotava em baixo de seus artigos, e quem lia as suas crônicas, os seus versos, a opinião do seu jornal e sentia neles a vibração comunicativa de seu espírito privilegiado, sem conhecer o seu retrato sequer, julgava estar diante de um moço, apertar a mão de um valente rapaz de eternos trinta anos, isento do desverdor com que o tempo prateia os cabelos e a transição dos homens. Esses não podiam, de modo algum, supor que quem os convencia, ilustrava, lhes abraçava as paixões políticas, lhes desalterava o fígado e encantava, criando em torno de suas produções um ambiente perfuncto e embriagador de chiste, bom senso e amizade, que de pronto se experimentava pelo articulista, que aconselhava, criticava ou simplesmente dizia, esses não podiam de forma concebível crer que Ferreira de Araújo fosse um homem de 52 anos, com o organismo forido por doenças graves, pleno da certeza de seu fim humano dentro de tempo próximo.

Não se podia perceber que tão fúgar, tão pronto, tão gracioso, tão disposto para o combate e para a vida, na manifestação do jornal, pudesse um homem, o autor de uma página que perdurará, pelo seu intenso brilho inarredável, pela sua fulgurante leitura, pelo seu inimitável estilo de prosador consagrado, ser um sofrido como os outros, reduzido à contingência comum da miséria orgânica, da agonia física e da morte.



Ferreira de Araújo

O encanto irradiante de seus escritos, menos efêmero do que os números dos jornais, que só vivem aqueles dias, porque provinham de um foco astral de primeira grandeza, deixava e deixa no espírito de quem o recebe a impressão indeleável das coisas impercíveis. O escritor, porém, feito e refeto na luta, cercado das trivialidades e das tristezas dos assuntos pelos ideais, guia de suas próprias aspirações infinitas, acudido pelo ondar estonteante e rumoroso das vagas, foi efêmero como as quinquilharias mundanas com que ele jogou em vida, para criar o seu prazer próprio e manter a situação deliciosa de seus admiradores. Dele ficam os escritos e a sua venerada memória. A pena partiu-se, os assuntos passaram.

A dor que deprime a nossa força e que inutiliza o desejo grande que nos enche de tragar neste instante, doloroso para o jornalismo brasileiro, uma vasta e digna homenagem: em ao venido, obrigamos à trivialidade destes lugares comuns, cujo emprego nem todos sabem dispensar, e só ele e poucos privilegiados podiam remover.

Seja o necrológio do grande brasileiro nestas colunas, o bosquejo rápido de sua vida e de seu valor, cujas linhas quizesmos acentuar, destacando-as quanto possível, às pressas, na centusão de espírito agora inseparável de quem traça esta notícia dolorosa.

Digamos, entretanto, mais algumas linhas mais preciosas, sobre a vida do Dr. Ferreira de Araújo.

Filho do honrado negociante português José Ferreira de Souza Araújo e de D. Helena Mariana de Souza Araújo, que o deu a luz nesta cidade e na mesma casa onde a rua Sete de Setembro, funcionam atualmente as oficinas da *Gazeta de Notícias*, Ferreira de Araújo recebeu o mesmo nome de seu pai, nasceu aos 25 de março de 1824.

Aos sete anos de idade entrou para o colégio Vitorino, que frequentou durante seis anos e donde saiu, com todos os preparatórios feitos, para matricular-se na Faculdade de Medicina.

Foi um estudante distintíssimo, da mesma turma de Rocha Lima, Gabizo e outros, que a ele se ligaram por vigoroso afeto, só destruído pela morte.

Seu pai, português da velha tem-
perança, não o queria jornalista, —
tanto mais que o filho, não obstante
a sua vocação literária, não era
um médico de bobagem. Ferrei-
ra de Araújo, que colocava o res-
peito filial acima de todos os outros
sentimentos, fez a vontade ao seu
proprietor e clinico até à sua
morte. Mas, depois de orão, atirou
às urtigas o seu diploma e entrou
resolutamente para o jornalismo,
com o ânimo deliberado de não ser
outra coisa senão um jornalista.

Aos 25 anos, casou-se com D. Elvira Xavier Rabelo, distintíssima senhora, que sobreviveu ao esposo em companhia de três filhas e um filho, primorosamente educados.

Ferreira de Araújo foi sempre um chefe de família exemplaríssimo, o modelo dos pais afetuosos, extremo, austero e ao mesmo tempo melgo, porque esta qualidade não exclui afeição.

E como não devia ser bom para os seus quem foi sempre tão bom para os estranhos? Sabe-se que ninguém lhe pediu a mão que ele lhe negasse. Não tem conta os que foram protegidos pela sua bolsa, pela sua influência, pelos seus conselhos. Se todos quantos lhe devem alguma coisa acompanharem o seu enterro, o corpo seria levado ao cemitério por uma população.

Os artistas, especialmente, devem-lhe muito. Grande admirador de bons quadros, de magníficos bronzes, de excelentes gravuras e mais objetos de arte, Ferreira de Araújo mostrava excepcional interesse por todos os moços que revelavam algum talento artístico, fazia-o a ponto de concorrer ocultamente para que alguns se aperfeiçoassem na Europa.

A *Gazeta de Notícias*, que ele fundou com Manuel Carneiro, Elísio Mendes, Henrique Craves e outros, esse vitorioso diário que tem a glória de haver intrudido no Brasil a imprensa popular, não foi a única folha que Ferreira de Araújo serviu com a sua pena. De pronto, neste artigo escrito diante do seu cadáver ainda quente, não podemos acompanhá-lo em todas as escalas da sua prodigiosa atividade. Já lembramos *O Mosquito*, em cujas preciosas coleções se encontram as primeiras do seu talento; lembramos as duas últimas publicações periódicas que tiveram a honra da sua colaboração: *A Noção*, que durante muito tempo publicou o seu interessante *An Jour le jour*, além de uma série de magníficos folhetins semanais, e a *Revista Brasileira*, em cujas páginas apreciou, durante algum tempo, o nosso movimento político.

Apaixonado pelo teatro, propagandista ardente da arte dramática, Ferreira de Araújo deixou, além de algumas traduções, duas comédias originais, *Primo Basílio* e *Os Foguetes*. Esta última esteve em ensaios, mas o autor reclamou o manuscrito na véspera da representação.

Ferreira de Araújo voltou da sua segunda viagem à Europa em junho de 1893; nesta ocasião *O Alô* publicou o seu retrato, acompanhado das seguintes linhas do nosso colaborador A. A.:

"Prometemos publicar o esboço biográfico de Ferreira de Araújo. Para quê? Há porventura quem o não conheça?"

Ha aqui quem ignore que ele nasceu no ano revolucionário de 48, nestas boas cidades, num sobrado da rua do Cano, hoje Sete de Setembro, o mesmo com que atualmente se acham as oficinas da *Gazeta de Notícias*?

Há aí quem ignore que, tendo-se dedicado em meados da Faculdade do Rio de Janeiro, abandonou a profissão de médico, depois de exercê-la com brilhantismo durante alguns anos?

Há aí quem ignore que foi ele um dos fundadores e é o redator-chefe da referida *Gazeta de Notícias*, o jornal que mais influência tem tido no desenvolvimento da nossa civilização intelectual?

Há aí quem ignore que Ferreira de Araújo é o Lulú Senlor d'O Mosquito e das Boas de estalos, o José Felha dos Mecaninhos do Solito, o A. do Jornal do Conselho, o espirotooso escritor de tantas crônicas elegantes, de tantas novelas engraçadas e concetuosas, e o autor daquele a-proposito cômico, *O Primo Basílio*, que fez as delicias das nossas plateias e escuradelou as de Campos de Goitacazes?

Há aí quem ignore que, a par desses ligeiros e graciosos desabafo do espírito, ele não só tem produzido artigos políticos e financeiros de primeira ordem, como também discutido, com singular critério, as mais complexas e momentosas questões sociais?

Defendendo-o um dia no tribunal do júri, onde o levava não sei que artigo anônimo, cuja responsabilidade nobremente assumiu como diretor da *Gazeta*, disse Quintino Bocaluva que Ferreira de Araújo era ao mesmo tempo o armand Carrel e o Jules Janin da nossa imprensa; o jornalista das *Coisas políticas* e das *Croniquetas* jamais desmentiu esse honroso conceito.

Que mais direi? É um cavalheiro de alta distinção, pai de família modelo, bom amigo, homem de gosto, colecionador de objetos de arte e protetor de artistas pobres.

Teve um duelo, o famoso duelo da ilha d'Agua.

E aí está em páldas linhas, escritas às pressas e sob a terrível impressão do desaparecimento de um prezado mestre e adorável colega, o perfil que outros completarão, desse lustre fulminante, carioca da gema, respeitador da língua portuguesa, que se chamou José Ferreira de Souza Araújo e foi uma das figuras mais originais e mais simpáticas da imprensa fluminense no último quartel do século que termina.

O seu nome figurará na preciosa galeria em que se ostentam os Evaristos, os Justinianos, os Otavianos, os luminares célebres do nosso jornalismo.

VIII — A Tribuna (Alcindo Guanabara)

Teve termo a longa agonia. Não foi fácil à mão da fatalidade, que sobre todos pousa ameaçadora, derruir o carvalho poderoso, a cuja sombra todos nós achamos um lugar nesta verdade do pensamento e da palavra. Havia quatro anos que o mal de morte o ferira;

e durante esses quatro anos de sofrimento, de angústia, de luta cruel, o espírito radiante e forte de Ferreira de Araújo pôde várias vezes triunfar da fragilidade da carne assolada e dar à imprensa a impressão exata sobre os fatos e os homens, influenciando na vida de que cada vez se afastava. A luta sombria teve ontem o desenlace fatal. O que era pô volver ao pó; e o espírito luminoso ascendeu aos pés de Deus. Ferreira de Araújo acabou de morrer...

Temos a sensação de um grande vácuo. Agora, que ele não existe, pode-se avaliar o espaço que ocupava pelo vazio que ficou. Certo, há na imprensa fluminense muitos escritores brilhantes e eruditos, escritores primorosos, panfletistas acorados, espirotoosos e mordazes, polemistas vibrantes, cronistas diligentes, toda uma constelação de talentos que são a honra e a glória da cultura nacional, mas não há mais um jornalista... O jornalista resume tudo isso e é isso tudo, no momento e na ocasião em que o seu jornal, para o qual vive e do qual vive, exige que o seja.

Nada lhe é estranho no seu mecanismo. Todas as suas peças lhe são familiares. Como um comandante de navio, que se afieira a quatro taboas, que são o seu mundo, ele ama com ardor e paixão as quatro páginas do seu jornal, que é a sua glória e o seu tormento, o seu maior prazer e a sua mais profunda amargura. Filho de seu cérebro, filho de seu coração, dá-lhe tudo quanto possui de dedicação e de carinho, de inteligência e de sentimento. Nada nele é indiferente. Corre a compo-lo em todas as minúcias, a corri-tr-lhe os defeitos, a aperfeiçoar-lhe a beleza como mãe carinhosa que vela atentamente pelos vestidos da filha adorada, sonhando-a e querendo-a a mais bela entre todas as da sua idade. Ama-o e padeca dessa amor-vibra por ele e esgota nele todo o seu vigor do espírito, dando-lhe com prodigalidade as riquezas que possui, mineiro insensato! que ca-va a noite a mina para, no dia seguinte, loucamente atirar pelas páginas negras do jornal as pepitas que acumulou! Esse amante apaixonado tem todas as gamas da sedução; está em toda a parte e é tudo, de modo que o jornal é ele, e ele é o jornal, unidos indissoluvelmente, na mais completa fusão que jamais existiu. Foi assim o jornalista que acabou. E não há mais quem o seja...

Esse moide de jornalista — o jornalista profissional que ama a sua profissão — é — podemos ui-l-lo à beira da sepultura do maior dolor — é o modelo do homem abnegado que vive a vida dos outros; que sofre, luta, expõe-se, amargura-se e padece por amor de todos, por amor da coletividade indifferente e fria, que não percebe, que não suspeita, que não avalia o sacrificio que lhe é feito diariamente! Não há dor que não reperecuta nele; não há aspiração que ele não traduza; não há alegria que

(Continua na pág. 120)



Funeral de Ferreira de Araújo. Fotografia publicada pela Revista da Semana por ocasião do falecimento do jornalista

Alguns artigos sobre Ferreira de Araújo

O DIA

Alcindo Guanabara
(Pangloss)

Há ideias que, uma vez lançadas, estão triunfantes; a de Bilac, em relação a Ferreira de Araújo, está neste caso. Há dias, num de seus magníficos registros diários da Notícia, o nosso grande poeta aproximou a ação do fundador do Diário de Notícias, de Lisboa, da do criador da Gazeta de Notícias aqui, e assim como lá se vai erigir um monumento que perpetue a memória do jornalista popular, ele sugeriu a ideia de se fundir em bronze o busto do jornalista brasileiro que sobre uma herma seria colocado no Passeio Público.

A população desta cidade deve esta homenagem a Ferreira de Araújo. Nos últimos trinta anos, ninguém exerceu sobre a opinião pública brasileira maior, mais intensa e mais benéfica influência. Colocando-se entre os dois partidos políticos que se revejavam no poder, aliado aos interesses de qualquer deles, considerando as questões do ponto de vista do interesse nacional, ele reagiu sobre ambos, animando-os ou combatendo-os, conforme as inclinações que manifestavam, de tal sorte que se pode dizer que não houve um só ato, uma só lei, uma só reforma que não tivesse sido por muito obra sua. A influência impetuosa desse homem, que nunca quis ser senão jornalista e que, por consequente, nunca valeu sendo por efeito da sua pena e do seu jornal, foi considerável e nunca foi exercida sendo para o bem. Sob este ponto de vista, a homenagem reclamada por Bilac lhe é devida não só por esta cidade, mas por todo o Brasil. E ela foi de fato tão justa, que estou absolutamente certo de que de todos os pontos do país o apelo feito ao povo para a criação desse monumento será ouvido com solicitude.

No desenvolvimento intelectual e artístico desta cidade a influência de Araújo não foi menos sen-

siel que na política. A Gazeta fez uma verdadeira revolução nas ideias, no sentimento, na educação do povo. Nós todos que hoje maneamos uma pena e não eramos nos dias do apogeu da Gazeta teríamos assinantes a essa hora, podendo bem testemunhar a extensão dessa influência. Em torno dele, giravam nomes dos mais brilhantes do país e do estrangeiro. A oitava coluna da Gazeta valia pela consagração literária do nome; e ele conseguia fazer um jornal que era simultaneamente popular e altamente literário, consorciando com grande tato o que agradava o grosso público e aos espíritos financeiros educados. Era ele que consagrava os escritores, os poetas, os pintores, os artistas dramáticos, assim como fazia populares os impopulares e os minúsculos os complexos. Em espírito tão complexo, uma tão vasta capacidade jornalística, era naturalmente uma exceção, como exceção ficou. Nem antes nem depois dele houve ou há, quem pretenda poder igualá-lo.

A cidade ama naturalmente os que se sentiram assim, educando-a, impulsionando-a para o progresso, defendendo-lhe os direitos e fazendo-a sem calores de profeta bíblico, sem clamores de vingador provincial, mas com um bom humor sadio e inalterável. Na paisagem risonha do Passeio Público, o busto de Ferreira de Araújo está no lugar que lhe compete. É preciso que não demoremos a criação dessa herma, não deixemos a ideia de Bilac arrastar-se sem execução. Nos todos, que fomos seus discípulos e com ele aprendemos este ofício, não teremos dificuldades em eleger dentro nós a pequena comissão que tome a si a honrosa missão de levar por diante a ideia, com tanto maior facilidade quanto por um lado não é preciso para isso o tesouro dos Jesuítas e por outro podemos ter a certeza de que nos não faltará o apoio material por parte da população.

Há ideias que uma vez lançadas não podem deixar de vingar: esta

é uma delas. Ponhamos quanto antes, no Passeio, o busto do nosso grande jornalista!

(O País)

FERREIRA DE ARAÚJO

Alfredo Camarante

Ferreira de Araújo, de quem o telegrafo nos comunicou brutalmente o falecimento, apareceu na imprensa jornalística do Brasil rodeado de uma plêiade de amigos e companheiros que a ele se haviam reunido pela estima que lhes mereciam, a um tempo, o homem e o escritor.

Surgindo nas lides da imprensa, Ferreira de Araújo, apresentou, pois consigo uma nova geração de escritores: uns de fino quilate, outros de mais modesto valor, mas todos, sem exceção, imbuídos nas novas ideias, todos, sem exceção, acompanhando a evolução literária que então se efetuava em Portugal.

Reunira-os desinteressadamente o Mosquito, esse jornal humorístico, mas que, com o seu humorismo, castigava e corrigia as carrancices e preconceitos de então; que contou como seus desenhadores e caricaturistas, vultos da estatura de Angelo Agostini e de Bordalo Pinheiro e com eles se mediam, pelo mérito e bons desejos, muitos dos seus redatores.

Deste grupo de rapazes nasceu a sociedade comandatária que deu a luz a Gazeta de Notícias, a única folha que souso viver, quando o Jornal do Comércio monopolizava toda a publicidade jornalística daquelles tempos!

Juntaram-se a Ferreira de Araújo, como fundadores da nova folha Manuel Carneiro, Elísio Mendes, Henrique Chaves e o humilde escritor destas linhas e, em menos de um ano, a Gazeta de Notícias estava seguramente estelada, nos seus rendimentos, no favor público e na consideração dos poderes públicos, que já consideravam a nova folha como um elemento com o qual era forçoso contar.

Ferreira de Araújo e Henrique Chaves foram os únicos fundadores da Gazeta de Notícias que a acompanharam nos seus triunfos, nas suas contrariedades e nas suas crises, desde o seu primeiro número até hoje; e, nos vinte e cinco anos da existência desta folha, Ferreira de Araújo teve a seu cargo diferentes seções e que, quasi todas escritas no gênero das *Macaquinhos no Soldo*, aumentavam consideravelmente a venda da folha nos dias em que elas ali figuravam.

Como escritor Ferreira de Araújo, que possuía uma instrução humanitária de extraordinária solidez, nunca fez estilo, nunca rebuscou frases cheias de filigranas e arrebiques; escreveu sempre com a fluência e simplicidade com que falava; era um construtor de ideias e não um faneador de palavras; e todos nós, os seus companheiros de trabalho, procurávamos inutilmente imitá-lo; mas, nas produções da arte e da literatura, não há nada mais complicado do que ser simples; nada mais difícil do que ser fácil!

A sua lógica, docemente envolvida nas acutilações do humorismo, ostentava-se, entanto, numa lógica de ferro, e era tal a sua tempera de jornalista que foi o único que souso bater-se com o velho Dr. Luiz de Castro, umas vezes vencendo, outras vencido; mas, das vitórias ou das derrotas, sempre havia de tirar glória, porque o Dr. Luiz de Castro era um gigante que, mesmo vencendo, enchia de honra a quem por ele fosse vencido.

A Gazeta de Notícias e com ela a literatura brasileira, perderam um dos seus mais poderosos campeões; mas a Gazeta de Notícias continuará a viver, com toda a pujança e esplendor; porque Ferreira de Araújo deixou, no seu pessoal, imorredouras lições de ordem, bom senso, atividade e honradez.

Eu — o mais velho e, ao mesmo tempo, o mais humilde companheiro do ilustre falecido — curvo-me resignado diante dos decretos da Providência e, em espírito

cuvo de flores o ataudé que carregava os seus últimos despojos!

(Comércio de S. Paulo. Transcrito na Gazeta de Notícias de 21 de agosto de 1900).

FERREIRA DE ARAÚJO

Araripe Junior

Estávamos em 1878.

A Gazeta de Notícias tinha nesse tempo atingido, na imprensa, o que se pode dizer, a puberdade. Fulgia pela audácia e pela graça; e os moços para ela olhavam como para o jornal que melhor exprimia as suas aspirações.

Ferreira de Menezes, José do Patrocínio e Henrique Chaves ali despediam então as forças mais intimas dos seus talentos.

Araújo era quem dirigia a máquina, mas como o seu nome não aparecia nos rodapés, nem em baixo dos artigos, era preciso conhecê-lo na intimidade da redação para avaliar o grau de sugestão que as suas aptidões de jornalista exerciam sobre a turmas das colaboradoras da Gazeta.

Não direi a surpresa que tive quando cheguei a saber que o redator-chefe desta folha era o seu critério político, e mais ainda, o redator do gosto que suas colunas difundiam.

Foi, pois, o jornal das minhas simpatias, quando nesta capital estabeleci os meus penates. Moço ainda e cheio de aspirações literárias, pude-se calcular o desejo que nutria de publicar um trabalho na Gazeta. Esse anelo não tardou em ser cabalmente satisfeito.

Nessa época eu não renunciava ainda às veleidades de escrever romances. Impressionado com o fato histórico da Pedra Bonita em Pernambuco, tinha começado uma crônica dos moldes do que então se chamava o romance histórico.

— Por que não falas ao Araújo? disse-me o Paula Ney, um dia encontrando-me na rua do Ouvidor. Se queres uma apresentação... aqui estou eu.

Não conhecia senão de vista o redator-chefe da Gazeta. No dia seguinte subíamos as escadas da casa da rua Sete de Setembro, e o Ney expunha o caso. Ferreira de Araújo sorriu, tomando o caderno em que estavam escritos os primeiros capítulos do Reino encantado, e disse-me:

— O povo não gosta de romances realistas, e vocês, rapazes, só pensam em Zein.

Respondi-lhe que a minha crônica nada tinha de realista e que, para o paladar dos devoradores de rodapés, havia nela nunca menos de 32 vitimas, pois tantos eram os fanáticos sacrificados ao furor supersticioso em Pedra Bonita.

Ferreira de Araújo leu os capítulos concluídos e fez-lhes publicar como folhetim da folha. O resto do romance foi escrito *as four le jour*.

E assim começaram as minhas relações com a Gazeta, cuja chefe se me apresentou nesse primeiro encontro como pontífice dos aspirantes e dotado de uma bonomia comparável talvez à que se atribua a Jules Janin, a Renan e a outros escritores tranquilizados pelo gosto das boas letras.

Depois disto, passei a ler com outra atenção o que na Gazeta presumia sair de sua pena. Os seus artigos de publicista não me impressionaram tanto como quando o seu estilo adquiriu o máximo de autoridade, pela clareza e forte bom senso, nas *Coisas Políticas*. Artigos que incontestavelmente significavam uma das mais brilhantes fases do seu talento, senão da imprensa diária.

Estes artigos não eram doutrinares nem se revestiam da solenidade repassada de erudição com que alguns jornalistas procuravam fazer acreditar ao público na infalibilidade de suas lucubraciones. Ele nem subia a tripode, como a Pythia para ditar oráculos, nem procurava vaticinar desgraças, renovando as ameaças de Cassandra.

Esprito simples, sem complicações, Ferreira de Araújo observava os fatos, submetia-os ao critério de uma filosofia prática, espontânea e de primeira mão, e não tinha na expressão dos seus conceitos nem pretensões oratórias nem argúcias

ou sutilezas de ordem metafísica. O seu único fito era persuadir o que se lhe afigurava erro ou hipocrisia; mas toda a sua crítica era feita do bico da pena desanuviada de intenções ocultas e sempre temperada de um humorismo sadio, consoante à benignidade, que constituía o fundo d'alma do escritor.

Não houve ministro que no tempo da monarquia se prestasse tanto ao ridículo como o Dr. Avila, e que ao mesmo tempo afrontasse tanta os odios das coetividades mundanas.

Foi bem; o redator-chefe da Gazeta não se deixou tomar das cóleras que assaltaram a aculenta gente, nem abusou dessa atria incriminação que foi o forte do Voltaire. A sua crítica à administração daquele personagem rio-quandense limitou-se a ligeiras ironias, mas que certamente obrigaram o crítico a refletir muito mais do que os ataques brutais de inimigos intolerantes.

As páginas que então Ferreira de Araújo escreveu sobre a célebre questão dos "burros gordos e burros magros" e dos bondes mostraram o proveito que o publicista pode tirar da malícia posta a serviço da justiça. Não fez senão recorrer ao bom senso de Sancho Pança; e pondo diante dos olhos do ministro alguns conselhos tirados das portarias que o herói gregos de Cervantes expedia na ilha Barataria, quando ali ordenava os seus negócios públicos, levou-o talvez a premeditar, pelo menos de alguma agressão, por parte dos ofendidos em seus direitos, menos humana: "Aconselho, que de aqui adelante no os burris con la justicia, porque lo pareis con alguna que os dé con la burla em los cascos".

O grande segredo de Ferreira de Araújo como jornalista reside na intuição que ele tinha do ponto onde estava o eixo do negócio. A trapalhada é em regra e meio de que se servem para chegar aos seus fins aqueles que só sabem pescar em águas turvas; o gosto largo e uma linguagem transcendente também é o recurso de que se utilizam os que ainda supõem o povo uma criança grande, e portanto susceptível de ser enganado pelo terror que causam os especialistas sabedores das coisas divinas e humanas.

As *Coisas Políticas* de Ferreira de Araújo tinham em si a virtude de frisar essas manhas e essas trucas.

O jornalista fazia consistir o seu talento em simplificar as questões e familiarizar o público com o assunto discutido, que os especialistas de ordinário buscavam envolver de ministério pelo esoterismo burocrático, e de metafísica pelo embaçamento que lhes trazia a hermeneutica dos jornalistas.

Questões havia que irrompiam ferozes como touros na arena acobardadas pelas furças que de todos lados lhe atiravam os capinzais da imprensa. A esses touros, o jornalista da Gazeta não tardava em amansar com a clareza da sua crítica e com o bom humor da sua frase sempre comedida. O seu raro deixava de descarnar a verdade por um sorriso, alumiando os odios e contendo os desvios da razão.

As vezes Ferreira de Araújo transformava-se em Alcides e preferia palavras acerbas embora em estilo sempre blindado de gentileza. Mas isto só lhe sucedia quando se lhe apresentava alguma questão de ordem social.

Um dos seus mais belos e incisivos artigos foi o que ele escreveu quando se propunha que o conde d'Eu se comprasse a fazenda de Faququerque para nela estabelecer um asilo de frazes. Logo que isto soube, o jornalista empunhou o seu florete mais brilhante e acerado, flagelou os instintos hyloquistas e as alianças conventuais da família Orleans e mostrou o perigo que naturalmente resultaria da imigração Francesa e que se procurava sorrateiramente introduzir no Brasil sob os auspícios do conde de la herdeira presumtiva do trono.

Em matéria de colonização, disse ele, não é precisamente ao padree que mais pode convir ao Brasil. Apesar de ser o chim uma

Ferreira de Araújo e a imprensa carioca

(continuação da página 119)

ele não externar; não há sofrimento que ele não espouse; não há protesto, não há revolta, não há necessidade que ele não formule, não sustente, não ampare! A vida não lhe é própria; não são os seus sentimentos que ele traduz; não é a sua vontade que ele manifesta. Aparelho belladoniano, de uma sensibilidade excepcional, exposto a todos os ventos do quadrante, ele age e reage sobre a sociedade em que vive, até que chega a hora suprema em que lhe vem, com o eterno repouso, a cessação dessa luta perene por amor da outrem. Ah! a sociedade moderna não tem órgão cuja função se lhe compare! Apartados de toda a força material, esses heróis valem mais e sacrificam tanto como os heróis da cavalaria! O mais caro de seus afetos, os mais vivos de seus sentimentos, as mais poderosas de suas impressões, o melhor de sua vida, eles o sacrificam quando o momento aos é e preciso faz-lo por amor do interesse superior, que é o interesse de todos — e que, por isso mesmo que o é, ninguém se sente obrigado a agradecê-lo, contentando-se de recolhê-lo o proveito. Ah! a civilização deve a esses evangelistas o melhor de seus triunfos! E nas páginas desses jornais que diariamente o governo e o povo encontram-se e confundem. Al trocam-se ideias, permutam-se impressões, desfazem-se enganos, esclarecem-se dúvidas, dissipam-se o erro; al eleva-se o espírito, al ensina-se, al doutrina-se, alegra-se a vida, encoraja-se o fraco, cimenta-se a união social, justifica-se o sentimento pátrio... Toda vida social reflete para al e dal parte mais viva e mais ampla, como as ondas da maré montante revertem do ro-

checho em que se quebram, encachoeiradas, espumantes, largas, remansosas... Uma vida toda de dedicação a suas funções exercidas com a tranquilidade de ânimo e a serenidade de consciência, que foram sempre o apanágio de Ferreira de Araújo, uma vida toda de amor e de carinho, dedicada a seu jornal, que fizeram dessa Gazeta de Notícias uma revolucionária na imprensa e uma propulsora efetiva do progresso social, vale bem a homenagem que o Brasil titelo! A beira de seu túmulo recomendo, lhe presta, honrando nele o talento, o afeto, o carinho, a abnegação do amor do progresso, o zelo pela pátria.

A Imprensa. Niobe inconsolável, chorara a perda do maior de seus filhos, como lágrimas que não se estancaram. Mas, porém, e a perda da Pátria, que se vê privada do apoio, do auxílio, do consolo, do conselho, do incitamento daquela pena serena e justa, que durante mais de vinte anos traduziu, como espelho fiel, as suas impressões e as suas aspirações, mergulhou, como bistril acorçado, nas carnes apodrecidas, repercutiu, como eco raro, as suas dores e os seus sofrimentos, gemeu com ela, com ela riu e chorou...

Quem escreve estas linhas atormentadas, o mais humilde dos aprendizes do jornalismo desta terra, deveu a esse espírito mais de uma lição, aprendeu nas suas palavras, inspirou-se no seu exemplo; e, nesta hora, rende-lhe nesta página a mais sincera homenagem a sua memória imperecível, que ficará pairando sobre a imprensa, que ele tanto amou, como os espíritos das mias pátrias, imortais e angustiados, sobre os filhos que deixam neste baixo mundo...

Alguns artigos sobre Ferreira de Araújo

quito, la assim pelas alturas da rua dos Ourives, se me não falha a memória, costumava-se reunir um grupo de alegres companheiros — Henrique Chaves, Abranches Galo, Manuel Carneiro e o seu compadre Oliveira, de Santos, e um humorista português, que, segundo penso, era Eduardo Garrido. Havia, então, certas noites, um grande ponche, com palestra em redor, para o qual se convidava com a fantástica denominação de — exposição de feras. Cuido que foi numa dessas exposições de feras que vi, pela primeira vez Ferreira de Araújo, num vivo tiroleiro de espírito com os companheiros do Mosquito. O paiolito de imprensa, que eu era, com os meus direitos anos de idade e o curso de direito interrompido, fazendo então a cozinha na redação da República, achava uma requintada delícia, uma bela orgia intelectual, aquele convívio de gente nova e quasi ilustre, de bom humor e de bons ditos.

A figura de Araújo, tão acentuada e distinta que era absolutamente inconfundível, mal se me destacava, entretanto, naquele grupo, apagado pelo tempo como uma velha fotografia. Assim era que ainda mal o conhecia quando, poucos anos depois, vi em S. Paulo, na redação da Província, o primeiro número da *Gazeta de Notícias*, de formato modesto e colunas estreitas, mas com o que, que fosse, em todo o feitio, que já revelava, para os do ofício, uma fôlha que havia de ficar. Depois, em fins de 1877, quando voltei de S. Paulo, ou no correr de 1878, quando entrei a trabalhar para a *Gazeta* alguma colaboração literária, versos e prosa, foi que comecei a aproximar-me do grande jornalista a que depois me havia de afeiçoar tanto; mas só muito depois, já nestes últimos anos, é que tive verdadeiramente a felicidade de o conhecer de perto e toda a magnificência do seu vasto espírito, alegre e claro como um dia de verão de nossa terra, e a sua incomparável bondade, feita de superioridade, e de tolerância e de bom humor ingenuo, que era o perpétuo encanto de sua companhia.

Entre os ricos dotes daquela alma, um menos vulgar do que parece, era a facilidade de admirar, com entusiasmo, todas as verdadeiras manifestações do talento. Lembro-me, como exemplo, do prazer que lhe causou a leitura dos primeiros números da *Tribuna* de Alcindo Guanabara, que ele considerava um jornalista completo, porque sabia fazer todas as seções de uma fôlha, e de tal modo dirigia e harmonizava o trabalho dos colaboradores, que efetivamente parecia que a fôlha inteira era escrita por ele.

Talvez por me recordar bem deste conceito moveu-me como nenhum outro, no concerto de homenagens da imprensa desta capital, o tributo que o jornalista da *Tribuna* rendeu ao mestre que desaparecia.

Nestes domínios do Jornal, por onde também tenho peregrinado desde muito cedo, com a desprezeção de um amador, mas ao mesmo tempo com a religiosidade de um crente, e onde tantas superioridades mentais tenho conhecido, não encontro nunca outra figura tão simpática, tão profundamente dominadora, que tão longa saudade deixasse, como a do gigante pacífico, do grande escritor paternal que se chamou Ferreira de Araújo.

Rio, setembro de 1900.

(*Gazeta de Notícias*, 21-9-1900).

CARTA A FELIX PACHECO

Ramiz Galvão.

Prezado colega e amigo Felix Pacheco:

Beijo-lhe as mãos, agradeço, pelo mimo que me fez obsequiar: a segunda edição do formoso *Discurso* pronunciado em 1912, quando se inaugurou a herna de Ferreira de Araújo no Passelo Público.

Essa homenagem, prestada ao insigne Araújo, o maior jornalista da sua época, representa um ato de justiça que eu estava no caso de aplaudir *fatis viribus*, porque trabalhei a vida e sob sua dire-

ção por espaço de nove anos na *Gazeta de Notícias*, de 1890 a 1899.

Já eu conhecia a Araújo desde os bancos da Escola de Medicina, onde ele se matriculou em 1862, sendo pois meu veterano em 1863, quando ali iniciei os estudos.

Desse tempo dataram as nossas relações de amizade, que depois se estreitaram em Petropolis, de 1882 a 1889, quando ali passávamos o verão: eu, preceptor dos príncipes filhos da princesa D. Isabel, — ele proprietário e eximio redator-chefe da *Gazeta*. As minhas filhas e as de Araújo eram devéras camaradas.

Gracas a estas excelentes relações, fui pedir-lhe trabalho em princípios de 1890, após a proclamação da República. Nessa ocasião me faleciam meios de vida, porque, para o serviço da educação dos netos do imperador, eu, que lhe era muito grato, tudo sacrificara: o meu cargo de Diretor da Biblioteca Nacional e a minha cadeira de lente da Escola de Medicina, conquistada em concurso.

Araújo, gentilíssimo, acedeu de pronto à minha situação precária, dando-me a função de colaborador da *Gazeta*, e pouco depois a de secretário da Redação, quando vagou esse lugar. Neste posto me conservei até 1899, — data da minha nomeação para diretor do Assio Gonçalves de Araújo.

O convívio de nove anos com o insigne jornalista permitiu-me tra-la-lo de mais perto e conhecê-lo amplamente todo o seu valor como paladino da Imprensa, a qual ele dera nova feição, como brilhantemente assinava o meu ilustre colega no seu *Discurso*.

Os conselhos de Ferreira de Araújo foram-me sempre utilíssimos. Acoo-me à lembrança de um exemplo, entre muitos outros. Em 1890 era eu já Diretor da Instrução Primária e Secretária da República, por indicação do benemérito Benjamin Constant, — e nessa qualidade colaborei no decreto, que então reformou o referido serviço.

Em semelhante ocasião, às críticas feitas por um ilustre educador brasileiro tive de responder pelas colunas na *Gazeta* e, como era de meu dever, submeti o meu longo artigo à apreciação de Ferreira de Araújo.

Pois bem; este o aprovou, mas apontando-lhe as arestas e suprimindo todas as expressões mais ou menos azedas da minha calorosa argumentação. Um ótimo conselho e um auxílio valioso que me prestou. Era o seu feitio, quando discutia todos os altos assuntos de que se ocupava na grande fôlha, que fez época como se sabe.

Tinha Araújo o dote precioso de chamar para junto de si os bons e novos talentos daquela geração, como no seu *Discurso* o meu digno colega acentua. Feita exceção, é claro, de quem escreve estas linhas, estão ali enumerados alguns. Peço-lhe só permissão para lembrar os nomes esquecidos de Coelho Neto, Luiz Guimarães Filho e Pedro Rabelo, que colaboraram na *Gazeta* por esse tempo, e que todos três, ou pertenceram à nossa gloriosa Academia, ou ainda hoje constituem ornamento dela.

Por falar em Academia, ocorra-me esta leve observação. Sabe o meu dileto amigo que Araújo foi convidado em 1897 para a fundação da nossa Companhia, e que ele declinou desse convite, alegando que não tinha *feito de acadêmico*. Porque não aludiu a esse por-me-nor?

Salvo isto, a luminosa homenagem prestada a Ferreira de Araújo é completíssima e constitui novo testemunho do seu talento e do seu caráter adamantino.

Pela redação do *Discurso* aceitei pois um fraternal abraço e felicitações do admo. e companheiro obrigado. — Ramiz Galvão. (12-11-933).

FERREIRA DE ARAÚJO

Coelho Neto.

Quando ontem o vi, longamente estirado entre cirios, na sala nua e triste da casa em que morreu, tive a impressão de achar-me diante do corpo formidável de um gigante como o que encontrei B.



Ferreira de Araújo

Patrício na terra inculta da Irlanda.

A moléstia deu-lhe ainda mais vulto, a Morte fê-lo ainda maior; aquele corpo cresceu na agonia como o sol parece crescer no oceano.

O homem atordoado impunha-se como um farol — a sua cabeça dominava a multidão e a claridade do seu espírito, simples como a própria luz, espalhava-se iluminando o caminho como o esplendor sereno da verdade.

O homem que ontem caiu foi o reformador da imprensa brasileira.

Realizando o tipo perfeito do jornalista moderno, Ferreira de Araújo era o espírito do seu jornal: ele animava todo aquele grande corpo doutrinando no artigo essencial, comentando um fato na crônica, castigando um ridículo com uma ironia, animando a vida artística com o influxo benéfico dos seus folhetins, respondendo, às ocultas, com a esmola se via correr uma lágrima, acudindo à luta por justiça se o chamavam à peleja.

O seu gênio subdividia-se como a luz, e em toda a parte em que aparecia fulgurava: aqui mostrando o perigo, ali descobrindo o vício, ali desnudando o grotesco, mais longe aquecendo como o rai de sol ou queimando como um cauterio.

Foi ele que começou a fazer a emancipação espiritual do povo pondo o jornal na mão do operário e transformando a fôlha, dantes sorrateira que nos entrava por baixo da porta, como a medo, na cotovia da alvorada voando à primeira luz, por todas as ruas, anunciando, glorificando e animando a vida.

Foi ele o protetor dos intelectuais. Conscio da sua grandeza nunca temeu a concorrência e, longe de cercar-se de urzes rasteiras, quis arvores fortes; longe de recrutar, como Sir John, os cambrios, os manchecos, os estropeados para o seu bando, fez como Coelho Neto: escolheu os mais fortes e nem por isso succumbiu vencido, impoz-se cada vez mais e conseguiu a glóriaterna de deixar uma legião.

A bondade do seu coração inefável foi a sua resistência maior — o homem intrepido na luta tornou-se resignado no sofrimento, o batalhador, sentindo a morte próxima, lançou um olhar à espada com que combatia e não empalideceu de medo nem se arrepiou de remorso — na lâmina não havia uma só gota de sangue injustamente arrancada porque como Dardanell, ela nunca se prestara senão à defesa do Justo e, cravando-a no solo, ainda achou no seu punho a cruz porque foi com ela e beijando-a que ele se empenhou nas campanhas em favor do Bem da sua Patria, e foi com ela que se achou na hora suprema quando sentiu que sua alma se desprezava do coração para o grande voo à região da Esplendida Verdade.

Doce mestre com que lágrima te há de chorar o mais humilde dos teus discípulos?

Repousa no seio claro de Deus, tu que d'Ele saíste, como um missionário de Amor vindo trazer à nossa terra o Evangelho sublime do verdadeiro patriotismo.

(Cidade do Rio, 22-8-1900).

GALERIA JORNALISTICA

Ferreira de Araújo

Se este homem não é o que se chama um *feito*, então desconheço que sorte de ingredientes devem compor a felicidade.

Co-proprietário e redtor-chefe da fôlha de maior circulação do Brasil, moço, dotado de bom senso prático e de índole moderada, bem-quisto, cortado, adulado, talentoso, isento da tarantula de ambições políticas, abundante em *nickels*, amante das belas cousas e das cousas boas — o Dr. Ferreira de Araújo parece navegar serenamente sobre o mar tempestuoso da vida, derivando sorrivelmente por entre os arrecifes e bordeando a caia de ventos propícios, tendo por bússola o senso e por leme o bom humor.

Digo *parece*, porquanto a ventura neste pedaço de mundo velho que habitamos é qual delicada sensibilidade, que murcha ao mais leve contato de corpo estranho!

Quem sabe lá se o homem não tem no dedo mínimo de um pé algum calo irreduzível e intransigente, o qual sempre venha turbar a doce beatitude de sua alma?

Machado de Assis mostrou alguns que muita vez a felicidade está em um par de botas.

Pode-se também provar que outras vezes a desgraça provém de um bom calo.

Quem sabe lá se em seu abdomen e partes circunscritas não existe algum excesso de banha, esta causa atroz, medonha, horrora, chamada *tecido adiposo* — monstro gorduroso que aniquila as luzes, compromete a plástica, materializa o amor, embota a imaginação, gera o tédio, amortece os nervos, produz o egoísmo, transforma D. Quixote em Sancho Pança e faz supor que o homem desce, não do macaco, mas do porco?

Todos concordam em achá-lo lhano, afável, benevolente, e despresumido. Demaisadamente, talvez. Aquela inalterável igualdade do humor e da amenidade no trato para com todos que se lhe aproximam, sejam amigos ou estranhos, bons ou maus, inteligentes ou néscios, deixa transparecer sob a sua aparente bonhomia certa dose de indiferença diluída em doce pessimismo e amável misantropia.

A serenidade é predicado valioso para o jornalista; mas não assim a complacência e longanimidade sistemáticas, que acabam por amolecer a energia, destruir a resolução e a franqueza.

Dulceiter in modo, fortiter in re.

Como escritor, Ferreira de Araújo notabilizou-se com as suas *Cousas Políticas* e *Balas de estalo*, conquistando reputação sólida e brilhante. Estilo *bon enfant*, sóbrio de imagens e limitado no vocabulário, mas agradável, bem equilibrado e sobretudo afinado pelo dialeto dos leitores. Delta artigo de fundo com a familiaridade do burquez de paletó branco e chinelas de tapete, a discrição depois do jantar. Tem golpe de vista pronto e critério seguro para apreciar homens e fatos da política militante. Raras vezes remonta-se a considerações transcendentais, e a sua proza não deixa de rogar de vez em quando pela banalidade. Mas como evitá-lo na tal literatura política, esta coisa chata e chilra à força de ser cultivada por toda casta de primitivos?

Neste gênero, se gênero existe, é impossível mostrar originalidade. O artigo político é a "mãe Joana" da literatura.

Preliro-o nas *balas de estalo*. Ai vê-se a sua nota pessoal, que é o chiste e o bom humor. Engenharia em descobrir o lado cômico dos assuntos do dia, põe-nos em relevo usando de um processo muito simples, e por isso mesmo muito difícil: aplica com muito a propósito e graça certos ditos e facécias vulgaríssimas, dísticas que ouvimos a todos os instantes da boca do Zé-povinho.

O efeito é seguro, e as suas *balas* tornam-se em pelourinhos em um ridículo macio e desenhado, mas por isso menos temível.

Quem há no Rio de Janeiro que ao ver o ilustre ar. comendador Malvino Reis, não murmure entre dentes:

— "Aquele comendador Malvino é um marvado! Ele finge ser bom home, mas é por carculo!"

Je pouvais encore écrire certaines petites choses sur Mr. Araújo, mais je n'ai pas d'aspaces plus. Dizen qu'il est un bon patron, qu'il goute de soupe macarroni, il est passionné pour Paris et son esprit est parisien de la jaune d'oeuf. Aussi il a une eau-de-vie spéciale pour ce qu'on appelle en jargon brésilien — grandes poisons de jupe. Ses haines — principales sont pour Mr. Hudson, appelé la Mame du Povo, pour la *Festille Neuve* de Mr. Emmanuel Monton, a laquelle il dirige tous les jours de grilles pesées et des collets qui font arracher cuir et cheveux. On dit qu'il touche bien piano, mais quand on lui prie ça le reste d'âme.

En somme, tirant tout ce que ne prête pas, il est beaucoup bon. Zeca (A Semana).

Ferreira de Araújo

(Conclusão da pág. 114).

título de *Opiniões*, uma série de artigos, cuja relação é a seguinte:

- Barbosa Lima — 13-3-95.
- O Rio Grande — 20-3-95.
- A Escola Militar — 27-3-95.
- O Rio Grande — 9-4-95.
- Ainda o Rio Grande — 10-4-95.
- As indenizações — 17-4-95.
- A Imprensa Paulista — 1 de maio de 1896.
- A Mensagem — 9-5-95.
- Rio Grande... for ever — 17 de maio de 1895.
- Campos Sales — 22-5-95.
- O caso do Ministro — 29-5-95.
- Boatos e apreensões — 5 de junho de 1895.
- A Balbúrdia — 15-6-95.
- A Paz — 18-8-95.
- O empréstimo externo — 22 de agosto de 1895.
- A Kermesse — 28-8-95.
- Depois da pacificação — 4 de setembro de 1895.
- A anistia — 5-9-95.
- Afonso Celso — 20-9-95.
- Afonso Celso — 23-9-95.
- Afonso Celso — 2-10-95.
- Colas do Rio Grande — 8 de outubro de 1895.
- A Restauração — 9-10-95.
- A Restauração — 15-10-95.
- A Restauração — 27-10-95.
- Contra palpos — 30-10-95.

Algumas Fontes Sobre Ferreira de Araújo

- Autores e Livros — Vol. 9.º, n.º 12 (7-11-948).
- Contem:
 - *História do Jornalismo no Brasil*: Ferreira de Araújo.
 - *Ferreira de Araújo* (nota biográfica).
 - *Bibliografia de Ferreira de Araújo*.
 - *Algumas fontes sobre Ferreira de Araújo*.
 - *Camões e os Lusitãos*, de Ferreira de Araújo.
 - *O Diálogo* e o *Senado*, de Ferreira de Araújo.
 - *Do Artigo de apresentação da Gazeta de Notícias* — Luiz Senier (Ferreira de Araújo).
 - *Barbosa, Rui* — A Imprensa — 22 de agosto de 1900.
 - *Bilac, Olavo* — *Ferreira de Araújo*, in "Crítica e Fantasia" pág. 221.
 - *Bilac, Olavo* — *Introdução à Ironia e Piedade*.
 - *A Cigarra*, 8 de junho de 1885 (nota com retrato).
 - *Dom Quixote* (várias cahges 2-8-1895, 8-8-1896).
 - *Galeria Nacional* — vol. 1.º, pág. 92.
 - *Gama, Chichorro da* (A.C.) — *Exercícios Literários* — página 162.
 - *Gazeta Literária* — Nota sobre *Cousas Políticas* — 20 de março de 1884 — pág. 230.
 - *Mequetrefe* — Retrato — janeiro de 1891.
 - *Pacheco, Felix* — *Discurso na solenidade da inauguração do busto de Ferreira de Araújo no Passelo Público* — Almanaque Garnier de Janeiro de 1914 — pág. 447.
 - *A Semana* — 13-8-1885 e 21-8-1888.
 - *Semana Ilustrada* (várias cahges) — 8-1-1879, 30-8-1879, 1-11-879, 10-7-880, 2 de outubro de 1880 e 23 de outubro de 1880.

Alguns trabalhos de Ferreira de Araújo

UM JORNAL NASCE...

Ferreira de Araújo

Um jornal nasce com a idade do espírito de seus redatores.

Idade do espírito, digo, porque embora seja tão íntima a ligação entre a matéria e o espírito, que alguns fazem depender este daquele, há homens cuja alma se não amolda a rugas do corpo, como há moços cujo espírito envelhece prematuramente.

A *Gazeta de Notícias* tem vinte e tantos anos.

Quer isodizir que ainda tem coração para falar de amor às moças, ainda sabe rir com os rapazes e apesar de recém-nascida, sabe talvez já ter juízo como os velhos, mas a seu modo.

Mas realista até o ideal da ventura neste mundo, a *Gazeta*? Ah, não, não. Parece muito! Pois não é? Se o que eu deixo dito se refere ao indivíduo Fulano de tal, teria razão de ser a dúvida, mas refere-se a um corpo coletivo e a soma dos sentimentos, da alegria e do juízo de todos há de dar coisa digna de se ver.

Suponhamos que o mais ajuizado de nós quer impedir que o outro seja um altar à memória da vítima honrada de uma grande infâmia, porque os algozes que fizeram vivos são fregueses e deixam muito lucro que o pobre diabo que já não dá mais lucro a ninguém.

Revolta-se o entusiasmo do poeta que quis entor hosiarias; um argumento com sentimento, e outro argumenta com a caixa, mas como apesar de ter já algum juízo, tem ainda também um pouco de coração, cede, com restrições; por exemplo, chega-se a um acordo e diz-se que a tal miserável infâmia que fez cair uma vítima, foi um... negócio infeliz.

Talvez nem todos possam.

Gazeta é sempre tímida.

Se tratar de...

que estejam...

mentos e a...

vezes dizem...

pretendem...

ainda...

lance...

peça...

o...

Se...

ma...

dis...

As...

pele...

são...

Atre...

frin...

para...

xar...

di...

o...

tem...

esper...

ver! Pois...

esquid...

ria melho...

mento, que...

lo inver...

lástima na...

ris? Isto...

Ditem quando...

tarda a...

brocha; amanhã, está surrada...

pensa no inverno quando a...

no verão! pensar na morte, ser...

de gozar a vida! Mas para que...

antiar o relógio inexorável? Tempo...

Se queres, pois, viver o que te resta, se queres gozar o que aprendeste, faze como eu que ainda estou aprendendo; alija a pesada carga dos cuidados e ri, que este mundo só é um vale de lágrimas para quem não quer rir.

Não tiveste o berço bafejado pela ventura? Passaram já por ti os dias lentos da miséria? Viste baquear os que amavas? Mentiram-te ao coração? Tocou-te a infâmia? Um amigo chavou-te um punhal pelas costas, quando te abaixavas para lha arredar as pedras do caminho? Pois guarda no peito a saudade dos que morreram e espera, que ainda serás com eles; esquece a mentira, despreza a infâmia, perdoa ao ingrato, ama o berço pobre, o canto da terra em que nasceste; abençoa a miséria passada, se foi honesta, abre tua alma aos sentimentos bons, família, pátria, humanidade, Deus, e deita fora a tua pretenciosa experiência, que de nada vale, que para nada serve, a não ser para distilar fel na taça de nectar que tens de beber.

Sé bom e justo, e viverás feliz, o que é melhor do que viver muito e a choromingar.

A *Gazeta de Notícias* apresenta-se assim. Não é isto um programa, é um retrato. Não diz o folhetim o que nós pretendemos fazer, diz o que somos.

De onde viemos? Da movidade! Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

Que somos? A moiedade! O que queremos? Viver, mas viver moços, rindo, amando, crendo no que é bom e justo, respeitando o que merece respeito, desprezando o que deve ser desprezado, erguendo altares a quem for digno deles, abatendo as estatuetas dos falsos ídolos tendo as estatuetas da alma e do coração.

cado por eles, nas mesmas condições de ato identico praticado por nós, fazendo pesar em favor do nosso todas as atenuantes e contra o deles as agravantes todas.

— Você me conhece?

Fosse a gente a responder, aproveitasse a máscara para confessar-se ao menos uma vez cada ano, como exigem os mandamentos, e sairia para a rua muito podre que pensa estar bem escondido. E talvez por isso, por pura cautela, que o carnaval é quasi unicamente a festa dos moços, dos que ainda não têm história. Que se pôde ter feito aos vinte anos? Juras falsas? E que não são tão falsas, pois no momento em que foram feitas, ditavam a sinceridade, fosse embora uma sinceridade feita de excitabilidade nervosa.

Estabelece-se uma corrente elétrica entre uns olhos doces, doces, e uma pele de rapaz em que o sangue não pôde estar parado; e vai o sangue, e põe-se a girar, a girar, e vai ao coração, e vai ao cérebro e desce à língua, e sai em protestos de amor eterno. Depois outros olhos, e as mesmas juras, sempre sinceras e sempre esquecidas. Quem nunca as fez, quem tem a consciência limpa sobre a primeira pedra aos que a fazem. E ali dos que não fizeram ali dos que não foram sinceramente mentirosos. Da massa dos que muito mentiram é que se fazem as criaturas que não mentem nunca, porque uma coisa é ter ouvido dizer que não é bom meter a mão no fogo e outra coisa é ter metido a mão no fogo e saber o que dói. E que tudo neste mundo tem a sua contra-partida. Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

mas, ou sou eu que o creio, como todos os velhos saudados do seu tempo, aqueles bailes a que ia toda a gente, mas onde realmente só se encontrava gente que queria se encontrar. Fervia a intriga, com rancor e sem maldade, a intriga que fazia rir, entaboiavam-se conhecimentos, que às vezes iam pela quarema fora, e outros acabavam em decepções, brincava-se, ria-se, talvez um pouco demais, talvez até à fadiga, e a ruína de saúde, mas com um "entrain" de todos os diabos, pororando vida e mocidade, transmutando alegrias, e o mais completo descuido do dia de amanhã. Depois o carnaval tornou-se mais pretencioso. Organizou-se, em sociedades, teve idéias, teve espírito fixado de antemão em programa, e saiu à rua procedido de clarins e de anúncios. As mulheres exigiram lugar em um carro alegórico, muito chic, em que elas ficassem de modo que toda a gente as vissem bem, — mas o que se chama ver bem? — e os homens mandavam distribuir o espírito, impresso em papel de cores. E possível que este carnaval de hoje seja melhor que o carnaval de meu tempo; naturalmente eu não lhe acho tanta graça, não só por não ser o meu, mas principalmente porque não sou Tenente, nem Feniano, nem Democrático. Pode bem ser que a diferença não esteja no carnaval, esteja na minha idade, e que, de vinte para quarenta, e...

A propósito. Li há dias nas "Festas e tradições populares do Brasil", de Melo Moraes, um artigo muito interessante sobre o antigo carnaval. Nele se fala nas sumidades carnavalescas e nas mascaras e nos domínios que iam ao Lírico, e em tudo que foi a nossa felicidade e nossas alegrias nesses tempos que não voltam. E fala-se também na Petalógica, do largo do Rocio, a Petalógica do Paula Brito onde se reuniam homens de letras, e a Rocio da boemia literária, de onde o tempo dispersou como...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir, se aos que mentem não chegasse a sua...

Se houvesse entes privilegiados a quem a natureza tivesse concedido a facilidade de mentir

Alguns trabalhos de Ferreira de Araújo

a casa para por-nos na rua; mas o contrato era seguro e ele teve de resignar-se a ver a *Gazeta* aparecer-lhe ali mesmo as barbas.

Alinda lhe restava uma esperança. Vendo-nos desfilar em seis contos o capital de trinta, só em luvias para casa, ele imaginou que fomos gastar o resto em luvias e teve um descontentamento quando nos viu nos primeiros dias receber assinaturas em uma porta velha, posta sobre duas barreiras vazias, substituídas triunfalmente dias depois por um balcão comprado em segunda mão. O homem copou o nariz, considerando-se roubado.

Na *Gazeta* as coisas não corriam como no *Diário*.

Desde o princípio todos tinham ordenado, todos, menos eu, graças a Deus. E que então eu tinha a clínica a sério — a fé é que nos salva — e combinamos que eu escreveria folhetins quando me apravesse, sobre higiene, quando me apetece-se, mas não faria estado no jornal, não teria obrigação efetiva, ao passo que o Manuel Carneiro abandonou tudo para dirigir o barco e o Elísio andou a distribuir os seus lugares de guarda-livros pelos amigos, guardando para si um só, por tal sinal que guardou justamente o melhor; mas aquilo era sair do banco e vir para a *Gazeta*, todo o resto do dia fazer economias. O Henrique continuou na sua especialidade de crítica e com tal jeito ao houve que tivemos logo anúncio de teatro; o que é a surpreensão aspiração da crítica imparcial. O João Velhinho não entrou, logo, o que me pareceu uma indignidade de tal ordem, que algum tempo depois estando no *Glóbo* nos desancou, o miserável, com toda a química de que era capaz.

A nossa primeira campanha séria foi a dos *Lazarillos*. A polícia tinha proibido a peça e nós quisemos fazer-la representar em nome de uma sociedade, sem venda de bilhetes; somente estes eram substituídos pelos recibos dos sócios. Muita gente quis ser sócio, e entre outros o presidente do Conservatório, que mandou um tipo qualquer entrar para a sociedade e pela facilidade com que foi admitido concluiu que a ordem policial estava burlada, e a polícia proibiu a festa. Houve pancada e a máquina da *Gazeta* teve de trabalhar o dia inteiro para dar vazão às encomendas.

Resultado, estávamos tirando cinco mil exemplares por dia, nessas dias anustiosos tiramos dez mil e terminada a questão o público tinha tomado gosto à folha e ficamos com onze mil diários.

Bem bom, e Deus dá saúde ao Sr. Antônio Ennes, autor da peça e ao presidente do Conservatório, que se lembrou de a proibir.

Algum tempo depois o Manuel Carneiro desligou-se. Eu tomei conta do barco com um medo, só comparável ao que tinha tido por ocasião de certos exames, quando os lençóis tinham má cara. Somente fiz como o Elísio com o banco e não deixei a clínica.

Raio de vida que vivi dois anos preso à *Gazeta* e com uma clínica que se parecia com a nossa laboriosa *excessiva*, tendo de percorrer os quatro pontos da cidade para senher principalmente bem e não quando os doentes não iam desta para melhor. Ao fim deste tempo as balanças animadoras por um lado, e por outro o Hilário de Gouveia, que me prevenia amavelmente de que a continuar assim eu ficaria cego, o que me fazia um certo transformo para escrever folhetins e ver doentes, resolvi poupar a vida de meu semelhante, meti o diploma na gaveta e fiquei *gazetário* para o resto de minha vida.

O Elísio tinha deixado o banco, quando saiu o Carneiro; quando eu dei a clínica, como ele tinha descoberto o João, que Deus fizera à sua imagem e semelhança, — não a imagem e semelhança de Deus, a do Elísio — foi para a Europa e depois para a China e daí em diante viveu sempre e uma vida de corropo.

De uma vez apanhei-o cá, e raspei-me eu. Voltai, raspei-me ele. E fiquei à espera que ele voltasse e como nunca mais voltou tornei a ir retemperar a fibra, e dessa vez com intenção de ir por uns tempos fora.

Não durou tanto como eu pensava a folga e cá estou outra vez no cepo, curtindo os meus pecados, lembrando-me do que fomos todos há vinte anos, descuidados, alegres, vivos, e vendo em redor de mim o Henrique calvo, o João Velhinho sem química, a não ser a que aplica em si para conservar os cabelos pretos, mas com esta consolação de que por dentro somos todos, quasi tão moços como éramos então.

(Transcrito da Notícia de 3 de agosto de 1895. *Gazeta de Notícias*, 21-9-1909)

MACAQUINHOS DO SOTÃO

José Teilha

Se este jornal de hoje não estivesse destinado a ir para a história como quem vai cuidar da sua obrigação, eu conheço um sujeito que a estas horas, ao invés de escrever estava mais era no meio da rua a dar vivas.

Benza-me Deus, há oito dias não me ocupo em outra coisa. De manhã, quando o meu despertador me entra pela janela do quarto a avisar-me de que é tempo de ir cuidar da vida eu, ao invés de fazer o sinal da cruz, grito vivas a Patrocínio! Ao puxar a corrente do chuveiro, a bulha da água parece-me música, e eu brado viva Joaquim Nabuco! Ao invés de pedir café, saúdo o meu compadre André Rebouças, que anda por ali mais contente que um rato a quem se oferecesse um queijo.

Ao almoço é um berreiro dos meus pecados. João Clapp, o Selvas das Malas, o Angelo da Revista, o Radical, são o molho de todos os meus pratos, cada garfada, uma viva; cada gole um burrah. A Princesa Regente, essa então vive num scribho, porque é a minha quantidade constante, todas as vezes para variar: viva o Patrocínio e a Regente, viva o Nabuco e a Regente, viva o Rebouças e a Regente, de modo que a hora do adormecer, feitas as contas, quem tem o maior número de votos foi a Regente, e é com esse viva que eu fecho a série e os olhos.

Porque, aqui entre nós que ninguém nos ouça, todos temos feito muito, a começar por mim, modestia à parte; que me conste, ainda ninguém gritou viva a José Teilha, porque o dia do benefício é a véspera da ingratidão; mas isso é porque estão à espera que eu estique a canela para me levantarem uma estátua; depois de mim todos os benemeritos; mas não todos, se bem me recorde, estávamos na filiação desconhecida, e ainda tinhamos que fazer muito o tope, quando chegou a regente, e sem artigo de fundo, sem conferência, sem discurso, dizendo simplesmente *admirinho* ao Sr. Barão do Cotegipe e chamando a S. Cristóvão o Sr. João Alfredo, deu com esta quantidade toda de pernas para o ar.

E ao invés das desordens dos profetas de má morte, o que se vê por essas ruas é festa, festa e festa. Os pretinhos receberam a notícia domingo, deram vivas como qualquer de nós, e segunda-feira foram trabalhar, no que mostram muito mais juízo do que eu, que, segunda-feira, em boa hora o digo, não fiz mais nada senão dar vivas.

Também, posso gabar-me de que se bem o gozo, é porque gabei com suor do meu rosto. E o governo do meu país — viva a Regente! — há de reconhecer a importância dos meus serviços e mais dia, menos dia, cal-me por ali o suspirado hábito da Rosa.

Poderei então morrer satisfeito, exclamando como o outro: *Poste-ridade, és minha!*

Jornal do Comércio de 19-11-933.

O DIVÓRCIO E O SENADO

Ferreira de Araújo

Calu no senado, aliás por uma pequena matéria de cinco votos, o projeto de lei do divórcio. Sabem-se que o projeto era eminentemente conservador, pois apenas autorizava essa medida em dois casos: adultério provado e tentativa de assassinato.

Ainda assim, só permitia o divórcio ao cabo de dois anos de separação, para dar tempo aos conjuges de bem pensarem a situação em que se achavam, aquela em que iam colocar-se, e a situação em que ficavam os filhos. Não obstante isso foi rejeitado. O que quer dizer que o Senado brasileiro entende que o conjuge traído é obrigado a pagar durante toda a vida a culpa do outro; e que quando a vítima é a mulher, ela tem de renunciar a toda a esperança de felicidade, a todo bem estar, e ficar para sempre presa a quem a desprezou. Quer dizer mais, que o conjuge contra cuja vida outro atentou, não tem o direito de procurar em sua fraqueza o apolo de terceira pessoa dotada de melhores instintos.

O Senado brasileiro não desobedece que as leis não têm força contra as paixões, contra as necessidades materiais, mas prefere que o conjuge que tem razão para divorciar-se se entregue ao concubinato, constitua família irregular, procrie filhos privados do direito de herdar e de usar o nome de seus progenitores.

O Senado teve em sua campanha contra a lei moralizadora e justa o apaucho dos sacerdotes católicos. É uma verdadeira aberração do espírito religioso o que leva o padre a pregar a indissolubilidade do casamento civil, que ele considera uma coisa sem valor, quasi uma coisa não existente. Para as almas dos crentes só há um verdadeiro casamento, é o que recebe a bênção do ministro de Deus. Podem todas as leis humanas decretar o divórcio, o crente considerará-se casado, e não contrairá novas núpcias, enquanto viver o outro conjuge; portanto, aos olhos da gente religiosa, a lei do divórcio não pode produzir efeito, e só se considerará divorciados aqueles que obtiverem do Santo Padre a anulação do laço matrimonial, anulando que aliás é possível obter em casos mais numerosos do que aqueles a que se referia a lei rejeitada. Se os padres atentassem a esta ordem de ideias, deveria ser-lhes indifferente que as leis civis autorizassem ou não o divórcio.

Mas, não de hoje, mas de há muito, não só nestas mas em todas as questões, o poder católico é essencialmente intolerante. Para ele o que importa é domínio das leis que ele dita; o que importa é que os indivíduos se submetam às suas exigências, que cumpram os preceitos que tenham as aparências da religiosidade, que entrem no rebanho a risco embora de o esmagar.

Compreende-se o padre que diz aos verdadeiros crentes que só o casamento religioso é válido aos olhos de Deus, não se compreende o que diz aos que não crêm que o casamento civil é um concubinato; mas o que de todo brada aos céus é quererem os padres que isso que eles chamam concubinato, não seja um contrato indissolúvel.

Não há meio de se convencer o rebo de Jesus Cristo não é o deste mundo, que a obediência aos preceitos da Igreja serve para garantir às almas dos crentes a bemaventurança que eles esperam alcançar além túmulo, e que o casamento civil só entende com a vi matéria e com os direitos da família durante a vida terrena.

Os padres sabem mais que basta mudar de religião para que os indivíduos casados religiosamente encontrem quem os case de novo; o próprio sacerdote católico não reconhece a validade do casamento contrahido perante o ministério de outra crença, e portanto não pode estranhar que lhe paguem na mesma moeda; sabe a facilidade com que mudam de religião os indivíduos, que não tendo esta ou aquela crença, pouco se importam de figurar como fazendo parte deste ou daquele grémio; mas na sua intolerância, pretendem impor as suas leis a todos, pretendem a sujeição dos que desconhecem a sua autoridade, e por isso procuram pesar todos os meios sobre os que têm em relação a eles qualquer dependência, e obter da fraqueza humana o que já não obtém pregando a doutrina.

Em sua obsessão, o padre não vê a própria incoerência, não vê que falsela completamente o espírito de fé, que é e deve ser espontânea, faz um meio de domínio mesmo sobre os espíritos mais rebeldes às crenças religiosas, e quando obtém pela cabala, pela pressão, vitória como esta, proclama que a maioria da população é católica, por isso que a maioria da representação nacional em uma das casas do Congresso votou no sentido de suas exigências. Se se fosse, porém, a prescurar o procedimento religioso de cada um dos que votaram contra a lei, e dos que votaram a favor dela por seguirem o preceito de que há coisas que são de Deus, mas também há outras que são de Cesar, talvez o resultado desse exame não fosse muito favorável aos apostolos da intolerância.

É o eterno *Crê ou morre*, modificado pelas circunstâncias, imposto pela manha, uma vez que já não é possível impô-lo pela força. É a Inquisição que subsiste, acastelada nas últimas trincheiras para onde a impellu a civilização, e de onde domina as consciências, espreitando o lado fraco de cada uma para atacá-lo. Somente, hoje impõe-se a obediência aos que a professam, e pretende-se uma sociedade em que há parte que segue diversos credos e parte que não segue credo algum, seja regida por leis ditadas de acordo com um credo único, ou antes, leis mais restritas ainda do que algumas que esse credo tem promulgado.

É que todos os argumentos que os padres formulam contra o divórcio cedem diante de uma consideração única: si o pedido de divórcio for dirigido ao Santo Padre. Ora, sem a lei civil de divórcio, o Santo Padre pode anular quantas vezes quiser o casamento religioso, e nos países em que houver casamento civil este continuará a vigorar para os conjuges que o Papa divorciou, e si estes contrahirem novas núpcias os filhos que das novas uniões provierem ficarão privados de seus direitos civis. Já está ao que leva o espírito de intolerância: nos países em que há casamento civil, e não há divórcio,

uma sentença do Santo Padre tem de ser desatendida pelas autoridades civis, e conjuges divorciados não podem contrair segundas núpcias, porque a lei civil não lhes permite o que a lei religiosa os autoriza a fazer.

Não há, porém, razão para que se considere perdida esta campanha. Não há quem ignore que para a derrota do projeto concorreu a circunstância de ser este ano e de eleições, e que a influência do padre na cabala eleitoral, uma das maiores misérias humanas em que é gossadamente se envolve, não é considerável. Apoiando para o espírito religioso de uma parte o egoísmo daqueles que, sendo bem casados, não vêem o martírio de quem não tem igual felicidade, para as pequenas ambições destes e para a incapacidade manifesta daqueles, o Padre pacientemente fez o seu trabalho de formiga, e das suas aparências de apóstolo de uma crença, quando não é mais que o soldado de um partido político, que tanto maneja as armas humanas da intriga como as divinas da promessa de um mundo melhor, promessa que facilmente se transforma em ameaça, sedução que não raro apela para o terror.

Mas, a opinião está formada, e a lei há de passar. É seria estranho que não passasse em um país e sob um regime que libertou a Igreja de todas as peias que lhe impunha o regime anterior que aliás obediência aparentemente às ordens de Roma. Ali estão rebertos os conventos, e o governo não mais cobija os bens das ordens religiosas; ali estão restabelecidas as práticas do culto externo, que o imperio proíbiu; ali está a Igreja livre na escolha de seus ministros, senhora absoluta do campo em que se deve exercer a sua ação.

Não é provável que os homens que representam a nação sob tal regime, que pôs em prática todas as tolerâncias para com a Igreja católica, como para com todas as outras, se resignem a ser vítimas da intolerância de uma delas, a permitir que a liberdade religiosa que decretaram, se exerça principalmente para ferir e coarctar a sua liberdade civil. (Revista Brasileira, 1-8-1896)

Nota ao presente número de "Autores e Livros"

Este último número de Autores e Livros, deliberamos faz-lo duplamente consagrado ao jornalismo brasileiro. Primeiro, escolhemos para objeto de nosso principal estudo uma figura ímpar da imprensa nacional, aquele que reformou o nosso jornalismo — o grande Ferreira de Araújo. Depois, incluímos em nossas páginas uma série de estudos excelentes, algumas delas notáveis, produzidos pelos alunos do primeiro ano do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, acerca de grandes figuras históricas da imprensa brasileira.

Torna-se assim duplamente precioso este derradeiro número de Autores e Livros.

Quanto ao material escolhido para formar as páginas que dedicamos a Ferreira de Araújo, verá o leitor que é de primeira ordem. Nelas incluímos os artigos necrológicos que abrindo o noticiário relativo ao jornalista, no dia de sua morte deram os mais importantes jornais do Rio. A responsabilidade de tais artigos — embora não tragam eles a assinatura dos diretores das folhas — cabe, evidentemente, aos mestres jornalistas que em cada uma daquelas tribunas exercia o cargo de diretor ou de redator-chefe. É fácil sentir, por exemplo, no artigo da Tribuna a elegância e a finura de Alcindo Guanabara, no da Imprensa a eloquência comovida de Rui Barbosa,

no da Cidade do Rio o apatxonado impeto de José do Patrocínio...

Também incluímos nestas páginas alguns dos melhores trabalhos jornalísticos de Ferreira de Araújo e entre estes uma página para a qual chamamos a atenção dos leitores: o estudo relativo ao divórcio.

Quanto à Galeria Jornalística, é o fruto dos trabalhos de estágio feitos pelos alunos do Curso de Jornalismo para a cadeira de História, Legislação e História da Imprensa. Já nos anos de 1948 e 1949 tivemos ocasião de publicar trabalhos de real valor das turmas respectivas.

No número de hoje avulta a importância de tais escritos, pois nele se contém 18 ensaios (chamemo-los assim) nos quais se acham estudos dezoito jornalistas de várias faixas brasileiras. A página fica valendo, portanto, como uma verdadeira síntese da parte que a História do Jornalismo dedica em sua aula o professor da cadeira.

Por um compreensível escrúpulo diante dos seus alunos, o professor da cadeira de História, Legislação e História do Jornalismo declara que os trabalhos relativos ao Quintino Bocaiuva e a João Ribeiro, e assinados pelas alunas Wílma Lucchesi e Jacira Vilhena Soares, não foram apresentados como estágio. São ensaios autônomos, por elas escritos especialmente para este número de Autores e Livros.

GALERIA JORNALÍSTICA

A exemplo do que foi feito nos dois anos anteriores, publicamos hoje provas de estágio da cadeira de História da Imprensa, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia.

A galeria deste ano encerra 18 trabalhos — desde Hipólito da Costa até Alcindo Guanabara — e pelo puro teor literário de muitos desses trabalhos pode o leitor adivinhar o alto nível cultural a que vão atingindo as turmas que frequentam aquele curso.

UM JORNALISTA DA INDEPENDÊNCIA — HIPOLITO DA COSTA

Izabel de Almeida

I — Hipólito da Costa: 1774-1808. Do nascimento ao aparecimento do Correio Brasiliense.

II — O Correio Brasiliense: 1808, 1822.

III — O fim de uma carreira: 1822-1823.

IV — Bibliografia.

I — HIPOLITO DA COSTA 1774-1808

A semelhança do que ocorreu em vários países, também no Brasil a imprensa teve papel saliente nas lutas pela emancipação política.

Foram decisivos, sem dúvida, os esforços do Correio Brasiliense e do Revêrbero Constitucional Fluminense, e o espírito brilhante de uma plêiade de jornalistas notáveis, liderados por Hipólito da Costa, Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa.

A história da independência do Brasil está, efetivamente, intimamente ligada à história do Correio Brasiliense e à vida de seu redator e fundador Hipólito da Costa.

Pode-se dizer com segurança — afirma um de seus biógrafos — que a educação política da geração que no Brasil preparou e realizou a Independência foi feita pelo Correio Brasiliense. (1).

Filho do Alferes de Ordenança Felix da Costa Furtado de Mendonça e de D. Ana Josepha Pereira, nascida a 13 de agosto de 1774, na Colônia do Sacramento, que então nos pertencia em virtude do Tratado de Madrid, o futuro fundador da imprensa brasileira, e, verdadeiramente, uma das glórias do jornalismo brasileiro: Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça.

Fez os primeiros estudos no Rio de Janeiro, seguindo então para Portugal, onde, na Universidade de Coimbra, anos mais tarde, obteve o grau de bacharel em Leis e Filosofia.

Em 1798, logo após o término do curso, por incumbência de D. Rodrigo de Souza Coutinho, futuro Conde de Linhares, seguiu para os Estados Unidos e México, a fim de estudar nesses países novos processos para a cultura do tabaco, algodão, cana de açúcar, canhamo e coconilha, bem como o sistema de obras hidráulicas realizadas nesses dois países.

Durante sua permanência nos Estados Unidos, Hipólito da Costa não se limitou apenas ao estudo determinado por D. Rodrigo de Souza Coutinho. Entusiasmado com as observações que fizera sobre a aplicação dos novos princípios políticos na democracia americana, filiou-se à Maçonaria, passando a pertencer a uma Loja Maçônica de Filadelfia.

Após dois anos de permanência no continente americano, Hipólito da Costa voltou para Lisboa, recebendo, em 1801, nova missão do Conde de Linhares. Designado para a função de Diretor Literário na Imprensa Régia, partiu para a Inglaterra, em começo do ano de 1802, a fim de adquirir material para a Biblioteca Nacional de Lisboa e máquinas para a Imprensa Régia.

De volta a Lisboa, três ou quatro dias após a chegada é Hipólito da Costa surpreendido com uma ordem de prisão e confiado de sua prisão determinada pelo Intendente Geral Pina Manique, sob a

alegação de que viajara sem passaporte. Apesar de contestar a legalidade do ato, apresentando o passaporte que se dizia inexistente e provando que efetivamente viajara a serviço do Rei, foi Hipólito da Costa encarcerado na prisão de Lameira.

Durante sua permanência em Londres, a serviço do governo português, Hipólito da Costa havia entrado em contato com os grandes expoentes da Maçonaria inglesa, chegando a firmar, na qualidade de emissário das Lojas portuguesas, importante acordo com o Grande Oriente da Inglaterra.

D. Rodrigo, amigo de Hipólito, certamente não desconhecera as atividades maçônicas de seu emissário na Grã Bretanha. Todavia, pouco a pouco iam aumentando em Portugal os rumores contra Hipólito. Altas personalidades portuguesas pertenciam à Maçonaria, e era interesse do Governo saber quais os convites com Hipólito da Costa. Para isso, assim que voltasse deveria ser preso.

D. Rodrigo, em conversa com amigos, deixou transparecer a intenção do Governo de prender Hipólito. Avisava-o, assim, indiretamente. Estes amigos logo informaram-no do perigo que correria, se voltasse a Portugal instando Hipólito, porém, vindo a consumar-se a previsão do Conde de Linhares.

Após seis meses de prisão ordinária, foi entregue à Inquisição: O "processo" de Hipólito da Costa, ante o Santo Ofício, constitui quase uma raridade, pois que gira apenas em torno de um assunto: o fato de pertencer o acusado à Maçonaria. Geralmente, a denominação de "heresia maçônica" vinha sempre ao lado de outras, como: "posuir o indivíduo obras de Rousseau e Voltaire; ridicularizar o peccado original; não ter procedimento católico (7); falar mal da Inquisição e dos seus ministros; viver em intimidade com ímpios; ou adeptos da Filosofia Natural e do Racionalismo". (2).

Hipólito da Costa, desde início, apenas foi acusado de maçom, sua única culpa foi haver pertencido a uma Loja dos Estados Unidos, já que, de suas atividades na Inglaterra havia apenas suspeitas.

Por esse crime, foi condenado, passando na prisão quase três anos, conseguindo evadir-se em 1805 para a Inglaterra, através da Espanha e Gibraltar.

Do "processo" e do que sofreu durante os três anos de encarceramento, deu-nos Hipólito da Costa uma descrição preciosa, real e sem artifícios. Os exageros sobre a realidade dos processos de julgamento e tortura usados pelo Santo Ofício, tão comuns em diversos trabalhos sobre a Inquisição em Portugal, não existem na *Narrativa* de Hipólito da Costa, que é sempre uma descrição serena e sem fantasias daquilo que realmente viu e sofreu durante quase três anos de encarceramento.

A obra de Hipólito da Costa, composta em dois volumes, veio a lume em 1811. Nela, além de narrar sua perseguição, apresenta Hipólito da Costa dois documentos valiosíssimos: a reprodução literal dos dois últimos Regimentos do Santo Ofício, os de 1640 e 1774.

A divulgação desses Regimentos veio ter influência sensível no pensar de muitos portugueses e brasileiros, que ignoravam a realidade dos processos, inquisitórios. As queixas dos que passavam pelos tribunais da Inquisição, o Santo Ofício apresentava desmentidos tão bem urdidos, que o povo, a exceção de uns poucos, continuava inteiramente iludido. Quando até juristas eminentes, como Pascoal José de Melo Freire, consideravam correto o procedimento jurídico dos Tribunais da inquisição, que poderia fazer o povo?

Importantíssima, assim, foi a divulgação do Regimento do Santo Ofício, pouco conhecido, aliás como afirma Mendes dos Remedios: "A maioria dos empregados do Santo Ofício conhecia dele tão somente a parte que lhe respeitava

e que lhe era comunicada por extrato. O segredo em tudo e para tudo." (3).

Em sua importante obra, de início, estranha Hipólito da Costa, que ainda existisse aquele tempo "um tribunal com a faculdade de prender indivíduos e processá-los, por culpas que se devem considerar como imaginárias, visto que não existem no Código Criminal da Nação", confessando, outrossim, que considerava a Inquisição fruto da ignorância e da superstição que dominava a Europa.

A situação de Hipólito da Costa no cárcere da Inquisição, enquanto aguardava o julgamento, foi das mais penosas: praticamente incommunicável, num infecto cubículo sempre umido de tal forma que, durante o inverno, ficava com seus trajes inteiramente molhados como se tivesse saído de um banho; sem sequer ser-lhe permitida a mudança da roupa que vestia desde que havia sido preso; com alimentação precária, com os maus tratos pecuniários às portas do Santo Ofício e ainda tendo que resistir aos interrogatórios com que os inquisidores pretendiam arrastá-lo.

Com Hipólito, porém, a Inquisição não logrou êxito algum. Encontrando uma inteligência vigorosa e convicção inabalável, os interrogatórios, para o Santo Ofício, nada mais eram que derrotas fragorosas, ante a superioridade indiscutível do acusado, sob todos os aspectos.

O processo de Hipólito versou fundamentalmente sobre questões de ordem filosóficas: cuido-se, apenas, da Maçonaria. Os Papas Clemente XII e Benedito IV, como posteriormente iriam fazer Pio VII, Leão XII, Pio IX e Leão XIII, por meio de Bulas haviam declarado, de forma soberana, tratar-se a Maçonaria de "uma seita herética".

Embora não demonstrando claramente o erro da Igreja, Hipólito, em resposta à afirmação do Juiz Eclesiástico, afirmava não ser a Maçonaria contrária à religião católica, como não o era a qualquer outra: respeitava a todas, igualmente. Noutros interrogatórios, queriam os inquisidores conhecer a organização da Maçonaria portuguesa, mas sempre encontravam em Hipólito um acusado irredutível. E assim, até que conseguiu evadir-se, foram passando os meses sem grande sucesso para o Santo Ofício ante a resistência inteligente que lhe oferecia Hipólito da Costa.

Sobre a vida de Hipólito da Costa, na Inglaterra, durante os três anos seguintes à sua fuga de Portugal, de 1805 a 1808, pouco ou nada se conhece. Ao que parece, deve ter ficado sob a proteção do então Chanceler da Maçonaria Inglesa, o Duque de Sussex, Filho do rei da Inglaterra. Tendo deixado diversas obras de tradução, filologia e história, acredita-se haver sido puramente literária a sua ocupação durante este período.

A partir de 1808, assim, começa a verdadeira carreira jornalística de Hipólito da Costa, em defesa dos interesses do Brasil, dos princípios constitucionais e da causa da liberdade dos povos americanos.

O CORREIO BRASILIENSE 1808-1823

Fundado e redigido por Hipólito da Costa, surge em Junho de 1808 o *Correio Brasiliense* ou *Armadém Literário*, editado em Londres, e que continuaria a aparecer até Dezembro de 1822. Trazia, como letra, algumas palavras de Camões:

"Na quarta parte nova os campos
E se mais mundo houvesse lá, che-
grara".

e apresentava, regularmente, quatro seções: Política, Comércio e Artes, Literatura e Ciências e Miscelânea. Como introdução, apresentava Hipólito, no primeiro número do *Correio Brasiliense*, algumas palavras que constituem verdadeira profissão de fé, exemplo da norma de conduta que então iniciava o

novo jornal, e que seria seguida até publicação do derradeiro número:

"O primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela; e cada um deve, segundo as suas forças físicas ou morais, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou. O indivíduo, que abraça o bem geral de uma sociedade, vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes, que ele espalha, tiram das trevas, ou da lixidão, aqueles que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inércia e do engano. Ninguez mais útil pois do que aquele que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redatores das folhas públicas, quando estes, munidos de uma crítica séria, e de uma censura adequada, representam os fatos do momento, as reflexões sobre o passado, e as sólidas conjecturas sobre o futuro. Feliz eu, se posso transmitir a uma nação longínqua e sosegada, na língua que lhe é mais natural e conhecida, os acontecimentos desta parte do mundo, que a confusa ambição dos homens vai levando ao estado da mais perfeita barbárie. O meu único desejo será de acertar na geral opinião de todos, e para o que dedico a esta empresa todas as forças na persuasão de que o fruto do meu trabalho locará a meta da esperança a que se me propôs".

Durante catorze anos, ininterruptamente, pugnou o *Correio Brasiliense* pela Independência do Brasil. Varnhagem, estudando os grandes vultos da Independência, teve para Hipólito da Costa palavras que são, a bem dizer, verdadeira consagração: "Não cremos que nenhum estadista concorresse mais para preparar a formação no Brasil de um império constitucional do que o ilustre redator do *Correio Brasiliense*. (4).

O *Correio Brasiliense* foi o primeiro periódico brasileiro a circular no Brasil. Ainda que editado em Londres, o que determinava a circulação no Brasil com várias semanas de atraso, o *Correio Brasiliense* provocou verdadeira revolução nos meios brasileiros e portugueses, sustentando campanhas ardentes em favor da adoção de medidas que viessem beneficiar o país; batalhando pela divulgação do orçamento, como escrevia num de seus primeiros números:

"No Brasil, segundo o sistema de Portugal, envolve-se tudo que diz respeito ao erário com um véu do mais profundo segredo, e a ninguém, ninguém absolutamente, é permitido examinar as contas públicas, e portanto está a porta fechada a todo remédio".

Também pelas páginas do *Correio Brasiliense*, defendeu Hipólito a imigração de agricultores, que viriam trabalhar livremente no Brasil. Não deveria continuar o trabalho escravo, incompatível com o progresso do país. Todavia, ainda que contrário à escravidão, Hipólito julgava que esta não deveria ser abolida de um só golpe, repentinamente, pois esse ato traria, certamente, graves perturbações para o Brasil; perturbações não só de ordem política, como social e econômica.

A repentina extinção da escravidão africana no Brasil "seria perniciosa; logo, não poderia dar-se-lhe meio remédio do que a sua gradual abolição, simultânea com a imigração de habitantes do norte da Europa".

"Temos por várias vezes indicado a necessidade de procurar ao Brasil uma população tirada das nações européias. E isto para fins morais, políticos e físicos. Porque, a não obrar assim, a raça portuguesa se estragará totalmente com a mistura, tão comum no Brasil, com os negros africanos, cuja complexão e figura viciam o físico das gerações mistas, e cujos costumes devassos, e moral estragada pelos maus hábitos inerentes à condição de escravo, servem de um exemplo fatal à mocidade, que com eles se

cria nos seus mais tenros anos, e assim adquire péssimos costumes, que de tal modo se arraigam, que duram depois por toda a vida. Os brasileiros devem escolher entre estas duas alternativas: ou nunca há de ser um povo livre ou há de resolver-se a não ter consigo a escravidão".

A questão da permanência da Corte portuguesa no Brasil sempre foi amplamente comentada pelo *Correio Brasiliense*. Achava Hipólito que D. João V deveria permanecer no Brasil, pois sendo o único monarca em território americano, indiscutivelmente teria a situação de destaque, que não poderia ter na Europa.

Embora defendendo em princípio a unidade do Reino, após o regresso a Lisboa de D. João VI, quando D. Pedro, então regente, não obedeceu ao chamado das Cortes, Hipólito da Costa passou a advogar entusiasticamente a autonomia para o Brasil. Após o decreto das Cortes chamando D. Pedro a Lisboa, escreveu Hipólito: "uma provocação mais e os Brasileiros dariam seu último passo para a Independência".

E, efetivamente, a Independência estava a um passo, embora a proclamação de D. Pedro só fosse realizada meses mais tarde.

São verdadeiramente extraordinárias as apreciações e previsões, quase que perfeitas, que fazia Hipólito da Costa sobre todas as questões do Reino. Estudando a realidade brasileira a tão grande distância e recebendo as notícias já com semanas de atraso, o *Correio Brasiliense* dir-se-ia ser editado no Brasil, tal a oportunidade da matéria contida em seus comentários. Não raro, escrevia Hipólito da Costa a respeito de fatos que eram inteiramente desconhecidos da maioria dos leitores brasileiros e portugueses. A política do todo ocular, como em Portugal, florescia cada dia mais no Brasil.

Certamente, um jornal livre de censura e que expunha claramente a política do Reino não seria bem visto pela Corte. Por várias vezes tentara D. João VI impedir a circulação do *Correio Brasiliense* em Portugal e nos domínios portugueses. Não obstante, embora em vigor a proibição real, continuou Hipólito a publicação de seu jornal e influindo sem dúvida cada vez mais no espírito dos leitores do Brasil e de Portugal.

Antes de proibir a circulação do *Correio Brasiliense*, já havia tentado o Governo português uma campanha de descrédito, procurando subornar Hipólito da Costa oferecendo-lhe quinzentas assinaturas, desde que o *Correio Brasiliense* modificasse seus comentários em que atacava a Corte Portuguesa. Rejeitada a proposta, inclinou o Governo outra forma de combate ao jornal de Hipólito: subvencionou vários folhetos que circulariam em oposição ao *Correio Brasiliense*.

O primeiro foi "Reflexões sobre o *Correio Brasiliense*", editado em Lisboa; sendo dos mais importantes o "Investigador Português em Inglaterra", lançado em Londres em junho de 1811, e que constituía uma verdadeira réplica ao jornal de Hipólito da Costa.

Como os demais, pouco durou este adversário do *Correio Brasiliense*, pois circulou apenas até Fevereiro de 1819.

III — O FIM DE UMA CARREIRA: 1822-1823

Proclamada a Independência, julgou Hipólito da Costa estar encerrada a sua missão patriótica. Embora distante, lutara pela autonomia do Brasil tanto ou talvez mais que muitos dos que sempre aqui haviam permanecido.

Em dezembro de 1822, com o derradeiro número do *Correio Brasiliense* surgiu o último trabalho jornalístico de Hipólito da Costa: "Cumpriram-se enfim os propósitos, e alcançaram as Cortes de Portugal realizar a demembração da antiga monarquia portuguesa, estimulando o Brasil apesar dos desejos de união daqueles povos, a declarar a sua total independência".

"Este periódico, destinado sempre a tratar, como objeto primário,

1 — *Boa. Homem de Melo*: Revista do Instituto Histórico, Vol. XXXV.

(2) *Esboço de Moraes*: *Cárcees e Fogueiras da Inquisição*.

(3) — *Mendes dos Remedios*: *Os Judeus em Portugal*.

(4) *Varnhagem*: *História da Independência*.

GALERIA JORNALÍSTICA

Joaquim Gonçalves Léo

José Mello.

FREI SAMPAIO

Helena Ribeiro da Silva.

Januário da Cunha Barbosa

Antony Bandeira.

dos negócios relativos ao Brasil, tem, há alguns meses, sido quase exclusivamente ocupado com os sucessos daquele país ou com os de Portugal, que lhe dizem respeito; e os acontecimentos últimos do Brasil fazem desnecessário ao redator o encarecer-se da tarefa de recolher novidades estrangeiras para aquele país, quando a liberdade da imprensa não, e as muitas gazetas que se publicam nas suas principais cidades, excusam este trabalho, dantes tão necessário.

"Deixará, pois, o Correio Brasileiro de imprimir-se mensalmente; e se, todas as vezes que se oferecer matéria sobre que julgamos dever dar a nossa opinião, a bem da nossa Pátria".

Suspensa a circulação do Correio Brasileiro, não deixou porém Hildó de dedicar-se às coisas do Brasil. Assim é que, em Fevereiro de 1833, apresentava a José Bonifácio um plano para o serviço de correio, estradas e colonização no país.

Colaborou ativamente, também, nas negociações para o reconhecimento da Independência do Brasil pela Inglaterra. Quando da nomeação da Caldeira Brant, depois Visconde e Marquês do Barbacena, para as funções de Encarregado de Negócios na Inglaterra, escrevia José Bonifácio a Hipólito da Costa, recomendando-lhe que entrasse em contacto com Brant, procurando ajudá-lo nos assuntos sobre os quais fosse consultado; e, mais tarde, quando cliente de que Hipólito aceitava a incumbência, agradecida, em nome do Imperador, "os seus patrióticos sentimentos, dignos de um verdadeiro brasileiro", acrescentando que D. Pedro pretendia dar-lhe um emprego diplomático, tão logo estivessem firmes as relações políticas com a Inglaterra.

Resolmente, D. Pedro pretendia confiar-lhe o Consulado Geral do Império em Londres.

Após quarenta e nove anos, após rápida moléstia, a 11 de Setembro de 1833, faleceu Hipólito da Costa em Kensington, nos arrabaldes de Londres.

A 20 de Setembro de 1833 assinava D. Pedro o decreto de nomeação de Hipólito da Costa para o lugar de Consul Geral, com a gradação de Conselheiro de Legação.

O reconhecimento do Governo fora tardio, porém...

BIBLIOGRAFIA:

Afonso de Taunay: Os grandes vultos da Independência.

Alberto Faria: O Jornalismo brasileiro.

Alcebades Furtados Ensaio sobre Hipólito da Costa.

Arthur Mota: Rev. da Academia Brasileira de Letras N.º 83.

Basílio de Magalhães: Jornalista da Independência.

Cunha Castelão Branco: Prefácio dos Ratos da Inquisição.

Chichorro da Gama: Dicionário de Autores Clássicos. Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, n.º 13.

José Veríssimo: História da Literatura Brasileira.

Gustavo Barroso: Centenário de Hipólito da Costa. Rev. da Academia Brasileira de Letras n.º 3.728.

Bão. Houven de Melo: Revista do Instituto Histórico e Geográfico, vol. 35.

Pereira da Silva: Vultos Ilustres do Brasil. Vol. II.

Rocha Pombo: História do Brasil.

Ronald de Carvalho: Pequena História da Literatura Brasileira.

Mendes dos Remedios: Os Judeus em Portugal.

Varnhagem: História da Independência.

Hildó Vianna: Contribuição à história da Imprensa Brasileira.

Carlos Riazini: O livro, o jornal e a tipografia no Brasil.

Hildebrando Accioly: O reconhecimento da Independência do Brasil.

Evairisto de Moraes: Cáceres e Figueiras da Inquisição.

*: Livros consultados.

Alma das mais representativas de nossa Independência, tendo antecedido Bonifácio na ação deste movimento. Mais liberal e democrata que este, cedo entrou em conflito com o velho Andradá, com cuja política autoritária e despótica não concordava. Amigo e aliado do Cônego Januário da Cunha Barbosa, foi um dos principais fatores de nossa emancipação política.

Nasceu em Província do Rio a 11 de dezembro de 1781, sendo filho de Antônio Gonçalves Léo e D. Antônia Maria dos Reis Léo. Estudava em Coimbra, e por morte de seu pai voltou ao Brasil sem terminar o curso. Tornou-se autodidata de não pequena cultura literária. Pouco se sabe de sua vida até 1820, além de que foi oficial de secretaria do Arsenal de Guerra. Apareceu em 1821, ao ser convocada a assembleia de eleitores de paróquia, que formariam o colégio eleitoral dos representantes de camaráas eleitorais finais dos deputados. Esta assembleia, convocada por Silvestre Pinheiro Ferreira, teve por secretários Joaquim Gonçalves Léo e José Clemente Pereira. Reunida a 20-4-22 na Praça do Comércio, a Assembleia ultrapassou seu mandato, exigindo a adoção de constituição escarpanta e pretendendo impedir a ida de D. João VI para Portugal. Enviada delegação ao Paço, voltou ela com a anulação do Rei, que mandava atacar traiçoeiramente os eleitores a golpes de baioneta. Léo conseguiu escapar à soldadesca, ocultando-se até depois da partida de D. João. A 15 de Setembro de 1821 publica com o cônego Januário o 1.º número do *Reverbero Constitucional*, decreto arauto da Independência nacional, segundo Afonso de Taunay.

Apesar de ardoroso republicano, foi, ao lado de José Clemente, Frei Sampaio, Nóbrega e J. J. da Rocha, uma das principais figuras do episódio ao "Piso" de 9 de janeiro, almejando, apesar disto, a independência do Brasil sob forma monárquica. Esta realização de Léo prende-se a seu amor à Independência e salvação do Brasil unido entre si, quando deixasse de sê-lo a Portugal.

Na convocação do Conselho de Procuradores de Província, foi Léo eleito representante do Rio de Janeiro, tendo nesta assembleia se mostrando um dos mais ardorosos defensores da imediata separação do Brasil.

Ascendendo Bonifácio ao poder, desenhou-se logo a luta entre as duas correntes, sendo Bonifácio partidário da calma adaptação, enquanto Léo preferia um rompimento brusco. Este antagonismo levou-o a um inimidade de duras consequências para ambos.

Assinado a 3-6-1822 pelo príncipe regente um decreto de autoria de Léo, no qual se convocava a Constituinte Brasileira, resultou a cisão da Maçonaria, ficando o Apostolado com os Andradás e o Grande Oriente com Léo, sabido que esta era de grande influência nos acontecimentos.

A 1 de Agosto de 1822, Léo lançou seu célebre manifesto, que representava sem reticências a atitude da Regência, e acelerava os acontecimentos para o Grito do Ipiranga. Depois da 7 de Setembro foi ainda Léo quem trabalhou para a proclamação de D. Pedro Imperador constitucional do País. A 23 de outubro o Andradá mandou fechar o Grande Oriente, ordem revogada por D. Pedro. O Andradá se demite a 27, voltando porém ao poder a 30. Recordando as represálias dos adversários, Léo se exila para Buenos Aires, enquanto José Clemente, Nóbrega e Januário da Cunha Barbosa são deportados para a Europa. Com a queda dos Andradás e sua deportação, em Novembro de 23, volta Léo ao Brasil, sendo eleito deputado Geral de 1828 a 1833, e agraciado com a Comenda de Cristo, dignitário do Cruzeiro e conselheiro de Estado.

Era no Parlamento um orador elegante e eloquente, sendo seu estilo florido e ameno. Em face de sua atitude — passar de republicano a liberal a monarquista e cortês — perdeu o apelo dos amigos velhos e a popularidade, sendo violentamente atacado pela imprensa liberal e por Vasconcelos de Drummond, em suas "Memórias". Com a queda de Pedro I ficou no ostracismo, perdendo em 34 sua cadeira de deputado. Aproximou-se novamente dos liberais e fe-

Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, tonsurado desde os quinze anos de idade, foi um dos maiores oradores sacros do Brasil na época da transição, entre a Colônia e o Império.

Possuía qualidades que o fizeram o melhor pregador do seu tempo — o brilhantismo das imagens, a riqueza e habilidade, dialetais orientadas ao gosto contemporâneo; era dono de uma bela voz, forte, sonora, complementada por um físico atlético.

Porém, não restam poucas contribuições a não ser as suas sermões de caráter político, que se tornaram famosos. O próprio Silvio Romero, em sua *História da Literatura Brasileira*, confessa a impossibilidade de traçar um perfil psicológico com tão escasso e inadequado material para pesquisas dessa natureza.

Entretanto Basílio de Magalhães já não o apresenta como um homem de caráter ágil, maleável apesar de seu

moço-se novamente dos liberais e fez-se amigo de Bernardo de Vasconcelos, a quem auxiliou na campanha contra o Esclarecimento. Datam daí os versos e artigos satíricos que escreveu, ridicularizando o regente de 39. Ainda assim, não conseguiu entrar no Parlamento, apenas obtendo a cadeira de deputado provincial no Rio de Janeiro. Desgostoso, retirou-se para a sua fazenda do Sumidouro, em Sant'Ana do Maracá, onde faleceu a 19 de Maio de 1847.

Era de espírito vivo e brilhante, temperamento alegre e comunicativo. Foi um dos mais elegantes oradores do período da Independência e distinguia-se tanto na escrita como na prosa, pela elegância da forma e expressão. Deixou, além da colaboração no *Reverbero Const.* (1821-1822), a *Representação dirigida ao Regente* em 3-5-1822, o *Manifesto* de 1-8-1822, a *Representação* de 17-9-1822, tendo quinizado as obras, como sua *Autobiografia* e suas memórias exceção do drama "O Oratório", que ficou inédito (Baseado na *História do Romantismo no Brasil*, de Haroldo Paranhos).

patriotismo, cultura e inteligência. Falta-lhe a indomabilidade, a intrepidez para fazê-lo um autêntico lutador. Para ilustrá-lo, cita incidentes que potencializam este aspecto desfavorável de sua personalidade.

Conforme as crônicas, o franciscano comparecia às suas reuniões maçônicas secretas, sempre acompanhado da guarda-costas. Depois há o episódio licencioso em uma das sessões do "Grande Oriente".

Por volta de 1821 Frei Sampaio era o ondo da loja "Comércio e Artes", que, mais tarde, seria uma das principais organizações da qual pertenceu o Príncipe Pedro.

Posteriormente redator do *Reverbero Brasileiro-Luso* (fundado em 19 de julho de 1822) mais tarde (1823) *Reverbero Brasileiro*. Em verdade era o Frei Sampaio o orientador mental do órgão do "Grande Oriente", o qual, como o *Reverbero Constitucional Fluminense*, era uma das mais ardorosas fórmulas de propaganda emancipacionista. Em suas colunas verteu Frei Sampaio toda a vitalidade e paleta intelectual a serviço de um patriotismo vibrante.

Sabe-se da inserção de artigos de eminente contraste com a orientação política da folha.

Sabe-se também da memorável sessão maçônica de 23 de agosto de 1822, em que o franciscano foi severamente censurado e acusado de alta traição e quebra de juramento. Sua defesa é fraca, pouco convincente — atribuiu-se principalmente na alegação de que a matéria publicada, embora sem assinatura, provinha de "fontes respeitáveis", alguém a quem a consideração era difícil de ser negada. Gonçalves Léo, um dos maiores batalhadores da Independência, presidia a sessão histórica.

Em Basílio de Magalhães há um claro quanto a este porvenir mas, pelo menos aparentemente, há uma certa ligação com o fato e o rumor de ter sido o Príncipe o autor de tais artigos de tendência abolicionista.

O mesmo autor chama-o de "delator" quando, da "Bonifácia", pro-

Uma das expressões máximas do jornalismo brasileiro na época da independência e um dos mais ardorosos defensores das ideias liberais, foi este padre que se chamou Januário da Cunha Barbosa.

Filho de Leonardo José da Cunha Barbosa e de D. Bernarda Maria de Jesus, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 10 de julho de 1780. O pai, pouco depois era elevado a dignidade de pregador da Capela Real. Em 1808 era cavaleiro da Ordem de Cristo, e em 1814 lente catedrático de Filosofia.

Juntamente com Joaquim Gonçalves Léo fundou uma Imprensa no Rio de Janeiro em defesa dos princípios liberais e o jornal "O Reverbero Constitucional Fluminense".

Proclamada a Independência, vai a Minas Gerais para difundir e acelerar a compreensão do povo no novo estado de coisas, procurando demonstrar a necessidade de

(Continua na página seguinte)

caso, enviado pelo Andradá, apontou seus antigos colegas de magistério. José Bonifácio, em sua tarefa literária de consolidar do regime, teria necessariamente que afastar os agitados, tinha de agir com mão de ferro. Talvez o Frei Sampaio ali figurasse como um simples instrumento para os seus propósitos.

Entretanto há mais saídas favoráveis na sua folha de serviço à Pátria, de cuja emancipação foi inconstante obovador, apesar de seus defeitos, além humanos que não podem dirimi-lo no conceito da posteridade.

Helena Ribeiro da Silva.

Bibliografia:
História da Literatura Brasileira.
Silvio Romero.
História da Literatura Brasileira.
Basílio de Magalhães.
A Marinha da História.
Euclides da Cunha.
Miscelânea (Bibliografia Nacional).

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇÚCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 112

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00
Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301

Em São Paulo: — Rua Alvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Celazano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônicio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Knock Maranhão.

GALERIA JORNALÍSTICA

EVARISTO DA VEIGA

Frei Caneca no cenário político do Brasil

Hélio Nunes Machado Arôza

Antônio Patriota

DADOS BIOGRÁFICOS

Chamava-se Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo Caneca. Nasceu na Cidade de Recife, no mês de Julho de 1779. Filho de Domingos da Silva Rabelo e D. Francisca Alexandrina Siqueira Rabelo.

Odenou-se a 8 de outubro de 1799. Inmediatamente dedica-se ao ministério como professor de retórica e poética. Foi ainda lente de Geografia e professor de Filosofia. Era um dos expoentes da cultura do seu tempo.

Ao que se sabe da sua personalidade, Frei Caneca devia ter sido um predestinado. Supõe-se que a vaidade de seus pais tivesse influenciado no erro da sua vocação. Turbulento como ele era, custa-nos acreditar que tivesse jamais, em idade adulta, aceite o noviciado. Seu feito político demonstra um amplo grau de independência de caráter. Era um tanto liberal com o sexo fraco e firme até que deixou filhos.

Como político, tomou parte no movimento nativista ao lado de Domingos Martins e Teotônio Jordão, com os quais, promoveu o levante que obrigou Miranda Montenegro a refugiar-se na fortaleza do Arrim.

Estêvão preso na Bahia e depois de anistiado regressou a Pernambuco. De novo, agora como jornalista, funda o jornal "Tyfis Pernambucano", com a intenção de reconhecer o ideal nacionalista.

No seu jornal, verberou com senso de justiça e amor pela liberdade, pregou ao povo, e ensinou a nutrir ferrenho ódio pelos reinos, que espoliavam o país. Com entusiasmo e fé concebia a segunda revolução para Independência do Nordeste, que se chamou de "Condição do Equador".

Morreu fuzilado na praça da Fortaleza das Cinco Pontas a 13 de Janeiro de 1825.

Quando, no ano de 1820, o Constitucionalismo Português abordou a Corte de Lisboa, assentado numa Junta Governativa, irradiou sua expansão ao reino de além-mar, uma brisa de liberdade, atravessando os mares, veio soprar mais de perto os corações já então incandescentes, dos Nativistas do Brasil.

Era o gênio mestiço, que se julgava com direito à liberdade, reclinada, para dar combate ao absolutismo do rei D. João VI, aqui naturalizado. Chegou o momento de reagir aos abusos da corte, que fazia do Brasil um campo de cultura especulativa. Serviram-se os revoltados de tudo que tinha firma de conflito, e saíram à luz os "Aurora", "Copa-Rosa", "Condição" e "Palmatória". Os dois primeiros em Pernambuco. Constatando as benéficas trazidas pelo Reino a personalidade política, que achava incompatível com o território brasileiro e com seu povo, inteligente e pujante; exaltavam nos seus protestos, graves denúncias, contra os reinos, que se julgavam, sempre com direito aos quinhões melhores.

A medida que o Brasil progredia, com o influxo dos negócios estrangeiros, chegava cada vez mais insolentes padrões, pretendendo lealdade ao seu rei no exílio paralisado. Desembarravam aos lotes, cada dia maiores, e viamham para mentar as fileiras dos donos da terra, o negro com desprezo, o direito de liberdade de opinião aos naturais do país.

Havia mesmo desenfeitos ressentimentos, entre natos e forasteiros. Estes, no afã de ostentarem seus títulos nobiliárquicos, ganhos à custa de bajulações e retórica, achincalhavam da inferioridade dos mamecos que, revoltados, reviram os insultos, aumentando as ofensas, até ao ponto dos choques individuais constantes.

Cercado dessa atmosfera, o Brasil-Reino prosseguia nos seus ditames, enquanto D. João VI, refestelado no trono, sonhava perpetuar-se no mais rico dos seus domínios de além-mar. Foi isto, que metia toda sorte de desmandos e injustiças em favor de portugueses e ingleses.

A chama de liberdade que crepitava na Europa trasladou-se à Província de Pernambuco, sempre insubordinada e reacionária ao despotismo. Aproveitando a confusão da época, grupos de patriotas tramavam para acabar, de uma vez, com aqueles abusos dos reinos. E foi em meio a esses bravos que surgiu, repentinamente, a figura de um sacerdote, modesto e valente, imbuído de fé religiosa e cívica, que incentivava por todos os meios ao seu alcance, reação contra os poderes.

Esse herói, que tempos depois sofreria execução em praça pública e humilhações fúteis, diante do povo, ao qual queria libertar, que não andou acatando pelo pescoço, mas principais ruas da Província, qual um animal selvagem, chamava-se Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo, Caneca, ou "Frei Caneca", e foi um líder incomparável nos movimentos liberais de Pernambuco. Tomou hábito de frade do Convento de N. S. do Carmo, ainda hoje existente em Recife, aos 22 anos de idade. Filho de pais pobres, admitiu o nome de Caneca, com o fim de mostrar sua paternidade. Seu pai trabalhava de tanoeiro, por isto ganhara a alcunha de "Caneca", que o filho achou de bem admitir. Ninguém como esse carneiro, íntegro de caráter e resoluto nas ações, soube amar tanto a liberdade e a justiça, a que deuvida sua inteligência, soube penetrar.

Erudito de grande envergadura, manejava Latim e Grego, com facilidade igual à com que manejava a língua portuguesa; cita os clássicos com entendimento próprio, e até parece saber de cor os Lúziadas, a Eneida, e outras obras primas da literatura antiga. Dá-se a ensinar retórica e poética, filosofia racional e moral.

Possuía de acatado amor pela causa da liberdade e direitos do homem, chega a querer, com seu inigualável dom de persuasão, ditar regras de ética aos reis. A estes, considerava meros símbolos do sentimento místico das massas populares. Veementemente, negava-lhes natureza divina. Dizia que o respeito ao qual os reis tinham direito ficava condicionado à integridade moral dos seus atos, pois não os via senão como enunciados de soberania contra os seus súditos.

No dizer da sua quarta epistola, de Píida a Damão, recrimina a realidade no Brasil. Invoca uma coexistência consentânea com o povo brasileiro, que ao seu ver só podia manter classes superiores à custa de sacrifícios ou por vaidade. Além do que, via o país desintegrado, sem unidade, e as províncias valiam conforme estivessem mais próximas ou mais longe da corte regia. Cada uma delas, é a achava mais egoísta, como o são os inimigos.

Discordando do sistema tributário, "Frei Caneca" falava de ónus que dizia, pesarem sobre as províncias: "a saída dos dinheiros para o Rio de Janeiro". "Com esse mesmo dinheiro, nós faz a guerra e escraviza". Era de uma lógica fecunda e poderosa; tinha intenção de aplicar no Brasil, os ensinamentos de Montesquieu, no tocante às bases governamentais. Era seu ideal, que cada província se governasse por si mesma, emprestando, de modo limitado, sua contribuição financeira à Corte.

Enquanto que o equilíbrio administrativo, entre o poder central e as províncias, devia assentar em bases e condições obrigatórias de ajuda mútua; uma federação co-operando pela unidade nacional e o poder central, por sua vez, salvaguardando a integridade moral, territorial e política de cada componente da união; um por todos e todos por um.

Prodigioso jornalista, nem mesmo o resultado funesto que resultou em seus companheiros, na revolução de 1817, o fez calar. Logo em seguida ao decreto de D. Pedro I, autorizando liberdade à imprensa no Brasil, em 22 de novembro de 1823, aproveitou-se da oportunidade e saiu a campo com seu "Tyfis Per-

Exemplo de Autodidatismo

Evaristo Ferreira da Veiga, nasceu no Rio de Janeiro no dia 8 de outubro de 1798, filho de Francisco Luiz Saturnino da Veiga de nacionalidade portuguesa, mestre-escola e livreiro, desde moço radicado no Brasil. Faleceu na mesma cidade a 12 de maio de 1837.

Evaristo foi um dos vultos mais relevantes da história da imprensa brasileira e do cenário político nacional do seu tempo, deste desaparecendo prematuramente, quando contava apenas 37 anos de idade e menos de 10 anos dedicados à causa política. Moço de origem humilde, não seguiu nenhuma escola superior, não se formou portanto regularmente em nenhuma academia, nem estudou em Coimbra como desejara em sua juventude, era costume na época, nas elites brasileiras.

A princípio trabalhando no comércio na livraria de seu pai, mais tarde associado ao seu irmão João Pedro no mesmo ramo de negócio e finalmente dono de livraria, Evaristo foi um verdadeiro autodidata, um "self-made man".

Filho de pais humildes, sem anotações lustras, sem títulos nem diplomas, sem nunca haver se autenticado do Brasil, Evaristo elevou-se por esforço próprio, numa "exposição fêlis de autodidatismo" no dizer de seu biógrafo Otávio Tarquínio de Souza, à posição de árbitro de causas políticas, oráculo do poder, guia e orientador dos destinos públicos. De índole modesta e bondosa, jamais consentiu que a glória e as honrarias conquistadas turvassem-lhe a cabeça, empanassem, mesmo de longe, a atuação elevada que teve na vida pública do país. Num testemunho eloquente de modestia e desinteresse pessoal, nunca almejou aos altos cargos e, mesmo depois de eleito deputado em duas legislaturas não desdenhava da sua modesta profissão de livreiro nem econôdia a sua humilde origem. Ao contrário, afirmava os seus biógrafos, muitas vezes deixava a Câmara depois de uma sessão e voltava ao balcão de sua livraria à Rua dos Pescadores, onde atendia pessoalmente aos misteres normais do negócio.

Fascinado um grande coração Evaristo era indulgente e nobre, esquecia as ofensas recebidas e as

nambucano", jornalista, em cujo primeiro número, saído a 25 de dezembro do mesmo ano, escreve: "Quando a nau da pátria se acha combatida por ventos embravecidos;

"quando, pelo furor das ondas, ela ora se sobe às nuvens, ora se submerge sob abismos; quando, levada do furor dos euripsos, feita ao ludíbrio das mares, ela ameaça naufrágio e morte, todo cidadão é marinheiro; um deve sustentar o timão, outro pôr a cara ao astrolábio, ferrar o pano outro, outro alçar ao mar os fardos, que a sobrebarcaça e afunda, cada um prestar a diligência ao seu alcance, e, sacrificar-se pelos seus conatados em perigo".

Era assim que Frei Caneca expressava em público seus ressentimentos pela política do príncipe regente contra os opressores dos ideais nativistas, e preparava a opinião para o novo fracasso prático, que resultou da revolta seguinte. Quando, mais tarde, D. Pedro I, fechando a Constituinte, suprimiu a liberdade de pensamento, que mal havia começado, Frei Caneca insurgiu-se de novo contra o imperador, e conclamou as províncias nordestinas a que se tornassem independentes, em face, da despotica traição deste soberano. E escreveu no seu "Tyfis Pernambucano":

"Não aspira a outra glória o cidadão benemérito, que a sobrevivência na memória da posteridade; e nós seríamos muito pouco patriotas, se deixássemos feneceir no pó do esquecimento, os nomes daqueles nossos patrióticos e conatados, que, pelo desempenho de seus deveres, se têm feito credores da nossa consideração".

perdoava e logo singular, com toda essa angústia de almas, carente de títulos, criou, apagadas e outras vantagens para um político. Este homem ganhou aos pináculos da glória e do poder, sem ao menos possuir, para lhe facilitar a tarefa, uma personalidade física que irradiasse simpatia pela era gorda, baixote e desagradado, tipo físico prosaico de que se valiam os seus inimigos para o ridicularizarem.

A despeito de tudo isso, Evaristo dominou, venceu. Foi poeta, autor do hino constitucional brasileiro, o celebre "brava gente brasileira", musicado por D. Pedro I. Estudou economia, foi historiador, tendo coadjuvado, pelo menos (há quem diga ser de sua autoria), na História do Brasil de John Armitage, de quem foi excelente amigo. Como jornalista, sua atuação não encontrou paralelo na imprensa brasileira até os seus dias. Os serviços prestados à causa pública pelo seu jornal a "Aurora Fluminense" foram inestimáveis.

A "Aurora Fluminense" No ano de 1827, aos 21 de dezembro, foi fundado no Rio de Janeiro o jornal "Aurora Fluminense". Segundo alguns historiadores Evaristo foi um dos seus fundadores, entretanto, no livro "Evaristo da Veiga" de Otávio Tarquínio de Souza encontramos opinião diferente. Baseado no depoimento de De Simoni, dado por ocasião do elogio fúnebre, em sessão de 12 de agosto de 1837 (nove anos depois da fundação da "Aurora", na Sociedade Amantes da Instrução, diz Tarquínio de Souza: A "Aurora" foi iniciada por um jovem brasileiro hoje falecido, José Apolônio de Moraes, um outro seu patriótico e um estrangeiro ilustrado". O estrangeiro ilustrado seria o francês Sigaud e, quanto ao terceiro, ainda de acordo com a mesma opinião, foi Francisco Valdear. Evaristo, continua de Simoni, resolveu associar-se aos colaboradores da "Aurora", passando em pouco tempo de colaborador a "redator principal e finalmente iniciador" (sic).

A "Aurora Fluminense" foi publicada até 30 de dezembro de 1835, tendo tido a duração, portanto, de oito anos. No último número encontramos o artigo em que Evaristo se despede do seu público

Os protestos que dele partiam por escrito, em palavras evadidas de fé, deram lugar ao surto revolucionário que irrompeu em Pernambuco no mês de julho do ano de 1824 com a denominação de "Confederação do Equador", que liderado por Manoel de Carvalho Pais de Andrade e outros, se irradiou pelas províncias do Ceará e Rio Grande do Norte, atraído grande número de adeptos maçons e republicanos.

Fracassado o movimento, que não encontrou bastante firmeza, dada a falta de popularidade do Pais de Andrade, encontrava-se Frei Caneca no Ceará, para onde figura, iludido pelas autoridades que lhe prometeram anistia, voltou a Pernambuco, onde foi imediatamente preso, julgado e condenado a fôrça. Mas, não havendo quem o quisesse enforcar, muito embora as autoridades empregassem todos os meios para impelir os escolhidos a fazê-lo, resolveu a Junta Militar modificar a sentença, decretando seu fuzilamento.

Foi então o grande líder revolucionário pernambucano e patriota imortal, o escritor, o filósofo, o soldado, o sacerdote, o homem, ajuntado na expressão de martir sereno e estóico, enfrentar um pelotão que cumpria ordens criminosas. Porém, ainda assim, ele o inquebrantável gênio político, teve a iniciativa de mostrar a seus executores, a coluna de pau, onde queria que o amarrassem naquele momento trágico da sua vida.

Morreu fuzilado, no dia 13 de Janeiro de 1825, no Forte das Cinco Pontas.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1930.

leitor, por considerar cumprido o seu objetivo como jornalista. E sua página que muito nos conta das atividades do jornal; é um resumo das campanhas vencidas. Nela Evaristo faz um balanço da vida do jornal e da orientação que lhe imprimira durante aquela etapa tão difícil da história do Brasil, aquelas oito anos de profícuo labor pela causa sobre dos destinos da pátria, pela elevação dos princípios éticos prevalecentes na época, pelo desenvolvimento do jornalismo em si, para o qual contribuiu com um elevado espírito de moderação e justiça desconhecido até então. Termina Evaristo o seu último artigo na "Aurora" concluindo que a atividade do jornalista iria desde lugar à carreira do legislador, iria até dedicar-se inteiramente a política.

O seu espírito moderado e justo refletido permanentemente nas colunas desse jornal em campanhas memoráveis, juntamente com a nobreza de ânimo que deixava transparecer em todos os seus atos, geraram-lhe o reconhecimento geral dos seus conatados ao ponto de, sem nunca haver saído do Rio de Janeiro, ter sido eleito deputado geral pela Província de Minas Gerais, em 1830. Província que só iria conhecer em 1836. Este fato bem atestou a influência do jornalista, antes livreiro e agora deputado.

A retidão de caráter foi o apogeu da vida de Evaristo. Por ela pautou a direção de sua existência e jamais variou desse modo de proceder. Num admirável exemplo de compostura, Evaristo nunca fez propaganda própria, publicava todos os seus artigos sem assinatura. Atendendo-lhe ainda mais a grandeza de espírito, diz o seu biógrafo citado, Evaristo auxiliava pecuniariamente a vários estudantes pobres, tendo custeado a viagem de Porto Alegre à Europa para aperfeiçoar-se em pintura. Félix Pacheco, em o Publicista da Regência relatou que também Sales Torres Homem viajou à Europa por conta da generosidade de Evaristo e assim outros foram por ele ajudados, como Paulo Cândido, Thoraz Gomes dos Santos e Francisco Freire Allemão.

Nos episódios que antecederam a abdução de Pedro I e nos acontecimentos políticos dos anos que se seguiram, os da Regência, Evaristo foi incansável, desdobrando-se em atividades. Todas as boas causas contaram com o seu apoio e participação ativa. E, foi nessa quadra da história pátria que a "Aurora" teve a sua mais relevante atuação. A pena infatigável do seu redator não deu guarida aos inimigos da liberdade e da constituição. As suas campanhas porém, foram todas elas vanas num espírito que primava sempre por elevado senso de justiça, correção de linguagem, compostura no proceder — moderação enfim. Este notável exemplo serviu para elevar o nível do jornalismo-pañetário da época, e, Evaristo Ele próprio é, por todos os pontos, um exemplo a ser imitado.

Januario da Cunha Barbosa

(Continuação da página anterior)

trabalharem todos com o mesmo objetivo; sem divergências de opiniões para a consumação da Independência que era a aclamação de D. Pedro I.

De volta dessa viagem é preso a 7 de dezembro de 1822 por ordem de José Bonifácio, então primeiro ministro do Império. Levado para a Fortaleza de St. Cruz, dali no dia 19 do mesmo mês, sem ser instaurado processo, é deportado para a Europa, e não lhe é concedido qualquer auxílio para sua manutenção na terra estranha.

Em 1823 é permitida sua volta à pátria depois de reconhecida sua inocência, e por ironia da sorte, atravessando o Atlântico, cruza no mar com o navio que leva agora (Continúa na pág. 135)

GALERIA JORNALÍSTICA

João Francisco Lisboa

Rui Baldaque Guimarães,
Pela variedade e qualidade da obra deixada, João Francisco Lisboa situa-se entre os jornalistas brasileiros do século passado, como um dos mais laboriosos e eruditos. Filho do Maranhão, onde nasceu a 22 de Março de 1812, era o primogênito de João Francisco de Melo Lisboa e de Gertrudes Rita Gonçalves Nina.

Na idade de 15 anos, na capital maranhense, trabalha como xaleiro no estabelecimento comercial de Francisco Marques Rodrigues, ao mesmo tempo que estuda humanidades revelando singular inteligência e grande aplicação.

Em 23 de agosto de 1832, constando apenas 20 anos, Lisboa principia a revelar o talento que faria dele o maior jornalista do seu tempo. É a data em que lançou "O Brasileiro", diário que vinha, de certa forma, substituir o "Parol Maranhense", cuja circulação fora suspensa. Com a morte de Moraes e Silva, diretor do "Parol", Francisco Lisboa fecha "O Brasileiro" e põe-se a frente do Jornal cujo título gozava já de prestígio e fama.

Conserva-se por dois anos na direção do "Parol Maranhense" que abandona em 1834, para fundar e dirigir o "Rio do Norte" até 1836. Neste ano estabelece uma solução de continuidade em sua carreira de jornalista, para tornar-se secretário de Antônio Pedro da Costa Pereira, Barão de Pinheiro. Deputado em duas legislaturas à Câmara da Província, sua atuação nos assuntos da instrução pública foi constante e proveitosa.

O assassinato do chefe do Partido Liberal, Raimundo Teixeira Mendes, não tendo provocado ação imediata e enérgica por parte do Governador para punição do criminoso, faz com que Francisco Lisboa se afaste da administração demitindo-se do cargo de Secretário do Governo e voltando ao jornalismo. Em 1838 vêmo-lo dirigindo o "Crônica Maranhense". E em 1840 retira sua candidatura para deputado provincial, quando surpreendeu os maneios imorais que se faziam em torno dela. Recolhe-se à vida particular, entregando-se à literatura e a trabalhos jurídicos. Conquista lugar de destaque como jurista.

Sua missão porém não se cumpria no jornal, e em 1842 encontramos-o novamente à testa do "Público Maranhense", que acaba de fundar. Neste e no "Rio do Norte" faz crônica notável, dedicando-se também ao folhetim.

Em 1843 é indicado para deputado provincial, depois de ter recusado a indicação para deputado geral em 1847. Data de então o famoso discurso sobre a Anistia, que constitui um dos mais notáveis trabalhos, versando aquele assunto na literatura brasileira.

Novo recolhimento à vida particular, dedicado a estudar o problema da escravidão, que resolve combater através de um romance, cujas linhas gerais já estavam traçadas, quando leu a famosa obra de Harriet Beecher Stowe "A cabana do Pai Tumaz". Entendendo que de sua pena nada sairia que já não estivesse contido no célebre romance, desistiu do propósito, privando assim a literatura de obra que, sem dúvida traria a marca do talento que lhe sobrava. Se, porém, restringiu assim o acervo de sua obra literária, legou-nos, no apogeu de sua inteligência aplicada às letras, o "Jornal de Timon", cujo 1.º número apareceu a 25 de junho de 1852, seguindo-se mais quatro números, ainda no mesmo ano. Em 1853, com mais 10 números formou o primeiro volume da obra tão notável, dedicada ao assunto das eleições, mas generalizando-se sobre a evolução política não só do Brasil mas do mundo. Em análise minuciosa, expressada em estilo claro e brilhante, Lisboa revela-se historiador e sociólogo de peso, no estudo que abrange desde a antiguidade grega até os nossos dias. Estudos históricos sobre o Brasil formam o segundo e terceiro volume onde são abordados todos os assuntos referentes ao descobrimento da América, evolução do nosso País, êxodo na colonização, invasão francesa

Pouca coisa de sua vida deixou escrito Luis Gama.

De subsídios que facilitassem melhor o estudo dessa dinâmica e fulgurante figura de nossa história pátria, só temos notícia de um documento e uma carta autobiográfica que enviou a Lúcio de Mendonça.

Todavia, a história, não sei porque encanto ou sortilégio, sabe quais são os seres que devem nela ingressar.

As vezes, forças obscuras e retrogradadas agem deslealmente, procurando omitir do conhecimento humano vultos que lutaram e mais fizeram nesse esforço constante e glorioso de empurrar o mundo para frente. Interessante, porém, é observar que essas forças levam sempre a pior.

De fato, não podemos fugir desse princípio: "A evolução é uma lei natural".

O caso de Luis Gama é típico. A história, entretanto, gravou: a fogo nos livros dos homens o fora delas, os feitos desse "prelúdio" de caráter cuja existência é toda mitério.

Seu comportamento, de um modo geral, foi o de luta titânica contra o instituto odioso da escravidão. Lutou: até o fim e só aqueles que conhecem e observam o que representa a árdua tarefa de trabalhar pelo progresso da humanidade, podem avaliar a existência de Gama.

Essa luta gloriosa que sempre abre as portas da História aos seus vultos mais queridos, muita vez traz o desânimo e o ceticismo.

Mas Luis Gama jamais se abateu nessa tremenda peleja.

Enfrentou a reação hidrofóbica, pugnando pela causa justa da liberdade dos de sua raça.

Pregou e agiu pela abolição num país onde imperava o escravismo. De sua pena e do seu verbo jorram palavras candentes contra a crítica de lesa humanidade.

Não se vergou, porém, o jornalista, e morreu defendendo sua causa.

Luz Gonzaga Pinto da Gama nasceu na cidade do Salvador. De pai desconhecido, era filho de D. Luiz Mahim, mulher valorosa e de caráter. Os elementos de raça preta da Bahia eram originários das melhores tribos africanas. D. Luiz pertencia à tribo dos Nagôa.

Seu pai pertencia a fidalguia baiana. Um dia, o "nobre" levou o filho a passeio e deixou-o a bordo de um palácio que conduzia escravos. Tinha o menino 10 anos de idade.

Após esse ato nefando, sabemos que Luis Gama apareceu em São Paulo, incluído numa leva de escravos.

Os de origem baiana eram, na ocasião, resgatados pelos compradores. Várias revoltas aconteceram na Bahia de iniciativa desses infelizes. Quanto mais aumentavam a opressão e a tirania, maior vigor e resistência encontravam de parte dos escravos. E as rebeliões se sucediam. Por isso os proprietários

e holandeses, sobre Anchieta, Nobrega e Vieira, sobre lei, povo e terras brasileiras.

Além do "Jornal de Timon" deixou também alguns trabalhos biográficos, entre os quais a vida de Otávio Mendes e o volume Vida do Padre Antônio Vieira, obra sobre a qual recomendou: fosse quem a tivesse lida, e que Pedro Lessa considera o principal trabalho de Lisboa, suplantando o próprio "Jornal de Timon".

Em 1855 veio para o Rio de Janeiro, sendo mandado logo depois para Portugal, com a missão de pesquisar nos arquivos de Lisboa documentos elucidativos de nossa história. Lá se conservou até 1859 quando voltou ao Brasil no mesmo ano. Na sua estada em Portugal fez-se amigo de Herculano e Lopes Mendonça. E a 29 de abril de 1863 faleceu em Lisboa, tendo sido seus restos mortais transferidos mais tarde para São Luiz e guardados na capela-mor do Convento de Nossa Senhora do Carmo.

É patrono da cadeira n.º 18 da Academia Brasileira de Letras.

rios de seres humanos geralmente, não compravam os de procedência baiana.

De São Paulo, Luis Gama foi levado para Santos e, posteriormente para Campinas, onde aprendeu a cozinhar e a coquear. Mais tarde, seu protetor Antônio R. Prado Júnior lhe ministrou as primeiras letras.

Havendo obtido provas, secretamente, de que não era escravo, Gama foge para São Paulo.

Adotou seu nome para lançar um disfarce, quanto ao nome do pai.

Na capital bandeirante assenta praça na Milícia de São Paulo, onde chegou a graduação de cabo Teve, porém, uma alteração com um oficial e é submetido a conselho de guerra, que o exclui da Milícia por ato de insubordinação.

Em São Paulo, tendo uma biblioteca à sua disposição, desenvolveu bastante a sua cultura.

Possuindo, então, de boa instrução, candidata-se ao vestibular da Faculdade de Direito. Após provas brilhantes, ingressa nessa escola superior.

A pressão que sofreu por parte dos colegas foi tremenda, com combate revestido das características de trotes, os "arianos" da escola não perdiam vasa para o humilhar. Gama, desludido, abandonou a Faculdade.

Ingressou no funcionalismo público, obtendo um lugar de amanuense na própria Milícia de onde fora excluído.

Depois desse acontecimento, desenvolveu suas atividades políticas e foi para o Partido Liberal. Convm assinalar que Luis Gama também foi poeta. Publicou, então, nesse período de sua vida: Primeiras trovas burlescas de Getúlio"; no volume apareceu a poesia: "Quem sou eu?".

Em 1864 publicou com Angelo Agostini o jornal "O diabo coxo" e cinco anos mais tarde o "Radical Paulistano", com Rui Barbosa.

Há algumas passagens, de sabor humorístico, na vida desse batilhador brasileiro.

Conta-se que de uma feita houve um duelo de palavras entre ele e Carneiro Leão. Era costume, na época, designar-se os pretos, pejorativamente, de "bode". No duelo citado, Carneiro Leão mencionou o termo. Gama respondeu-lhe:

"Sabes que somos parentes? Sou teu primo."

Carneiro Leão, que era branco racista, mostrou-se admirado e Gama concluiu gozando a raiva do outro:

Então o "carneiro" não é primo do "bode"?

De outra vez, efetuava-se o recenseamento paulista. O formulário fora entregue ao agente sem declaração da cor. O funcionário o procurou várias vezes em seu escritório. Um dia encontraram-se na escada e perguntou-lhe o agente do censo se conhecia Luis Gonzaga Pinto Gama. Este respondeu-lhe afirmativamente. Então, prosseguiu o funcionário: "como viesse aqui, várias vezes, e não encontrasse esse senhor, resolvi colocar a cor branca no formulário". Gama retrucou-lhe: "Acertou. Pode ir tranqüilo".

Outra passagem notável da vida desse abolicionista ocorreu em um pleito ante o juiz. Falava o outro advogado: "Meritíssimo Sr. Juiz. Lendo estes autos fui descendo, descendo, descendo e quem encontrei? Este bode..."

Quando Gama usou da palavra deu-lhe a devida resposta: "Meritíssimo Sr. Juiz. Lendo esses autos, fui subindo, subindo, subindo e quem encontrei? o filho da excelentíssima..."

É da tradição que Gama houvesse proferido perante o Tribunal: "Sr. Juiz, é legítimo todo crime do escravo contra o senhor".

Rui Barbosa disse que a "maior glória de sua vida foi conhecer Luis Gama".

Numa tarde chuvosa de agosto de 1862, faleceu, em São Paulo, essa figura que era ídolo dos de sua raça e dos brasileiros que alimentam em seus corações o sentimento de fraternidade.

Seu enterro foi um dos grandes

espetáculos assistidos pela população paulista.

A multidão, a pé, debaixo de chuva conduziu o corpo pelas ruas da cidade até o cemitério.

A beira da sepultura, falaram vários oradores. O ambiente era de pesada tristeza e até a própria natureza chorava.

Foi nessa ocasião que se ouviu uma voz que ecoou no silêncio do cemitério, prometendo que os parentes continuariam a sua luta.

Há dúvida quanto a pessoa que proferiu. Uns afirmam que foi Carmo Barbosa e outros Antônio Bento.

E assim, nessa tarde lúgubre, perdeu o Brasil um de seus gloriosos filhos.

CRONOLOGIA

1830 — 21 de junho — Nasce na cidade do Salvador — Rua do Bananal — Luis Gama;

1838 — É batizado na matriz de Itapirica;

1840 — É vendido como escravo pelo próprio pai;

1847 — Aprende a ler na casa em que se escravo, sendo seu professor Antônio Rodrigues do Prado Júnior.

1848 — Obtém provas secretas de que não é escravo. Foge da casa do seu suposto senhor e assenta praça na Milícia de São Paulo.

1854 — Respondeu a Conselho de Guerra. É excluído da Milícia Paulista por ato de insubordinação.

1858 — É nomeado amanuense da Secretaria da Polícia de São Paulo.

1859 — Apareceu o livro "Primeiras trovas burlescas de Getúlio".

1863 — Luis Gama publicou o seu jornal: "O diabo coxo", tendo como companheiro Angelo Agostini.

1869 — Redige, com Rui Barbosa, o "Radical Paulistano".

1862 — 24 de agosto — Faleceu em São Paulo.

1932 — Na Praça Alexandre Herculano — São Paulo — é, por iniciativa dos negros brasileiros, inaugurado o busto de Luis Gama.

Rio de Janeiro, 28 de Outubro de 1950.

AÇÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de
Melhoramentos
em Pernambuco

ESCRITORIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO

PERNAMBUCO

GALERIA JORNALÍSTICA

FERREIRA DE ARAÚJO Cinco Fases de José do Patrocínio

Marcília Mariani Silva

Marta Casabianca
(Bolívia argentina)

Vamos nos ocupar hoje de uma das maiores inteligências do jornalismo brasileiro — Ferreira de Araújo — filho de José Ferreira de Souza Araújo e de D. Helena Martins de Souza Araújo. Nasceu no Rio de Janeiro em 25 de Março de 1888.

Logo que exerceu atividade comercial, mas almejava para o menino um título mais honroso e, para tal, não mediu sacrifícios. Em 1902, matriculou o filho na Escola de Medicina, da qual cinco anos mais tarde, o jovem José Ferreira de Souza Araújo saiu com o título de doutor em medicina.

Dedicado aos estudos, tornou-se um bom médico, sendo distinguido pela Colônia Italiana, e por curar com facilidade realizava. Além de seus espíritos bem formados, Ferreira de Araújo possuía uma boa dose de medicina nado abito, mas não se dispunha a curar um coque. Apesar de exercer com relativa facilidade a profissão de médico, rejeitava que sua vocação não era aquela. Sentia-se imensamente atraído pelo mundo de homens que, ao lado de sua inteligência e cultura, formavam a plena luminosidade da constelação dos expoentes da literatura, das letras e das artes, e, sobretudo, da oratória, naquele tempo assim sendo, o inevitável no futuro. Ferreira de Araújo ingressou, cedo, na agitada vida jornalística, iniciando sua carreira no "Machado", jornal de caricaturas, e logo a seguir seu nome apareceu nas colunas do "Guarani", outro jornal do mesmo estilo.

Seu entusiasmo crescia e aumentava cada dia mais e cada vez mais se dedicava aos trabalhos de jornalismo. Ao deixar o "Machado", fundou o "Diário de Notícias". Cheio de coragem, de esperança, dono de uma inteligência sagaz e sólida cultura, conheceu desde logo as deficiências da imprensa brasileira e compreendeu o que faltava para preencher as lacunas existentes.

Buscou foi que idealizou criar um jornal baseado em moldes diferentes dos de então. Sua força de vontade aliada à capacidade de trabalhar muito o auxiliaram a concretizar seu grande ideal.

Em 1875 fundou a "Gazeta de Notícias".

A "Gazeta de Notícias" revolucionou não só os meios literários e jornalísticos como também o público leitor, pelo modo com que era apresentada. Seus artigos despertavam interesse e aguçavam a admiração. Tornou-se em pouco tempo o "símbolo das reformas operadas no jornalismo brasileiro", no dizer do ilustre Acadêmico Múcio Leão.

O médico jornalista era incansável no seu afã de sempre apresentar novidades e não raro buscava

inspiração nas fontes de povos mais adiantados.

Seguiu o exemplo do notável jornalista francês Emilio de Girardin, diretor de um dos mais importantes jornais de Paris, La Presse. Esse jornal publicava trabalhos dos maiores escritores da França, admirados em todo o universo, pois que a velha e heroica França era ainda o berço da literatura universal.

Ferreira de Araújo conseguiu fazer o mesmo aqui no Rio. Para isso, reuniu um corpo de redatores e colaboradores composto de nomes como — Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, Elísio Mendes (introdutor do sistema de estenografia no Senado Federal), Pedro Américo de Meneses, Eça de Queiroz, príncipe dos romancistas portugueses, com seu estilo inconfundível, José do Patrocínio, Arthur Azevedo e muitos outros nomes de indiscutível valor.

Como não podia deixar de ser, Ferreira de Araújo elevou a "Gazeta de Notícias" aos pináculos da glória, a um nível sem precedentes na história do jornalismo nacional. Criou, assim, uma nova mentalidade jornalística, e tudo isso graças ao seu talento aliado à Noélio — Emendas — 194.899 23-2 grande capacidade de trabalho construtivo.

Eis aqui algumas das mais divulgadas seções da "Gazeta de Notícias" ao tempo do seu saudoso fundador:

"Macaquinhos do Sótão" — assinada por João Sem Teia.

"Cartas do Ausente" — assinada com a letra "A".

"Bulas de Estalo" — assinada por vários escritores.

"A Semana" crônicas de Machado de Assis, hoje reunidas em 3 volumes das suas Obras Completas.

As seções "Macaquinhos do Sótão" e "Cartas do Ausente" eram escritas por Ferreira de Araújo. O elemento feminino não fora menosprezado. Para ele, Ferreira de Araújo volta sua atenção, prestando homenagens de modo eficiente e instrutivo, dedicando-lhe a página de Moda, Beleza, Poemas e outras delicadezas que tanto agradam à versátil e sutil alma feminina.

A "Gazeta de Notícias" reproduzia fielmente o que o título anunciava. Seus artigos escritos por tão altas capacidades intelectuais, davam ao jornal um brilho sem par. Seu redator-chefe assinava vários artigos e por isso foi denominado "o jornalista completo", porque escrevia, com facilidade, clareza e bom humor, todos os gêneros jornalísticos.

Incansável no afã de produzir mais e melhor, dava ao leitor o melhor de ler trabalhos escritos no mais belo estilo e na mais perfeita

ética jornalística, o que até hoje nos desperta admiração.

Foi denominado defensor da Abolição. Bateu-se em favor da liberdade da religião. Defendeu a República. Foi partidário do divórcio, sobre o qual redigiu artigos brilhantes em defesa dos cônjuges.

Como crítico teatral era de uma imparcialidade admirável. Escreveu peças de teatro e vários contos. Era colaborador da "Revista Brasileira" e ainda escrevia para dois jornais de S. Paulo.

Ferreira de Araújo também teve inimigos e um deles, certa vez, o processou (1884). Foi o Conselheiro Moreira de Barros. Mas o nosso escritor defendeu-se heroicamente. Naquela mesma noite resolveu reunir em um livro os seus artigos sobre política, ao qual deu o título de "Cotas Políticas".

Trabalhava sempre com alegria e entusiasmo, um das razões do seu triunfo. Do amor ao trabalho, da dedicação e alegria com que são feitos certos empreendimentos, depende em grande parte seu êxito.

Ferreira de Araújo defendia-se galhardamente de tudo o que podia impedir-lhe os passos na marcha vitoriosa para o progresso. E isso fazia com que o seu conceito crescesse perante o público, que o admirava e rendia-lhe tributo com homenagens sinceras.

Conta-se que, certa vez, uma multidão de admiradores de Ferreira de Araújo e de José do Patrocínio reuniu-se na rua do Ouvidor, em frente à redação do jornal "A Cidade do Rio", para render homenagem a José do Patrocínio, seu fundador e diretor, ao que o brilhante orador agradeceu com um caloroso discurso. A seguir a turba entusiástica dirige-se para a redação da "Gazeta de Notícias", e ali reclama a presença de Ferreira de Araújo, pois queria ouvir-lhe a voz.

Ferreira de Araújo ficou embarracado, sabia ele não ser bom orador... Afinal decidiu-se. Aparece na sacada ao lado de José do Patrocínio e dirige-se ao povo assim:

"Eu sou jornalista, quando quero expressar minhas ideias o faço por escrito. Por isso peço ao meu colega José do Patrocínio que diga por mim o que eu gostaria de dizer". José do Patrocínio fez com grande brilho outro discurso, que empolgou ainda mais os ouvintes. Um outro episódio interessante na vida do insigne jornalista foi o duelo que teve de empreender com o Conde de Matosinhos, diretor do "O País".

Resentidos e ofendidos em sua dignidade, resolveram o caso com um duelo a pistola. Aconteceu que na hora exata em que os dois puxaram o gatilho do revólver as armas negaram fogo, o que causou profunda admiração aos presentes e surpresa aos duelistas. Devido ao inesperado incidente, a paz foi feita entre os magoados, que deram por encerrada a questão, terminando os ressentimentos e com isso lavada a honra de cada um.

Passaram-se os anos e eis que surge a aurora de 1900. O nosso ilustre escritor não estava predeterminado a viver no novo século. Atacado de terrível moléstia, arterioesclerose, foram em vão todos os esforços, na viagem de cura e repouso empreendidos. O mal não pôde ser debelado, e Ferreira de Araújo faleceu aos 21 dias do mês de agosto do mesmo ano.

Todos os jornais prestaram-lhe sentidas homenagens. Seu feretro saiu da rua das Laranjeiras nº 59, tendo comparecido as mais ilustres personalidades, dentre elas destacando-se o Vice-Presidente da República e o maior romancista brasileiro — Machado de Assis.

Diante de sua sepultura foram proferidos os mais calorosos discursos, exaltadas suas qualidades de grande empreendedor, de batilhador incansável em prol de um jornalismo melhor e de uma Nação mais culta. Foram as últimas deferências dos amigos e admiradores, que assim ficaram imobilizados, para sempre, do convi-

INTRODUÇÃO

Há no mundo vidas tranquilas e aprazíveis, aquelas vidas de que fala Péguy, "qui se déroulent comme un bel écheveau de laines", e também há vidas tumultuosas, ardentes e agitadas, egoístas ou generosas, abnegadas ou frívolas. Também há vidas misteriosas, que conquistam brilho e fama ao dedicarem-se inteiramente a uma grande causa e atingem o seu máximo esplendor, quando conseguem ver triunfante o seu ideal.

Tal foi a vida de José do Patrocínio, "pois todo ele ardia numa chama única, e como um proceloso Batista negro, percorria o Norte e a sua aridez, arrastando multidões deslumbradas, como que transfiguradas diante de uma nova revelação" (1).

João Marques, seu amigo, tinha razão, ao dizer-lhe naquele dia glorioso da abolição, estas palavras proféticas onde a admiração se mistura já com um pouco de azevedo: "Que belo dia para morreres, Patrocínio, nunca mais encontras outro igual! Morrerás em plena apoteose a tua morte abalará o Brasil e ribombará por todo o mundo. Tua família, com a efervescência que há, ficará a salvo de todas as necessidades, talvez milionária. Teus filhos serão adotados pela nação, teu enterro será um triunfo maior do que os triunfos romanos e teu túmulo será outro Santo Sepulcro!" (2).

Nesta personalidade batalladora e ativa que foi Patrocínio, "o tu-mulho feito homem", como o qualificar Araripe Júnior, podemos destacar várias facetas, todas igualmente interessantes, porque cada uma delas descobre o seu caráter de um ângulo diferente: em primeiro lugar, o homem marcado desde o seu nascimento pelo duplo estigma da ilegitimidade e da cor o abolicionista inflamado, que soube entregar-se de corpo e alma àquela alva sagrada; o jornalista militante e infatigável, em torno do qual se agrupava a mocidade da época; o orador que arrastava as multidões embora sem ter diletica, nem obedecer às formas acadêmicas, nem preparar previamente os seus discursos, e finalmente o escritor, cujos romances só alcançaram uma popularidade fugaz, reflexo daquela que irradiava a lustrada figura do seu autor.

1. O HOMEM. — Filho de um quilandeiro, Justina Maria do Espírito Santo, e do padre João Carlos Monteiro, nasceu José do Patrocínio em 3 de outubro de 1854. De sua mãe herdou o sentimento vingativo da raça oprimida, e do pai, que segundo as crônicas, era pessoa de grande inteligência, aquele talento que devia distingui-lo desde o começo.

Em 1868, fatigado da vida aborrecida da paróquia de Campos, e possivelmente também para não ver mais os sofrimentos da mãe, o nosso rapaz decide viajar à Corte, sem dinheiro no bolso, mas com grandes ilusões no coração.

As ilusões são próprias da idade moça e aquela atitude nos parece, não só natural, mas também admirável, porque demonstra o seu desejo de escapar a uma vida mes-

quina para escalar posições na sociedade.

E' impossível agora imaginar a vida de José na capital, peregrinando apenas dez mil réis mensais. Aprendeu extranumerário da Farmácia da Santa Casa, foi depois empregado na casa de saúde do Dr. Batista dos Santos. Graças à bondade do Dr. Joaquim Pedro d'Aquino, seu mestre e amigo, consegue os meios para estudar os preparatórios de Farmácia e os de Medicina. A hostilidade de um professor, porém, lhe barra o diploma de médico e ele deve contentar-se tão somente com a farmacopéia. Um colega, Sebastião Catão Calado, fornece-lhe generosamente casa e comida, até que, em 1874, quando conquistava o seu grau, encontrou-se numa séria dificuldade. Calado partia para Santa Catarina e ele ficava só, com uma carta de farmácia que só lhe servia para ser alugada, pois a falta de recursos não lhe permitia estabelecer-se.

"Resolvi morrer de fome", escreve naquela época. A providência bateu à sua porta, na pessoa de um condisputado do extermínio, João Rodrigues Viana Nova. Possivelmente nunca pensou Patrocínio que na casa do capitão Enfilado Rossi, padastro de João, ia decidir-se o seu futuro. O capitão simpatizou-se com aquele moço cujos olhos deam luz de ambição e de entusiasmo, e lhe ofereceu morar na casa, como professor dos seus filhos. Infelizmente, ele não sabia ou tinha esquecido que um professor jovem e inteligente pode exercer grande influência sobre o coração das suas alunas. E Bibi Souza, de doze anos, não tardou em apaixonar-se por José, sendo ardentemente correspondida por ele.

O amor vence todos os obstáculos, e o casamento se realizou, apesar da contrariedade do pai, que, embora liberal, não gostava muito daquele gênero mulato. Não temos motivos para supor que Patrocínio não fosse bem tratado nem bom pai. Os seus biógrafos lembram alguns incidentes que parecem querer demonstrar a sua infidelidade, mas, neste caso, como há em muitos outros, quem é que pode tirar a primeira pedra?

Devia ser um homem desses que quando trabalhava esquecia tudo. Preocupado com a campanha abolicionista, com os jornais, com os seus ideais visionários, é possível que alguma vez tenha deixado de lado os seus deveres e obrigações no lar. Mas ninguém é perfeito, e uma das glórias de Patrocínio é não tê-lo sido.

Já na maturidade, ardor do seu temperamento o levou a inter-nar-se nas lutas políticas da República. Florianópolis não o perdoou e no dia 10 de abril de 1892 foi assinado o decreto que condenava o grande jornalista ao degredo em Cuiabá, terra inóspita de cujo presidio ninguém voltava jamais.

O exílio poderia ser considerado uma pena infamante, se Napoleão, Victor Hugo, Tomás Gonzaga e muitos outros grandes vultos não o tivessem honrado e engrandecido. O embargo dos prisioneiros foi triste, porque a polícia de Florianópolis impediu que mesmo a família e os amigos íntimos fossem levar aos detentados o supremo conforto de uma palavra de adeus. Só Rui Barbosa se tinha aventurado na véspera na fortaleza onde se achavam, para apertar as suas mãos.

Tudo chega ao seu fim, e com a sanidade, Patrocínio é devolvido aos seus, regressa ao Rio de Janeiro, recolhido, durante a viagem, entusiásticas manifestações de simpatia das populações nordestinas.

Mesmo com a velhice e a inevitável decadência, o tribuna não se recolheu para descansar das fadigas daquela intensa jornada. Durante o dia mantinha na sua casa uma escola, na qual ele e Bibi lecionavam gratuitamente a quarenta crianças pobres. A noite, jogava bisco ou "rampa" com alguns amigos. A sua saúde ia progressivamente enfraquecendo-se. Du-

Justiniano José da Rocha

Branca Maria Garcia Ferraz Praça

"Fé em Deus, fé nas instituições e fé no futuro".

São expressivas palavras deixaram assinada a nobre trajetória da vida jornalística de Justiniano José da Rocha.

Quasi ao apagar as cintilações de um espírito de escol, deixou ele, nas páginas do "Regenerador", este testemunho de elevado idealismo. Pouco depois falecia, em 1932, militando unicamente no Jornal do Comércio como simples redator, esse homem que durante sua vida havia tido a chefia de inúmeras jornais: O Atlântico e o Cronista, de 1839 até 1839, periódicos conservadores que combateram fortemente a Peijó; o Brasil em 1840, defensora causa da maioria de D. Pedro II, periódico de atuação em dois grandes partidos Liberal e Conservador, concorrendo para a queda do Liberal e vitória de Conservador, seu partido; de 1853 a 1854 orientou O Velho Brasil, de duração efêmera, mereça da política do Marquês do Paraná, que exterminou seu partido; seguiram-se os

jornais Constitucional e Regenerador, até 1860.

Natural da cidade maravilhosa Rio de Janeiro, onde nasceu em 8 de novembro de 1812, muito jovem ingressou no colégio Henri IV na França, adquirindo apreciável cultura, bem longe de seu país natal.

Voltou ao Brasil para fazer o curso de Ciências Jurídicas e Sociais em S. Paulo. Ao bacharelarse, em 1833, iniciou o magistério, com as cadeiras de História e Geografia no Imperial Colégio Pedro II.

Mais tarde, em 1841, na Escola Militar do Rio de Janeiro, foi catadriático de Direito Militar, de Francisco e Latim.

A política então o arrastou. Em três legislaturas foi eleito deputado por Minas Gerais. Não possuía o dom da palavra, motivo que o levou a dedicar-se dessa época em diante ao jornalismo, pois dominava com rara elegância a combativa polêmica, faculdade que utilizou em defesa das mais altas causas patrióticas.

(1) Viana, Oliveira, O Ocaso do Império, 2ª ed., (São Paulo, 1955), págs. 73-74.

(2) Orde, Oivaldo, Patrocínio, 2ª ed., (Rio de Janeiro, 1933) págs. 160.

via amável do esclarecido escritor.

Ferreira de Araújo desapareceu dentre os vivos, mas teve a glória de continuar na lembrança e nos corações dos homens que cultuam e não de cultura as letras, enquanto houver no mundo Academias, jornais e jornalistas que se interessam pelas coisas mais elevadas...

BIBLIOGRAFIA:

Hist.: Literatura Brasileira de Silvio Romero.

Antologia Brasileira de Emy Wernneck.

Notas tomadas em aula do Prof. Múcio Leão.

GALERIA JORNALÍSTICA

CINCO FASES DE JOSÉ DO PATROCÍNIO

rante uma homenagem a Santos Dumont foi acometido de hemiplégia. O seu estado piorou e a morte chegou até o escritório e o surpreendeu enquanto ele escrevia um artigo sobre a Sociedade Protetora de Animais. Era a 30 de janeiro de 1904.

"Morreu como vivera, defendendo os fracos, batendo-se pela Piedade. O seu último apelo fora em prol dos animais, talvez mais gratos do que os homens", escreveu Coelho Neto. E nos acrescentamos: foi um lutador e morreu na sua lei, combatendo até o fim.

II O ABOLICIONISTA. — A história do abolicionismo no Brasil já foi escrita em forma prolixa e documentada e todos os historiadores estão de acordo em declarar que "o negro admirável constituiu, sem favor, a figura central, dominando o imenso quadro dessa formosíssima conquista" (3).

O abolicionismo estava nas consciências ilustradas, nos jornais de vanguarda, na própria mente do Imperador, que destinava grandes somas para a libertação dos escravos e assim, "o monólito relava, impuro e tremulante, pela argumentação cudente de Joaquim Nabuco e pela eloquência irresistível e avassaladora de Rui Barbosa, cuja cabeça Patrocínio chamava "a basílica de São João de Latrão do Abolicionismo" (4).

Na infância de Patrocínio há dois episódios que demonstraram a precocidade daquele sentimento abolicionista. Um dia, levado por um movimento de cólera, bateu num escravo, mas também outra vez, vendo um bárbaro castigo que seu pai mandava dar aos negros, se jogou do alto de uma escada, num gesto heroico de protesto. Do primeiro data o seu íntimo remorso, enquanto que o segundo é o primeiro elo de uma longa corrente de lutas.

Ao negar-se uma vez a responder a um artigo injurioso de Silva Jardim, disse com voz indignada: "José do Patrocínio não é agora um homem, é uma causa, que me insultam à vontade! As injúrias não logram abalar o motivo que represento".

A glória da sua campanha não está só nos seus artigos, mas nas suas conferências públicas. Bahia, Pernambuco e Ceará representavam na vida brasileira a porte progressista, porque lá os fazendeiros libertavam em massa os seus escravos. Os abolicionistas cariocas julgaram propício pedir a Patrocínio que se dirigisse ao Norte, para animar aquela zona com o fôlego da sua palavra. Foi recebido triunfante, especialmente no Ceará, que ele nunca esqueceu e ao qual chamava de "Terra da Luz".

Em Campos, sua terra natal, os escravocratas lutavam contra os libertadores. Lá foi também o tribuna, que voltava da Europa, onde tinha recolhido novas experiências e descorrido novos horizontes.

As mais emocionantes homenagens foram tribuídas então à modesta mãe de Patrocínio. Vendo a sua resistência, conseguiu trazê-la para o Rio, onde morreu pouco tempo depois, como consequência de uma operação. O destino de Justina foi a antítese da queda desgraçada rainha que nasceu na corte mais luxuosa da Europa e morreu na guilhotina entre os insultos do povo. A pobre vendedora de hortaliças, a quem Deus concedeu a honra de dar à luz um titã, deixou o mundo acompanhada pela multidão dos abolicionistas e pelo que de mais representativo possuía o país no jornalismo, na administração, na eloquência e na literatura.

O abolicionismo foi um ênervado movimento de rebeldia. "Por ele batalharam os nossos maiores ora-

dores, os nossos maiores jornalistas, os nossos maiores poetas, as nossas maiores consciências. Por ele os nossos Ruis, os nossos Nabucos, os nossos Patrocínios, os nossos Castro Alves, o entusiasmo da nossa mocidade e a sensibilidade das nossas mulheres. Todas essas grandes forças espirituais se uniram, se arremeteram, se mobilizaram numa solidariedade impressionante para o ofensiva irresistível contra a velha instituição servil" (5). E Dantas escrevia: "A escravidão é uma causa perdida, ferida de morte desde 1817, e o governo apenas trata de dar-lhe morte lenta" (6).

Desde aquele glorioso 13 de maio, Patrocínio, que tinha simpatias republicanas, desviou o curso dos seus ideais e se dedicou a louvar a Princesa Redentora, que quis honrá-lo com o título de Barão da Redenção. O seu fanatismo inspirou a Guarda Negra, que tantos infortúnios ocasionou.

Invocando a lealdade, a consideração e a gratidão do que era creadora D. Isabel, os antigos escravos dedicaram-se a sentar a indisciplina nas ruas, interrompendo às vezes as mais puras manifestações de patriotismo.

Costumava o Partido Republicano aproveitar as grandes festas da humanidade, para realizar desfiles e fazer propaganda. 14 de julho de 1889 era o dia por demais propício, e organizou-se um cortejo que marchou destruindo no ar uma grande bandeira onde se lia: "Homenagem à França". No meio da festa, a Guarda Negra trompeu naquelas fileiras, com as navalhas na mão, e muita gente rolou ferida pelo chão.

Na "Cidade do Rio" escreveu Patrocínio no dia seguinte que "só a mais infame especulação podia conseguir que partisse de homens de cor a perturbação de uma festa que tinha por fim honrar a memória da Revolução que leve com ela dos seus dogmas a libertação dos cativos e a igualdade política da raça negra".

A desaprovção, porém, chegava tarde demais. E pena que patrocínio esquecesse que aqueles espíritos perdurava ainda a excitação que a liberdade provocara, e que quando alguém conseguia algum poder sobre as multidões nunca deve servir-se dele para exercer a demagogia.

A posteridade honrou ao "leader" como ele merecia, Eiseu César assim se descobriu perante ele: "José do Patrocínio... José de Arimateia, que ajudaste a descer da cruz o Cristo do calvário!" (7).

Em 13 de outubro, de 1906, em Belém Horizonte, Joaquim Nabuco lembrou-o desta maneira expressiva: "O grande rio da abolição desaguara na posteridade por duas grandes bocas, das quais uma — a dinástica — será chamada Princesa Isabel e a outra — a democrática — José do Patrocínio". A posteridade acrescentaria a essas duas a terceira boca — a aristocrática — que se chama Joaquim Nabuco (8).

III O Jornalista. — Desde que Gutenberg inventou a imprensa, o espírito adquiriu asas e as grandes revoluções religiosas, filosóficas ou literárias obtiveram os meios de se espalharem.

O movimento abolicionista, graças à imprensa, desenvolveu uma grande e inteligente campanha acessível a todos. "Se é verdade que a imprensa é um sacerdócio, ninguém o exerceu com mais entusiasmo que José do Patrocínio", escreve Souza Bandeira (9).

Em 1877 entrou para a "Gazeta de Notícias", graças à simpatia que soube inspirar a Ferreira de Araújo. Logo depois de ler três sonetos de amor, de sua autoria, o grande jornalista interessou-se por ele e lhe facilitou um emprego. Além do

seu trabalho anônimo, Patrocínio escrevia dois folhetins por semana, sendo um deles, no começo, em verso, "Gazeta Métrica", minijornal de jornal com todas as sessões depois a "Semana Parlamentar", e os debates da Câmara acenderam grandes entusiasmos no seu espírito combativo. Esse foi o período de gestação. Só em 1879, depois das primeiras agitações populares da campanha libertadora, a boa vontade de Ferreira de Araújo o autorizou a começar a luta pela tribuna jornalística.

A agitação transbordava para os comícios e conferências, alentada pela "Gazeta da Tarde", que dirigia então Ferreira de Menezes. A 3 de agosto de 1880, Patrocínio surge pela primeira vez na tribuna das conferências e o seu espírito inquieto começa a achar estreito o campo da "Gazeta de Notícias". Já que o jornal, embora simpático à causa, era conservador.

José deixa então a Gazeta, e, graças aos quinze contos de réis que lhe facilitou o sogro, compra a "Gazeta da Tarde", que acabava de perder um dos proprietários, Ferreira de Menezes.

Resolutamente, desde 1879, a "Gazeta da Tarde" se coloca ao lado das aspirações gerais, e Patrocínio recebeu a colaboração de Rebouças e Vicente Seix, ambos mulatos, de Luis Andrade, João de Lemos, Gonzaga Duque, Campos Fôrto, Leite Ribeiro, Dias da Cruz e João Pereira Serpa Junior.

Naquela época, escrevia também na "Revista Ilustrada", que dirigia o talentoso Angelo Agostini.

A vida jornalística de Patrocínio acompanha de perto a sua vida pessoal. O tribuna passava e dia todo na redação, às vezes nem se dando para comer, e se contentava com uma refeição muito simples que algum dos seus colaboradores lhe trazia. Jovial e acolhedor, grato à cordialidade com que fora recebido por Ferreira de Araújo, vivia rolando de talentos nascentes, "Zé do Pato", como o chamavam todos familiarmente, ajudou a Coelho Neto no começo da sua carreira, e o grande escritor devia mais tarde lembrá-lo, dedicando-lhe páginas maravilhosas.

Patrocínio nunca conseguiu equilibrar as suas finanças e estava sempre endividado. As vezes os operários do jornal passavam meses sem perceber nenhum dinheiro. Mas o entusiasmo do patrio o compensava; quando aquele escrevia a decal, Patrocínio chamava-as, dobrava os seus ordenados e aquela mágica promessa agia como energético estimulante.

Junto a Coelho Neto surgiram logo Luiz Murat, Olavo Bilac, Paula Nei, Guimarães Passos, Raul Pompeia, Aluísio Azevedo, Emílio Rouvière e Pardo Mallet. Todos sentiam a fascinação que irradiava personalidade que se não podia ser idolo por ter os pés de argila, o que o tornava também mais acessível e mais humano.

Logo achou Patrocínio que a "Gazeta da Tarde" não podia conter aquele imenso caudal de sentimentos, e começou a procurar no escudo. Então concebeu a ideia de fundar um jornal moderno que se houvesse reunir ao mesmo tempo os ideais abolicionistas e os da mocidade. Assim nasceu em 28 de setembro de 1887, a "Cidade do Rio", cuja saída marcou um acontecimento festivo na vida carioca. "Não principiamos, continuamos", escrevia Patrocínio na primeira folha.

O jornal não contribuiu para a fortuna de ninguém, porém, marcou uma fase do jornalismo brasileiro e fixou nas suas colunas aquela época de efervescência nos corações.

Um serviço de copa foi inaugurado no jornal e aquela mesa, semelhante à Mesa Redonda do rei Artur, pelos cavaleiros andantes que a frequentavam, atraía o apetite das novas lutas da cidade.

O dia 13 de maio marcou o período áureo de Patrocínio e também,

como consequência, o apogeu da "Cidade do Rio". O declínio viria logo, inevitável. Durante o governo do Marechal Floriano, aquele jornal o combateu, com a mesma fúria e ardor com que tinha combatido os déspotas escravocratas. Os tempos tinham mudado: outras figuras ocupavam agora a grande cena política, mas o jornalista não se desviava do seu rumo: o seu alvo era sempre o mesmo, a Liberdade.

IV O ORADOR. — "Quando Patrocínio tomava a palavra, escreve Souza Bandeira, era fascinador. Não persuadia, demolia" (10). Já está dito tudo.

Não era do feitio de Quintino Bocaiuva, por exemplo, orador calmo, refletido, que se destacava pela ponderação. "A eloquência de Patrocínio não tinha raízes no pensamento. Florescia da emoção, sua força vinha da força do ambiente", ampliando-se à medida que se ampliava o espetáculo. Suas orações não obedeciam ao ritmo da oratória clássica. Não eram recitadas. Ele as recitava diante dos auditórios suspensos e perplexos. Fez desalagante, pouco harmonioso na estrutura, de repente desaparecia a imagem humana para dar lugar a uma voz que comunicava a todas as platéias o poder de sua sensibilidade brava" (11).

"Não peço a palavra, disse numa ocasião, como a palavra". Talvez pela raça, talvez pela vida que vibrava nas suas frases, talvez pela paixão incoerente que transbordava dos olhos fulgurantes, o certo é que Patrocínio foi o primeiro orador da campanha. Isso não quer dizer que fosse o maior, o mais meritório, mas era sem discussão o preferido do público. Sua maneira de falar não entrava nos moldes conhecidos de um romântico da oratória. O classicismo é o vazio perfeito. O romantismo é a água que enche o vaso e transborda; assim era a fúria do "leader" negro. Sabia aproveitar-se das ocasiões para ganhar o aplauso, conhecia a psicologia do auditorio, provocava do mesmo jeito o espanto e a admiração. Sua frase curta, incisiva, aliada com um punhal, feria o ouvido e provocava uma reação imediata.

Um dia, um grupo de republicanos que não lhe perdavam o favor que lhe dispensava a Princesa Redentora, pôs-se a rir no momento em que Patrocínio começava uma frase dizendo: "O Brasil...". Mas o orador não perdeu a calma e a resposta chegou, oportuna e a resposta chegou, oportuna: "O Brasil... que somos nós? que somos nós? Somos um povo que ri quando devia chorar". E o aplauso coroou a réplica.

Quem uma vez viu o vulto na tribuna — escreve Coelho Neto — guardava por certo na lembrança a sua estranha figura semi-bárbara, quase grotesca. Não era um orador de escola, disciplinado e elegante; era um impetuoso. A sua palavra não tinha melodia, era silvo ou rugido; o seu gesto era desmanchado, o seu olhar despedia faúlhas. Avançava, recuava, agachava-se, retraiu-se, despejava-se, ficava nas pontas dos pés, arremangado, com a gola do casaco tão subida que, às vezes, parecia um capuz de monje; o colarê sangrado deixava espumar a camisa: era um desmantelo trágico de tormenta".

Apastorado uma vez por Silva Jardim, que o apresentava como "o cativo de um belo como a Princesa amargura o filho", pareceu perder toda a serenidade. Paula Rei, vendo a derrota, gritou, oculto entre a multidão: "Cala a boca, negro!". Foi bastante para fazer brutar da sua garganta uma peça oratória magnífica.

Patrocínio conhecia todos os recursos do orador, que prepara as vezes as introduções das palestras, mas que as troca por outras que, no momento, lhe parecem mais adequadas. Certa vez foi convidado a falar em uma data comemorativa do 13 de maio. Era um belo dia de

sol e Patrocínio começou dizendo que a alegria da natureza se associava à alegria dos corações. Logo depois, no jantar, alguém o cumprimentava e dizia que não imaginava o que o orador teria feito se fosse um dia chuvoso.

"Muito simples — respondeu ele — em vez de louvar e esplendor do sol, a beleza da tarde, enalteceria justamente a melancolia e a nevoa do ambiente, dizendo o contrário do que disse. A tarde de hoje nos deixa uma lembrança. Na hora em que nos reunimos para esta festa, a natureza pranteia os nossos irmãos que não puderam gozar as delícias da liberdade que hoje disfrutamos".

Patrocínio era muito tenaz, quase preto, "negro pela cor, mas branco pelo espírito", na opinião de Félix Pacheco (13).

A apostrofe de "negro" que muitas vezes lhe foi lançada em seu rosto, deixava-o indiferente. "Negro, sim — disse uma vez — Deu-me Deus a cor de Orela para ler cismas da minha pátria!" E narrou a multidão que a escutava.

V O ESCRITOR E O POLÊMICO. — Patrocínio não foi nunca um escritor de valor. Na sua inventiva ocorreram algumas ideias do inspiração indolente e toda sua obra literária é, em geral, pobre e carente de interesse.

"Mota Coquinho ou A Pena de Morte", e "Pedro Espanhol", são romances históricos. "Os Retirantes" é o relato de uma terrível seca no Ceará. Além disso, teve a vaidade como tradutor e publicou "As mulheres Godim" comédia em três atos de Maurice Ordonneau, levada no Teatro Recreio Dramático, em 1898.

Deixou inacabados outros romances, entre os quais se destaca, um de costumes brasileiros, "Denden", e a tradução de "A Guerra e a Paz" de Tolstói.

De todas as suas polémicas, a mais célebre foi a que manteve contra Rui Barbosa, que por ser breve não deixou de ser encarnizada. Foi um duelo singular, sem armas desarmadas, sem tática, que, deixou como lembrança dois grandes artigos que foram "A difamação" e "A Hipocrisia".

"A Difamação", de Rui Barbosa, é a silhueta do Arretino, o cômico caluniador, antecessor dos modernos chantagistas, tipo do certo tráfego que corre tira o poder e abandona os seus protetores na desgraça. Libelista, não tem medo de nada porque todos o temem. Negocia sobretudo com o medo. "A linguagem do século é ofensiva, adulatória; a sua, desprezadora e impudente. As colunas impudicas eram plenas que punhaladas. Colas estampada queria dizer coisa verdadeira. E ele põe a preta e calhama, o silêncio, o elogio". Rui lembra o Arretino a imprensa. Não deixará de ser livre e que a verdade não há de desaparecer porque é a ameaça (14).

A resposta não se podia fazer esperar. Na "Cidade do Rio", três dias depois, apareceu um artigo de Patrocínio, "A Hipocrisia". Toda a sua habilidade de jornalista está ali, justificando a opinião de Souza Bandeira, que disse que "a sua principal e poderosa arma foi a pena do jornalista que nele tomou todas as formas e feições, desde a ináclia penugem que titila deliciosamente a vaidade, até o ferro incandescente que faz palpitar de dor as carnes e deixa a marca funda e inapagável, sem esquecer o aculeado afilante da ironia, que trespassando pela epiderme, tortura o vilão com as mais cruentas dores" (15).

O autor descreve a figura repugnante de Tartufo, o herói de Molière, o mais perigoso de todos os intrigantes por que é um entorpecido (continua na página seguinte).

(3) Pacheco, Félix. A vida útil e gloriosa da Academia Brasileira de Letras e o amadurecimento da língua portuguesa encarado através da reforma ortográfica em andamento. (Rio de Janeiro, 1922) pag. 32.

(4) Ibidem, pag. 37.

(5) Oliveira Viana, op. cit., pag. 70.

(6) Ibidem, pag. 72.

(7) Orício, Osvaldo, op. cit., páginas 130-37.

(8) Cf. Osvaldo Orício, op. cit., página 368.

(9) Páginas Literárias, (Rio de Janeiro) 1917, pag. 69.

(10) Souza Bandeira, op. cit., páginas 73.

(11) Orício, Osvaldo, op. cit., página 122.

(13) Pacheco, Félix. Robber e Camello, Jornal do Comércio, 31 de janeiro de 1905.

(14) Barbosa, Rui. A Difamação, publicado na "A Imprensa", de 13 de dezembro de 1898.

(15) Souza Bandeira, op. cit., pag. 60.

GALERIA JORNALÍSTICA

RUI BARBOSA

Austrália, da África, da América do Sul e até da América Central. Os exemplos poderiam ser multiplicados.

Leiam-se, para prova disso, os seus estudos sobre a emancipação dos escravos nas colônias da África ou América, sobre a reforma agrária, lei Torrens, finanças do Chile, imigração argentina e tantos outros.

Ao contrário do que supuzeram aqueles sociólogos ressentidos, Ruy conhecia com intensa objetividade, o Brasil. Filho e parente de homens públicos tendo convivido com estadistas, como Saldanha Marinho, José Bonifácio, Dantas Barreto, enfim os maiores da época, desde muito cedo sabia não só a tradição moral, mas, pelas citações dos Pareceres do ensino de 1892, do Relatório de 1891 e outros trabalhos, pode ser observado que examinava, detidamente, estatísticas, atos, ofícios, relatórios e precedentes de autoridades, e realizava verdadeiras inquéritos sobre a vida nacional. Quando relata a educação, por exemplo, revela notícia exata do funcionamento efetivo e realista das instituições existentes, por descobertas nos seus artigos. Certa vez, chegou a ler, da tribuna da Assembleia geral, uma apostila, em que um professor da Faculdade de São Paulo não dizia palavra do assunto preçoso da sua cátedra.

Se nos for permitida uma interpretação, de Ruy, procurando condensar em núcleo fundamental a exuberância de suas ideias e o vigor de sua ação enérgica e apostolado, diremos que a tese política básica não é absolutamente de fundo jurídico, como proclamam alguns, mas, acima de tudo, econômica: econômica nas suas raízes, econômica nos seus espalhamentos, econômica até na solução preconizada. Sob esse ponto de vista, por escandaloso que pareça, Ruy reflete Karl Marx, cujo nome, aliás, foi dos primeiros a citar no Brasil, embora o fizesse poucas vezes.

Para Ruy, a chave da solução dos problemas brasileiros, inclusive os políticos, deveria ser buscada na radical transformação dos seus processos de produção econômica. Ao invés de exportar em bruto, matérias primas de origem rural ou mineral, cumpria-nos industrializá-las aqui mesmo, para que fossem embarcadas como produtos manufaturados. Isso elevaria o nível de vida do povo.

Mas Ruy compreendia perfeitamente que elevar a potência industrial de uma nação, secularmente mantida para uma agricultura rotineira, do mais baixo tipo colonial e primário, era tarefa enorme e dependente de inúmeros outros problemas paralelos. Advertia desde logo, que o protecionismo alfandegário não constituía meio eficiente para esse "desideratum". A sua fórmula, insistentemente aconselhada, era esforço heróico para a elevação do homem, física, moral, intelectual e tecnicamente, pela educação intensiva.

Foi ele dos primeiros a defender o esporte como base da melhoria física da raça. Educar sem medir sacrifícios; educar, gastando, para isso, tanto quanto não regatearíamos para salvar a perenidade da nação empenhada numa guerra, até porque a defesa nacional dependia visceralmente do seu nível de cultura.

Quem tiver dúvida sobre a afirmação, consulte os discursos sobre Pombal, sobre o Liceu e os Pareceres sobre o ensino (1892).

No Governo Provisório, Ruy resolveu assumir o papel de Hamilton, o pouco democrático e nada liberal ministro das finanças de Washington, quando as suas tendências o deveriam aproximar do idealismo simpático de Jefferson, que, como ele, era culto, amigo do ensino e realizador da separação entre a Igreja e o Estado. Luis Viana e J. P. Norberto já assinalaram, aliás, a predileção de Ruy por A. Hamilton.

Nisso, há também a predominância do homem político e o primado do fator econômico na tese de Ruy.

Ele prepara rapidamente a constituição de 1891, temendo as ameaças restauradoras e cesaristas, que tocam a República recém-nata, mas não confia, de modo algum, na pura eficiência das fórmulas institucionais de caráter jurídico. Sua ação é inteiramente a do político preocupado em garantir, para o regime novo, o apoio das classes médias e o apoio das instituições da nascente riqueza mobilizadora, representada pelo comércio, indústria e bancos.

A exemplo de Hamilton, realiza uma política de valorização e amortização sistemática das apólices que representam grande parte das economias das classes médias, como colocação legal e costumeira de economias de viúvas, orfãos, pessoas retiradas do comércio, instituições, etc. Cria um banco para centro radical do sistema da moeda e crédito. Lança a lei Torrens com o confesso propósito de mobilizar e comercializar, fragmentando os latifúndios e a terra, e a substituição de pessoas em substituição a uma taxa indireta. E, por fim, transige com uma tarifa aduaneira protecionista, declarando, sem hesitações, que a tarifa mais por motivos políticos do que econômicos: "era necessário destruir o poder político da aristocracia rural, que monopolizara a direção do país, durante o Império. Tal qual Hamilton, que como ele, não possuía terras, foi perseguido pela aristocracia agrária.

Observados esses fatos, que podem ser documentados pelos decretos e palavras de Ruy, compreende-se, claramente, a luta que, em 1890 e nos 15 anos seguintes, havia de se travar entre Ruy e Campos Sales, este fazendeiro, filho e genro de fazendeiros em Campinas, destinado a encerrar o papel do fazendeiro Jefferson na primeira República, já pela direção favorável ao café — agricultura básica — já pela "política dos governadores", tradição rudimentar da excessiva autonomia local do solitário de Monticello, combatida por Hamilton, como Ruy combateu, em nome da unidade nacional, os exageros federalistas na Constituição de 1890.

Tal a tese de Ruy: — Industrializar o Brasil, pela porta da educação, nada poupando para conseguir; viciar a democracia às classes médias e à riqueza mobilizadora, emancipando-a da força política das elites rurais; eliminar as oligarquias pelo predomínio do sentido nacional de nossa evolução política.

Queriam ou não, os atuais políticos, quando se agitam e pensam dirigir os acontecimentos, nada mais são que inconscientes instrumentos desses interesses, tendências e aspirações, de Ruy e Campos Sales, em campos opostos, tão bem compreenderam e simbolizaram, como já o havia feito, nos Estados Unidos, Hamilton e Jefferson, lançando as diretrizes fundamentais dos dois grandes partidos que, alternativamente, dirigem aquele país.

Como vemos, tão ampla e tão gigantesca é a obra de Ruy, em inúmeros setores da vida humana, tão polimorfo e tão desconhecido foi seu talento, que medi-lo, interpretá-lo, estimá-lo, requer trabalho de equipe: está acima das possibilidades de um só homem. O exame de sua vida, exigiria uma série de trabalhos. Dê-lo, podemos dizer, parafraseando o velho Victor Hugo, ao se referir a Voltaire: Ruy caracteriza a inteligência e a cultura das Américas. Ou, se quisermos, aproveitando uma frase feliz: "A Bahia teve a Renascença; a Alemanha teve a Reforma; o Brasil teve Ruy."

Não somos nós, portanto, simpatizantes, que iremos analisar aqui, esse Everest do saber. Nossa função é bem outra. Pretendemos, tão só, e dentro das nossas possibilidades, levantar um pouco o véu que se estende sobre um angulo talvez inédito, do homem que, no dizer de Lobato, é uma espécie de Império Britânico do vernáculo. Ruy, nascido na Bahia em 1849, unanimemente considerado o

maior dos brasileiros contemporâneos, revelou, desde o berço, inteligência invulgar. Concluiu tão rapidamente os seus preparatórios, em 1864, que não conseguiu matricular-se logo em escola superior. Só em 1868 é que ingressou na Faculdade de Direito do Recife, em que cursou os dois primeiros anos. Em 1868 parte para São Paulo, onde conclui o curso jurídico e trava relações com pessoas que viriam a desempenhar papéis de relevo no país, como Joaquim Nabuco, Castro Alves, Afonso Pena, Rodrigues Alves, Bias Fortes e outros. Na mesma ocasião aproximou-se de José Bonifácio, seu professor da Faculdade, o dá o seu primeiro passo na campanha abolicionista.

E de sua autoria a proposta por ele apresentada na Loja Americana, segundo a qual os filandes e a sua organização manteria sob o pseudônimo de Salisbury, Imp. Nacional.

De então por diante, começa a se projetar no cenário do país, através de fatos memoráveis e alguns de transcendental relevância. E assim:

Em 1872 — ingressa na imprensa, colaborando no "Diário da Bahia". No ano seguinte assume a chefia do órgão;

Em 1875 — casa-se com D. Maria Augusta. Viana Bandeira, a quem mais tarde havia de chamar-se "a mais bondosa e digna companheira dos momentos difíceis";

Em 1878 — é eleito deputado à Assembleia Provincial da Bahia;

Em 1879 — é eleito deputado geral, sendo o mandato renovado até 1884. Nesse mesmo ano ele recusa uma pasta no gabinete Souza Dantas. Dedica-se à imprensa e pugna, eficientemente, pela abolição da escravatura;

Em 1889 — Escreve o 1.º artigo no "Diário de Notícias", ao qual sucedem outros audaciosamente republicanos. Proclamada a República, para o que havia contribuído grandemente assume a pasta da Fazenda e ocupa o lugar de vice-chefe do Governo Provisório;

Em 1892 — Recusa a chefia do

Em 1907 — Destacando-se, na luta por entregar, e divergindo do velho marechal, renuncia às vantagens de sua situação oficial, passando para as fileiras da oposição;

Em 1893 — Com a revolta da Armada, é apontado como cúmplice e forçado a exilar-se para a Argentina, e, posteriormente, para a Inglaterra;

Em 1895 — Regressa ao Brasil, sendo recebido senador pela Bahia; Em 1896 — Recusa o convite no sentido de assumir o posto de Ministro plenipotenciário do Brasil, na Capital da França;

Em 1790 — Destacando-se, na Conferência de Haia, como notável jurista, eleva, gloriamente, o nome do Brasil, onde é recebido, por ocasião de seu regresso, com calorosas manifestações como verdadeiro idolo nacional;

Em 1910 — Candidata-se à Presidência da República, em oposição ao marechal Hermes da Fonseca;

Em 1918 — É comemorado seu jubileu literário, o que constitui verdadeira consagração nacional; Em 1922 — Comparece no Senado, pela última vez, para votar o estado de sítio solicitado pelo Governo, então ameaçado pela revolta de 5 de Julho;

Em 1923 — Fallece em Petrópolis, enchendo de consternação todo o país.

Além do idioma pátrio, Ruy falava fluentemente o francês, o inglês e o espanhol e escrevia em latim, italiano e alemão.

Foi presidente da Academia Brasileira de Letras. A sua biblioteca era considerada a maior dentre todas as que existiam no Brasil. Deixou o maior número de obras, de valor incensurável, na sua quase totalidade. São os seguintes os principais trabalhos por ele deixados:

PRINCIPAIS OBRAS

- 1876 — A Igreja e o Estado — Conferência do Vale dos Beneditinos. Rio, 1913. Tip. Hildebrand.
- 1877 — O Papa e o Concílio, de Janus. Versão e introdução de Ruy (esta, duas vezes maior do que o texto). Rio, edição de Brow & Evaristo.
- 1881 — Decênio de Castro Alves — Elogio do Poeta dos Escravos. Tip. "Diários da Bahia".
- 1882 — Reforma do Ensino Secundário e Superior — Parecer e projeto. Imp. Nacional.
- 1882 — Centenário do Marquês de Pombal — Rio, Tip. Leuzinger.
- 1893 — Reforma do Ensino Primário — Parecer e Projeto Imp. Nacional.
- 1894 — Féria Política — Traços da história da oposição. Coleção dos artigos publicados sob o pseudônimo de Salisbury. Imp. Nacional.
- 1894 — Emancipação dos Escravos — Parecer acerca do projeto n.º 43. Imprensa Nacional.
- 1895 — Homagem ao Ministro Dantas — Tip. Central.
- 1896 — Primeiras Noções de coisas — de N. A. Calhuns versão e adaptação do 4.º edição Rio.
- 1897 — Elogio a José Bonifácio — São Paulo, Tip. King.
- 1898 — Smilh — Prefácio às Viagens de Guiller. Rio. Ed. de Laemmert.
- 1898 — Ano Político de 1897 — Rio, Tip. Gazeta de Notícias.
- 1891 — Relatório do Ministério da Fazenda — Rio, Imp. Nacional.
- 1892 — O Estado de Sítio, sua natureza, seus limites — Rio, Cia. Imprensa.
- 1892 — Finanças e Políticas da República — Discursos escritos. Rio Cia. Imp.
- 1893 — Visita à Terra Natal — Bahia, Tip. do "Diário da Bahia".
- 1893 — Os Atoes Inconstitucionais do Congresso e do Executivo ante a Justiça Federal. Rio, Cia. Imprensa.
- 1896 — O Juri e a responsabilidade penal dos juizes — Rio, Tip. do Jornal do Comércio.
- 1896 — Análise Inversa — Caso de teratologia jurídica. Rio, Of. do Jornal do Brasil.
- 1896 — Carta de Inglaterra — Rio, Tip. Leuzinger.
- 1897 — O Partido Republicano Conservador — Rio, casa Montalverne.
- 1897 — O Fogo Fátuo e o Santelmo — Discurso no Senado contra Cezar Zama, em 1896. Edição de Ouro Preto.
- 1898 — A culpa civil das administrações públicas. Rio, Tip. do Jornal do Comércio.
- 1900 — Posse de direitos pessoais — Rio, Tip. de Olimpio de Campos.
- 1891 — Preservação de uma obra — Rio, Of. do Jornal do Brasil.

- 1902 — Parecer sobre a redação do projeto do Código Civil — Rio, Imp. Nacional.
- 1903 — Réplica às defesas da redação do projeto de Código Civil — Rio, Imp. Nacional.
- 1903 — Discurso de Parafinjo no Colégio Anchieta — Friburgo.
- 1904 — Seguro Marítimo — Rio, Cia. Tip. do Brasil.
- 1904 — Limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte — Rio, Cia. Tip. Brasil.
- 1904 — Vendas e trocas entre ascendentes e descendentes — Rio, Cia. Tip. Brasil.
- 1905 — Exposição de Motivos do Plenipotenciário vencido — Rio.
- 1906 — A Transação do Acre no tratado de Petrópolis — Rio, Jornal do Comércio.
- 1906 — O Acre Setentrional — Rio, Jornal do Comércio.
- 1907 — Discursos e conferências — Porto, Imp. Lit. e Tip. Editora.
- 1907 — Luz e Energia Elétrica — Bahia, Tip. da Gazeta do Povo.
- 1907 — Duzeime Conferência de La Paz — Actes et Discours. Haye.
- 1908 — Os privilégios exclusivos na jurisprudence americana — Rio, Jornal do Comércio.
- 1908 — Ação Reversória — Ma-

nuel Lavrador contra a Fazenda Municipal — Rio, Tip. Jornal do Comércio.

1909 — Anatole France — Discurso à Academia Brasileira — Rio, Imp. Nacional.

1909 — Excursão Eleitoral ao Estado de S. Paulo — S. Paulo, casa Garraux.

1910 — Contra o Militarismo — Campanha Eleitoral. Rio. Jacuiz.

1910 — Excursão Eleitoral aos Estados da Bahia e Minas Gerais — S. Paulo.

1910 — Plataforma — Bahia.

1910 — Direito do Amazonas da Acre Setentrional — Rio, Tip. Jornal do Comércio.

1910 — Memória sobre a eleição presidencial — In Anais do Congresso Nacional.

1913 — As condições de Clientela — Rio, Tip. Polonocianica.

1913 — Ruínas de um Governo — (Conferências que seriam pronunciadas em Juiz de Fora, Belo Horizonte, Santos e São Paulo) reunidas em volume por Fernando Medeiros, Rio, 1931.

1914 — Ação de nulidade de apuramento movida pelo Estado do Espírito Santo contra Alvaro Gervais na questão de limites entre estes dois Estados. Rio, Pap. Americana.

1916 — Nulidade de arbitramento por excesso de poderes emitidos — Razões de Apelação do E. de Minas Gerais para o Supremo Tribunal Federal na ação contra aquele movida pelo Americo Werneck. Rio, Tip. Jornal do Comércio.

1916 — Admissão do curador Geral de Orjões — Rio, Tip. Jornal do Comércio.

1916 — Problemas de Direito Internacional — Conferência na Faculdade de Direito de Buenos Aires. Londres, Truscott & Son Ltd.

1917 — Osvaldo Cruz — Discurso lo, Manginhos.

1917 — A grande guerra — Conferência em Petrópolis. Rio, Tip. Jornal do Comércio.

1917 — Questão Minas — Werneck — Rio, Tip. Jornal do Comércio.

1918 — Americo Werneck Cenas Minas Gerais. Sustentação de Embargos. Rio.

1919 — A questão dos portos no Brasil — Bahia. Est. dos Dias Mendos.

1919 — Campanha Presidencial (1919) — Bahia. Liv. Catilina.

1921 — Oração aos moços — S. Paulo. "O Livro".

1920 — O art. 6.º da Constituição e a intervenção de 1920 no Brasil. Rio, Liv. Castilho.

1921 — A queda do Império — Rio, Liv. Castilho.

COLETANEAS

Pages Choises de Ruy Barbosa. Trad. de Clemente Gazet. Rio.

1917 — Ed. Brigueat. Prefácio de Paul Deschamps. Páginas Literárias — Bahia, 1918. Organizada por Homero Pires. Liv. Catilina. Série Clássica da Revista da Língua Portuguesa. Vol. 1 Rio.

1920 — Coletânea Literária, organizada por Batista Pereira. Ed. Não.

1928 — Diretrizes de Ruy Barbosa (Biblioteca do Pensamento Vivo) coletânea organizada por Americo Jacobina Lacombe. São Paulo, 1944. Liv. Martins.

CORRESPONDENCIA

Cartas Políticas e Literárias — Organizadas por Homero Pires. Bahia, 1919 — Liv. Catilina.

Correspondência Intima de Ruy Barbosa — Bahia, 1921 Imp. Oficial do Estado. Organizada por Alvaro Gervais. Correspondência — Organizada por Homero Pires. São Paulo.

1932 — Mocidade e Eritmo — S. Paulo, 1934 — Ed. Nacional.

Cartas de Ruy aos seus primos Albino José Barbosa de Oliveira e Antônio de Araújo Pereira Jacobina, reunidas em volume por Antônio Jacobina Lacombe.

Rio de Janeiro, Dezembro de 1960

Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea

Primeira série ★ Antologia da Poesia XXXIX ★ Paula Achilles



Paula Achilles

Francisco de Paula Achilles — Nasceu em Corumbá, Estado de Mato Grosso, a 4 de maio de 1889 — Estudos: primário em Corumbá, secundário e superiores na Marinha Nacional. Prosador, poeta e jornalista. Professor do quadro da Armada em 1914. Técnico de educação no Estado do Rio em 1926. Catedrático de História Geral do Instituto de Educação e Escola Normal de Niterói, em 1930. Redator dos jornais "O Estado", "Gazeta Fluminense", "Correio Fluminense" e da revista "Ilustração Fluminense". Professor de Letim do Colégio Militar, Diretor Geral do Departamento de Imprensa Nacional, em comissão. Membro da Academia Fluminense de Letras e da Sociedade Brasileira de Geografia. É possuidor das Medalhas comemorativas do Exército de Guerra, dos centenários do Barão do Rio Branco, de Caxias e de Ruy Barbosa. É autor de "Torre de Babel", versos (1930); "Novos Rumos Educacionais", prosa (1935); "Uma Escola para o Brasil", prosa (1937); "Brasil de Ceste", prosa (1940); "O Brasil em Marcha", prosa (1942); "Outono que vai passando", versos (1946); "A dança da vida", versos (1949); "Silêncio do meu destino", versos (1950); "Sombra e Paisagens", prosa (1950).

POESIAS DE PAULA ACHILLES

POEMA

Suplico ao meu destino e vivo a implorar que eu tenha
Um pensamento cheio de visões, cheio de mundos, cheio de
talvôrges;

Que se eleve no espaço e não volte para a terra,
Sintre o oceano das estrelas,
Caminhe na asa das ventanias, no arrojado das tempestades
E prosiga, sem cessar, pela escalada em que se abismam
As sucessões do inscandável do infinito;
Um pensamento cheio de harmonias e contrastes,
Que seja a ardência do sol e a brandura dos lares,
Que cante e vá cantando, a vida inteira;
Seja um hino de amor à beleza e à perpetuação da graça
E não tremia nem vacile ante o terror da morte.

Um pensamento que alcance, em curopétis de encanto,
O que alcance e não alcance;
Que vibre e que se exalte,
Acredite na esperança e creia em todo engano;
Mergulhe no mar profundo e corra entre montanhas,
Sela vale e planura, encosta, floresta e praia;
Um pensamento maior que todos os pensamentos,
Que semeie a rebeldia de um sentido profundo,
Seja caos e silêncio,
Que em si mesmo agilhado em turbulências tremendo,
Quando tudo passar, pelo tempo vencido,
Pare plorioso e forte e fique, serenamente,
Sentido a tragédia imensa
Do poente que se apossou para chegar tão cedo,
Da aurora que se atrasou para chegar tão tarde!

APARIÇÃO

Pioneira das vigílias continuadas,
Visão do meu roteiro sem ventura!
Testemunha das horas desoladas
Que consumo na estrada horrenda e dura!

Tu que tens a clemência da alma pura,
O festão das coisas mais sagradas,
Não me abandones, nunca nesta escura
Vereda de incertezas tumultuadas!

Dá-me o consolo no teu manto abrigado,
Recolhe-me em teu seio, estou cansado,
Vencido de exterior, por onde sigo!

Só teus braços me servem de carinho,
Grandioso resplendor sereníssimo,
Divina aparição do meu caminho!

AMAR

Por que amo e por que tenho este amor transbordante
Por tudo quanto vejo e tudo quanto sinto?
Por que trago na idéia a alma febricitante
Do mundo a palpitar no eterno labirinto?

Amo aqueles que vão conduzindo por diante
A esperança maior do sonho nunca extinto;
Amo toda a expressão da verdade triunfante
E a mentira mortal que em mim mesmo constinto!

Amar para ser forte e justo e verdadeiro,
Esquecer e perdoar ódios e dissabores,
Para ser, entre os bons, o melhor e o primeiro;

Amar para sentir, depois de ter amado,
Dentro d'alma o esplendor de todos os amores
Morre, como um clarão, na luz glorificado!

PÁTRIA

Por ti, por esta nação, aos teus pés, olhos fitos
Na imensa estrada real do teu grande futuro,
Ajocilhado me vejo entre hossanas, aos gritos
Da vitória que tens como um sonho seguro.

Pátria! É na árdua imortal desta idéia que auguro
Ver a glória pompendo em teus dias benditos!
Em teu seio de amor sempiterno enlauro
Meu delírio e meu ser, dentro em mim circunscritos!

Voz de mira para mim, aos teus braços, absorto,
Cheio de orgulho extremo, a alta continuidade
Convertendo a razão, como um justo conforto.

Mãe sagrada de heróis! Em teu céu sempre novo
O Cruzeiro imortal a árdua perpetuidade
Jorra em ondas de luz no esplendor do teu povo!

POEMA DOS CARRILHÕES

Em confusão delirante passam no caminho de tempo,
Vão seguindo em busca disparada pelos quadranes do espaço
O eterno agrupamento de todas as raças, de todos os instintos,
E os povos que se conjuntam separados pelas fronteiras,
Pelas mares, pelo idioma, pela história e pela idéia...

Proclamação de tabuas vidas em ovações triunfantes
Desfilam, vão passando o hilo de passar indefinidamente
Para a derrota inevitável de todos os destinos,
E os carrilhões das horas, sobre tudo, em toda a vida
Continuam badalando, badalando, badalando...

Na inquietação da andradade passam todos os momentos,
E de alergia, a cada instante, o roteiro dessa viagem
No início que se desencana para a mesma finalidade,
E o mesmo quadro é sempre novo, a noite é a mesma, o dia é o
mesmo;

Por que é que o tempo se adianta e por que é que não fazemos?

Poesia do belo, poesia do horrível, do enano e do desencanto,
Sinfonia do que se percebe e do que nunca se alcança
É o panorama da terra inteira, é a paisagem do tempo em marcha;
E é por essa multiplicação de enganos e desenganos
Que os velhos carrilhões continuam badalando, badalando, badalando...

Que espera e búsarrio cantando, que espera a árvore florescendo,
Por que uivam os ventos, por que gritam e se espantam os oceanos,
Por que brilham as estrelas, por que os espaços se iluminam?
E a natureza emudecida permanece indecifrável...

Que faz o homem nesse mundo infinito da inconsciência?
Que pensa, que faz, que deseja, os que vão seguindo?
Para onde foram os que cansaram, os que tombaram, os que pa-
raram?

Todos os sentidos se confundem na Babel tremenda
E os carrilhões das horas, compassados pela insônia de infinito,
Continuam badalando, badalando, badalando...

Descepo humano, inconscientemente de todos os desejos,
Na investida de todos os sentidos, na vertigem
De arremessos tremendo, é a paisagem da noite em debandada;
E dormem nesse mundo os caminhos sinistros do deserto
Por onde as caravanas vão seguindo e desaparecendo...

Na movimentação desses instantes há uma força que se exalta
Para a conquista insalutável do que se quer e não vem nunca;
Existem sonhos, nascem esperanças, morrem todas as graças,
E rondando essa impressão de um segundo que sentimos
Os velhos carrilhões continuam badalando, badalando, badalando...

QUANDO TUDO PASSAR

Nem de sim, nem de não serviu-me a vida
E fujo-a piedosíssima e clemente;
Milagrosa, santíssima, querida,
Ela tem sido sucessivamente.

Tenho-a, no pensamento, enalterada,
Sinto-a, na idéia lúcida, eloquente,
E quando separar-nos a partida
Que eu calo, sem chorar, por t-la ausente!

Que eu me curve, no fim do meu roteiro,
Na certeza de estar tudo acabado,
Consente desse instante derradeiro...

Sereno, emancipado, convencido
Do destino, que eu morra compensado
Na glorificação de ter vivido!

VELHO ENGENHO

Neste roldão do tempo, engenho amigo,
Pelas dias que passam pela vida,
Esta saudade vem gemer comigo
Como um resto de sonho em despedida...

Venho encontrar-te velho e sem abrigo,
Sobre a terra cansada e comburada;
Volto, recordo a tua ausência e sigo
Pensando na distância percorrida.

Que valem meus ansiosos rutilantes,
Para onde foram todas as auras,
Todas as graças que já tive danças?

Nestas horas de angústias infinitas,
Eu quisera chorar como tu choras,
Eu quisera gritar como tu gritas!

MEU GRITO

Ideal! Para onde vais? Quem te ouve e quem te espera?
Louco! Desordenado, o teu corcel avança
E procura atingir a longínqua monera
Que o infinito rumor entre os séculos lança...

Noite e dia, em mim mesmo, essa imensa cratera
Vulcaniza em meu sonho, entre lavas, a aliança
Que é delírio, que é sangue, e é rugido de fera,
Desengano mortal, convertida esperança!

Por tanto tempo, embalado, ambos nós percorremos
O caminho triunfal, esperando que viesse
A promessa que até hoje ainda não conhecemos...

Procura-te em delírio e no anseio profundo,
Meu grito não te alcança, agoniza e falce,
Destroçado esplendor, no silêncio de um mundo!

CANTO DO HOMEM DE FE'

Crê na vida, crê em tudo o que ela tem de bom e o que não tem,
Crê na vida, crê em tudo o que ela tem de bom e o que não tem,
Crê na vida, crê em tudo o que ela tem de bom e o que não tem,

Na cantiga dolente das águas que vão correndo,
Na serenata que vem de longe pela harpa dos espaços,
Pela boca dos ventos, pelos olhos das estrelas,
Pela alma das luas, pelo sonho das montanhas,
Pelo esplendor dos mares e pelo esplendor da terra.

Crê no pensamento que te eleva e te reanima,
Crê na idéia iluminada de todos os teus encantos,
Crê nas horas felizes, crê nos momentos amargos,
Crê na vida que possas fazer, crê no bem, crê no mal, crê no
impossível,

Crê na fúria das águas, crê na angústia da tarde, crê no
luzido, crê no
luzido,

Crê na flor que perfuma, crê no canto das pássaros,
Crê no dia que incende, crê no que vê, crê no que sente,

Torna-te cego, torna-te cego, muitas vezes, e anda...
Ergue em teu coração o monumento de tua alegria;
Tudo e belo, tudo é incansável, apenas tu não entendas
A razão de existir, de contemplar e de ter compreendido
A história que representas, o drama que te pertence!
Alegra-te, caminha, confia, vai pelo tempo
Seguro de que uma glória, pelo menos uma, existe
Nas horas que tens vivido...

Crê na esperança que por acaso tenhas,
Sorri como em tudo sorri, deslumbradoramente,
A natureza em festa...
Não recuses à tua alma o que o sentido te ofereça,
Crê na melhor intenção das coisas mais discordantes,
E que nunca duvides com firmeza nem afínco
E que nunca vaciles irresolutamente...

Sufoca os dissabores e aprende a amar a alegria
E vê como em ti mesmo palpita o mundo inteiro...
Perdoa e perdoador, eleva, enobrece, alimenta
A virtude de não odiar, de ser justo e ter confiança;
Crê nas horas que passam, crê nos dias que voltam;

Aguarda e não desesperes porque não alcanças
O desejo que te vinha engrandecendo;
Espera, permanece na esperança que tiveres,
Não desanimes nunca e nem nunca te acabares,
Crê que sejas forte e capaz e, moderando os teus sentidos,
Homem, gloriosamente crê no poder do teu destino!

Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea

Primeira série ★ Antologia da Poesia XXXIX ★ Paula Achilles

ROTEIRO ESTRANHO

Nesta noite do tempo onde se arrasta
O corpo numa eterna cavalcada,
Compreendo o todo em mim, mas não me basta
Saber que apenas vejo, em tudo, nada!

Na imagem do que penso e pela casta
Ambição do seguir, desovernada
Nem sem roteiro na salgueira vasta,
Minha ideia é uma viagem condenada...

Vejo a sem-fim das mesmas nebulosas
Neste estranho deserto que se alaga
De nuvens e alvoroçadas misteriosas...

E ausculto nesse mar de sons profundos,
E investida de vaga sobre vaga,
A pleiade de mundos sobre mundos!

INVOCACAO

Nas luas mansas deponho o meu destino
E me refugio exausto, consumido...
Meu ser, meu clamor, meu desafio
E minha vida, entrega-te vencido!

Campanheiro do incauto peregrino,
Rastro indelével do esplendor perdido!
Quero alcançar-te, mediador divino,
Quero-te em mim, tumulto emudecido!

Es a imagem que surge sem alarde,
Como um traço de luz quase apagado,
Como um resto de sol num fim de tarde...

E nos olhamos, neste instante mudo,
Ambos sabendo que não somos nada
Ambos sentindo que já fomos tudo!

DETERMINISMO

Nesta epopéia de coléras distantes
Fico olhando tremendo que não cansa
São gritos, sensações turbulhonas,
Que a cada passo o desespero alcança.

Na luz de cada estrela uma bonança
Palpita pelos mundos cintilantes;
No alcance inabarcável da esperança
As dores são gemidos lancinantes.

Regresso para a mesma luz intensa...
Mas espere é o que vejo tumultuando
E a cada instante sobre mim crescendo.

Vou prosseguindo na planura imensa,
E prito como os outros vão gritando
E morro como os outros vão morrendo!

SOMBRA DO PASSADO

Nebulosas da noite, ideais, remotas
Miragens das alturas singulares;
Traços distantes de infinitas rotas,
Após desertos de longínquos mares;

Distâncias que orientais perdidas frotas,
Nos rumos dessas luzes milenares,
E sois, nessa amplidão de eras ignotas,
O império das paragens estelares;

Conturbadas do espaço intangíveis,
Sombrias de incantadas gerações passadas,
Regresso de eternos mundos invisíveis;

Parais em meu desejo e em toda esta ánsia,
O morais, longas acaloras nevadas,
No profundo silêncio da distância!

ALGORIA

Hei de correr, seguir, neste destino,
Até chegar ao termo da jornada,
E então, como um cansado peregrino,
Hei de parar, sem rumo, em plena estrada.

Neste erramêss e neste desatino,
Por este desespero em deliranda,
Na antepara do tempo, em mim, confio
A esperança, de há muito, amortilhada.

Essa é tortura, em tudo indefinida,
Essa é momento austero que antevejo,
Essa é sentença eterna do que vive...

Nessa hora há de restar-me a despedida
De tudo o que já tive e não desejo,
De tudo o que desejo e nunca tive!

CANTO DA SAUDADE ESTRANHA

Eu me pareço muito com todos os que vão passando
De olhos pregados no chão, sem dizer uma palavra,
Sem ver nada do que está acontecendo ao seu lado;
Com os que vão para o Norte, para o Sul, para Leste, para Oeste,

Para todos os quadrantes dos caminhos do mundo e da vida,
E ainda vão encontrando a vida e ainda vão encontrando a noite.

Eu sou do mesmo bando dos que seguem e vão seguindo,
Dos que buscam alcançar o que está morando no pensamento,
O que está vibrando no coração e correndo pelos nervos;
Eu tenho a alma que os outros têm, eu grito como os outros
Igritum,

Choro como os outros choram, rio como os outros riem
E conduzo a mesma condenação de todos os outros condenados.

Eu me pareço muito com os que são tristes e os que são alegres,
Com os que têm resignação e com os que são incontentados,
Com os que aspiram encontrar o bem e sentem que o mal
lexiste;

Eu me pareço muito com os que param e pensam,
Reconciliam o pensamento, prosseguem, continuam,
E no silêncio pensam mais do que estavam pensando...

Eu sinto como os outros sentem, trago uma sombra como os outros trazem,
Adoro como os outros adoram, desejo como os outros desejam,
Adormeço como os outros adormecem, acordo como os outros acordam,
E existe em minha vida o mesmo anseio de todas as vidas,
A mesma inquietação humana e avassaladora,
O mesmo deslumbramento, o mesmo encanto e o mesmo
desencanto.

Oigo o tempo correndo e vou pelas horas caminhando,
Passo pelos instantes, ago por todos os momentos,
Sinto o que todos sentem e o que todos já sentiram,
Tenho a impressão tremenda de todas as impressões maiores,
Silêncio no que supunho e tumulto em minha ideia,
Avalio as sensações que os outros também avaliam...

Em tudo eu me assemelho aos que conheço e não conheço,
Nada em mim difere dos que encontro e não encontro,
Nossos destinos são os mesmos e nos conduzem unidos;
Apenas, por ser poeta, a saudade que me castiga
E me condena, é sem tamanho, é o mundo inteiro,
E o que conheço e não conheço, é uma saudade diferente!

SINFONIA DO INEVITAVEL

Alvorada, procissão triunfal, raio de luz que despenha
E invade o sono do mundo e já-lo despertar para a vida,
Caminha sobre as águas, sobre as florestas, sobre as mon-
tanhas,

Sacode os nervos do vento, reanima a alma da sombra,
Cresce, canta, pompa e na apoteose resplendente,
Sobre a terra incende, avança e como um delírio volta,
E o sol que está nascendo...

Acorda, homem, está na hora de despertar para a terra,
Teu pensamento vai produzir de novo,
Teu coração vai palpitar mais forte, mais violento
E os teus olhos vão contemplar o mesmo quadro de ontem
Na mesma impressão de hoje, mas hoje é outro dia...
Lembra-te, homem, da noite que te disse adeus e foi-se embora.

O dia veio saber que é que a noite andou fazendo
E a noite nada disse por que estava dormindo
E tu nada disseste, homem, porque também dormiste
E a natureza nada respondeu porque teve medo da alvorada,
Porque foi sombra dentro da noite,
Porque foi silêncio...

E então o sol foi passando em seu carro de glória;
A tarde chegou, apareceu o poente,
A luz foi cansando, foi sumindo, foi desaparecendo;
Outra vez dormiste, homem, o sono da tua indiferença,
As vidas se recolheram, a tarde acenou de longe,
E a noite que te domina...

A marcha eterna do infinito é a glória da eternidade,
As estrelas são vigílias dessa paisagem,
O luar é uma grande saudade sem destino,
E a serenata da hora morta.

Se fores forte e contiveres a ansiedade que em ti palpita;
Se a tudo ofereceres a conformação latente dos teus desejos
E deres por começado o que parece que está terminado,
Homem, então concluída da atitude do tempo
E verás que vais fugindo e correndo mais do que ele...

Todas as manhãs o dia volta e todas as tardes a noite regressa,
E tu continuas na vertigem delirante da corrida;
Se alegre, se feliz, de coração satisfeito,
Vê em tudo a bondade e a razão de ti mesmo
E nessa alucinação de inconsciente esperança
Segue, observa, raciocina, pensa, continua;
Que nada te detenha e nada dos teus olhos se oponha
À corrida que te leva pelo tempo
E vai te conduzindo para a noite que te espera...

Homem, tu guardas a alma o poema que não termina
E confinas em ti mesmo as vozes todas do mundo;
E' por isso que te apressas e corres alucinado,
Ouvindo a sinfonia telúrica da terra,
Correndo para a noite,
Solteando o poema intraduzível do mistério...

DESILUSAO

Temo encontrar-te e temo que esquecido
Eu ande para o teu recolhimento,
Temo que eu seja um grão convertido
A lembrança de um grande assombramento.

Tão mudado me vejo, que o sentido
De me reconheceres é um intento
Baldado neste anseio revivido
Para o nosso amortilhado pensamento...

Dêsse instante fatal que, assim, liberto
Eu prossigo na estrada que distende
Ao meu destino este caminho incerto!

Temamos esse encontro, por sabermos
Que tudo, para nós, se desce e sobe
No silêncio infinito de dois ermos.

PAISAGEM MARINHA

Velho mar, trovador que há milênios rebramas
Nos rochedos da encosta, em tremendas porjas;
Que no anseio imortal sobre a terra esparramas,
Na epopéia do mundo, as espumas bravias.

Ao longe, em teu tragar, nas velhas penedias,
Exultas teu império e teu poder proclamadas,
Na eterna sucessão das noites e dos dias,
No espandido que incende o teu petro de fiamas!

No tremendo estertor, assim, quando encadelas
O avanço da procela, as ondas, numa escolta
De angústia e sensação, morrem sobre as areias...

Teu delírio insuflado enjuresce em teu grita,
A ânsia das vagalhões refletindo, em revolta,
A amplidão que avassala e arrebatada o infinito!

HORA EXTREMA

Pensador, que chegaste, arquejando, vencido,
Ao ponto que te espera, ao fim do teu roteiro,
Da voz do teu comando o que resta é um gemido,
Sobre a terra deserta atiras-te o pampetro...

Vinhas não sabes de onde e apuraste o sentido
Para seres, em tudo, o maior e o primeiro;
Transformou-se no exposto o teu sonho perdido
No instante que te leva ao estertor derradeiro!

Tiveste em teu delírio o agasalho do nada,
Foi o olhar alcançaste o mistério profundo
E a tragédia da vida em ti mesmo estampada...

E, andarilho cansado, em farrapos, de rastros,
De dia compreendeste o alborço do mundo
E, à noite, interrogaste o silêncio dos astros!

MARINHEIROS

Barcareiros cantando sobre o mar, no estridido das ondas,
Ao rugir das ventanias, alma aberta ao sabor dos espaços,
Olhos fixos na amplidão longínqua e indeterminada,
Vão seguindo, vão rumando, dia e noite, os marinheiros...

Imensamente os céus se estendem sobre o mundo das águas,
Esplende no sem-fim o sol e fulge o incógnito gloriado,
Hóstia de luz, arrebatadora iluminação triunfante,
Abre-se como o esplendor no círculo de uma esperança.

Lá vão eles sobre a amurada dos navios fumegantes,
Guardando no coração a lembrança que vai crescendo,
Avançando, avançando, prosseguindo, prosseguindo,
Olhando em tudo a amplidão, vendo em tudo o imensurável.

E a noite, na hora morta, quando as estrelas brilham sobre
o mundo,
Quando o silêncio é distendido pelo triste rumor das vagas,
O barco inteiro é uma saudade levada pela passagem,
De estradas que não tem rastros, de espumas que foforejem.

Marujos, eu tenho inveja de vocês porque vocês são felizes,
Porque vocês não sentem, como os que vivem sobre a terra,
Este impulso ojeante, este embalo delirante e empedernido
De ensaio, a cada instante, o mesmo passo sem descanso.

Vocês são embalados pela rede da salgueira,
A alma que vocês conduzem é uma ideia mais liberta;
Vocês abrem o ventimeto para a confusão dos oceanos,
Marujos, vocês têm alguma coisa de singular, de diferente...

Eu tenho a fascinação dos abismos que se abrem nas tem-
pestades,
Das bússolas que se desmortem, dos roteiros que se con-
fundem;

Adoro a vigilância dos faróis, o deserto das ilhas,
Os penhascos que se levantam no caminho dos navegantes.

Oigo em mim o uivo sinistro dos ciclones que passam, gritam,
E, às vezes, sou transportado ao mistério das ensedas...
O mar tem de mim o destino amargo dos torturados
E esta condenação fatal de eterno incontentamento...
Marujos dos mastros reais, das traqueias e das gáveas,
Que se movem na oscilação das velas e das guilhas,
Marujos do quarto d'alma, das bujarronas das enxárcias,
Marujos da roda de leme, da boreste e da bombordo;

Marujos, eu tenho inveja da confiança que vocês conduzem,
Tenho desejos de seguir como vocês seguem, para longe...
Vocês guardam na retineta o imponderável das distâncias,
Vocês recolhem na retina o infinito dos horizontes!

BALADA DO MORTO-VIVO

Tatiana, hoje vou contar
O caso do inglês espírito.
Ou melhor: do morto-vivo.

Diz que mesmo sucedeu
E a dona protagonista
Se quiser pode ser vista
No hospício mais relativo
Ao sítio onde isso se deu.

Diz também que é muito raro
Que por mais céptico o ouvinte
Não passe uma noite em claro
Sendo assim, por conseguinte
Se quiser diga que eu paro.

Se achar que é mentira minha
Olhe só para essa pele
Feito pele-de-galinha.

Deu início: foi nos faustos
Da borraça no Amazonas.
A's margens do rio Negro
Sobre uma balsa habitável
Um dia um casal surgiu
Ela chamada Lunalva
Formosa mulher-de-côr
Ele com a alcunha de Bill
Um inglês comercial
Agente da "Rubber Co."

Mas a fato é que talvez
Por ter nascido na Escócia
E ser portanto escocês
Ninguém de Bill o chamava
Com exceção de Lunalva
Mas simplesmente de inglês.

Toda manhã que Deus dava
Lunalva com muito amor
Fazia um café bem quente
Depois o Inglês acordava
E o homem saía contente
Fumegando o seu cachimbo
Na sua lancha a vapor.

Toda a manhã que Deus dava

Sómente com o sol-das-almas
O Inglês à casa voltava.

Que coisa engraçada: espia
Como só de pensar nisso
Meu cabelo se arrepia.

Um dia o Inglês não voltou.

A janta posta, Lunalva
Até o corno da noite
Em pé na porta esperou.

Uma eu lhe digo, Tatiana
A lua tinha enloucado
Nesse dia da semana.
Era uma lua tão alva
Era uma lua tão fria
Que até mais frio fazia
No coração de Lunalva.

No rio negroluzente
As árvores balouçantes
Pareciam que falavam
Com seus ramos tateantes
Tatiana, do incidente.

Um constante balúcio
Como o de alguém muito em mágoa
Parecia vir do rio.

Lunalva, num desvario
Não tirava os olhos d'água.

A's vezes, dos ignipós
Subia o berro animal
De algum jacaré feroz
Praticando o amor carnal
Depois caía o silêncio.

E então voltava o cochicho
Da floresta, entrecortado
Pelo rir mal-assombrado
De algum moço excomungado
Ou pelo ulvo de algum bicho.

Na porta em luz cancelada
Só Lunalva Lunalvada.

Súbito, ô Deus justiceiro!
Que é esse estranho ruído
Que é esse escuro rumor
Será um sapo-ferreteiro
Ou é o moço meu marido
Na sua lancha a vapor!

Na treva sonda Lunalva...
Graças, meu Pai! Graças mil!
Aquêles vultos... era o Bill
A lancha... era a "Armedaiva"!

VINICUS DE MORAIS

"Ah, meu senhor, que desejo
De rever-te em casa em paz.
Que frio que está teu beijo!
Que pálido, amor, que estás!"

Efetivamente o Bill
Talvez devido à friagem
Que crepitava no rio
Voltara dessa viagem
Muito branco e muito frio.

"Tenho nada, minha néga
Senão fome e amor ardente
Dá-me um trago de aguardente
Traz o pão, passa a manteiga!
E aproveitando do ensejo
Me apaga esse lampião
Estou morrendo de desejo
Amemos na escuridão!"

Embora estranhando um pouco
A atitude do marido
Lunalva tira o vestido
Semillouca de paixão.

Tatiana, naquêle instante
Deitada naquela cama
Lunalva se surpreendeu
Não foi mulher, foi amante
Aqui que nem mulher-dama
Tudo o que tinha lhe deu.

No outro dia, manhasinha
Acordando estremunhada
Lunalva soltou risada
Ao ver que não estava o Bill
Muito Lunalva se viu
Vendo a mesa por tirar.

Indo se mirar no espelho
Lunalva mal pôde andar
De fraqueza no joelho.
E que olhos pisados tinha!

Ah que Lunalva se ria
De ver tanta marca roxa
No corpo que lhe doía.

Ah que Lunalva se ria...

Não rias, pobre Lunalva
Não rias, morena flor
Que a tua agora alegria
Traz a semente do horror.

Eis senão quando, no rio
Um barulho de motor.

A' porta Lunalva voa
Em tempo de ver chegando
Um bando de montarias
Com cabras dentro rumando
Tudo isso acompanhando
A lancha a vapor do Bill
Com um corpo estirado à proa.

Tatiana, põe só a mão:
Escuta como dispara
De mão o meu coração.

Em frente da balsa para
A lancha com o corpo em cima
Os caboclos se descobrem
Lunalva se aproxima
Levanta o pano, olha a cara
E dá um medonho grito.

"Meu Deus, o meu Bill morreu!
Por favor me diga, mestre
O que foi que aconteceu?"

E o mestre contou contado:
O Inglês caíra no rio
Tinha morrido afogado.

Quando foi "... ontem de tarde".

Diz que ninguém esqueceu
A gargalhada de louca
Que a pobre Lunalva deu.

Isso não é nada, Tatiana:
Ao cabo de nove luas
Um filho varão nasceu

O filho que ela pariu
Diz Tatiana, que era
A cara escrita do Bill:

A cara escrita e escarrada.

Diz que até hoje se escuta
O riso da louca insana
No hospício, de madrugada...

E' o que lhe digo, Tatiana...

Hollywood, maio de 1934.

POESIAS DE RAUL BRAGA

PRECE

A Santa que me perou

Mãe! ouvi, d'onde estais, meu brado altivo,
Ouví de um peito o soluçar maguado:
Que destino me destes, qual meu fado,
Si nesta luta atroz eu ainda vivo?!

Era eu o vosso filho bem-amado...
Sempre por vós não tive o amor mais vivo?!
Porque, porque, si assim, o amor me é esquivo,
E seréi, toda a vida, um torturado?

Baixal os olhos para mim e a ingrata
Vida que arrasto, e véde: ela me mata
E eu preciso viver, que a vida eu amo.

Ah! véde quem meu coração magôal...
Para vós a minha alma, ardente, vós,
E o vosso apoio, proteção, reclamo.

28 de dezembro de 1902.

QUAND MEME

Ouçã o mundo impiedoso o meu gemido,
Olhe, um instante, para o meu tormento:
De beijos ter o coração sedento,
Viver de amor o coração banido.

Debalde! em vão, em vão, eu tudo tento:
Onde o amor encontrar, hoje, perdido?!
Onde esse coração, amante e fido,
A calma me trazendo ao sentimento?!

E deste modo sigo, à máguia entregue...
Al que si assim a vida continua,
Que os céos me matem ou que Deus me cegue!

Debalde! est'alma de paixão estua...
Que o mundo o amor ao coração me negue,
Al não pode negar que est'alma é tua!

28 de março de 1903.

A PALIDA MARIA

A Gastão Bousquet.

Essa mulher que a Morte, agora, leva
À tumba negra e fria,
Muita vez, ao meu lábio tive-a, ardente,
N'um delírio de amor, louca e fremente, —
A palida Maria.

Hoje, ela desce ao Nada: o selo branco
Já não aneia. Um dia,
Hei-de ir vê-la, bem breve: eu sinto a vida
Fugir-me, — agora, para mim perdida
A palida Maria.

Quanta vez, ao meu lado, ela sonhava
E, sorrindo, dizia:
"Quando morrer, seréi aos céus levada..."
Ela, a pura, ela, a melga, a ingenua fada, —
A palida Maria.

Quem sabe quanta prece por minh'alma
A sua voz sombria,
Agora, não murmura! Eu, também quero
Morrer: em bem pouco, reunir-me espero
A palida Maria.

Não te perdão, ô Morte: a sós eu vivo...
Inanimada e fria,
Vão levá-la ao sepulcro; e eu fico em pranto
Por ela que eu amava, e amava tanto, —
A palida Maria!

Recife, 1887.

AO LUAR

A face, a solugar, nas mãos mergulho, escondo:
Ai que, na vida, eu só a amargura conheço!
A alma toda percorro, e eu a inquirio, e eu a sondo,
Analiso-a, perscruto-a, e tenaz, indefesso...

Quando nos céos, à noite, acaso os olhos pondo,
Eu, a luz do luar, me extasio, embeveço,
Ai, de certo, eu, então, um alienado pareço!
Ai o meu coração eu, então, não escondo!...

Lua, a inundar o céu do teu clarão, eu te amo!
Lua, por ti, toda a alma eu de poesia inflamo,
Alucina-me com o teu doce clarão!

Choras, lua, e o teu pranto, eu o compreendo, lua!
Todo um mundo de dor em tua luz flutua
E se exparge por toda a celeste amplidão!...

28 de março de 1903.

DEVASSANDO UMA ALMA

Indiferentemente, o olhar tranquilo lanço
Em roda, a interrogar: nada, nada compreendo.
Sobre o seu colo nã, porém, o olhar descanço.
E a sua alma gentil vou, doce e doce, lendo

O alvoroço que o mundo em torno faz eu vendo
Confesso que me inquieto: o valor não lhe alcanço;
Toda essa alma, porém, doce e meiga alma, entendo,
E percorrendo-a vou, e leio-a, maneo e maneo.

E' toda amor essa alma, é toda essa alma afago:
Nada um ciané de luz, como dentro de um lago,
No novado cristal de seus olhos tranquilos.

E' o amor! e é o amor a ave do céu bendita
Que a minha alma suavia e o coração me agita:
Basta ter ao ouvido os seus doces pipilos

9 de agosto de 1902.

NO LEITO DE MORTE

I

Abre-me os braços, mãe: para o teu lado
Eis que ascendo, afinal, e, enfim, repouso:
Como me sinto, agora, venturoso:
E, num instante, esqueço o meu passado!

Em busca da ventura, desse pouso
Para que vou, enfim, — desventurado,
Tudo soufreu teu filho bem-amado...
Como contar-te? eu te ferir não ousou...

Ah! mas que importa! tu, também, sofreste.
Também tu amargaste a vida, neste
Mundo vil, mundo torpe, mundo abjeto.

E tão feliz eu sou! pensar que, em breve,
Juntos seremos, ver que, em pouco, deve
Ir minh'alma abrigar-se ao teu afeto!...

28 de setembro de 1902.

II

Saiba o mundo cruel que ainda existo,
Veja o meu pranto e escute o meu soluço:
A febre ainda me queima e eu ainda tusso...
Ai! um penar assim jamais foi visto

Si para a cova já eu me debruço,
E si da tumba já bem pouco diário,
Que importa, ô Deus! de calma eu me revisto
E nem por isso é que o sofrer agoço.

Vivo — olhai e, si a dor não busco alívio,
Si para a cova sigo, passo a passo,
Feliz, sorriso, entanto, satisfeito.

O mais ardente dos amores, tive-o,
O estro jamais me foi, um dia, escasso,
E sempre repousei n'um fôfo leito.

5 de outubro de 1902.

Página dos Autores Novos

XXX — Maria José Muniz

MARIA JOSÉ MUNIZ

Nasceu na cidade de Pinhal, Estado de São Paulo, e é filha de Ramiro de Oliveira Leite e D. Maria José Alves Lima. Diplomou-se pela Escola Normal de Caxambu de Campos, da capital de São Paulo, e durante 5 anos, em várias cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, exerceu o magistério público. Foi, depois, comissionada em inspetoria federal do Ensino Secundário. Exerceu o magistério particular, como professora de Física, Química e História Natural. Foi, mais tarde, adida ao gabinete do Dr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação. Recebeu então do Ministro o encargo de elaborar e apresentar os programas culturais do Ministério da Educação.

Abandonou o magistério e serviço público e entrou para o Rádio. Trabalhou na Rádio Jornal do Brasil, onde organizou, com Rógio Vasconcelos e Elói Pontes, o programa intitulado *Tesouros Imortais*, no qual se mostravam os reflexos dos grandes monumentos da literatura nas outras artes. Passou para a Rádio Guanabara, na sua nova emissora, e ali dirigiu todos os programas femininos, criando a campanha do otimismo entre as mulheres — o programa intitulado *A Felicidade é quase nada*.

Um ano depois, era contratada pelas Emissoras Associadas, levando para elas o programa *A Felicidade é quase nada* e criando um novo programa, *Maria Muniz e o seu Teatrinho Infantil*. É um programa de rádio-teste especializado para crianças com histórias originais da autora. Criou ali ainda outro programa — *Uma palavra amiga* — que é uma crônica diária, quase focalista, sempre uma figura feminina que se tenha destacado em qualquer coisa. Faz ali campanhas filantrópicas, em benefício das crianças e dos velhos.

Tem publicado poemas avulsos em jornais e revistas, como *O Jornal*, *Gazeta da Notícias*, *A Esfera*.

POEMAS DE MARIA MUNIZ

Poema n.º 1

Uma simples cruz numa estrada.
Aqui, o livro dos segredos
abriu para nós sua primeira página.
Marcou tua face o estigma dos desterrados



Maria José Muniz

e a minha mão de heroína caricata e
ridícula
teceu para o amor
a alva dos condenados.

Mas sorrias o teu riso
delicioso e doirado
e cobrias de alvalade
as chagas dos negros pensamentos.

Eram negros os dedos
que o mágico estendeu
para marcar no azul

as rotas que meus passos
deveriam vencer.
Fúlego inenso arrastou-me
para as largas aberturas
das tuas ambições desabridas.

Aqui, o livro dos segredos
abriu para nós sua página segunda.
Marcou tua fronte o braço dos privilégios
e minha mão de dama de ouros de baralho
teceu para o amor
a túnica de púrpura
que ocultou a alva dos condenados.
E sorrias o teu riso
delicioso e doirado
e cobrias de alvalade
as chagas dos negros pensamentos.

Eram claros os dedos
que o mágico estendeu
para emudecer as assembleias
e pude ouvir os sinos, os clarins...

Aqui, o livro dos segredos
abriu para mim, só para mim, sua última
(página)

A face dos inocentes
não tem o estigma dos desterrados.
Meu fíbro não tem na fronte
o infamante braço dos privilégios.
Já não sou a heroína caricata e ridícula,
nem a dama de ouros de baralho.
Minhas mãos rasgaram
a túnica de púrpura
que ocultava a alva dos condenados.

Amassei os meus sonhos
nas vigílias sem fim.
Dobrei os joelhos
e sobre a relva macia
o meu pranto correu.

POEMA N.º 4

A treva caiu sobre a terra.
A treva caiu sobre o mar.
A noite rói lá fora,
Sem forma, sem nervos tensos,
Imensa, descomunal.

Sem gestos e sem palavras
Vou-me desarticulando...
Meus humores não resistem
As mil sugestões da noite.

Agora sou como a chuva
Que a terra embebendo vai,
Olho este céu sem estrelas
E os longos cordões de luzes
Me deixam indiferente.

No mar uma luz vermelha
Brilha de quando em vez...
Marca um rochedo perdido?
Que importa, se sou a noite
Imensa e descorbunal?

POEMA N.º 3

Pelas vielas sombrias,
Fustigada pelos ventos da tragédia
(Resto de todos os naufrágios)
Balouça desengonçada a pompa da mi-
seria.

Quem te vira, mulher sem fortuna...
Das linhas burladas do teu corpo esguio
(Domesticado na volúpia para festins de
pecado)

Rolaram todas as flores,
Tombaram todos os véus!

Onde é o teu lar, mulher sem raízes
Que o vento gélido arrasta pelas vielas
(Imundas)

Da cidade deslumbrante?
Quem diria

Que a harmonia dos teus gestos
Tecou com tanto capricho
As malhas estreitas da rede que pesca o
olho

No mar escuro do vício...
... E aplica a dor de pecar?
Quem diria

Que os teus olhos tão macios,

Cheios das visões tranquilas
Dos campos e dos bosques
Onde os teus pés pequeninos
Perseguiram borboletas,
Seriam um dia o espelho torturado
De tua alma vagabunda?...

POESIAS DE RAUL BRAGA

MISTICA

Que calidez é essa que te cobre
O rosto fino e pulcro! e essas olheiras
Roxas, te dando os ares dessas freiras
Tristes, plangentes, que um convento encobre!

Passa na tua voz o som de um dobre;
Pensativa, clamando, horas inteiras,
Dir-te-á, na tua cor, que já te abeirás
Da tumba que te espera, funda e pobre.

Um ciclo de prece, no teu passo;
Delantes ares, ares de cansaço,
Em tudo: no falar, andar, sorrir...

E a essência tua sagrada e pura,
Veje, alfin, aclarar-se est' alma escura
E a visão de outra vida em mim se abrir...

33 de abril de 1903.

DONA CHIC

Doméstica e gentil, a cavalo, passcia,
À tarde, essa madona a quem eu amo e adoro,
Ao vê-la sinto opresso o coração e o coto,
Ao fogo da paixão que no meu peito ateia.

Há um perfume em torno, um capcioso e odor
Vapor ao redor. Seu olhar incendeia.
E embora essa mulher que nem conheço, fela,
De pronto o chão que pisa o seu cavalo irroro.

De prazer esse pranto a aurea e rutila umbela
Que a cabeça lhe cobre uma graça, tal chile,
Tua, e o vestuário e o porte uma elegância tal,

Que a sombra mesma luz, si ela a corta e se estrela,
Ao fulgor vespéral do seu garbo e arrebita,
De sua airoza mão ao gesto mais banal.

A MARCHA

(De ANNA MARIA)

Luiz Affonso Sarmiento

Na noite das noites,
O mar que existe no meu coração
Se ergueu do silêncio invencível;
Ondas, ondas, cruas ondas, ondas
Profundas, enfiaram-se numa coorte
Talhada no mármore daquela água
Sem estremecimentos de superfície,
Naquela água que só conhecia do som
Um verbo soberbo.

O mar se ergueu de uma só vez,
Rompendo as muralhas do coração;
E se desatou em praias selvagens,
Que só a óe podiam receber,
Nas praias abismalmente selvagens,
Feitas de areia devassa e virgem;
Onde as ondas cessaram o assalto,
E reverteram a si mesmas,
Comovidas e domadas pela amplidão.

De longe, na noite das noites,
Compassados remos começaram
A limitar o infinito do mar;
Belos, infinitos, firmes, pesados, lentos,
Quase imperiais, iniciaram a jornada
Sobre as muralhas derruidas
Na água do mar;
De longe, traziam nos amplos movimentos
O orgulho de deuses querendo.

Vieram ritmados, únicos, crescentes,
Indefensáveis, em sublime linha cerrada,
Lado a lado, as pontas se tocando
Como a luz das estrelas se toca no espaço;

Ressoando em passadas de ouro
De legendários cavalos,
Vieram altivos, puxando barcos enormes
Que fendiam o mar profundamente,
E punham as espumas como crinas ao vento.

E o rumor rasgava as cores que havia,
Porque, para os sentidos,
Só devesa existir aquele cântico triunfal;
Os remos aceleravam seus arcos luminosos,
Arrancando da velocidade o ecoar
Denso dos tambores de guerra;
E as batidas infinitas e maiores
Attingiam o mar no fundo das arelas,
Sacudindo-as e revoltendo-as e penetrando-as.

A água era pouca,
O som era pequeno para repetir
Incansavelmente a lenda guerreira
Que os remos narravam;
E mais altos, ciclôpicos, monumentais,
Em fantásticas brigadas de mil velocidades iguais,
Entoavam um único hino,
Em coro de glória e de fim
Nas catedrais sem teto das ondas.

Na noite das noites,
O mar que existe em meu coração
Se acalmou; no grande silêncio,
As últimas ondas me deram a mensagem
Que os barcos trouxeram;
E eu reergui as muralhas, e aprisionei
As águas do mar no meu coração outra vez;
E, delas, o rumor brando e lento
Só en hei-de ouvir,
Na quietude do campo marinho.

Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea

Segunda série ★ Antologia da prosa XXIX ★ Alvaro Moreyra



Alvaro Moreyra

Alvaro Moreyra da Silva nasceu em Porto Alegre em 23 de novembro de 1888, e é filho de João Moreira da Silva e D. Maria Rita da Fonseca Moreira da Silva. Estudou no Colégio Ivo Coursell, em Porto Alegre, e no Ginásio Nossa Senhora da Conceição, em S. Leopoldo.

Conhecava, desde então, a sua atividade jornalística. Ele mesmo contará, em sua *A Vida de cabeça baíza*, esse início de sua carreira de homem de imprensa:

"Percepo a essa família há trinta e três anos. Foi do colégio dos Padres, em São Leopoldo, para o jornal, em Porto Alegre. Diretamente da fábrica para o consumidor... O jornal de acordo com a minha idade, se chamava 'Petit Journal', dirigido por Batista Xavier, que lá partiu de vez. O meu compadre maior, Jacyntho Godoy Gomes, hoje é diretor do Hospício, prova de que teve mais juízo do que eu, que continuei na mesma loucura. Porque como o mundo está organizado (modo de dizer...), como a vida precisa de ser vivida... revelar, todos os dias, o que se sente, o que se pensa, e com o desejo de instruir, educar, esclarecer, é uma coisa fora das normas, uma coisa insensata, muitas vezes perigosa. Entretanto, nós somos apenas a voz que se escuta antes. Depois, todas as vozes, nos repetem, murmurando ou gritando, Evangelista da realidade. Os últimos poetas. Sem idade. Ficam sempre meninos. Contamos tudo. A nossa casa não tem portas nem janelas. O sol entra, o vento passa, a gente vai e vem. Podia ser a torre de marfim. E' o albergue dos pobres. Pobres que dão e não pedem. Do 'Petit Journal' passei para o 'Jornal da Manhã', que Alcides Maye fundara, com Carlos Peixoto na gerência, Fábio Barros, José Picorelli, Homero Prates, Felipe de Oliveira entre os redatores. Pedro Velho na revisão. Pinto da Rocha dirigia a 'Gazeta do Comércio' e chamava para lá a juventude. A juventude perdera a fé no velho mestre e acompanhava os discípulos rebeldes, dentro d' 'O Debate', Getúlio Vargas, Odon Calvetti, João Neves, Maurício Cardoso. Vim para o Rio concluir outro curso, o de Direito. De volta, nas primeiras férias, ao lado do 'Correio do Povo' e d' 'A Federação', parentes mais antigos, en-

contrei 'O Diário' e n' 'O Diário' Eduardo Guimarães. Depois... Estudante de Direito (formou-se nesta capital em 1917) entrou ele para a redação de 'Fon-Fon' em 1910, e ali teve, desde logo, ao lado de Mário Pedernelas, Gonzaga Duque e Lima Campos, uma atuação literária das mais notáveis.

Cosido com a escritora e artista Eugênia Alvaro Moreira, com ela organizou companhias teatrais, que levaram no Rio e em outras cidades, peças de sua autoria e da autora de outros escritores, nacionais e estrangeiros.

ALGUMAS FONTES SOBRE ALVARO MOREIRA

- Agripino Greco — *Evolução da Poesia Brasileira*.
- Agripino Greco — *Evolução da Poesia Brasileira*.
- Alvaro Moreira — *A vida de cabeça baíza* — Autores e Livros, Vols. I, II, III (veja os índices).
- Andrade Maurício — *A Nova Literatura Brasileira*.
- Dante Milano — *Antologia dos Poetas Modernos*.
- Francisco Schetino — *A Cidade de Norela* — *Mundo Literário* — 5-11-323.
- Guilhermina Krag e Nelly Rozende Carvalho — *Letras riograndenses*.
- Henrique Perdigão — *Dicionário de História da Literatura*.
- Humberto de Campos — *Perfis*, 2.º vol. — *Crítica*, 2.º vol.
- João Pinto da Silva — *Fisionomias de Novos*.
- João Ribeiro — *A Boneca vestida de Arlequim* — *Jornal do Brasil* — 8-2-928.
- Circo — *Jornal do Brasil* — 29-5-1929 — *Caixinha dos três segredos* — *Jornal do Brasil* — 21 de junho de 1933.
- O Brasil continua — *Jornal do Brasil* — 22-2-434.
- Joel Silveira — *Uma tarde com Alvaro Moreira* — "Vamos Ler", 6-4-939.
- *Lanterna Verde* — *Bibliografia de Alvaro Moreira* — n.º 2 — pag. 134.
- Mucio Leão — *Adão, Eva e outras pessoas da família* — "Jornal do Brasil" — 15-5-927.
- *Tempo perdido* — *Idem* — 1936.
- *Revista Acadêmica* (Maio, 1938).
- Contem juízos sobre Alvaro Moreira assinados pelos seguintes

OS BURROS

E' preciso acabar com esse despreso. Ou com esse equívoco. Os burros não são burros. Olhem os olhos deles.

Eu gosto dos burros. De quase todos. Principalmente dos que andam, tão desgraçados, na dura vida sobre as pedras das ruas, sobre o barro das estradas, ao sol, à chuva, dia e noite. Tristes, tristes. Sem uma queixa.

Que humildade! Que paciência! Que coragem!

Pensam para dentro. Não procuram impor nem a sua vontade nem a sua opinião. Obedecem. Zurram. E' um modo de dizer que não tem nada com isso.

Se foram à guerra, foram levados. Combatem os filisteus, resumidos numa caveira, que Sansão brandiu, criando o mais puro dos símbolos.

Mandaram representante ao nascimento de Jesus Cristo e forneceram o andar para entrada festiva em Jerusalém, como prova de que acreditavam na palavra dos profetas, mas com certeza não acreditavam.

Não é fácil julgar criaturas de tamanha discreção. Dos burros, além dos nossos pontos de vista, só possuímos a aparência. Aparência que varia conforme os nossos pontos de vista. Há quem os ache ridículos. Há quem os ache sublimos. São bonitos e são feios de acordo com os temperamentos.

Já existe tanta crítica, de tanta coisa. Para que crítica dos burros? Bom é lhes querer bem, admiti-los tais quais se revelam, incapazes de aborrecer os outros, inimigos da publicidade, calmos silênciosos, delicados.

Talvez, no mundo interior, conservem a alegria da infância, muito escondida, e continuem brincando com ela. O aspecto que vemos, vivido, será para uso externo: a inocência deteriorada.

Quanto ao coice... quem nunca deu um coice, que atire nos burros a primeira pedra...

A Vida é de cabeça baíza — Autores e Livros — 15-3-942.

escritores: Afonso Reyges, Anibal Machado, Astrogildo Pereira, Carlos Lacerda, Carlos Drummond de Andrade, Ewli Farbat, Francisco Kareau, Genóvino Amado, José Luis do Rego, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Minervino W. de Castro, Murilo Mendes, Murilo Miranda, Osório Borba, Rossini Guarneri.

— Velho Sobrinho — *Decadência Bio-bibliográfica brasileira*.

BIBLIOGRAFIA DE ALVARO MOREIRA

- *Degeneração* (plaguette).
- *Casa desmoronada* (plaguette).
- *Legenda da Luz e da Vida* — Impressa na Liga Marítima Brasileira — Setembro — 1911 — Rio.
- *Letras das Rosas* — Primeira edição — Rio — 1916.
- *Letras das Rosas* — Coleção Os mais belos poemas de amor — 2.ª edição — Coop. Editora Nacional — S. Paulo — 1928.
- *Circo* — Editora Pimenta de Melo — Rio — 1929 — 94 páginas com uma charge do autor.
- *Um sorriso para tudo* — Primeira edição, Rio 1915; segunda edição, Rio, 1917; terceira edição, S. Paulo, 1919.
- *O outro lado da Vida* — Rio — 1919.
- *Cocaina* — Rio — 1925.
- *A Cidade Mulher* — Rio — 1926.
- *A boneca vestida de Arlequim* — 181 páginas — Pimenta de Melo — Rio — 1927.
- *Adão, Eva e outros membros da família* (comédia) — Rio — 1930.
- *Caixinha dos três segredos* (livro para crianças) — Rio 1932.
- *O Brasil continua...* — Rio — 1933.

MAOS POSTAS

Tôdas as manhãs, tôdas as tardes, aquele homem era certo ali, na pequena sala do museu, ao lado da catedral. Havia de ser muito velho. Tinha os cabelos brancos, longos, caídos em ondas; a cabeça, vista de frente, parecia adormecida sobre eles, como sobre uma almofada de seda.

Eu o encontrava sempre no mesmo lugar, diante da parede do fundo, a olhar para uma tela azul, cor do céu noturno, onde duas mãos postas, mãos serenas de mulher, serenamente apareciam.

O homem não tirava os olhos dessa tela e, às vezes, os seus braços desalentados faziam um esforço, tentando erguer-se até ela. Mas tombavam logo. O homem ficava a olhar, deserto, perdido, nas sombras de um grande sonho sem aurora.

Mãos postas eram a obra-prima do museu. A princípio, julguel aquele homem um antigo amoroso de coisas belas, a quem a pintura ideal das duas mãos em réplica de tal maneira prendesse que, ol-

vidado, extático, não achasse encanto senão em ve-las.

Ou talvez fosse, pensei depois, um devoto das mãos, um desses entes místicos e sensuais, cujo maior prazer da alma e do corpo é a carícia enlanguescida que as mãos têm, elas que abençoam na infância, coram de rosas na mocidade, e são, na velhice, uma graça dolente, acenando ainda do passado...

Vim a saber, afinal, que aquele homem era o autor do quadro. Enlouquecera, lá já em muitos anos. Deixara fogo à casa.

Nas alturas do atelier, por milagre, encontrara-se intacta a tela azul.

O tempo tinha andado. O dódo furioso tornara-se um triste velho sem memória. E tôdas as manhãs, tôdas as tardes, vinha para ali, para a pequena sala do museu, ao lado da catedral, e quedava a olhar, inconsciente, a sua obra mais pura, a mais perfeita.

F era tudo que lhe restava da vida: duas mãos postas...

(Ilustração Brasileira, 21-4-922).

ALGUMAS MEDITAÇÕES

Diagnóstico

E' difícil afirmar quais são os doídos. Há tantas escolas! Lauro Muller, por exemplo, quando ouvia que alguém enlouquecera, perguntava sempre, para ter certeza: — Já rasgou dinheiro?

Destino

Não, não nasci para chefe. Chefe manda. Eu peço. Peço que não me mandem.

Cultura

O escritor Nestor Vitor, já falecido, lá pela praia do Flamengo com o escritor Augusto Frederico Schmidt, ainda vivo. Calados os dois. Nestor pensando. Schmidt emagrecendo. De repente, o amigo de Cruz e Souza parou e pôs-se a rir num grande gozo.

— Que é, mestre? — quis saber o futuro autor do "Mar Descolhido".

O mestre informou:

— Lembrei-me agora de que foi aquele patife do Taine quem me levou a Platão.

José do Patrocínio Filho

Sobretudo era um grande ator. Um grande ator brasileiro. Nunca sabia o papel. Andava sempre improvisando. Os vários pontos que teve punham as mãos na cabeça, desanimados de soprar o texto certo. Sorria desses funcionários da sombra. Criava. Surpreza. Balbúrdia. Os espectadores ficavam tontos, delirantes, não compreendiam. Não compreendiam que era José do Patrocínio Filho que estava assistindo, e eram eles que estavam representando. A morte apanhou-o com covardia. Se não fosse por uma doença que o estorpeou todo, não vê que a morte levava aquele homem mais fino do que um lápis, mais rápido do que uma alegria! A morte chegava, José lhe oferecia um cigarro da caixa que lhe tinha mandado o Príncipe de Gales, um leão, presente da Rainha da România, principiava a conversar, de pitelra na boca, braços magríssimos acabando no ar as histórias esparlamadas... Enganava a morte co-

— *Tempo perdido* — 233 páginas — Livraria José Olympio — Rio — 1936.

— *O mesmo sangue* (tradução de "Cercle de Famille, de A. Manrols" — Biblioteca da Mulher Moderna — Rio — 1935.

— *A vida é de cabeça baíza* — Autores e Livros, vol. 1.º, págs. 41, 55, 58, 86, 184, 234, 237, 269, 291, 315, 342, 343, 373, 378, 399, 400; Vol. 2.º — págs. 18, 45, 48, 79, 111, 140, 245, 275.

— *A moça que não voltou do Carnaval* — *Idem* Vol. 2.º pag. 93.

mo enganou a vida. A vida queca que fosse um homem mau. Ele foi um dos melhores deste mundo. Tranquilamente. O vagnundo José.

(Autores e Livros 10-5-942).

EPITAFIO

Eu também devia ter ido embora como cheguei.

Não foi possível.

Caminho da volta. Até aos cinquenta anos, a gente vai. Depois dos cinquenta anos, regressa. Para onde? Naturalmente para o céu, onde os anjos — irmãos rumatos, que não se arriaram a descer a isto — estão, com a mesma infância e as mesmas asas. Eu não levo as asas que trouxe. Desmantei-as pela estrada. Levo as penas que sobram. E as oucelas.

Retorno, pois... E no percurso as aves, encontro logo "um certo reino, a esquina do planeta...". Dele me vieram as primeiras imaginações. Descanso junto das sombras que me formaram assim, uma espécie de exilado que terminou em turista...

A minha educação sentimental partiu dódo do século 19, daquele fim do século 19, com naturalismo, parnasianismo, simbolismo, e ainda romantismo.

Se eu quisesse confessar do que fui construído, teria que dizer: do colégio dos Jesuítas e de alguns poetas de Portugal. O resto foi ornato. Bastante me pintaram. Bastante me rebocaram. Fiquem intactos sobre os velhos alcegaes, no mesmo pé direito, com o ouso pitulativo, de janelas abertas para a luz e para o ar. E no meu labirinto as andorinhas continuam fazendo verborr...

Dos Jesuítas, não conservei nenhuma influência separada, exclusiva. Sinto-os em geral. Lembrou-me de um a um, fori de mim. Em mim, estão todos confundidos. Sem perceber, cumpro as ordens que me dão. Carrego o inferno comigo, há trinta e três anos. A marca é tão profunda, que não aguento me esquecer acordar, certas manhãs, lá na casa enorme e triste, à beira do rio dos Sinos...

Neto de portugueses, Português era, no meu sangue, a pátria distante. As suas paisagens, antes que os meus olhos houvessem pousado sobre elas, passavam em evocação pela minha alma. Quantas vezes andei na Serra da Estrela, com frio! Quantas vezes dansei na festa do Senhor de Matosinhos! Quantas vezes, no Choupal, em noites de lua cheia, escutei os sinos de Santa Clara! As aldeias, muito brancas, curvadas para o chão, gostavam de mim, da minha voz ingênua, do meu coração de marinheiro...

Como eu tinha de amar Filadelfo! Almeida! Como eu tinha de amar Antônio Nobre! E Cesário Verde

Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea

Segunda série ★ Antologia da prosa XXIX ★ Alvaro Moreyra

José do Patrocínio Filho

(Continuação da página anterior)
que, com um verso, um dia me es-
cancou o mundo:

"Madrid, Paris, Berlim, São Pe-
tersburgo, o mundo!"
Silva Pinto foi visitá-lo, uma
tarde, no cemitério dos Prazeres,
rua n.º 7, em sua morada nova: "os
suares se despedaçaram contra a
garrafa" do grande amigo, "nu-
ma aflicção imensa e cruel." De sú-
bito, "a voz rouca e enfraquecida
de Cesário pronunciou distintamente: — Se natural, meu amigo,
se natural!"
Nunca mais me esqueci dessa li-
ção.

Ninguém mais natural do que
Fialho d'Almeida! Era da terra,
irmão do trigo, irmão da uva, e da-
va pão e dava vinho.

Fialho d'Almeida é hoje um es-
coteiro quase ignorado. Não o admi-
ramos tiveram medo dele. Ele dizia
e que pensava. Recordar ainda o
ado que soube mostrar. Ninguém
mais fala no amor que não soube
escrever. No Brasil, onde foi tão li-
do, apenas o releem uns raros ho-
mens já na metade do século, com
o espírito cheio de saudades boas.
Saudades, por exemplo, de Maria,
"a donzela 27, uma dessas táticas
médicas, que parecem Chopin em es-
tadística..." Saudades do violon-
celista Sérgio, que a dar concertos,
lidas as noites: "a um café de
fadas!" Mal começava a tocar,
na sala aglomerada de vícios e des-
gracias, um silêncio religioso es-
tendia-se sobre a sala. O silêncio que
a música envolvia. Saudades do rapa-
z que roubou uma canção: "um
rapaz talvez de desquite anos..."
Vida d'acaso... adolescência de
encontro... essa figura que havia
o direito de ser factuosa, e de vir
gar na felicidade dos outros o des-
prezo terrível de sua própria con-
dição. Essa figura ao sofrer os apu-
ros, o que parece pedir é miséri-
córdia. Quando o seu olhar passa
no meu, Deus me perdoe, conheço
nele o olhar de um meu irmão mais
novo, daquilo que eu seria nas con-
dições determinantes do ser dele
— e hoje todo o dia me tem sido
impossível dominar a crise de cho-
ro em mim provocada por esse
olhar de irmão que eu nunca mais
verei, e de quem hei de ter pena
eternamente... por que no fim de
contas, qual é de nós o que não
tem roubado uma canção? E da
Raima: "Como você já anda!" Per-
suações. Desfares. E do próprio
Fialho, confessado: "De uma can-
çãozinha no meu quarto, eu con-
siderava uma rosa branca, que
enroscava num copo, tão triste!
Disse-lhe assim: — Tu sofres!"
Eu curvoni-se mais sobre a haste,
molestando, e vi-lhe duas lácri-
mas pétalas. Nunca pude saber
quem fosse essa mulher. Não que-
ria parecer sensível. Quando as lá-
grimas lhe punham um brilho di-
ferente nas frases, logo a nargan-
hina de escárnio passava por
cima delas e as seccava. E era então
mais dolorosa a ternura pelo poeta
se esquecendo, o esculhador de
leões os perdões que, para se mas-
correr, castigava... persuadira-se
de que a posteridade não se impor-

JOÃO RIBEIRO

Por fora, os lugares comuns do
tempo fizeram nele o que fazem
em geral nos outros.

Mas a velhice brasileira, que an-
da no ar à procura de todos os en-
dereços, não conseguiu encontrar
João Ribeiro.

João Ribeiro, por dentro, perma-
neceu novo em fôlha.
Não se arquivou.

Nunca sentiu que chegara à
idade de usar pensamentos stan-

dares de saber que ele tinha nas-
cido em Vila de Frades, no largo da
Misericórdia, numa casinha de tal-
pas construída por pedreiros da sua
gente. Por enquanto, a posteridade
ajuda meio atropalhada. Um dia
porém, há de ir bisca-lo no largo
da Misericórdia. E contará a histó-
ria de Fialho d'Almeida, uma histó-
ria de princípio e fim iguais ao
princípio e ao fim d'"A Velha".
"Entretanto, os senhores ficam
avisados de que esta história é um
pouco triste." "Eu bem dizia aos
senhores: esta história é um pouco
triste".

E chego perto de você, Antônio
Nobre, meu querido Antônio Nobre,
como se lhe rezasse, como se lhe
pedisse perdão de estar vivo, enve-
lhendo, com esta saúde escan-
dalosa, — eu que tanto desejava
morrer na sua idade e deixar, tal
qual você, uma imagem doce de
melancolia... Apesar de tudo, na-
da mudou. Foi o vento, foi a chu-
va, foi a vida... coisas que se
acumulam... Sempre lhe quero o
mesmo bem. A minha juventude
escondida é a Purinha, que tam-
bém não morreu...
"...os homens, quasi todos, tem
aído e são muito mais maus do que
eu..."

Você queria a paz, Antônio
Nobre. Você alcançou o que queria.
Será que você está feliz?

Minha terra... E' um céu tão
azul que eu nunca mais vi um céu
tão azul. E' um rio chamado Guai-
bá, que tem uma ilha chamada
Pintada. E' uma casa grande, de
onde eu vi a primeira lembrança:
uma revolução... Minha terra...
Aquele processo de noite. O circo
de Paulo Cirini. A estação da
Entrada de Ferro. O trem de São Le-
opoldo... As férias... O Riacho, os
saigueiros... Os anos... A banda
de música da Floresta Aurora... O
Asilo dos Pobres... Vocês... Minha
terra cabe toda dentro de mim. Ela
é do tamanho da minha infân-
cia... Porto Alegre! Ah! terra bem
amada! Que criança te chamar:
minha terra... te repetir: mi-
nha... minha... minha...

Isabel... Mais tarde, com a mes-
ma idade, eu a encontrei na "Co-
módia do Arte" foi a que ficou
sendo. Da outra, o tempo tirou a
realidade. Mas, por causa da outra,
meu pai se enfureceu e decidiu que
a vida de exterior não me servia.
"Para o convento!" Na manhã do
embarque, enquanto as minhas lá-
grimas purificavam os meus olhos,
ele rugia, excitado, andando de
um lado para outro, entre gestos
soitos, que tropeçavam nas pala-
vras: "Um fedelho sem elra nem
beira e já meido com mulheres!"
Começas bem, não há dúvida! Eu
a tentar erguer cada vez mais o
meu nome e tu a esfregá-lo na
lama! Meu pai, antes de ser isso,
tinha representado numa sociedade
particular, e não perdeu a
ocasião de recordar as suas glórias
de amador dramático. Eu ignorava
e até hoje não sei qual era a la-
ma a qual ele estava se referindo e
que era que o nome dele vinha fa-
zer naquilo. Guardei do caso uma
suspeita para sempre, da justiça e
dos sentimentos por obrigação. Es-
tive cinco anos no Colégio Nossa
Senhora da Conceição. Sal de lá,
desconfiado de tudo, tímido, dono
de um diploma de bacharel em
ciências e letras, e não aprendi a
dançar...

Entretanto, a primeira paixão
que eu tive foi Santa Cecília. Ela
nunca soube.

(A vida é de cabeça baixa —
Autores e Livros — 31-8-941.)

dardizados, opiniões prontas, sem
direitos autorais, ideias de domi-
nio público.

Aprendeu muitas coisas durante
a vida.
E ficou sorrindo, com a ignorân-
cia da vida.

Tinha o encanto de ver, tinha
a surpresa de ouvir.

A gente podia botar no túmulo
de João Ribeiro aquele epitáfio de
outro João, que não foi Ribeiro, foi
da fonte, Jean de La Fontaine, que
também contou fábulas neste mun-
do. — epitáfio tão bonito na Fran-
ça como o n'Brasil:

Jean s'en alla comme il était venu...
João foi-se embora como tinha vin-
do.

No destino de João Ribeiro, a
Academia não passou de um acide-
nte; simples acidente na estrada
de rolagem; e que o divertia muito.

Foi um acadêmico; não se fan-
tasiou com a farda da imortalida-
de;

— "A farda é ridícula, mas o ri-
diculo faz parte da glória acadê-
mica".

Cada vez que morria um imortal,
João Ribeiro sorria, não pela mor-
te do coitado; pela caça a vaza, que
ia começar.

Pouco antes de morrer, entre in-
tintos, contou:

— "Para obterem o voto, os can-
didatos se sujeitam a todas as
humilhações. Nenhum, porém, che-
ga ao exagero do que veio cá em casa
rogar que eu escrevesse o nome
dele, ao menos na cédula de um
dos escrutínios. Respondi: — Já
estou comprometido, doutor... —
Por as mãos: — Mestre! Quem lhe
pêdo o voto não sou eu, é sua ma-
drinha, Santa Maria Pia! — Não
sei de que modo, talvez por um
apel que publiquei há muitos
anos, ele tinha descoberto que mi-
nha mãe, devota de santa mais
amada de Sécipio, me dera Santa
Maria Pia por madrinha... Infe-
lizmente, era verdade, eu estava
comprometido. O candidato foi
eleito. Mas minha madrinha não
teve culpa.

João Ribeiro não desprezava nin-
guém; amava alguns; admirava
outros; cultivava todos.
Não creio que deixasse memó-
rias completas.
Era delicado demais.
De certo, desejou conservar, au-
sente, a mesma atitude que man-
teve presente.

As suas observações, as suas ex-
periências realizadas, partiram com
ele, no calção que o levou.
Nunca lhe importaram as ternu-
ras alheias.

Entretanto, evitou as malqueren-
ças, para que não lhe estragassem
a biografia.

E' com prazer que os que anda-
ram perto de João Ribeiro se lem-
bram dele.

Não foi uma morte triste, por-
que foi o fim de uma viagem lon-
ga e bela, com as impressões guar-
dadas em livros ótimos.

Da religião católica, gostou prin-
cipalmente de um pedaço de
reza:
...Vida, doçura, esperança nos-
sa...

Eu acho que João Ribeiro foi
para o paraíso.

Se não foi, a estas horas, tam-
bém já se acostumou ao inferno.
No purgatório é que não está.
Detestava as situações provisó-
rias...

Disseram que era gramático, por
haver escrito gramática.

Disseram que era historiador, por
haver escrito história.

Disseram que era crítico, por
escrito críticas.

Escreveu poemas, e não disse-
ram que era poeta.

Pois poeta, só poeta era.

Um grande poeta que escreveu
gramática, história, críticas, acre-
ditando apenas na poesia.

A primeira alegria. A primeira
tristeza. A vida passou
no meio...

Alvaro Moreyra

14, novembro
1949

Autógrafo de Alvaro Moreyra

Pregões do Rio de Janeiro

Os guerreiros das tabas sagra-
das, os portugueses descobridores,
os pretos trazidos da África, e
muitos outros turistas fizeram uma
raça nesta terra de sol, das monta-
nhas e do mar. A nossa raça do
Brasil. Ela anda nas mulheres bo-
nitas, nas homens ágeis, na poesia
que fala como se fosse música,
na música que é poesia desfo-
lhada...

Todas as manhãs e de tarde e
noite, a raça brasileira passa pela
minha porta na voz dos pregões
carílicos que escrevem no ar o poe-
ma da cidade.

Alguns, cheios de madrugada
ainda:

"Vai frango
Vai galinha gorda..."
Olha a laranja sulêtra...
Olha a boca tangerina..."

E vêm vindo, cada um com o seu
tom diferente, o seu ritmo incon-
fundível:

"A freguesia quer ovos?"
"Jaboticaba mineira... minei-
ra... mineira..."

"Flores... floristas..."
"Garrafuella..."
"Abacaxi..."

"E' de Vila Nova..."
"Soldadoco... oor..."
"Quitandêiro..."

"Vassouras..."
"apanadêiro..."
"Pixe..."

"Pixe... pitolo, não sei
por que, é camarão)"

Vem o correio que traz notícias
para uns; o jornaleiro que traz
notícias para todos; o homem coxo,
de bolsa na mão:

"Consertam-se máquinas de cos-
tura..."

E o que conserta as finanças da
gente:

"Compra-se poupa velha
sapato velho,
chapei,
Qualquer objeto usado..."

Vem o docelero. O pregão dele
parece um schottisch:

"Olha o duceiro,
Olha o duceiro,
olha o duceiro,
particular..."

E o negro velho das cocadas, com
uma saude pobre da vida que
foi um dia:

"Cocada...
Preta e branca..."

Preta e branca,
e cor de rosa..."

E o caboclo de baú gostoso:

"Soberano, gargalhada,
Biscoito fino, bananada...
Ninguém me chama,
Vou-m'imbora!

Daquí a pouco não tem mais
nada!

Soberano!"

Quando o sol se apaga e as lam-
padas se acendem:

"Sorvetinho, sorvetão,
sorvetinho de ilusão!
Quem não tem duzentos reis
não toma sorvete não!
Sorvete, Yayá!

E' de quatro colidade..."

E já veio o angú da bahiana,
velo "a sorte corre hoje", velo o
melado de Campo Grande, e o óleo
de coco, óleo de babosa, o sabão da
Costa, pregador de roupa, saquinho
de café

Velo:

"Barateiro..."

Vem então, triste, triste:

"Mindim... torradinho...
Tá quentinho..."

Vem o italiano que vende as
canções em voga; o italiano ale-
jado com a filha de sete anos. Ele
faz o prólogo:

"Mamê escuta,
Apre a janeta.

Parece um gramofone,
é uma cantiga bela.

lo trabalhava
numa pedreira,

perdi o braço direito
e fiquei desta maneira.

Tenho seis filhas
desde a primeira,

e a menina que vai cantar
é a leleceira..."

E a menina canta:

"Quê vantagem Maria leva?
E' boa..."

Como é que Maria vive?
Atôa...

400 reis as canções da moda...
400 reis..."

Depois, há um intervalo em que
todos os pianos, rádios, e focogra-
fos da vizinhança agem...

Final, perdido no silêncio do
bairro adormecido, o último pregão
anuncia, longe, que a vida conti-
nua:

"A Noite...
O Glóbo...
O Diário..."

Alguns artigos sobre Ferreira de Araújo

A Ferreira de Araújo

Quintino Bocaiuva.

Recordando com saudoso afeto
o teu nobre espírito, rendo à tua
memória ilustre a homenagem do
meu carinhoso apreço.

Como soldado da mesma legião,
curvo reverente, diante do teu tú-
mulo, a minha pena, saudando-te
como no mais brilhante e no mais
completo dos jornalista da minha
época.

Rio de Janeiro, 21 de setembro
de 1900.

(Gazeta de Notícias, 21-9-1900.)

PEDIDO A UM OFICIAL DE GABINETE

Cassiano Ricardo.

Na manhã azul ferrete
Ainda com a estrela d'alva
Entrou no teu gabinete
Como nas asas de um pássaro
O teu Diário Oficial,
sobre a mesa um telegrama
A xicara de café
e uma rosa matinal.

Estás mais contente, agora.
Do que um pássaro de cristal.
Tua fala é mais sonora
E sabe a um segredo sal;
E o teu andar adquiriu
Já um certo ritmo especial.

Mas, se a vida é assim, festiva,
Para alguma, a outros dois
Como ferro em carne viva.
(Vivê-la já é ser herói)
Ah, os que vivem no escuro
Da competição brutal
Que é a vida sem futuro,
Sem o Diário Oficial,
Sem xicara de café
E sem rosa matinal.

Dêsses uma pobre viúva
Com os seus três orfãos de guerra
Três anjos sujos de terra,
Virá ao teu gabinete
Contar-te o que tem sofrido
Neste mundo desigual

Uma professora ingênua
Te trará as suas queixas,
Olhos azuis de quimera
De tanto esperar governo
Numa sala azul de espera
(O' esperança nacional).

E mesmo o chefe político
Cheio de santa inocência
Virá em nome do povo
Com os seus pedidos em flor,
Com o barro municipal
Que lhe ficou no sapato
Os olhos cheios de amor
Pedir pontes e colégios
Pra sua terra natal,
Madrugador como a estrela
Mas nem sempre venturoso
Como a rosa matinal.

Rostos diários, em série,
Pés amigos de tapete,
Destilário, afinal!
O obediente funcionário,
Os candidatos a emprego,
O orador do sindicato,
A mulher de perfil ergo,
O que vem, ainda bisonho
Pedir a primeira audiência
Prevista entre rosa e sonho
O que visita o governo
Por vocação oficial,
O que só acredita em lágrima
quando lágrima oficial,
E só acredita em sorriso
Quando sorriso oficial,
E só acredita em anjos
De Ceu que seja oficial.

A todos — peço-te agora —
Se paciente, se cordial,
Principalmente se um dia
Por um atalho da vida
Entrar no teu gabinete,
Triste como um caramujo,
Com uma rosa na mão,
Que furtivo ao edital,
O homem que amanheceu
Num banco de jardim público
A' espera da sua hora
Numa súplica final.

A esse — o desconhecido —
Sem alberque ou hospital,
Filho do pó e da rua
Com residência na lua
E cujo nome não consta,
Por errado, ou ilegível,
(Pois a dor é analfabeta)
Entre as nomeações do dia
Do teu Diário Oficial:
A esse, que amanheceu
Num banco de jardim público,
E viu como, de manhã,
Se apaga a última estrela
Da constelação austral;
A esse, o desconhecido,
O que te traz uma rosa
Mais que as outras, matinal;
Mais que aos outros, se cordial,
Extremamente cordial.

Que o poder não diz: "não posso",
Ao que, talvez, no outro dia
Em decúbito dorsal,
Estás arriscado a ver,
Com retrato no jornal
(O teu "nho" foi-lhe um punhal)
Diante de ti, por um vão
Do teu Diário Oficial,
Entre a xicara de café
E uma rosa matinal...

O SONHO DE UM SONHO

A América Facó.

Sonhei que estava sonhando
e que no meu sonho havia
um outro sonho esculpido.
Os três sonhos superpostos
dir-se-iam apenas cios
de uma infindável cadeia
de mitos organizados
em torno de um póbre cu.
Eu, ai de mim! sonhava.

Sonhava que no meu sonho
guardava uma zona lúida
para concretar o fluído
e abstrair o maciço.
Sonhava que estava alerta,
e mais do que alerta, lúcido,
receptivo, magnético,
e em torno a mim se dispunham
possibilidades etéreas,
e o ouro do tempo, plástico,
vinha cingir-me e dourar-me
para todo o sempre, para
um sempre que ambicionava
mas de todo o ser temia...
Ai de mim! que mal sonhava.

Sonhei que os entes cativos
dessa livre disciplina
plenamente floresciam
permutando com o universo:
uma pura substância
e um desejo apaziguado
de ser um com ser milhares.
O centro era eu de tudo,
como era cada um dos raios
desfechados para longe,
alcançando além da terra
luzota região lunar,
na perturbadora rota
que antigos não palmilharam
mas ficou traçada em branco
nos mals velhos portulanos
e no pó dos marinheiros
afogados em mar alto.

Sonhei que meu sonho era
a realidade mesma.
Sonho que de sonho se forma
não do que desejáramos
nem do que silenciámos
em meio a ervas crescidas,
mas do que vigia e fulge
em cada ardente palavra
proferida sem malícia,
aberta como uma flor
se abre: radiosamente.

Sonhei que o sonho existia
não dentro, fora de nós,
e era tomá-lo e colhê-lo,
e sem demora sorvê-lo,
gastá-lo sem vão recelo
de que um dia se gastara.
Sonhei um espelho límpido
com a propriedade mágica
de refletir o melhor
sem adumbrar ou frieza
pelo que fosse obscuro,
antes o iluminando,
mansamente o convertendo
na fonte mesma da luz.
Obscuridade! Cansaco!
Oclusão de formas melgas!
Terra sobre diamantes!
Já vos libertais, sementes,
ferminando à superfície
dêste solo resgatado!

Sonhava, ai de mim, sonhando
que não sonhava... Mas via
na treva em frente ao meu sonho,
nas paredes degradadas,
na fumaça, na impostura,
no riso mau, na inclemência,
na fúria contra os tranqüilos,
na estreita clausura física,
no desamor à verdade,
na ausência de todo amor,
eu via, ai de mim, sentia
que o sonho era sonho, e falso.

Carlos Drummond de Andrade.

NADIR

Sérgio Veloso.

Na folha branca Nadir,
um nome canta — Nadir!
Só eu que não sou feliz...
Se os meus olhos se levantam
não ouso fitar Nadir.
Nada sinto ou vejo agora... nadir...
Nadir, que te fiz nadir?
O lindo verbo — nadir
é a ação do nada, Nadir.
Não é pessoa nem nome;
é só nadir! Só nadir!

Se quero chorar, não me deixam
o mundo é seco, Nadir.
Não vejo nada, não quero
a tristeza, o tédio, o tédio...
O tédio é tédio, nadir...
Se respiro, o ar é quente
e as mãos, no rosto, tão frias...
Tudo é tão óco... nadir...
E o meu próprio pensamento
É triste e morto... nadir
E a minha própria tristeza
é toda abstrata... nadir...
E só vejo em tudo, tudo,
o nada, nada, Nadir!

BOLETIM SENTIMENTAL DA GUERRA NO RECIFE

Mauro Mota.

Meninas, tristes meninas,
de mão em mão hoje andam
Sois autênticas heroínas
da guerra, sem ter rivais.
Lutastes na frente interna
com bravura e destemor.
A vitória aliada destes
o sangue do vosso amor.

Por reconditas feridas,
Não ganhastes as medalhas,
terminadas as batalhas
de glórias incompreendidas.
Ereis tão boas pequenas,
Ereis pequenas tão boas!
de várias nuances morenas,
O filhas de Pernambuco,
da Paraíba e Alagoas.

Tinheis de quinze a vint'anos,
Tipos de colégias.
Dante dos americanos,
dos garbosos oficiais
e o segundo "team" vasto
dos fuzileiros navais
prontos a entregar a vida
para conseguir a paz,
varrer da face do mundo
Regimes ditatoriais
e democratizar todos
países continentais
a começar pelos sexos
das meninas nacionais.

Iniciou-se então a fase
de treino e convocação
todos os dias na base.
Ah! com que pressa aprendeis
Só pela conversa quasi
dentro de menos de um mês,

Sabeis falar inglês.
E os presentes? os presentes
eram vossa tentação.
Cousas que causavam aqui
inveja e admiração.
Bolsas plásticas, a blusa
de alvas rendas de Hawái,
bicicletas Made In USA,
verdes óculos Ray Ban,
era um presente de noite
e outro dado de manhã,
verdadeiras maravilhas
da indústria do Tio Sam.

E as promessas? as promessas
eram vossa sedução.
Acreditáveis que elas
não eram mentira, não.
Um "Fraser" no aniversário,
Passaíes de "Constellation",
Num pulo alcançar Miami,
Almoçar na Casa-Branca,
Descer na Quinta-Avenida,
Fazer "Pluquet" pela Broadway,
Ver a "Première" na Cine

Junto dos artistas, com
Eles todos na plateia.
Ouvir, na "Opera House",
Numa noite, Toscanini,
na outra noite, Lilli Poni.

Com tanto "ji" e juventude
Podíeis testes ganhar,
ser estrela de Hollywood,
Crimes de Heddy Lamarr.

Ah! bom tempo em que corréis
"Pés descalços, braços nus,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis".
O prematuro mulheres
fostes na velocidade
dos "Jeeps" às "Garçonnières"
na praia da Piedade
Quasi que se rebentavam
vossos uteros infantis
Quando veio o telegrama
da tomada de Paris.

Ingenuas meninas gravidas,
O que é que fostes fazer?
Apertai bem os vestidos
Pra família não saber.
que os indiscretos vizinhos
vos percam também de vista.
Salistes do Pedreira
para o ginecologista.

"Babies" saxonizadas,
Que só mamam vitaminas,
São vossos "Babies" meninas,
em vários cantos gerados,
nas "Mappies" dos automóveis,
No interior das cantinas,
da praia na branca areia
nas noites sem lua cheia.

Meninas, tristes meninas,
vossos dramas recordai
quando eles no armistício
vos disserem "Good By".
Ouvireis a vida toda.
A ressonância do choro
dos vossos filhos sem pai.

AS TRES MARIAS

Manuel Bandeira.

Atrás destas moitas,
Nos troncos, no chão,
Vi, traçado a sangue,
O nino-soldado!

Há larvas, há léguas
Atrás destas moitas,
Mulas sem cabeça,
Visagens afoltas.

Atrás destas moitas
Veio a Moura Torta
Comer as mãosinhas
Da menina morta!

Há bruxas lícticas
Atrás destas moitas,
Secundando é aragem
Amorosas coltas.

Atrás destas moitas
Vi um rio de fundas
Águas deletérias,
Paradas, imundas!

Atrás destas moitas...
— Que importa? Trêz vé-las!
Remiges mais sombrias
Conheço. Soupeira,
Dentro d'alma leu,
Levo três estréias,
Levo as três Marias!

Duas canções de Sonia Regina

CANÇÃO DA MORTE NO MAR

Não importa onde
nem quando será.
Presinto que a morte
me espanta no mar...

Não que eu queira a morte
que teve Afonsina;
cu o fim olímpico
de São, a divina;
mas bem sei que as ondas
lavam o sofrimento,
e por onde passam
passa o esquecimento.

Não importa onde
nem quando será.
A morte me espanta
no fundo do mar.

Mesmo nas montanhas
sinto o seu apelo
no passar das nuvens,
no gemer das frondes:
Volto... e o mar me envolve
com furor elemento
como se exigisse
meu último alento.

Não importa onde
nem quando será.
A morte me espera
no fundo do mar...

Sou como uma escrava
pois adoro as pérolas,
a canção das conchas,
o gosto de sal;
não temo água-viva,
brinco com os mariscos
e tenho uma ilha
toda de coral.

Não importa onde
nem importa quando
Se desliza, ó morte
se eu morrer no mar!

INGENUA CANÇÃO DE ORIGEN

Portugal deu-me a saudade:
era o que tinha de seu.

Mas esta força obscura,
que me impelsa à aventura,
foi a Espanha que me deu...
Portugal deu-me a saudade:
era o que tinha de seu.

Mas esta cor tão morena,
estes meus olhos brejeiros,
esta voz limida e baixa
— murmúrio de fio d'água —
o riso que, de tão claro,
espanta a sombra da mágia;
esta paixão pelo verde,
esta loucura de sol,
este desejo de mar,
transformados em poesia
— fonte pura de harmonia —
que é tudo quanto possuo,
que posso chamar de meu,
não importei do estrangeiro:
foi o Brasil que me deu.